CASSIANO RICARDO

*

POESIAS COMPLETAS

DO AUTOR:

Dentro da noite — 1915
A frauta de Pã — 1917
Vamos caçar papagaios — 1926
Martim-Cererê — 1928
Deixa estar, jacaré — 1931
O Brasil no original (ensaio) — 1936
O negro na bandeira (ensaio) — 1938
A Academia e a poesia moderna (ensaio) — 1939
Pedro Luís visto pelos modernos (conferência) — 1939
Marcha para Oeste (ensaio) — 1942
O sangue das horas (poesia) — 1943
A Academia e a língua brasileira (ensaio) — 1943
Um dia depois do outro (poesia) — 1947
A face perdida (poesia) — 1950
Poemas murais (poesia) — 1950
25 sonetos, Ed. Hipocampo — 1952.
A poesia na técnica do romance (conferência) — 1953
O tratado de Petrópolis (estudo histórico) — 1954
João Torto e a Fábula (poesia) — — 1956
O arranhacéu de vidro (poesia) — 1956

No prelo:

Pequeno ensaio de bandeirologia

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITÔRA
Rio de Janeiro: Rua do Ouvidor, 110 e Avenida Nilo Peçanha, 12, 6.º andar
São Paulo: Rua dos Gusmões, 104
Belo Horizonte: Rua Curitiba, 482
Recife: Rua do Hospício. 155
Pôrto Alegre: Rua dos Andradas, 717

CASSIANO RICARDO

POESIAS COMPLETAS

DENTRO DA NOITE · A FRAUTA DE PÃ · VAMOS CAÇAR PAPAGAIOS · DEIXA ESTAR, JACARÉ · MARTIM CERERÉ · O SANGUE DAS HORAS · UM DIA DEPOIS DO OUTRO · A FACE PERDIDA · POEMAS MURAIS · EU NO BARCO DE ULISSES · O ARRANHA-CÉU DE VIDRO

Prefácio de TRISTÃO DE ATHAYDE

Capa de LUÍS JARDIM

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITÔRA

Rua do Ouvidor, 110, Rio de Janeiro — 1957

8 ABR 1995

Desta 1.ª edição de *Poesias Completas* foram tirados, fora de comércio, vinte exemplares em papel linho *Westerpost,* assinados pelo autor.

ÍNDICE GERAL

☆

Prólogo, de Tristão de Athayde 9

DENTRO DA NOITE (1915)

O bem que menos custa 21
Riso e lágrima 22
A menina cega 23
A cegonha 24
Iara, a mulher verde .. 25
A noite que passou .. 26
Marcha fúnebre 28

A FRAUTA DE PÃ (1917)

Pã e Sirinx 31
A frauta de Pã 32
Viagem perdida 33
Jeremias 34
Paisagem submarina 35
Tarde no campo 36
O gato tranqüilo 37
A mentirosa de olhos verdes 38
A flor do gêlo 40
Elegia rústica 41

VAMOS CAÇAR PAPAGAIOS (1926)

Manhã de caça 45
Papagaio gaio 48
A dança do pingo d'água 50
A florada 52
Bangalô 55
Ópera bufa 57
A cidade dos sapos 59
Preguiça 64
Gostosura 66
Casamento de rapôsa .. 67
O canto da juriti 69
Assombração 70
Deixa estar, jacaré 71
Sangue africano 72
Exortação 74
Soldados verdes 76
Matinal 78
A onça-preta 80

MARTIM-CERERÊ (1928)

A môça bonita chamava-se Uiara... 83
Coema piranga 85
Uiara 88
Amor selvagem 89
Sem noite, não 90
Relâmpago 92
O carão 93
Onde está a Noite? 94
A Cobra Grande 96
A onça-preta 98
Fon-fin, culó! 100
Certo dia chegou um marinheiro e quis casar com a Uiara 101
A primeira pergunta .. 103
O "achamento" 104
Declaração de amor 107
A missa e o papagaio .. 109
Ladainha 111
A Uiara lhe disse: vá buscar a Noite; sem noite, não 113
O "Sol da Terra" 115

Onde estaria a Noite? 117
Pralapracá 118
O navio negreiro 119
Noite na Terra 121
Mãe Preta 122
Dança em volta do fogo 124
E como o marinheiro lhe houvesse trazido a Noite, a Uiara casou com êle. Então nasceram os Gigantes de Botas. Vermelhos, pretos e brancos. Que sururucaram no mato 125
"Conjugo vobis" 127
E agora? e a Serra do Mar? 128
Informação sôbre a Serra de Ouro 130
A noite verde 131
Lua cheia 135
A raça nova 136
Tropel de gigantes 138
Na manhã girassol 141
Informação sôbre esmeraldas e prata 142
Reis magos 143
"Sem-fim" 144
O Gigante n. 1 146
A lanterna mágica 152
Um após outro 153
O Gigante n. 2 155
O Gigante n. 3 161
Que mais será preciso? 164
Só Deus por testemunha 169
A zanga d'El-Rey 170
A esperança mora a oeste 172
O Gigante n. 4 174
O Pai do Sol 177
O Gigante n. 5 179
O Gigante n. 6 185
O Gigante n. 7 189
Balada a El Rey Sol .. 191
Zozé, Columi e Ioiô 194
"Tropa da gente de São Paulo" 195
Metamorfose 197
... e que foram deixando, por onde passavam, o rasto vivo dos caminhos, dos cafèzais e das cidades 199
O Poema do arranhacéu 201
Café-expresso 203
A Hora Futura 205
A filha do imigrante .. 207
Môça tomando café 208
Canção geográfica 210
E agora o Tietê conta a história dos velhos Gigantes de Botas 213
Retrolâmpago 215
Brasil-menino 217

O SANGUE DAS HORAS (1940)

O sangue das horas 223
Rosas de espuma 225
Arco-íris 227
Balada para minha Mãe 228
Ninguém mais 229
Chove silêncio sôbre nós 230
Compromisso 231
O homem e a lanterna .. 233
A morte de Alice 235
Presentemente 237

UM DIA DEPOIS DO OUTRO (1947)

As 4 irmãs e o amigo .. 241
Meio-dia 243
As sempre-vivas 245
Relógio 247
Viagem sôbre o espelho 248
Sonêto da ausente 250
Sob um guarda-chuva .. 251
A orquídea 254
A imagem oposta 255
Dizes tantas coisas 258
Ainda irei a Portugal .. 260
Sala de espera 263
A rua 265
Balada do desencontro .. 266
Desconversa 268
A lavadeira 271
O teu pranto, Aurora .. 274
Burro de presépio 275
A sintaxe do adeus 278
Serenata sintética 279
A flauta que me roubaram 280
Nesta rua tem um anjo 282

Ode mais ou menos anacreôntica 285
O boi e o arco-íris 286
Geometria civil 288
No circo 291
Imemorial 292
Pigmalião 293
Cantiga sem regresso .. 295
Discurso 297
"É tarde, é muito tarde" 300
A noite branca 302
Rosto amanhecido 304
A graça triste 306
Ficam-me as penas 308
Em voz alta 309
A ex-sereia 310
O desastre 311
O lavrador 313
A pedra que chora ... 315
"Pose" pra retrato .. 317
O avião e o pedestre .. 319
Zôo 324
Etc. 327
O acusado 330
O anjo engraxate 332
O espelho 334
O homem repetido 337
Inscrição 339
O irreconhecível 340
Sonata patética 343
Elegia 350

A FACE PERDIDA (1950)

Elegia em fragmentos .. 361
Ressentido 362
O marujo e d. Sanja .. 363
Atribulação 364
Interlúdio 366
O novo Dilúvio 367
1.ª dança em frente do sol 369
A triste figura 372
O beijo do meio-dia 374
Ode campestre 375
Sorrirei como um inglês 376
A môsca azul (ou dourada?) 377
Balada da sétima feira 381
A hora certa 383
A metamorfose 385
1.ª balada do fuzileiro naval 386
As mãos e os naipes .. 388
Canção do mêdo 389
O anjo rebelde 391
1.ª balada ultravioleta .. 392
O carro do triunfo .. 394
O piano, ao crepúsculo 396
O sósia 397
Ciente 398
A viagem obscura 402
A sétima queda 403
2.ª balada ultravioleta .. 405
Canção do amor ingrato 406
Tudo o mais são penas 408
Sonêto anônimo 409
Visita à casa paterna .. 410
Geografia amorosa 411
O realejo do cego 412
A ilha de fogo 415
Poema do amigo morto 416
Renúncia 417
Écloga 419
Complexo de Iokanaã .. 420
A mulher e a concha .. 422
2.ª dança em frente do sol 424
O anjo repentino 427
A imagem da Terra .. 430
Estação de cura 431
Testamento 432
Verônica 433
Diálogo na fronteira 434
A canção mais recente .. 436
O escafandro 437
2.ª balada do fuzileiro naval 439
O êrro de cada dia .. 441
O elevador 443
Poema implícito 446
Noturnidade 447
Desejo 449
Chuva 450
Geografia do sono 451
O galo das cinco horas 452
A desenterrada 453
Moderna lua 454
Psico-autógrafo 455

O ELEFANTE QUE FUGIU DO CIRCO (1950)

O elefante que fugiu do circo 459

POEMAS MURAIS (1950)

Coroa mural 469
Boi blau em campo de prata 472
A Ordem da Rosa 475
Canção dos óculos pretos 477
Entêrro de pobre 479
A notícia de hojc 481
Poema escrito na parede do Bar 15 482
A manhã que conquistamos ao inimigo 485
A dispersão 487
Quadro antigo 492
Pedido a um oficial de gabinete 493
As três irmãs 497
Plano inclinado 498
Cristo pintado no muro 499
A glória não está nas alturas 502
O guarda-noturno 503
A banda esquizofrênica 505
A festa da máquina 511
O remorso 513
Não sou o herói do dia 515
João, o telegrafista ... 517
Poderia ter sido eu 519
O morto e o passarinho 526
O tocador de clarineta 529
Noite de chuva 530
Missa do meio-dia 532
O homem dormindo 534
M'orfeu 536
Poema apócrifo 538
O juízo final 541
O suspeito 542
Mostrador 544
O beco das camélias 545
Guitarra 546
O herói triste 547
O biombo 548
O céu e o chapéu 549

MUSA PARADISÍACA (1951)

Musa Paradisíaca 553

EU NO BARCO DE ULISSES (1953)

Eu no barco de Ulisses 563

O ARRANHACÉU DE VIDRO (1954)

Canto subversivo 581
Eva matutina 583
O arranhacéu de vidro 584
O que é verde é de todos 586
O cacto 588
Indômitus 591
Berimbau 593
Íris, a aeromoça 595
O banquete 597
A jovem morta 599
A Hidra 600
Ó menino, dorme 602
Zarafa 605
Poema explicativo 607
Globe-trotter 611
A degolação dos inocentes 614
O hipopótamo 615
João Torto 617
Meu pai foi rei 620
Sereia tocando piano .. 623
O disco voador 626
Gás lacrimogêneo 630
Narciso e o Eco 632
A cadeira elétrica 633
Panlirismo 635
A esponja 636
O avião e o gavião ... 638
Os pára-quedistas 641
Os 3 leopardos 644
Deus antiaéreo 646
O hóspede 652

Quando, há tempos, me ocupei, em dois artigos sucessivos, com "o poeta", era minha intenção completá-los com um terceiro, em que as idéias desenvolvidas se aplicassem a um poeta moderno brasileiro, em carne e osso, Cassiano Ricardo.

Vieram, porém, acontecimentos sociais e políticos, de caráter premente e, como sempre, a poesia ficou de lado... mas a poesia é paciente, como o amor. E aqui está ela, de novo, depois da tempestade, para fazer ouvir a sua voz de silêncio ou o seu silêncio sonoro.

Pois a poesia é a conciliação dos inconciliáveis, é a unidade das contradições, é a harmonização de todos os contrastes. Ela não destrói nenhuma daquelas distinções que a análise filosófica encontra no ser; ela não abole nenhuma das leis que a ciência descobre no universo; ela não suprime nenhuma das estruturas com que a nossa ação introduz a ordem entre os homens para tornar possível a convivência.

Mas, em face da realidade e dentro dela, a poesia introduz um elemento de paradoxo, de imprevisto, de combinação de elementos tão sua, tão independente das exigências do mundo exterior, tão maravilhosamente criadora, *que chega por caminhos seus ao mesmo coração do mistério a que chegam os estados místicos. E por isso é que poesia e oração sempre andaram juntas ou próximas uma da outra, pois ambas chegam a uma* verdade *que transcende os nossos sentidos, como a nossa própria razão e que só a intuição ou*

a revelação nos dizem que é a mais alta e a mais profunda realidade das coisas.

Eis por que os místicos e os poetas serão tão eternos quanto a natureza humana. Eis por que um poeta é sempre alguma coisa de único, de diferente, de altamente respeitável e de mais necessário ao equilíbrio do mundo e das próprias instituições sociais, do que os homens práticos, sem visão poética da vida.

Cassiano Ricardo vem sendo, nestes trinta anos da mais recente vida cultural brasileira, um dos grandes depoimentos vivos dessa inalterabilidade da poesia, quando autêntica, no meio dos acontecimentos mais desordenados e exigentes.

Não foi nem quis ser um poeta puro. Sempre foi um homem incorporado aos acontecimentos. Tomando parte nêles. Engagé, *como dizem os existencialistas. Mas a sua participação na vida militante do Brasil agitado dos últimos seis lustros, não lhe apagou jamais o fogo poético. Um dos critérios práticos da poesia ou antes do poeta autêntico é o fôlego. Os poetas "bissextos", como os chamou Manuel Bandeira, são criaturas visitadas por vêzes pela poesia, como todos o são nesta vida. Êles apenas souberam captar o pássaro de vôo incerto, retê-lo uns minutos em suas mãos e dêsse contato môrno com as asas palpitantes guardar num poema efêmero, um momento de eternidade. Os poetas verdadeiros são aquêles em quem os pássaros fazem ninho. Não se limitam a passar de leve. Ficam. Voltam. Os poetas têm o* dom. *E têm a* inspiração *freqüente. E completam essa dupla graça, como dizíamos nos artigos citados* (Diário de Notícias, *9/16-VII-1950), com a* consagração *e o* trabalho.

Tudo isso encontramos em Cassiano Ricardo. E' a negação do poeta por acaso, do poeta-momento. Sua vida, de homem incorporado à vida política e social

do Brasil contemporânco, não traiu jamais a poesia a serviço de nenhum dos ideais práticos a que se consagrou. Se não foi jamais um poeta puro, também nunca se deixou levar pela poesia didática e muito menos pelo poesia sectária ou mesmo tendenciosa. Foi sempre a sua grande dignidade. Colocou a poesia no centro de sua vida. Não como divindade absorvente e absoluta, que faz o poeta desdenhar das coisas práticas da vida, como fôra o ideal parnasiano da arte pela arte. Mas como um valor absoluto, independente, incontaminado, valendo como um fim em si. Nada de mais nobre. Nada de mais belo. Nada que mais explique a mocidade e a renovação da sua musa. Quando, recentemente, publicou seu último livro A Face Perdida, *o que a todos em geral surpreendeu foi a extraordinária frescura da sua inspiração. Não digo* frescura *no sentido de uma falsa preocupação de conservar-se eufórico diante da vida. Ou de manter os mesmos temas, a mesma posição de quando era môço, nada disso. Seu livro era realmente novo. Mas não deixava, por um só momento, de refletir a idade, a experiência, o tempo vivido, do homem de cinqüenta e tantos anos que o assinava. Não procurava uma falsa juventude, como os velhos gaiteiros ou os poetas sem poesia ou que foram poetas apenas por motivo de idade. Há sempre uma poesia aos vinte anos. O difícil é conservar o amor da poesia e particularmente o dom e a inspiração dela, depois dos quarenta. A vida é terrivelmente despoetizadora. E' tão difícil conservar a Fé, como conservar a poesia da vida. Tudo concorre para nos tornar céticos e prosaicos. A fé, como a poesia, são vitórias contínuas contra a perene mediocrização da vida. A tentação do* imediato *é um assalto contínuo contra a nossa disposição a ir além das aparências. Poesia e fé são*

sempre pontes para o lado de lá das aparências. E por isso mesmo resistem dificilmente à devastação do prosaísmo e do ceticismo, que vêm confirmar aquela frase sibilina como uma chicotada no silêncio: "Vivre avilit" *de Henri de Regnier.*

A poesia em Cassiano Ricardo é um rejuvenescimento e não uma permanência, sincera ou artificial, na mocidade passada. Ao contrário... Seu périplo poético já passou por três fases.

A primeira, que chamaremos de anacrônica ou parnasiana, foi justamente a da primeira mocidade. Foi a dos seus livros de 1915 a 1925. Dentro da Noite, A Frauta de Pã, Jardim das Hespérides. *Fiel à lição bilaquiana, que tão profundamente afetou a mocidade brasileira até o fim da primeira guerra mundial, Cassiano Ricardo se defrontou com o movimento modernista, como poeta já formado, já consagrado, embora apenas no meio paulistano, como integrado em uma corrente poética que parecia indestrutível. Rico de formas, poderoso no jôgo das imagens, luxuriante no verbalismo, nada devia ao simbolismo, então vigente, nem aos movimentos de renovação moderna com que um Fernando Pessoa ou um Mário de Sá Carneiro, já desde 1912, agitavam o ambiente literário português. Em 1920, quando Mário de Andrade quebrou a sua lira parnasiana e lançou, em São Paulo, o brado de revolta, Cassiano Ricardo era louvado, em sua* A Frauta de Pã, *por suas "rimas opulentas", por seus "metros elegantes", por seus "temas clássicos".*

Mostrou que tinha poder e saber para versejar no gôsto neoclássico e acadêmico, sem nada ficar a dever aos mestres da gerontocracia poética, que, desde 1880, dominavam o meio poético brasileiro, onde os

próprios simbolistas eram mantidos à distância, como os parents pauvres, *de Balzac.*

O movimento de 1922 não fêz de Cassiano Ricardo, nem um reacionário, nem um adesista. Colocou-o diante de si mesmo. E com a mesma energia com que levava o seu dom inato a compor em plena mocidade uma obra opulenta de parnasiano consagrado, lançou-se à nova poética, que Mário de Andrade em 1924 já procurara analisar na sua Escrava que não é Isaura.

Começou, então, a fase nacionalista, *da obra poética de Cassiano Ricardo.*

Entre as várias orientações novas que o modernismo vinha lançar em sua geração, Cassiano Ricardo tomou de duas e com elas se lançou à renovação de sua própria obra poética — a liberdade e o nativismo. Pela liberdade de estilo poético, quebrou os velhos moldes neoclássicos. Êle que entusiasmara muitos críticos seus contemporâneos, pela opulência das suas rimas, pela elegância de suas frases, pela riqueza do seu verbo — não teve dúvidas em abandonar todo êsse arsenal já muito batido, mas que lhe garantia um côro de louvores da crítica oficial e um público simpático (pois o público gosta, sobretudo, do que já conhece e não lhe dá maior trabalho de adaptação ou de interpretação), para lançar-se na aventura modernista. Foi um ato de coragem. Os novos, *que já nasceram para as letras depois das batalhas de 1922 a 1925, não conheceram o amargor dos repúdios, das rupturas, dos escândalos. Já estrearam depois da revolução, num ambiente senão conquistado, ao menos já preparado para uma receptividade menos intolerante. Mas o gesto de um Cassiano Ricardo, renunciando à facilidade parnasiana, para se lançar à aventura moderna da liberdade, merece menção muito especial.*

Hoje, é fácil compreendê-lo e louvá-lo. Ao tempo, exigia isso mesmo que faz de Cassiano Ricardo um grande poeta — a sua consagração à poesia. À poesia, como uma exigência terrível, como um dever, como uma missão.

Veio, então, a sua fase nacionalista. *Foi a fase central de sua evolução criadora. A fase pròpriamente modernista. Entre as correntes que logo depois da semana de Arte Moderna de 1922 e da conferência de Graça Aranha em 1924, dividiram os* novos, *o poeta da* A Frauta de Pã *tomou o rumo nativista. Já então o modernismo revelava a sua feição nìtidamente nacionalista. E Cassiano Ricardo, por quinze anos, entre 1926 e 1941, ia ser o mais nacional dos nossos poetas modernos. Foi êle, dos modernistas, o único que teve fôlego épico. Seu* Martim-Cererê, *de 1928, está hoje, se não me engano, em sua nona edição. Para um livro de poesias, é caso raro. Único em nossa poesia modernista. O público compreendeu essa poesia desordenada, bárbara, colorida, mas cheia de um sentido profundo, espelhando os aspectos reais da nossa formação, da nossa raça, da nossa paisagem, da nossa história. Era uma poesia em que a fôrça poética do elegante parnasiano de 1920 se casava à luxuriante expressão tropical de uma literatura que se integrava em sua própria realidade objetiva. Em livros como* Vamos Caçar Papagaios, ou como Deixa Estar, Jacaré, *o nacionalismo poético de Cassiano Ricardo, junto à sua prosa de* O Brasil no Original *ou do seu considerável estudo sociológico sôbre as bandeiras na* Marcha para Oeste *(1941), — davam à segunda fase do modernismo, a de 1930, um dos testemunhos mais poderosos do triunfo da nova escola. Já não eram apenas as pedradas e os assovios de 1922 e 1924. Eram as obras pensadas, sentidas,*

caprichadas, que um estilo novo vinha marcar na história literária, como sinal indelével de uma nova era, que tantos haviam considerado como inexistente.

Mas o poeta do tropicalismo verde e amarelo não se satisfez com o triunfo do seu nacionalismo modernista. Poderia ter dormido sôbre os louros e sôbre os apodos. Já tinha o seu lugar ao sol. Outros se contentariam com o que êle havia conquistado. Êle não. Teimoso, como um dêsses bandeirantes avoengos seus, que tanto o atormentaram tôda a vida, não se contentou. Manteve ardente a chama interior. Renovou a sua inspiração. Interiorizou-se. Elevou-se ao plano do pensamento. Universalizou-se. Na hora mesma em que uma nova geração, a de 1945, e com isso uma nova fase do modernismo, apareciam no horizonte literário, o velho poeta se mostrou, aos olhos assombrados dos que o acompanhavam desde 1915, como um poeta novo, com a sua inspiração totalmente modificada. Era o homem maduro que agora falava. Era o poeta-filósofo que agora se exprimia. Era o mundo interior que vinha dizer agora a sua mensagem e despedir-se da natureza tropical que enchera os livros da fase mediana. E a partir de 1943, em O Sangue das Horas, Um Dia Depois do Outro *(1947) e agora* A Face Perdida *(1950), o poeta se apresenta em sua feição universal, metafísica, abstrata, mas não menos carregada dessa carga profunda de poesia autêntica, que nas três fases do seu périplo vem acompanhando êsse grande tipo de nossas letras.*

Cassiano Ricardo é hoje uma expressão viva do que é a poesia, quando se apodera de uma criatura humana. De 1915 a 1950 sua presença poética é a própria imagem do fluxo da poesia brasileira.

Tanto em sua fase parnasiana ou anacrônica, como em sua fase nacionalista e agora em sua fase

filosófica, é o mesmo grande coração de Poeta que bate sempre, poderoso, sereno, truculento por vêzes, ora misterioso, obscuro, ora luminoso e patético, mas sempre pulsando com uma energia nova como a dêsses pés de sete léguas que de São Paulo trilharam o Brasil inteiro e lhe deram a sua configuração atual.

O paulistanismo de Cassiano Ricardo não lhe tolheu o sôpro nacional, como o pitoresco ou o lirismo não lhe prejudicaram os altos requintes metafísicos e abstratos de sua poesia intelectualista.

Em todos os momentos de sua evolução, o Poeta está sempre presente e sua obra será, para o futuro, um dos testemunhos mais irrespondíveis de que a nossa geração tinha alguma coisa a dizer e deixou de si alguma coisa que o futuro não esquecerá.

Não é à toa que Cassiano Ricardo é hoje, em São Paulo, o presidente do "Clube de Poesia" e o animador da geração poética de 1945.

TRISTÃO DE ATHAYDE

1950.

POESIAS COMPLETAS

DENTRO DA NOITE

(1915)

O BEM QUE MENOS CUSTA...

Como os outros, que têm os seus dias de fausto,
eu também quis fruir meu dia de ventura
e me pus a lutar contra o destino infausto
que me tornara a vida uma jornada escura.

Daria o meu futuro, em férvido holocausto,
em troca de um só dia! E andei, cego, à procura
do ambicionado bem, até que — quase exausto —
desfiz todo o amargor de minha desventura.

E, crendo-me feliz, senti a felicidade
de um instante floral, de um célere momento
que me impôs, para sempre, a dor desta saudade.

E a saudade, ainda hoje, é tão cruel ferida
que eu sinto dentro da alma o atro arrependimento
de ter sido feliz um momento na vida...

RISO E LÁGRIMA

Há uma lágrima, sempre atenta, em nossos olhos.
LUÍS EDMUNDO

Morre na alma um sorriso e a lágrima, sentida,
surge, treme, de leve, e traz à vossa face
o signo natural da tristeza que nasce
e não pode viver tão secreta, escondida.

Muitas vêzes, porém, nas horas em que a vida
alegre se vos faz, como se se ocultasse
por estranho pudor, a lágrima — fugace —
viverá — quem o sabe? — inútil, esquecida.

E assim, quando esqueceis a vossa desventura
a tristeza se esvai e a lágrima procura
ocultar-se, qual flor que nasceu entre abrolhos.

No entanto, para mim, há destas variedades:
passo a vida a cantar para matar saudades,
vivo sempre a sorrir com lágrimas nos olhos...

A MENINA CEGA

Passa, às vêzes, por mim, a pálida ceguinha...
Eu me consterno religiosamente
quando a diviso assim, tão triste — pobrezinha —
cantando uma canção que fere a alma da gente.

Minha alma a sua dor bem compreende...
O céu, quando ela passa, é cheio de recamos
e a luz, que lhe não há nos olhos, fulge e esplende
em tudo o que nós vemos e admiramos.

"E Deus, com tantos olhos pra ver tudo,
não descobriu ainda que tu existes?
Não sabe que há, na terra, uma pequena criatura
que não vê nada, absolutamente nada?

Se eu soubesse onde estão os olhos dÊle...
Mas os olhos de Deus são de ouro, e olham o mundo
por trás de duas estrêlas que, afinal, não se sabe
quais são, no meio de tantas estrêlas".

Sem um gesto sequer ela escuta, tranqüila,
as palavras que eu digo aos seus ouvidos.
E, como se alongasse a cérula pupila,
enche de um vago encanto os olhos doloridos.

O mundo é todo, a esta hora, um abismo antiaéreo.
E ela, a quem o azul fechou a porta,
nunca soube que Deus, dentro de azul mistério,
lhe pôs a côr do céu sôbre a pupila morta.

A CEGONHA

Sôbre a margem do lago, a exilada cegonha,
em mudo solilóquio, em dolorida cisma,
tem a vaga expressão, tem algo de quem sonha
e olha o mundo através de um misterioso prisma.

Uma alma irmã da minha! alma obscura e tristonha
para quem o viver não é mais que um sofisma;
não a vejo uma vez sequer sem que suponha
vê-la na mesma angústia em que meu ser se abisma!

Minha alma, como a sua, à dúvida propensa,
num êrmo isolamento às vêzes se enclausura
e olha tudo ao sabor de uma tristeza imensa.

Sua alma, irmã da minha, em êxtase profundo,
vive contìnuamente invocando a ventura
de insular-se da vida e esquecer-se do mundo...

IARA, A MULHER VERDE

Neste país de coisas em excesso
o sol me agride, o azul passa da conta.
No entanto, os poucos beijos que te peço
o teu amor futuro me desconta.

De tanto céu tenho a cabeça tonta.
O meu jornal é todo em verde impresso.
Só tu, a quem já um pássaro amedronta,
te fechas no mais íntimo recesso...

No país do excessivo, és muito pouca.
Vê a borboleta jovem, como esvoaça.
Vê como nos convida a manhã louca!

Por que sêres assim, se tudo é assombro,
se a própria nuvem branca — e com que graça —
só falta vir pousar em nosso ombro?

A NOITE QUE PASSOU...

A Noite que se foi deixou o orvalho de ouro
das estrêlas, por entre as moitas de veludo.
Deixou o seu aroma esvoaçante por tudo;
deixou um fio de cabelo, úmido e louro...
(raio de sol, vindo do céu, louro e suspeito,
sôbre o veludo côr de treva do meu leito.)

A Noite que passou, mais funda e desconforme
do que a sombra profunda em que a matéria dorme,
apagou a lanterna a todos os lampírios,
(mal o oriente acordou em vermelhos delírios)
e deixou, monstruosa e negra, negra e informe,
o seu leite de luar nos cálices dos lírios...

Vi-a, quando morreu, na apoteose do dia,
escondendo punhais de fogo, criminosa,
o véu plúmbeo incendiado em rasgões côr-de-rosa.
E o sangue lhe escorreu, no instante da agonia,
em papoulas de luz, sôbre o canteiro exangue,
que todo refloriu em corolas de sangue...

E a mim, que me deixou a Noite? o áureo sereno
com que ela encheu de novo o cálice de veneno.
Tôdas as noites, no meu êrmo de ínvia sombra,
êste meu raciocínio enevoado de tédio
vai criando raiz: encanto que me assombra,
ferida imemorial sem fundo nem remédio.

E a mim, que olhei a vida, em horas de veludo,
de dentro do meu ser, tètricamente mudo,
a Noite que se foi levou-me quase tudo...
Ó minha inspiração! ó meu lírio nevoento!
Cada noite que passa, em meu insulamento,
vem aumentar o tédio e a saudade que sinto,
e leva ao paroxismo a dor que experimento,
condenado sem glória à cadeira do instinto!

Cada noite que passa, é o meu sonho de louco,
um pouco de meu ser para bem longe leva;
cada noite que passa eu agonizo um pouco!
E sinto, quando a Noite as lágrimas me arranca,
dentro de meu olhar mais uns riscos de treva,
mais uns fios de luar sôbre a cabeça branca...

MARCHA FÚNEBRE

Quando às vêzes escuto a música sombria
que ao ouvido me vem, qual "requiescat in pace",
sinto a mágoa cruel de quem acreditasse
ser um pouco do que morreu, ao fim do dia.

A saudade, a amargura, a dúvida, a agonia
irrompem dentro em mim, num brusco desenlace,
e entre a dor que me fere e o som que me extasia
uma idéia, em meu ser contraditório, nasce.

A idéia de ser eu aquêle por quem arde
a estrêla que surgiu como um círio, na tarde.
Haverá quem nesta hora as coisas não confunda?

E vindo não sei de onde, e caminhando a êsmo,
sob a minha visão extática e profunda
lá vou eu conduzindo o entêrro de mim mesmo.

A FRAUTA DE PÃ

(1917)

PÃ E SIRINX

Quando ao fim da corrida o deus pagão procura,
olhos em febre, mãos em sangue, o vulto prestó
que lhe foge, descendo os vales e a planura,
é que mais o agonía aquêle amor funesto.

Sirinx, quase nas mãos de Pã, que a mais um gesto,
brutalmente divino, a teria segura,
por entre a moita em flor desviando o corpo lestó,
Sirinx — quase nas mãos de Pã — se transfigura.

Transfigura-se em planta; e o silvano, que a implora,
na ânsia da frustração, no delírio que o invade,
cortou-a, e dela fêz uma avena canora...

Certo foi quando Pã, na sua agreste cana,
cantou o grande amor perdido, que a saudade
começou a existir, em nós — divina e humana.

A FRAUTA DE PÃ

Ruda frauta de Pã, doce tuba sonora,
inda hoje, sôbre a Terra, o teu eco perdura;
teu gorjeio soluça e freme, como outrora
fremia e soluçava à divina tortura...

Freme no acre rumor das fanfarras da aurora,
num simples canto de ave, entre a floresta escura,
soluça no fragor das cascatas, e chora
na voz da Natureza, em lânguida doçura.

Na música do mar, no rugido profundo
das feras, no chorar noctâmbulo do vento,
no angustiado clamor que hoje vai pelo mundo,

em tudo o que hoje chora ou canta, ao nosso ouvido,
há um eco universal do bárbaro lamento
com que Pã celebrou o seu ideal perdido!

VIAGEM PERDIDA

Há um longínquo país que às vêzes visitamos;
extasia-se o olhar que os recantos lhe sonde,
entre o suave frescor dos seus verdes recamos
e a luxúria pagã que envolve cada fronde...

Essa é a pátria encantada e longe, que sonhamos
conquistar, algum dia, ao mistério que a esconde.
Oásis que nos estende a sombra dos seus ramos
e ao grito do viandante estremece e responde...

Vós, que andais a sonhar, pela existência em fora,
esquecei, no passado, as ilusões sepultas,
ide a êsse fim de mundo onde a Esperança mora.

Ide, mas não proveis dos frutos que colherdes,
nesse reino infeliz, de esmeraldas ocultas,
nesse estranho pomar que só dá frutos verdes...

JEREMIAS

Sou um curvo chorão. Meu fado é, noite e dia,
chorar à margem desta água clara e sonora.
Caem-me os ramos, como em lágrimas... Dir-se-ia
que o próprio rio foi, por mim, chorado agora.

Vós que vos descuidais só em viver de alegria
chorai e entendereis uma árvore que chora!
Pois não é apenas meu, o mal que me angustia,
mas o que, no chão duro, absorveis de hora em hora.

Chorai, e entendereis a razão desta mágoa.
E eu vos hei de sentir, na dor de cada ramo
que escorre do meu rosto e cai ao rosto d'água.

E seremos irmãos no pranto, que verterdes.
Pois choro o vosso chôro, e os galhos que derramo
são — choradas por mim — vossas lágrimas, verdes.

PAISAGEM SUBMARINA

A Múcio Leão

No antro submarino, onde os pólipos têm
qualquer coisa de humano em seu mistério e são
galhos de sangue aí chorado por alguém
que naufragou depois de haver lutado em vão;

nesse mundo ignorado, ou nessa escuridão
que é tôda azul por fora e só monstros contém
é que irei enterrar o meu único bem...
Náufrago — devo estar onde os outros estão.

Bem que é meu, ficará guardado onde só eu
o saiba, como alguém que, fugindo a um ladrão,
se tornou o ladrão daquilo que já é seu.

Estarei nesse caso? Ah! quanta gente que,
pra esconder o seu bem, busca o escuro e não vê
que uma estrêla reluz melhor na escuridão...

TARDE NO CAMPO

Vem a tarde, afinal... E as quérulas avenas
de um rancho de zagais, em chorosa surdina,
põem trêmulos de dor, de saudades terrenas,
no claro-escuro da tristeza vespertina...

Ao dorido langor de agrestes cantilenas,
a lâmpada do ocaso as coisas ilumina;
o crepúsculo entreabre as rosas e as verbenas,
como a interrogação da dúvida divina.

Longe, a tarde se estorce, em violácea agonia.
Essas horas de susto e de melancolia,
como é triste ao pastor transviado compreendê-las!

Pelas moitas sem luz, pelos ermos escampos,
com cabelos de luar e olhos de pirilampos,
desce a Noite, tangendo o rebanho de estrêlas...

O GATO TRANQÜILO

Ei-lo, quieto, a cismar, como em grave sigilo,
vendo tudo através a côr verde dos olhos,
Onça que não cresceu, hoje é um gato tranqüilo.
A sua vida é um "manso lago", sem escolhos...

Não ama a lua, nem telhado a velho estilo.
De uma rica almofada entre os suaves refolhos,
prefere ronronar, em gracioso cochilo,
vendo tudo através a côr verde dos olhos.

Poderia ser mau, fosforescente espanto,
pequenino terror dos pássaros; no entanto,
se fêz um professor de silêncio e virtude.

Gato que sonha assim, se algum dia o entenderdes,
vereis quanto é feliz uma alma que se ilude,
e olha a vida através a côr de uns olhos verdes.

A MENTIROSA DE OLHOS VERDES

Tu, que andaste correndo, o dia inteiro,
nessa visão radiosa que te encanta,
nunca ouviste falar, ó amigo aventureiro,
na história de Atalanta?

— uma louca princesa
que era um relâmpago em magnífica destreza
quando, jogando ao vento a cabeleira flava,
corria mais no chão do que um pássaro voava
no céu, do que no prado uma lebre montesa?

Essa princesa de olhos verdes é a que fôra
coroada com a virtude estranha, aterradora,
de correr tão veloz que ninguém a alcançasse,
em sangue os pés, em chaga as mãos, em febre a face:

nunca! ninguém ousou vencê-la na corrida
sem que lhe desse, em holocausto, a própria vida.

Nem os pobres zagais que, nas justas formosas,
vieram oferecer-lhe um país, só de rosas.
Nem os reis que, de longe, à ilusão de vencê-la,
lhe ofertaram rubins como lascas de estrêla.

Nem os sátiros que, juntos, tocando frauta
a foram seqüestrar, julgando-a menos cauta,

e deram-lhe a morder, rociados de áurea chuva,
frutos verdes do mato e roxos cachos de uva.

Nem os deuses pagãos que um tesouro de fadas
lhe deram escondido em grutas encantadas,
onde havia dragões de olhos fosforescentes
e vermelhos anéis no coral das serpentes...

Alcançassem-na um dia!
e ela ao seu vencedor o tesouro daria
da sua mão vazia:
os seus cabelos, que eram flocos de ouro claro
capazes de fazer feliz a um rei avaro;
os seus braços, de azuis desmaios e delírios,
que faziam inveja à candura dos lírios;

a sua bôca, que era a entrada côr-de-rosa
para a gruta encantada onde floria o beijo,
a porta de coral da furna tenebrosa
onde estavam rugindo os chacais do desejo...

Alcançassem-na um dia!
e ela ao seu vencedor o tesouro daria
de sua mão vazia...

A FLOR DO GÊLO

Desponta a flor do gêlo em flóculos de pranto,
como se o céu sem luz, que o pólo circunscreve,
em pétalas, o luar abrisse, por encanto,
sôbre a cumeada hostil das montanhas de neve...

Que aventura galante um dia a obter se atreve
a gema de alvo escrínio? e quem se atreve a tanto,
que a esperança feliz de tê-la às mãos não leve,
que não volte do inverno ao ríspido quebranto?

Assim vive a edelweiss, sôbre a cúspide aclive,
como o ideal que a florir perpètuamente vive,
no tortuoso alcantil cuja escalada tento:

abre as fôlhas de luar, do gêlo sôbre os flancos,
onde ao despetalar da neve pelo vento
uiva pesadamente a ronda de ursos brancos...

ELEGIA RÚSTICA

Nasci para viver no mato: o chão da selva
todo se enrelva de um tapête luxuriante!
A folhagem, que baila em cima, a cada instante,
é uma pelúcia tôda verde que descobre
os ombros senhoriais da floresta arrogante.

Acordo. Pelos vãos da choça, a alva derrama,
como em fitas de côr, seus cabelos de chama.
Rodopiando no vento o arvoredo frufrulha
vendo-se, pelos vãos, a montanha cerúlea
onde o sol escorreu, em laivos de ouro e cobre.

Na manhã tropical, borrifada de orvalho
e manchada de terra, ou nestes coloridos
caminhos que percorro a pé, sem agasalho,
parece que inauguro os meus cinco sentidos!

Há uma flor que me diz bom dia em cada galho.
Ah! devo descender de algum Anacreonte
anônimo, de pés no chão, sapatos rotos,
que se nutriu de mel lírico e gafanhotos,
frutos tintos de sol, água pura de fonte,
satisfeito com o seu pequenino horizonte.

Não sei o que mais ame: água, frutos ou pássaros.

E então digo, ao meu eco: Ó Deus, ó estrêla, ó vento,
eu vim buscar, aqui, um pouco de silêncio
para ver se ainda curo as feridas enormes
que a angústia de pensar me abriu no pensamento.

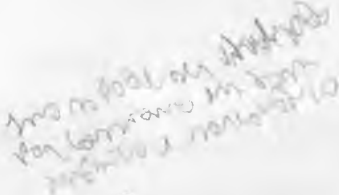
E quando a noite vem, numerosa, selvagem,
a minha alma descansa em seus beijos eólios;
e pelos vãos da choça, através da folhagem,
são as estrêlas a inocência dos meus olhos.

Não sei o que mais ame: água, frutos ou pássaros.

VAMOS CAÇAR PAPAGAIOS

(1926)

A Plinio Salgado
e Menotti Del Picchia



Se êsses pitagóricos se dignassem usar da razão natural que Deus lhes deu, achariam que em centenas e milhões de pássaros (araras, papagaios, maitacas, maracanãs, araguaris, tiribas, periquitos) que há na Capitania, matando anualmente quinhentos não se pode achar diminuição sensível; mas achariam que êsses quinhentos mortos já não fariam mais dano nem produziriam filhos. As colheitas duram 90 dias; uma ave destas come diàriamente pelo menos uma espiga de maçaroca, vindo a comer anualmente 90 espigas e os papagaios que suponho mortos comeriam 45.000 espigas, que são 180 alqueires. Remedio: obrigar cada lavrador a trazer certo número de bicos de papagaio às câmaras, como fazia Portugal com os pardais.

Reflexões do MARECHAL AROUCHE, *Docs. Interessantes*, n.º 44, pág. 203.

MANHÃ DE CAÇA

Mal entrava eu no mato
era um delírio. Os papagaios
se reuniam em bando, protestando.
Como em verde comício.

Por que tanto barulho? eu indagava
de mim mesmo, da minha malvadez.
Como se não soubesse
que era justo o protesto
dos papagaios ásperos, verde-gaios.

Araras, canindés, maitacas
mais ensurdecedoras que matracas,
reunidas em bando,
também gritavam, me acusando.

Mas por que tanto horror? por que, de súbito,
tanto mêdo insensato?

Como se eu não soubesse,
com absoluta certeza, que era o mato
contra a minha maueza.

Maracanãs, tiribas, periquitos,
que eram asas aos gritos.

papagaios, enfim, de vários nomes
e de vária plumagem.
que eram os donos do país selvagem
e confuso,
lavravam seu protesto contra o intruso,
gritando, gritando.

Um morro de cabelo verde pixaim
começava a pensar.
Se encolhia a pensar numa coisa sem fim.

Por que pensar assim?

Como se eu não soubesse dos motivos
de tanta garra, de tanta algazarra.

Conferenciavam, graves, os tucanos.
Saltavam rãs e gafanhotos,
junto a meus pés, a meus sapatos rotos.
O caapora acendia o fogo do cachimbo.
A mãe-d'água — se é que a mãe-d'água existe —
saltava como louca, a face oculta
em seu cabelo verde — se é verdade
que o seu cabelo é verde.

Como se eu não soubesse que no mato
tudo é cabelo verde, é susto, é graça,
é surprêsa. é protesto
(quando não é a solidão selvagem).

Mas por que tanta atoarda?

E eu apontava o cano da espingarda
e bumba! um papagaio verde-gaio
caía ao solo e os outros, com assombro,
se reuniam em bando, gritando.
Uma chuva de garras e de bicos
despencava do céu sôbre o meu ombro.
Os ecos proferiam, pelas grotas,
outros protestos, como se a distância
tambem caísse ao chão, de bruços,
com a bôca cheia de soluços!

Mas pra quê tanto mêdo?

E — último eco — uma voz, enroscada
num cipoal em flor, numa barba-de-bode,
ficava protestando:
não pode!

não pode!

PAPAGAIO GAIO

Papagaio insensato,
quem te fêz assim?
Que não sabes falar
brasileiro
e já sabes latim?

Papagaio insensato,
ave agreste, do mato,
que diabo em ti existe,
verde-gaio,
que nunca estás triste?

Papagaio do mato,
se nunca estás triste,
quem foi que te ensinou,
por maldade,
a palavra saudade?

Papagaio triste,
papagaio gaio,
quem te fêz tão triste
e tão gaio,
triste mas verde-gaio?

Papagaio gaio,
quem te ensinou, em meio
do mato, a repetir,

papagaio,
tanto nome feio?

Gaio papagaio,
gaio, gaio, gaio,
que repetes tudo...
Antes fôsses
um pássaro mudo.

Papagaio do mato,
se nunca estás triste,
quem foi que te ensinou,
por maldade,
a palavra saudade?

Papagaio gaio.
Gaio, gaio, gaio.

A DANÇA DO PINGO D'ÁGUA

Gôta da monotonia,
por um vão de telha torta.
Pancada de mão vadia
batendo em alguma porta.

Metódico pingo d'água,
pequenina criatura
fincando o prego da mágoa
no peito da pedra dura...

Pingo d'água barulhento,
soldadinho desgarrado
do sonoro regimento
que é feito de chuva e vento;
e que ficou, tagarela,
tocando um tambor de prata
junto de minha janela...

Por causa desta goteira
nasceu em mim, aqui dentro,
uma flor, quase noturna,
com uma ferida ao centro.

Não é rosa, nem é cravo,
nem é lírio, é uma flor de água,
sem lenitivo que a esponje;
flor que eu sinto, em meu silêncio,
mas tem a raiz lá longe...

Flor lírica que se esconde
aqui dentro, não sei onde.

Ó saudade portuguêsa!
Por culpa de meu avô
esta casa tem goteira.
Casa que êle me deixou
com a condição — já se sabe —
de não mexer na goteira
mesmo que a casa desabe.

Na história da minha mágoa
ouvirei a vida inteira
quer eu queira, quer não queira,
a dança do pingo d'água.

A FLORADA

O cafèzal, branco de flor,
amanheceu que é uma grinalda
de princesa.

O povaréu madrugador
subiu lá no alto do barranco
— olha a florada! tudo branco!
É o lavrador que ficou noivo
da riqueza.

Que ficou noivo da riqueza
e sai passear com a sua noiva.
Êle falando só de amor,
ela arrastando o seu vestido
quase sem fim, de tão comprido,
quase impossível de tão branco,
que de tão branco e tão comprido
por onde passa vai deixando
o chão assim... de tanta flor!

Dias depois, pendem os ramos
dos cafeeiros que estão todos
empipocados de esmeraldas...

Primeiros frutos que vêm vindo...
Lágrimas verdes... foi alguém
que chorou verde de esperança

dentro de um grande sonho lindo...
Chôro da terra, ainda criança.
O lavrador chorou também
em pingos verdes de esperança!

Mas passa o tempo, e os frutos verdes
mudam de côr, devagarzinho...
E o lavrador, pelo caminho,
já vai fazendo o seu castelo,
por ver nos ramos tanto fruto
nacionalmente pintadinho
de amarelo.

Mas o amarelo perde a graça.
Não dura muito... e também passa.
E já o vermelho bem parelho
como se fôsse sangue escuro
de rubra tinta os galhos pinta.
Café maduro... sangue vivo
que ora sofrendo, ora cantando,
o lavrador deixou na terra
nas horas rudes de trabalho
e o cafeeiro agora pinga
em derredor de cada galho...

Logo depois... terreiro enxuto.
E o café enxuto, côr da noite,
ficou tão prêto e tanto foi
terriplainado no terreiro
que até parece, mal falando,
que êsse terreiro vestiu luto.
Então a "baixa" sobe a serra
e o lavrador, dono da terra,
que dormiu rico acorda pobre.

Vence a hipoteca, pior que a geada
quando derriça uma florada.
Faz-se fogueira, grita o povo...
E era uma vez, triste e sem glória
ei-lo contando a sua história.
E' o fazendeiro, com certeza,
que ficou viúvo da riqueza.

Ei-lo que bebe, pensativo,
a sua xícara de café...
Até que um dia, herói obscuro,
abre a janela! E' a manhã branca
do futuro!

E' a sua noiva que vem vindo...
E' o cafèzal que, no barranco,
e sob o céu ainda estrelado
lembra um vestido de noivado
de tanta flor e de tão branco.

BANGALÔ

O bangalô parecia um brinquedo
uma surprêsa da cidade ultramoderna
em meio daquela algazarra
de rosas amotinadas.

Aí o coronel se instalou com a família.
Dona Marília trouxe os hábitos da fazenda:
alguns vasos de avenca,
biscoitos de penca
bolinhos de fubá
pra tomar com café.

E pôs anúncio no jornal.
E arranjou pra criada
uma portuguesinha,
verdadeira boneca
de avental branco
lenço amarrado à cabeça
e tamanco.

Flautinava um sabiá nos lados da cozinha.
As filhas do casal, três morenas bonitas,
viviam na janela admirando as pessoas
que passavam de bonde.

O sol brincava de menino esconde-esconde.

O coronel lia o Diário Nacional no banco do jardim.
A alegria tocava piano lá dentro da casa.
O ar fresco da manhã parecia um belisco do vento
num pé de alecrim.

Mas houve um dia
em que a criada e o coronel estavam no jardim
e as rosas encarnadas foram testemunhas
de qualquer coisa muito lírica e anormal.
Não sei o que houve nesse instante matinal.
Só sei que as rosas foram testemunhas
de qualquer coisa muito lírica e... anormal.

Dona Marília disse, lá de dentro:
Muito bonito!
E o coronel ficou vermelho
como um botão de rosa...

ÓPERA BUFA

Mal rompe o dia
no mato bruto
já dona Arara
se pinta tôda
de azul e rubro,
como uma velha
apalhaçada,
para assistir
à missa verde
da madrugada.

Uma berrante
flor-parasita
muito amarela
é um laçarote
de agreste fita
no galho torto
onde pousou
a tagarela.
O dia em flor
é uma aquarela
rica de côr.
E dona Arara
tôda se estufa
num aparato
de ópera bufa.

E dona Arara
com a sua voz
de mascarada,
— desafinada
voz de mulher —
diz qualquer coisa;
mas ninguém sabe
o que ela quer.

Nisto, na solidão do mato que desperta,
desenrolando em fios de ouro o metal da garganta
como um grito de dor pela amplidão deserta
ouve-se tristemente um surucuá que canta...

A CIDADE DOS SAPOS

Os sapos que eu conheço
no bairro onde resido,
gritam, desde o começo
da noite, ao meu ouvido.
Gritam a noite inteira;
porém, são mais humanos,
sob um certo sentido,
que os de Manuel Bandeira.
Pois não são parnasianos
e nem tomam parte
em discussões sôbre arte.

São, todos, operários
e dão-se a ofícios vários.

Neste ponto, os meus sapos
que também batem papos,
já diferem dos seus...
pois são filhos de Deus.

Um dêles é ferreiro.
E faz tanto barulho
com os demais, da sua
corporação, que chego,
em meu desassossêgo
e já por minha conta,
a crer que estará pronta

até ao clarear do dia
alguma Nova Iorque
mais aérea e maior
que a da fotografia.

A julgar pelo ruído
que sai dos seus martelos
só o sapo ferreiro
já construiu no charco
uns duzentos castelos.
Estrondeja a bigorna
e, então, sobe e flutua,
na noite grande e morna,
o alvo disco da lua.

Êste outro, carpinteiro,
sapo de alma canora,
em plena noite escura,
conserta a fechadura
do palácio onde mora.
Vive serrando tábuas...
Ó sapo carpinteiro,
serra as minhas mágoas!

Aquêle outro é pedreiro.
Mais que pedreiro, herói.
Tudo o que êle constrói
a água da enchente arrasa...
Vai fazer minha casa.

Lá longe, um bate-sola
fabrica o azul sapato
com que Nossa Senhora
virá do céu, num barco
de lua, só pra vê-lo,
sem se sujar no charco.

Mas há outros, que invejo,
moradores do brejo:
Uma intanha viúva,
os olhos fora da órbita,
pensa que o luar é chuva
e sem compreendê-lo
no espetáculo cósmico,
abre o seu guarda-chuva
branco de cogumelo.

Um sapo-pipa, bruxo,
que não pára em casa,
vive comendo brasa;
pensa que come estrêia
e tem o céu no buxo.
Outro sapo é filósofo:
quem será que me pôs
na lama, tão de rastros
sem ficar com a mão suja?
quem será que criou
o perfume das rosas?
quem no céu espalhou
o ouro aceso dos astros?

Fulgem rosas lunares
na água morta dos campos.
É a cidade dos sapos
que acende os seus lampiões
verdes de pirilampos...

Hoje tem espetáculo!
gritam todos os sapos.
Hoje tem coisa boa!
clamam os bate-papos
em ruidosa assembléia:

e a algazarra plebéia
por todo o brejo ecoa.
Quando dissermos três,
jacaré, você pule.
E dizem um... dizem dois...
é desta vez! dizem três,
tchecumbum na lagoa.

Ou então é o cinema
do brejo que funciona,
exibindo um desenho
animado de Disney:
"Um sapo se suicida
por causa de uma estrêla".
E, no salão do espaço,
onde a neblina grossa
se desfaz em farrapos
ouve-se, a todo instante,
a algazarra dos sapos,
o tremendo barulho
da infernal assistência;
as rãs batendo palmas,
quá-quá-quá de marrecos,
muito bem, bis-bis-bis,
ecos aos petelecos,
um diz, outro desdiz.
E ronca o sapo-boi
tocando o "foi-não-foi".

No outro dia, porém,
quando chega a alvorada,
loura, de olhar cerúleo:
— por que tanto barulho?
que aconteceu? que foi?
Vai-se ver; não foi nada.

E tudo continua
no mesmo pé, na mesma
luta desesperada.
Eu suo: você sua...
tudo por quê? por nada.

Ó pobre sapo-boi,
foi Deus que assim te fêz?
foi Deus que assim te quis?
ao menos, uma vez,
responde: foi? não foi?
Pobre mundo infeliz
que diz e se desdiz
tocando o "foi, não foi",
ininterruptamente.

E a gente pede bis...
Deus não tem dó da gente.

PREGUIÇA

Hora em que tôdas as coisas
se tornam flácidas e bambas...
Os bambus, a mover os ramos sossegados,
acenam para a terra, em abraços de vento,
os braços longos, muito longos e cansados.

As grandes árvores antigas
sustêm, na ponta dos seus galhos lânguidos e úmidos,
todo o pêso dos frutos amarelos
que parecem cair como pencas de chumbo...

As palmeiras, de ramas altas e insolentes,
estão absortas no desejo absurdo de quebrar,
em curvas moles de repouso, a linha reta que, qual
[traço doloroso,
lhes põe o caule em posição de não sonhar:
pois cada caule de palmeira faz lembrar,
sôbre o papel branco do dia, um traço feito à regua
que sai do chão e vai prender-lhe as verdes asas
no ar.

Sinto em mim e nas coisas que me cercam
um desejo de ser parado e horizontal...
E essa doçura contagiosa do bocejo
me dá vontade de cair, de ser comprido, e de ser
líquido

na superfície morna do desejo;
de ser como no rio a água verde-noturna
que se espicha na várzea e ao longe se encafurna,
lá onde as fôlhas vão, em feliz abandono,
tão devagar que às vêzes param na corrente
a cambalear, a rodopiar, mortas de sono...

E uma preguiça, vagarosa como nunca,
quase a dormir, por entre as árvores, lerda e triste,
de vez em quando muda um passo para a frente,
sem perceber que o tempo voa e o mundo existe;
lembra um fruto animal, móbil cacho pendente
de uma ramagem tropical.

Invade a tudo, inexorâvelmente,
um desejo de ser parado e horizontal.

GOSTOSURA

O gôsto do seu beijo
é melhor do que o gôsto
de uma jabuticaba daquelas
que estalam na bôca da gente.
Fica vivendo na esperança
de mais outro, outro mais.

Porque o mal do seu beijo
não é o de ser tão quente
nem o de estalar feito fruta
na bôca da gente.

O único mal do seu beijo
é ser gostoso demais.

O primeiro quer o segundo,
o segundo quer o terceiro,
um puxa outro, outro mais,
e assim o que vem primeiro
dá esperança de outro mais,
êste outro já tem saudade
do que foi dado primeiro:

o único mal do seu beijo
é ser gostoso demais...

CASAMENTO DE RAPÔSA

Meu solzinho querido,
tão diferente daquele solzão atrevido
dos dias tórridos de verão.

Você acordou de manhã cedo
quando eu ia com a minha namorada
pelo caminho novo da fazenda entre o arvoredo
e veio logo nos cumprimentar muito alegre
mas tão sem jeito
que dava pra desconfiar...

Dito e feito!
Logo depois começou a chover no caminho...

Mal sabíamos nós que você acordou cedo
pra se casar com dona Chuva, essa senhora
que usa grossos cabelos despenteados
de quem os lavradores gostam muito
mas que só sabe desmanchar prazer aos namorados
e encher de barro as casas, e enlamear os passeios,
porque usa sapatões sujos de terra
e pés molhados.

Ainda agora
as rãs tocaram matracas escondidas na relva.
As rosas começaram a dançar nos galhos.
As saracuras a cantar nos brejos.

Os tuiuçus encarreirados no barranco
pareciam convivas vestidos de branco.
Vieram árvores trazendo balaios de flôres.
Marrecos pardos de gravata preta
formaram grupos de joviais espectadores.
Os parreirais ofereceram cachos de uva.
Tudo pra ver você casar com dona Chuva.

.....

Então você casou com dona Chuva.
Você tão louro... Ela tão feia...
E apareceu no céu o arco de aliança
Bonito como história pra criança.

O CANTO DA JURITI

Eu ia andando pelo caminho
em pleno sertão, o cafèzal tinha ficado lá longe...
Foi quando escuitei o seu canto
que me pareceu o soluço sem fim da distância...
A ânsia de tudo o que é longo como as palmeiras.
A saudade de tudo o que é comprido como os rios...
O lamento de tudo o que é roxo como a tarde...
O chôro de tudo o que fica chorando por estar
[longe... bem longe.

ASSOMBRAÇÃO

Um morro-assombração cobre a cabeça com o lençol
[da cerração.
Os grilos batem pancadinhas de garrafa pelas touças
[de guanxuma...
Uma suinara do ôco de algum tôco,
de carão branco e voz de gente atira uma chalaça
pchiu! pchiu! está mexendo com quem passa.

Os vaga-lumes pisca-piscas a piscar na várzea espêssa
são os olhos azuis da mula-sem-cabeça.

A esta hora é que o Pai-João
que tem no rosto aquela noite de carvão com duas
[estrêlas
vai conversar com o diabo verde sob as moitas de
[caatinga...

E que acontece no outro dia?
A noite amanhecer com os olhos encarnados
de tanto beber pinga...

DEIXA ESTAR, JACARÉ

Jacaré da lagoa
você nunca estêve triste.
Você tem tudo quanto quer.
Tem água boa, é dono da lagoa.
Vai ao cinema ver a lua tomar banho
quando a lua parece, de tão nua,
um corpo branco de mulher.

Você cresceu e as lagartixas e os lagartos verdolengos
[não cresceram...
Viraram bichos de jardim.

Só você, jacaré,
foi que cresceu assim!

Mas olhe, escute uma coisa:
quando a felicidade é assim tão louca
que chega a passar da conta,
a gente deve desconfiar.

Deixa estar, jacaré...
A lagoa há de secar.

SANGUE AFRICANO

Ó meu Pai-João, por que choraste?
Olhei o negro velho, ao clarão da fogueira,
e pareceu-me ver a noite em forma humana;
e pareceu-me ver a saudade africana
crucificada numa noite brasileira...

Lá fora, no terreiro da fazenda,
a dança trágica e noctâmbula dos pretos,
de sarabanda em bamboleios de perna bamba
no resmungo sem fim do bumbo ou do urucungo
no arrasta-pé grosseiro e fúnebre do samba
que retumba na noite lúgubre que descamba:
é o chôro surdo e entrecortado do batuque,
no pate-pé que enche de assombro o próprio chão...
E a lua alvíssima derramada na restinga
pinta de cal tôda a paisagem de carvão;
nas casas de sapé, nas moitas de caatinga,
pinga na sombra qualquer coisa de mandinga
e assombração.

Ó meu Pai-João, eu sei de tôda a tua história.
Quando o navio alçou o pano ao vento da África,
algemaram-te as mãos em cadeias de chumbo;
e, no porão, olhando os astros, noite em fora,
quanta vez escutaste o longínquo retumbo
do oceano a estrangular as praias sem aurora
como um negro quebrando as cadeias de chumbo!

Depois... os cafèzais, os eitos, ó contraste!
Por entre moitas, espraiados e barrancas,
baixou a noite dos cativos e ficaste
crucificado numa cruz de estrêlas brancas!

Depois, fugiste ao cativeiro;
fundaste, à sombra dos palmares,
tua cidade livre, e com o teu próprio sangue
semeaste a redenção do solo brasileiro.

Depois... a tua redenção.

Depois que as tuas lágrimas
já se haviam juntado ao nosso coração;
e que o teu sangue já se havia derramado
nas raízes da raça enterradas no chão...

Tu tens razão... tu tens razão.
Não há nada que mais me oprima ou me machuque
o coração de brasileiro, ó meu Pai-João,
do que ouvir, pela noite negra, que foi sempre
a doce mãe dos pretos sem história,
com o seu leite de luar e o seu luto de glória,
ouvir o chôro surdo, sapateado e entrecortado do batuque!

Ó meu Pai-João, por que choraste?

E êle nem me voltou o rosto de carvão.
Como um grito de dor, dentro do coração,
pareceu-lhe escutar o clamor da senzala.
E grandes lágrimas de opala
lhe estrelaram a face negra, à hora do jongo,
como se o pobre prêto, em sua noite escura,
conseguisse acender as estrêlas do Congo...

EXORTAÇÃO

Ó louro imigrante, que trazes
a enxada ao ombro e na roupa em remendos
azuis e amarelos
o mapa de todas as pátrias!

Sobe comigo a êste píncaro
e olha a manhã brasileira
que vem despontando, na serra,
qual braçada de flôres jogada da Terra.

... e homens, filhos do sol (os índios)
homens filhos do luar (os lusos)
homens filhos da noite (os pretos)
aqui vieram sofrer, aqui vieram sonhar.

Naquele palmar tristonho
que vês muito ao longe os primeiros profetas
da liberdade, vestidos de negro,
anteciparam o meu sonho.

Mais longe descansa o sertão imortal.
A voz da araponga até hoje desata
o seu grito, transfundido em metal.
Foi onde o paulista, que nunca descansa,
fundou o país da Esperança.

Naquele rio encantado
mora uma linda mulher, de cabelos bem verdes
e bôca de amora.

Naquele mato distante nasceu Iracema,
a virgem dos lábios de mel.

Lá ao longe, ao fulgor do trópico,
o cearense indomável
segura o sol pelas crinas
no chão revel.

Lá em baixo, o gaúcho
vigia a fronteira, montado
no seu corcel.
Na paisagem escampa.

Sim, o gaúcho que viu, ao nascer,
a bandeira da pátria estendida no pampa.

Ó louro imigrante,
agarra-te à enxada,
semeia o grão de ouro
na terra de esmeralda.

E — semeador —
ó meu irmão louro,
terás a sensação, terás a graça
de um descobridor!

SOLDADOS VERDES

O cafèzal é a soldadesca verde
que salta morros na distância iluminada
um dois um dois, de batalhão em batalhão,
na sua arremetida acelerada
contra o sertão!

Manhã de terra roxa.
Manhã de estampa, ou cromo, onde a fumaça
de um trem que passa risca o céu de fogaréu.

Parece que há, nos clarins da alvorada,
alguma coisa de marcial. Longas palmeiras
lembram lanças fincadas na paisagem,
como se andasse galopando em plena serrania
uma legião alvorotada de bandeiras.

Como um zunzum de mamangava ouve-se o
[estrondo da cachoeira
a vida inteira a bater bumbo, a bater bumbo, a
[bater bumbo.

Avanhandava.

Um grande exército colorido de imigrantes,
de enxadas a brilhar ao sol revolve o chão
dando a ilusão de que a lavoura é sangue vivo
e a terra nova revolvida é um coração...

Um dia de verão, em luminosa pincelada,
inaugurou agora mesmo a nova estrada.
Acompanhando a estrada em douda disparada
os postes de carvão como espantalhos
levam seus fios telegráficos sobre os ombros.
As casas dos colonos são cartazes muito brancos
encarreirados no silêncio dos barrancos.

Bate o sol no tambor de anil do céu redondo.
O dia general que amanheceu com o punho azul
[cheio de estrêlas,
com dragonas de sol nos girassóis
comanda os cafeeiros paralelos
de farda verde e botões rubros e amarelos.
Soa nos morros o clarim vermelho da manhã.

Soldados verdes! rataplã.

MATINAL

Quando desperto
no meu quarto deserto,
no alvo beijo de luz da madrugada fria,
antes mesmo das rosas que, nas jarras,
estão cheias de luar, à espera de que o dia
cante lá fora, na folia das cigarras;
já me vem, pelos vãos da porta ou da janela,
o barulho infernal do teu piano divino!

O teu piano, que é como um doido tagarela
tagarelando, matracando o dia inteiro,
em meu destino;
o teu piano infernal, o teu piano divino
faz parte do meu ser, desde aquela sonata
que era como o cair de uma chuva insensata
à hora do incêndio matutino!

A luz, que traz do céu a alma das clarabóias,
pelos olhos quadrados da janela,
ainda não me mostrou seu incêndio de jóias,
E tu, com o teu delírio, ó criatura doida,
já pões de sobressalto a vizinhança tôda!

As próprias árvores da rua
já se esqueceram de dar flôres;
e de tanto escutar as notas de teu piano
sabem de cor os teus maxixes multicores...

Não te conheço ainda. Acredito que sejas
tão loura como o sol, tão jovial como o dia.
Teus lábios hão de ser magníficas cerejas
úmidas do frescor que a madrugada fria
serenou nos botões vermelhos da alegria...

E os teus dedos de lua futurista
serão, por certo, nas gavotas cotidianas,
tão lestos no tocar, e tão madrugadores
que as rosas escarlates do vizinho,
aglomeradas no portão, à hora do estudo,
cuidam estar ouvindo um gorjeio de flôres!
Flôres canoras! os teus dedos de veludo.

Porque as notas de luz do teu piano canoro
são uma chuva errante a cair longamente
na tristeza sem fim dêste quarto onde moro;
frio orvalho de som, pingos de ouro sonoro
de uma goteira aberta em minha calma
por êsse intencional vão de janela,
onde o sol esticou uma fita amarela...

Ó cigarra do piano! eu tenho, certamente,
um porção de pingos de ouro dentro da alma.

A ONÇA-PRETA

O' minha noite selvagem
de pêlo bárbaro e macio!

O' minha onça-preta
que vais pelo vão da ramagem
beber a água do rio caassununga
onde o vento resmunga...

O' minha onça-preta
tôda mosqueada de pirilampos!

Quando apareces pelo mato
pra beber água no rio
tôdas as árvores tremem de mêdo...
Todos os homens tremem de frio.

O' minha noite selvagem
toda mosqueada de pirilampos!

MARTIM-CERERÊ

(O BRASIL DOS MENINOS, DOS POETAS E DOS HERÓIS)

(1928)

O seu nome indígena era Saci-Pererê. Devido à influência do africano o Pererê foi mudado pra Cererê. A modificação feita pelo branco foi pra Matinta Pereira; e não era de estranhar (diz Barbosa Rodrigues, no seu *Poranduba Amazonense*) que êle viesse a chamar-se ainda Matinta Pereira da Silva.

Daí Martim-Cererê. E' o Brasil-menino, a quem dedico êste livro de histórias e de figuras.

C. R.

A môça bonita chamava-se Uiara...

Iupirungáua ramé intimahã pitúna; ára
anhũ opaí ára opé.

COEMA PIRANGA

De primeiro no mundo
só havia sol mais nada
noite não havia

Havia só manhã
uma manhã espêssa
com a coroa de plumas
vermelhas à cabeça

Só manhã no mundo
pois noite não havia
só manhã no mundo
sem nenhuma idéia
de haver noite nem dia.

Era tudo brasil
tudo era madrugada
não havia mais nada
tôdas as mulheres
eram filhas do sol
na manhã gentil

E os homens cantavam
que nem passaros nus
pelos galhos das árvores

sem noite e sem dia
porque só havia sol
noite não havia.

No começo do mundo
tudo era madrugada
tudo era sol mais nada
tudo amanhecia
permanentemente
num imenso arrebol.

Sem ara nem pituna
sem noite e sem dia
cantava o tiepiranga
num ramo de sol
sem nenhuma idéia
de uma noite haver noite
ou de um dia haver dia.

Mas dois frutos havia
e num dêles morava
a Noite no outro o Dia
mas ninguém sabia
em que galho em que arbusto
é que a Noite estaria
e onde estava o dia.

Não havia o mêdo
de perder a hora
ou contar-se um segrêdo
só havia sol se rindo
se rindo grande e real
como um ruivo animal
dentro do matagal.

De primeiro no mundo
noite não havia
tudo era um mesmo dia
de tanto sol que havia
era o tempo imóvel
não havia esta coisa
chamada noite e dia
só havia sol mais nada
noite não havia.

De primeiro no mundo
noite não havia.

UIARA

Mas havia,
no País das Palmeiras,
que era todo um rumor
de água clara
e de alegria matinal,
uma estranha mulher, muito rara,
como ainda não houve no mundo
outra igual:
cabelo verde, olhar de ouro.

Chamava-se Uiara.

AMOR SELVAGEM

Então Aimberê
nascido e crescido
sem nunca chorar,
metido na sua
tanga de jaguar,
viu ela no banho
e — guerreiro môço —
se pôs a tocar
numa flauta de osso,
vil, rudimentar,
esta toada triste:
quero me casar.

Quero me casar
mas é com você.
Trança côr do mato,
ólho flor do ipê.

Sou o Rei do Mato.
Quero me casar
mas é com você.

E o pobre tapuia
metido na sua
tanga de jaguar
se pôs a chorar
sem saber por quê.

SEM NOITE, NÃO

"A manhã é muito clara...
Não há Noite na terra...
O Sol espia a gente
pelos vãos do arvoredo...
Sem Noite, francamente,
não quero me casar
porque não há segrêdo...
O que há são olhos, olhos
em que o Sol se reparte.
Olhos que espiam tudo
pelos vãos do arvoredo...
Olhos por tôda parte!
Casar? nem por brinquedo.
Não é porque me queixe
mas o Sol, sem-vergonha,
até debaixo d'água
quando vou tomar banho
brilha mais do que um peixe.
Os troncos têm orelhas
sôbre a casca, vermelhas,
e contam tudo às fôlhas,
que ouvem o que se diz;
e as fôlhas, que são línguas
verdes e bem afiadas,
contam ao vento; e o vento
que não guarda segrêdo

conta depois aos bichos
que moram no arvoredo;
e os bichos, aos cochichos,
contam ao mato, e o mato
chama o Sol, linguarudo,
e conta tudo... Tudo.

Se você, meu amigo,
quer se casar comigo,
tenho uma condição.
E' haver Noite, na Terra.

Sem Noite, não e não".

RELÂMPAGO

A onça-pintada saltou tronco acima que nem um re-
[lâmpago de rabo comprido e cabeça amarela: zás!
Mas uma flecha ainda mais rápida que o relâmpago
[fêz rolar ali mesmo
aquêle matinal gatão elétrico e bigodudo
que ficou estendido no chão feito um fruto de côr
[que tivesse caído de uma árvore!

O CARÃO

Só o Carão, êsse não quis
sair do seu lugar
e se pôs a chorar,
infeliz:
"Eu não mudo de penas!

Eu não me lembro
de ter sido criança um dia apenas.

Desde que me conheço sou assim:
nunca tive começo e não sei do meu fim.

Nunca tive saudade
pois não fui outra coisa na vida
senão isto que sou; nunca tive esperança
porque nunca serei outra coisa na vida
senão o que já fui.

Vão vocês, que acreditam na Noite
e noutras muitas cantilenas.

Eu não.
Eu não mudo de penas.

Upain, uirá etá
u ricó puranga acaiú
iuaiaué u cucui i pepó
etá".

ONDE ESTÁ A NOITE?

Em nome do seu povo
Aimberê vai ao Carão:
"Onde está a Noite? eu quero
a Noite."

— Pituna mora no óco
do pau, na barriga do côco.
A Coruja que mora
no ôco do tôco sabe onde.

E em nome do seu povo
Aimberê vai à Coruja
que também não responde.

"Onde está a Noite? eu quero
a Noite."

— Pituna mora no fundo
da água maior que houver no mundo.
O Bôto, que se esconde
no buraco do mundo sabe onde.

Então o Bôto responde:
"Pituna virou onça-preta;

o sol virou em arara
e a onça comeu o sol."

Mas onde?

Só um eco responde :
onde?

A COBRA GRANDE

Até que ao fim da estrada
no sítio acaba-mundo
por onde conduzira
as tribos da manhã,
o Rei do Mato encontra
a Cobra Grande que
se disse sua irmã.
Então a Cobra Grande
lhe fala: "eu tenho a Noite".

E dá-lhe um encantado
fruto de tucumã.
"A Noite mora ao centro
desta fruta do mato,
que é espinhenta por fora
mas divina por dentro..."
(E em seu olhar fulgia
o abismo da manhã).

"Vá por êste caminho
mas não abra o segrêdo
antes da hora marcada,
pra seu amor não ser
simples palavra vã.
Que se abrires o fruto
por encanto ou por mêdo
você terá o castigo

terrível, absoluto,
que te dará Tupã.

Cantará a jaçanã.
E tôdas as corujas
que são filhas da Noite
sairão dos seus ocos
e sujarão a cara
formosa da manhã.

E a Noite que está dentro
dêste maravilhoso
fruto de tucumã,
virará Onça-Preta.
E tudo será Noite
de não se ver mais nada.
E você, Rei do Mato,
depois de tanto afã,
ficará o vagabundo
do sítio acaba-mundo.
E vagará, à toa,
à frente do seu povo
de rechã em rechã,
na grande Noite cega,
sem amor, sem cunhã."

E enquanto a Cobra Grande
falava, o Sol se ria.
Sol coisarrão, Sol nu.
Sol de mitologia.
Com cinco labaredas
de alegria pagã,
prêsas, qual cinco dedos,
ao fim de cada braço
girassol da manhã...

A ONÇA-PRETA

Aimberê, o Rei do Mato,
noivo da Môça Bonita
que tinha o nome de Uiara,
voltou pra casa, contente,
fabulosissimamente,
seguido por seu exército
com a Noite dentro do fruto
e a madrugada nos olhos...

E encontrou o pererê:
"Idiota, você não vê
que a Cobra Grande te deu
um ôco, dentro do côco?"
Êle ouviu e não fêz conta.
Até que, no seu caminho,
onde parou, assuntando,
pra descansar um bocado,
mordido pela formiga
verde da curiosidade,
levou o fruto ao ouvido
pra ouvir o canto da Noite;
e ouviu o obscuro gorjeio
que gorjeava, sem manhã,
lá no escuro, lá no centro
do fruto de tucumã,
dizendo "moro aqui dentro

pois sou um pássaro cego"
— "Bicho Peludo da Noite
que tens um ôlho na testa,
o meu povo te pergunta
se a pergunta não é louca:
que enorme segrêdo é o teu
que cantas mas não tens bôca?"

E, por encanto, ou já tonto,
porém já sem inocência,
abre o fruto proibido
e pronto!

Salta de dentro a Onça-Preta!
— Cadê o Sol?
— A Onça-Preta comeu.

— Cadê a Arara?
— A Onça-Preta comeu.

— Cadê a Noite?
— Ah! a Noite sou eu.

FON-FIN, CULÓ!

E a Noite se fêz, mas
apenas em seu corpo.
E êle ficou no mundo
sem caminho, sem noiva,
ora adiante, ora atrás.
Noite em seu corpo apenas.
Não lá fora, no dia
onde o Carão dizia:
bem faço eu, seu japó,
que não mudo de penas.
Noite em seu corpo apenas,
pois lá fora o sol ria.

Sol nu, Sol carijó.

Contente por ser dia
e só: sou eu, só, só.

O chão também se ria
pela flor de um cipó.
E o Jabuti tocava
flauta: fon-fin, culó!

Certo dia, chegou um marinheiro e quis casar com a Uiara...

Gente assim como nós da côr do dia.

CAMÕES
Os Lusíadas — Canto V

A PRIMEIRA PERGUNTA

Até que um dia
o monstro marinho
que se mexia, subindo e descendo,
dentro do anil redondo d'água,
desenrolou os seus músculos de ondas na praia
e o marinheiro
que atravessara o Mar da Noite
saltou dos ombros dêle
na manhã verde-clara:
— faça o favor, é aqui que mora d. Uiara?

O "ACHAMENTO"

A terra é tão fermosa
e de tanto arvoredo
tamanho e tão basto
que o homem não dá conta.

No clarão matutino
os tucanos, trombudos,
eram como figuras
a lápis encarnado
e que houvessem fugido
do caderno escolar
em que Deus aprendia
desenho, em menino.

Tupis em alvoròço,
tribos guerreiras, mansas,
troféus verdes na ponta
dos chuços e das lanças.
Jequitiranabóias.
Colar de osso ao pescoço,
vermelhas araçóias,
cocares multicores.
Cada qual com o seu sol
de plumas à cabeça.
Guerreiros da manhã
que haviam já descido

dos Andes à procura
da Noite, que estaria
para os lados do Atlântico.
Agora se debruçam,
reunidos, ombro a ombro,
sôbre a Serra do Mar,
e espiam, com assombro,
o dia português
que saltara das ondas
qual pássaro marinho
ruflando a asa enorme
das velas redondas
por errar o caminho,
e os homens côr do dia
que saíram de dentro
do pássaro marinho!
E em nome do seu povo,
sem saber se quem chega
é fidalgo, ou plebeu,
anjo de côr bronzeada,
cabelo corredio,
nu, listado em xadrez,
tal como Deus o fêz,
vem o dono da casa
e oferece o que é seu:
águas, cobras e flôres!

Nisto a manhã louca
grita: "bem te vi!"
E o Marinheiro branco,
coração já confuso,
ouve, maravilhado,
no gorjeio de um pássaro,
o idioma que, com pouca
corrupção, crê que é luso.

Como explicar que uma ave
de país tão agreste,
diga que bem me viu,
se tu, ó Pai celeste,
não houvesses previsto
que a terra dadivosa
seria descoberta
por quem a descobriu?

Parece que dois povos
tinham marcado encontro
à sombra de tal Serra,
nessa manhã sem-par.
Um, que vinha do Mar
seguindo a lei do Sol,
em busca de um tesouro
chamado Sol da Terra
(um novo Tosão de Ouro);
outro, vindo da Terra
para os lados do Atlântico
à procura da Noite
como se adivinhasse,
por estranha magia,
que havia o Mar da Noite.

Pois no fundo das águas
é que a Noite estaria.

DECLARAÇÃO DE AMOR

Eu vim do mar! sou filho de outra raça.
Para servir meu rei andei à caça
de mundos nunca vistos nem sonhados,
por mares nunca de outrem navegados.
Ora de braço dado com a procela,
ora a brigar com os ventos malcriados.
Trago uma cruz de sangue em cada vela!

Na crista da onda, em meio do escarcéu,
na solidão azulada e redonda,
quanta vez me afundei no inferno d'água
ou com a cabeça fui bater no céu!
Simples brinquedo em mãos da tempestade
fabulosa ambição me trouxe aqui.
A ambição pode mais do que a saudade...
Ambas que foram ver, quando eu parti.

A saudade abraçou-me, tão sincera,
soluçando, no adeus do nunca-mais.
A ambição de olhar verde, junto ao cais,
me disse: vai que eu fico à tua espera!
E agora, ó Uiara, eu sou um rouxinol.
Épico só no mar, lírico em terra,
quero gorjear à beira do regato
e o teu beijo colhêr, fruta do mato,
no teu corpo pagão, quente de sol.

E agarrar-me aos teus seios matutinos,
nauta que amou centenas e centenas
de ondas em fúria e veio naufragar,
depois de tudo, em duas ondas morenas,
que valem mais, em sendo duas apenas,
do que tôdas as ondas que há no mar.
Que importa a nós as brejaúvas más,
na virgindade insólita onde fechas
o teu supremo bem — invio tesouro,
vigiado pelas onças de olhos de ouro —
guardem seus cachos roxos entre flechas
e eu beba a água que o sertão me traz
nas fôlhas grossas dos caraguatás?
Que importa, no ar, papagaios em bando,
ou araras pintadas, dêem risadas,
por nos verem assim, falando a sós,
tu da côr da manhã, eu côr do dia,
se os pássaros do amor e da alegria
a todo instante pousarão cantando
nas coisas que te digo, em minha voz?
Eu vim do mar! sou filho da procela.
Trago uma cruz de sangue em cada vela.
Para sentir a glória de te amar,
lôbo do oceano acostumado a tudo,
épico só no mar, lírico em terra,
estenderei o couro de um jaguar
sôbre êste chão que ficará um veludo
mais verde, mais macio do que o mar...
No mar, o bravo peito lusitano.
Em terra o amor em primeiro lugar.

E tão grande há de ser a nossa luta
sôbre o leito trançado de cipós,
que a Noite cairá, pesada e bruta,
suando pingos de estrêlas sôbre nós!

A MISSA E O PAPAGAIO

Stella matutina...
Bem que vem de Belém...
Corrupaco, papaco.

Refugium peccatorum...
Bem que vem de Belém...
Corrupaco, papaco.

Terra papagalorum...
Bem que vem de Belém...
Corrupaco, papaco.

Na manhã enrediça,
rosatinga, risonha,
há um frade que soluça
dizendo a sua missa
entre as crianças grandes
da Terra sem pecado
e quase se debruça
no auge do seu latim
emitte lucem tuam
e um Sol nu, Sol-cacique,
dançando ao pé da cruz
andirá juparí,
umucú ce ratá
quer forçar frei Henrique
a um gole de cauim.

Depois acaba a missa
e então os papagaios
voltam, todos, pro mato,
já falando latim...

LADAINHA

Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome
de ilha de Vera Cruz.
Ilha cheia de graça
Ilha cheia de pássaros
Ilha cheia de luz.

Ilha verde onde havia
mulheres morenas e nuas
anhangás a sonhar com histórias de luas
e cantos bárbaros de pajés em poracés batendo os pés.

Depois mudaram-lhe o nome
pra terra de Santa Cruz.
Terra cheia de graça
Terra cheia de pássaros
Terra cheia de luz.

A grande Terra girassol onde havia guerreiros de tanga e onças ruivas deitadas à sombra das árvores mosqueadas de sol.

Mas como houvesse, em abundância,
certa madeira côr de sangue côr de brasa
e como o fogo da manhã selvagem
fôsse um brasido no carvão noturno da paisagem,

e como a Terra fôsse de árvores vermelhas
e se houvesse mostrado assaz gentil,
deram-lhe o nome de Brasil.

Brasil cheio de graça
Brasil cheio de pássaros
Brasil cheio de luz.

A Uiara lhe disse:
— vá buscar a Noite; sem noite, não.

...os povos a quem nega
o filho de Climene a côr do dia.

CAMÕES
Os Lusíadas — Canto V

O "SOL DA TERRA"

E a Uiara que nunca ouvira
declaração de amor tão cheia
de rouxinóis e outras espécies de mentira
assim falou, ao novo pretendente:

"A manhã é muito clara.
Não há Noite na terra
(Pois de primeiro não havia Noite,
era só manhã que havia)
Só existe o Sol da Terra
que mora por trás da Serra
e espia tudo o que se faz
pelos vãos da folhagem...
Se a gente brinca no banho
o Sol da Terra vem espiar
pra se rir de nós, depois;
se bugre brinca com bugra
o Sol da Terra quer saber
o que se passa entre os dois...
Assim, não quero me casar.
Vivo nua, ouço os cochichos
do mato, a risada dos bichos
que o Sol traz, para me espiar.
Quem quiser me desposar
tem que trazer a grande Noite
que mora no mar:

tem que subir a grande Serra
    que é a Serra do Mar;
tem que apagar o sol da Terra
com a Noite vinda do mar...

Não há Noite na Terra e — francamente —
sem Noite não me caso com você.
Só casarei com aquêle que primeiro
    me trouxer a Noite.

Vá buscar a Noite..."

ONDE ESTARIA A NOITE?

Mas como poderia
alguém achar a Noite
onde tudo era Sol?
onde não se pensou que houvesse Noite?
onde a manhã, feliz, sem concorrência,
andava sôlta pelo matagal?
onde uma permanente madrugada
espiava tudo por milhões de olhos vermelhos?
onde só havia Brasil e mais nada?

Pois a Noite estaria,
não mais no País das Palmeiras,
nem no fundo das Águas,
mas numa terra, ainda mais longe,
"onde jazem os povos a quem nega
o filho de Climene a côr do dia".

O macachera, de cabelo côr de fogo,
botou pra fora da caapunga o cabeção de sangamonga
e madrugou no pé por moitas de aguapé.
A floresta soltou um grito de araponga
diante do mar!

Então o novo pretendente,
épico só no mar, lírico em terra,
partiu em seu navio aventureiro
e foi buscar a Noite...

PRALAPRACÁ

E começa a longa história
do navio que ia e vinha
pela estrada azul do Atlântico:

Ia, levando pau-brasil
e homens côr da manhã, filhos do mato,
cheios de sol e de inocência;
vinha trazendo degredados...

Ia, levando uma esperança;
vinha trazendo foragidos de outras pátrias
para a ilha da Bem-aventurança.

Ia levando um grito de surprêsa,
da terra criança;
e vinha abarrotado de saudade
portuguêsa...

O NAVIO NEGREIRO

E o Navio Aventureiro
que trouxe o Descobridor
e que trouxe o Povoador
e que trouxe o Caçador
de Papagaio
e o ladrão de Pau-Brasil
era um navio encantado
que ia e vinha
pela estrada côr de anil;
conhecia o Mar da Noite
e tanto vai tanto vem
que trouxe a Noite também...

E qual não foi a alegria
da Uiara na manhã clara!
no instante em que o marinheiro
saltou do Atlântico em primeiro
lugar e logo depois
fêz descer de dois em dois
uns homens tintos retintos
que haviam trazido a Noite.

Cada qual mais resmungão...
Chegaram todos em bando.
Uns se rindo, outros chorando.
Vinham sujos de fuligem...

Vinham pretos de carvão
como se houvessem saído
de dentro de algum fogão.

Mais escuros do que breu.
Com êles aconteceu
o que acontece ao carvoeiro
trabalhando o dia inteiro
dentro de tanto negrume
que quando sai da oficina
sai que é um carvão com dois olhos
de vaga-lume...

Vinham sujos de fuligem...
Tinham a tinta da origem
nas mãos, nos ombros, na face:
como se cada figura
de negro fôsse um fetiche
que a treva pintou de piche
marcando-lhe a pele escura
a golpes cruéis de açoite
para que todos soubessem,
bastando vê-los, que haviam,
realmente, trazido a Noite.

Vinham de outro continente
onde jaziam os povos
a quem, misteriosamente,
Deus negara a côr do Dia...
Homens pretos picumã
de cabelo pixaim.
Por terem trazido a Noite
ficaram pretos assim.

NOITE NA TERRA

Cabelo assim, pixaim.

Falando em mandinga e candonga.
Desceram de dois em dois.

Pituna é bem preta:
pois cada prêto daqueles
era mais prêto que Pituna.
Asa de corvo ou graúna
não era mais preta
cruz-credo, figa-rabudo,
do que preta mina
que chegou no Navio
Negreiro.

Carvão destinado à oficina
das raças.

MÃE PRETA

Ouviu-se uma voz de chôro
dentro da noite brasileira:
"druma ioiózinho
que a Cuca já í vem.
Papai foi na roça
mamãe logo vem."

E a Noite pôs em cada sonho de criança
uma porção de lanterninhas de ouro.
E o dia era um bazar, onde havia brinquedos,
bolas de juá, penas de arara ou papagaio;
dia-palhaço oferecendo os seus tucanos de veludo.
Árvores-carnaval que jogavam entrudo.

Cada criança, ainda em botão,
chupava ao peito de carvão de uma ama escrava
a alva espuma de um luar gostoso, tão gostoso,
que o pequerrucho resmungava
pisca-piscando os dois olhinhos de topázio
cheios de gôzo.

Parou o bate-pé dos pretos no terreiro.
Lá fora anda a invernia assobiando assobiando...
O céu negro quebrou a lua atrás do morro.
Quem é que está gritando por socorro?

Quem é que está fazendo êste rumor?

As fôlhas do canavial
cortam como navalhas;
por isso ao passar por elas
o vento grita de dor...

(O céu negro quebrou a lua atrás do morro)
"Druma ioiôzinho
que a Cuca já í vem.
Druma logo meu bem,
papai foi na roça
mamãe foi também.

DANÇA EM VOLTA DO FOGO

São Cristo-sinhô!
que Oxalá já chegou
pra dançar na macumba;
que veio Xangô!
que a sua mucama
cabinda ou macua
chegô.

Chegou já fecunda
espremendo o seu leite
pra Zozé, Columi
e Ioiô.

Chegou amarrada
tremendo de frio
no porão do Navio...
chegô.

Chegou quase nua...
chegô.

E como o marinheiro lhe houvesse trazido a Noite, a Uiara casou com ele.
Então nasceram os Gigantes de Botas.
Vermelhos, pretos e brancos.
Que sururucaram no mato...

Por têrmos nunca usados nem sabidos
cortando matos e arrasando montes.

DIOGO GRASSON TINOCO

Jasão disse:

— "Volte quem quiser que eu, ou não tornarei à Grécia, ou levarei comigo o Tosão de Ouro."

APOLÔNIO RHODIO
Os Argonautas

...draconem
qui custos erat Arietis aurei.

OVÍDIO
Metamorfoses

"CONJUGO VOBIS"

E ali mesmo, na praia,
ante um altar forrado de onça
e entre vergonhas assustadas
um jesuíta canário,
chamado Anchieta, e também vindo
dentro do Pássaro Marítimo,
celebra o casamento do homem branco
(que viera cavalgando uma onda azul)
com a mulher mais bonita do mundo
(cabelos verdes, olhos amarelos).

"Conjugo vobis."

E ali mesmo, na praia,
sob o escândalo dos pássaros palradores
Deus diz: "faça-se a Noite."
E cada vez que os dois se beijam
na manhã clara, faz-se a Noite.

E ali mesmo, na praia,
logo não há recanto onde se não acoite
um nauta português com a sua bugra
fechando os olhos e fazendo a Noite...

E AGORA? E A SERRA DO MAR?

E agora? e a Serra do Mar?

E logo os três, santo Anchieta
(com os seus trinta Anjos da Guarda)
e mais o velho Marujo
(Cabral me contou e eu vim)
e sua mulher, a Uiara
(cabelo verde, olhar de ouro)
subindo pela parede
azul e perpendicular
por um caminho terrível
(caminho jogado no ar)
sobem a Serra do Mar.

E, então, sem olhar pra trás,
pés carregados de abismo,
o Marujo, o Santo e a Uiara
chegam ao fim da subida;
e então olharam pra baixo.

E só em olhar supuseram
que estavam, os três, azuis.
Tão alto, tão longe estavam...
Olhos cheios de lirismo.
Pés carregados de abismo.

Como todo santo, Anchieta
tocado de graça estranha
quer é o alto da montanha.
Onde possa, a qualquer hora,
montar o dorso do rio
que por bem de Deus exista
em oposição ao Mar.
para ir brincar com o gentio
que dentro do sertão mora;

ou embarcar numa nuvem
para ir ver Nossa Senhora...

INFORMAÇÃO SÔBRE A SERRA DE OURO

"Havia um grande rio
além do qual uma serra
que resprandecia lá longe
e era muito amarela.
Por causa do seu resprendor
a chamavam Sol da Terra.
E por muito temerosa
ninguém passava perto dela."

A NOITE VERDE

E agora? e depois da Serra
azul e perpendicular
que do céu caiu no mar?

Estavam os três à porta
do Sertão em cujo centro
ninguém poderia entrar.
E a Uiara, chamando Anchieta
humilde, em sua roupeta,
e Martim, lôbo-do-mar,
irmão mais velho do vento,
mas agora seu marido,
por amor, por valimento,
lhes disse: espiem lá dentro.

E logo o Marujo e Anchieta,
ambos de olhos coruscantes
espiaram, por um vão de árvore,
tudo o que tinha lá dentro;
com a mesma curiosidade
que levou o Rei do Mato
a abrir, naquela manhã,
o fruto de tucumã.
E viram lá dentro, viram,
o Sol, saindo da Terra,
da mesma forma que a Serra

no alto da qual se encontravam
tinha saído do Mar.

E viram lá dentro, viram,
o Tietê filho da Serra,
que corria atrás do Sol...
Quem de sua água bebesse
(marinheiro, de onde vieste?)
matava a sêde do corpo
mas adquiria outra sêde
muito mais grave, a do oeste.
Sêde de só caminhar
pelo continente adentro
em oposição ao mar.

E espiaram de novo, e viram,
lá dentro, num fim de mundo,
onde gorjeava o "sem-fim",
léguas e léguas dormindo
sem ninguém mexer com elas,
bichos grossos, que viviam
bebendo seiva, água virgem,
leite de lua, cauim,
ainda agarrados nas têtas
de grandes árvores pretas,
ou enroscados no tronco
do sertão compacto e bronco
em cuja unanimidade
um pássaro, ainda bíblico,
cantava: fon-fin, culó!
e o homem era irmão de tudo,
pois tudo era um mundo só.

E espiaram de novo, e viram,
e viram o Corinqueã

tão grande que não existia.
Conheceram a Mãe-d'Água
cujo mais doce carinho
era fazer seu próprio noivo
se afogar em redemoinho.
E o Minhocão, salpicado
de Sete Côres, que bebia,
num só trago, a água de um rio.
E o Bicho de Sete Caras,
cada cara com a sua côr.
E o Ipupiara, mais temido
que o gigante Adamastor.

E a Giboiuçu que à noite
chupava o leite à cunhã,
pondo a cauda como têta
na bôca do pequerrucho,
faz de conta, faz de conta,
quando se via era manhã.

E espiaram mais longe e viram
o próprio Sertão antropófago,
glutão, comedor de gente,
lambendo os beiços de gôsto,
à hora de cada almôço;
êle no centro, onças por volta,
êle comendo coração
de prisioneiro, e elas, as onças,
brigando por causa do osso.

Ainda tinha, lá dentro,
no Sertão de Nunca Dantes
(simples mataréu medonho
onde o Brasil não passava
de um maravilhoso sonho)

o mostrengo Matuiú.
Matuiú, traidor da Terra,
aliara-se com o Pirata
de Olhos Azuis, vindo do mar.

E a Terra, onde o próprio rio
nascera de costas pro mar,
deu-lhe um tremendo castigo.
O de fazê-lo caminhar,
rosto voltado pra leste
e dedos dos pés pra oeste.
De modo que, quando o dito
fôsse em caminho do mar,
no chão ficasse o seu rasto,
dando o dito por não dito.
Dizendo que não e não...
Dizendo que êle era filho
não do mar mas do Sertão.

E os índios em bando, coroados de penas;
O grito do mato habitado por bichos de tôdas as castas, com borboletas de tôdas as côres, com urros de feras famintas nas tocas, com cobras de fogo a correr pelos vãos da paisagem;
e todo o tesouro ainda virgem da Terra;
e o Sertão que trancava a passagem
— "aqui ninguém entra, quem manda sou eu!"
com as raízes da vida enterradas no chão.

O sertão!
O sertão!

LUA CHEIA

Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.

E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho...

A RAÇA NOVA

Mas o Marujo português havia casado com a Uiara e pronto! nasceram os Gigantes de Botas.

Que a princípio eram três.

Heróis geográficos coloridos que irão cruzar o chão da América misteriosa ainda oculta, em todos os sentidos.

Gigante tostado no sol da manhã;
Gigante marcado com o fogo do Dia;
Gigante mais prêto que a Noite;

todos três,
cada um valendo por três,
e mais uma fôrça que parecia condensar o empurrão da montanha ou o impulso, trazido do Mar;

todos três,
brutais como Deus os fêz,
o homem da Terra, com o seu nomadismo;
o homem do Mar, com a sua carga de aventura;
o homem da Noite, para afrontar o sol dos Trópicos;

todos três
e todos de uma só vez,
calçaram Botas Sete-Léguas
e entre a voz que chamava (a magia)
e outra voz que mandava (a ambição)
e uma outra, que não discutia (a obediência)

todos três
de mãos dadas
e pela primeira vez,
deuses-bichos, com barba de cipó,
depois de haver bebido em grandes goles
a água do rio que nascera
correndo pra dentro da terra e de costas voltadas pro mar;
era uma vez...

todos três
bateram à porta do sertão antropófago num tropel formidável: "nós queremos entrar!"

Estavam no alto da montanha.
Nenhuma pedra lhes prendia os pés.
E lá se foram
todos três.

TROPEL DE GIGANTES

E a vila que se fundara
por trás do muro da Serra
(a princípio eram só três)
logo é um covil de Gigantes.
A cavaleiro do mato,
que é o sertão de Nunca Dantes.
Felpudo, trancando a Terra;
e espêsso, na manhã clara.
E os Gigantes, nunca vistos,
e seus filhos numerosos,
nascidos no alto da Serra,
têm nomes tão sugestivos
que lembram caricaturas
de suas próprias figuras.

Quem são êles? quais seus nomes?
Os Sardinhas, pai e filho.
Os três Fernandes: André,
Domingos e Baltasar.
Botafogo, André de Leão
de juba atirada ao vento.
Outro se chama Rapôso,
feroz, calçudo, briguento.
(Rapôso, pra entrar no mato,
assina logo um contrato
com a morte, o seu testamento)

Manuel Prêto que, de prêto,
só tem o nome, dá a idéia
de ir deixando tudo prêto.
Borba Gato lembra um gato
rajado de ouro, que salta
no peito de um Moribeca,
à hora certa, em pulo exato.
Fernão é o gigante louro
que, em vez de caçar o bugre,
vai é à caça da Esmeralda.
Anhangüera é o Diabo Velho
carantonha verde-crua,
que tem um ôlho de sol
e outro, branco, como a lua.
E o Gago? e o Tumurucaca?
E o rude Pascoal Moreira
fronteiro do mato em grosso?
E o Pay Pirá? e o Caga-fogo
de sobrancelha vermelha?

E Domingos Jorge Velho
de colar negro ao pescoço?
E o Manco? e o Jaguaretê?
E o Polaio, e o Pé-de-Pau?
E o Apuçá? o Bixira, e "El-Tuerto"?
E o Negro, "Tuerto de un Ojo"
que irá surrar o espanhol?
E uns após outros, faiscantes
"nós nunca fomos vassalos!"
formando uma nova gente,
que o mundo não tinha visto
antes e depois de Cristo
partem, com as suas bandeiras
que são grupos aguerridos
de brancos, índios e pretos,

todos nascidos de novo
no sangue de um mesmo povo,
cada um valendo por três,
ou todos de uma só vez,
partem levando nas botas
um barulhão matutino
para o mais vário destino...

NA MANHÃ GIRASSOL

Que vão fazer tais Gigantes,
figuras de barro vivo,
sem lógica, na manhã
dêsse universo girassol?

Vão matar os bichos todos...
Vão buscar o couro da Onça...
Vão caçar o dragão de Ouro
que se chama Pai do Sol.

Que vão fazer tais Gigantes,
cheios de estranho destino,
tendo o horizonte nos olhos
e tão engraçados de nome?
Tão rápidos na partida
que, se um azula, outro some?

Vão ficar verdes por dentro...

Vão morrer azuis de fome...

INFORMAÇÃO SÔBRE ESMERALDAS E PRATA

I

A pedreyra é verde.
O ryo que sai da pedreyra tem a água verde.
As hervas que dentro dêle se criam são verdes
Athé o peixe aly é verde.

II

"Se há prata no Peru
e se a terra é toda huma
tem que haver prata no Brasil
por boa rezão de filosofia."

REIS MAGOS

E pra ouvir a sua história,
vieram três reis encantados:

um vermelho, o que lhe trouxe
a manhã como presente;

outro branco, o que lhe havia
feito presente do dia;

outro prêto, finalmente,
rosto cortado de açoite.
O que lhe trouxera a Noite...

O "SEM-FIM"

A barraca ambulante,
as arrôbas de pólvora e balame,
os enxós, as enxadas,
as bateias, as cuias,
as foices, as rêdes de embira,
as bruacas de couro, os anzóis,
os gibões de algodão,
os facões, os machados,
e uma viola de pinho...
e que mais?

E chumbo com armas de fogo
mosquetões, escopetas,
pra espantar o selvagem;
batelões pra transpor quantos rios topassem na viagem;
provisões nas sacolas de couro pra cinco jornadas,
sapatões pra duzentas estradas,
chapelão pra dez anos de sol e de chuva;
e o Tietê, que nascera correndo pra dentro
da terra e de costas voltadas pro mar
conduzindo pirogas morenas
com homens de bronze formando bolotas de músculos
no peito e nos braços,
pra onde vão? não sabemos
é uma voz que nos chama
e é esta voz que dirá nosso fim.

E os Gigantes partindo pro mato
um por um; vocês rezem por mim!

Longe, apenas um canto de pássaro
dizendo "sem-fim"...

O GIGANTE N.º 1

I

Quem vem lá? André de Leão.
Que deseja? O sol da Terra.

E por um vão matutino
lhe aparece o Corupira
logo à porta do Sertão.
Corupira, ou Cererê,
Cererê, Brasil-menino.
Dentes verdes, o cabelo
mais vermelho do que brasa.
"O caminho é por aqui.
Suba primeiro esta grota...
depois aquêle espigão.
Êste é o caminho da casa
onde mora o Sol da Terra.
Por êle é que todos vão..."

E indo logo, sempre adiante
de André de Leão, o Gigante,
pra lhe mostrar o caminho,
o Demônio da Floresta
vai é ensinando os cipós
a dar nós cegos no chão.
Vai é ensinando os riachos
a promover redemoinho.
Vai é dizendo no ouvido

das onças que aquêle intruso
aquêle homem rutilante
de uma raça côr do dia
é que é bom pra ser comido.
Mas, eis que a uma certa altura
já se vão duzentas léguas
a viagem, que ia tão rica
de enrêdo, se modifica.
E o Demônio, que ia à frente
do Bandeirante, sagaz,
agora caminha é atrás.
Feliz por ter conseguido
ensinar caminho errado
ao intruso mais sabido,
apaga-lhe o rasto às botas
pra deixá-lo sem futuro.

Que adiantaria ao intruso
saber demais, num sentido
e noutro ficar no escuro?
Saber grego, ser sensato,
sem saber andar no mato?

Então um da tropa escuita
certo gorjeio confuso...
Não é pássaro, é a mãe-d'água
que canta numa lagoa
lá num cafundó-do-judas
por arte do Corupira.
E logo o da tropa encontra
não o gorjeio que ouvira
mas o urutu, cruz na testa,
que ao seu pescoço se atira.
Outro que ia caminhando
e abrindo penosas brechas

no verde bruto enrediço
ao passar por umas arvores
cai ao chão que nem ouriço,
corpo crivado de flechas.

Onde estás, ó Sol da Terra?

II

E André de Leão recomeça
a viagem longa e penosa...
Em cada gorjeio ou canto
há uma alegria funesta.
Que ali, no fundo do mato,
aonde ninguém penetrara,
por arte do Corupira
a morte é sempre uma festa.

Ali, o tamanduá-bandeira,
por estranha gentileza,
ao vê-lo penando tanto
já de coração tão ralo,
quer, entre todos os bichos,
ser o primeiro a abraçá-lo.

Ali, o inimigo traiçoeiro
mora oculto sob as flôres...
Ali moram alvoradas
em forma de onças-pintadas
e os pensativos tucanos
lembram pássaros humanos.

Ali, as catástrofes brincam
sob as mais chistosas côres.

Ali, o índio carniceiro
não gosta de prêsa incauta.
Quando come um prisioneiro
tira-lhe um osso da perna
e já sai tocando flauta.

Quantas noturnas insídias
num simples ramo de orquídeas!
Um tronco, junto do qual
se faz fogo, sai andando.

Rubro colar de rainha
ao ser achado, caminha...

Um negro foge, rapta uma índia
que estava nua no mato;
quer obrigá-la a ser sua.
Mas vai a escolta buscá-lo
e já o bem-te-vi, exato,
com o seu enorme alarido
conta onde êle está escondido.
E volta o prêto, amarrado
com índia e tudo, gritando
bem-te-vi amaldiçoado!

E André de Leão, que tem pressa,
chama os seus Anjos da Guarda,
côr-de-rosa, ou invisíveis,
de mistura com os seus bugres
que são crianças incríveis
(anjos do céu maneluco)
cada qual com o seu trabuco;
e a jornada recomeça.

Onde estás, ó Sol da Terra?

III

Nossa Senhora anda braba...
viagem que nunca se acaba!
O padre caminha em rêde;
gente rica, na cidade,
só anda de palanquim.
Santo só anda nos ombros
dos pecadores, não sabe
o que é andar a pé, no mato,
cheio de estrepes, assim.
Dormir, êle já não dorme,
capaz que a insônia lhe deixe.
Chorar êle já não chora
de tão pobre, de tão rôto,
pois já gastou todo o pranto
em chorar quando garôto.

E porque fêz testamento
já vai todo dividido
em seus futuros destroços.
Deixo ao sertão o meu rosto,
magro de tanto desgôsto.
Ao fisco deixo o meu suor.
Ao Sol reservo o meu sangue
e à lua, que menos brilha,
nessa futura partilha
que posso deixar? os ossos.
Minha mãe, Nossa Senhora,
arrimo de que me valho,
bendita sois entre os pássaros
que cantam de galho em galho.

IV

E é tanta a conspiração
que André de Leão adormece
em sua rêde de embira
por ter tomado cauim.
E o Corupira, o pequeno
deus mágico da floresta
(Deus foi demônio em menino)
que embebedara o Gigante
pé ante pé, até que enfim,
bleifando os Anjos da Guarda
lhe surripia o roteiro
que êle trouxera escondido
numa bruaca de couro.
Quando o Gigante abre os olhos
tonto de tanta mentira
já está prêso, sem roteiro,
sem Sol da Terra, sem nada,
na cruz de uma encruzilhada.

Onde estás, ó Sol da Terra?
O Caapora, satisfeito,
acende o enorme cachimbo
no lume de um vaga-lume,
lhe vindo, não sabe de onde,
noturno, côr de safira.
Canta ao longe um noitibó...
E o jabuti toca flauta.
Contente. Fon-fin, culó!

Onde estás, ó Sol da Terra?

A LANTERNA MÁGICA

E foi
tão grande o seu desespêro
na encruzilhada
e a noite era tão escura
na floresta e nos campos,
que o próprio Corupira
ficou com pena
e lhe arranjou uma lanterna
de pirilampos.

"Pouco importa
que a noite seja escura,
porque foi buscar água
no ribeirão
e quebrou seu pote branco
numa pedra do barranco
fazendo esta escuridão.

Vá por aqui, direitinho,
com esta lanterna
na mão, alumiando o caminho...
e você encontrará o que procura!"

E êle saiu pelo sertão,
procurando o Sol da Terra
com uma lanterna de pirilampos
na mão.

UM APÓS OUTRO

Na Noite Verde do Sertão
lá pelos cafundós do Oeste,
havia ouro? havia prata?
A ambição dizia que sim.
A morte dizia que não...

Na Noite Verde do Sertão
que trancava o chão da América,
havia bichos fabulosos,
mas também havia ouro,
havia prata e mais prata.
Não era só prata, não.
Tocam os sinos do planalto...
Ah! as três montanhas que havia
na Noite Verde do Sertão.

Que maravilha, ir buscá-las!
Que terror, a Noite Verde.

E os Gigantes, um por um,
cada qual com a sua gente,
iam de novo beber,
sequiosos, em grandes goles,
por um desígnio celeste,
água no rio misterioso
que nascera junto à Serra
mas dera as costas ao Mar.

E logo assim adquiriam
a sonora fúria agreste
de só caminhar pra oeste.
E, calçando as botas mágicas,
logo bem longe estarão...
que terror! na Noite Verde.

E' a própria vila que parte
e vai a pé, casas ao ombro,
com a sua tropa de assalto,
semeando, por onde passa,
gritos de encanto e de assombro.
E' a própria vila que parte
e vai a pé, falando alto...
Rio de gente? Procissão?

Tocam os sinos do planalto.
Nossos avós, crianças grandes,
partem chorando de emoção...
E os que um dia voltarão?
E os que ficarem, enterrados,
mortos de doença ou de fome
procurando o Sol da Terra
na Noite Verde do Sertão?
Onde estará André de Leão?

E um sino dizendo que sim.
Meu pai virá, o Pay Pirá.
E um outro dizendo que não...
não e não... isso é que não.
E as duas irmãs da jornada,
noivas da tropa, lá se vão
pra Noite Verde do Sertão...

Uma dizendo que sim,
outra dizendo que não.

O GIGANTE N.º 2

I

Saiam todos da frente,
que eu quero passar!
Não perguntem quem sou,
que não posso parar.
Saiam todos da frente
que eu quero passar!

E vai daqui, e sai lá,
Rapôso é uma tempestade
de homem, sob um céu azul.
Que varreu o Guairá
e lá se foi, rumo ao Sul.

— Quem és tu? herói ou peste?
bicho, ou algum deus veloz?
Cordial como pomba mansa,
quando pede, mas feroz
como um jaguar, quando ordena,
o Gigante número 2
vai levando de vencida
bichos, padres, espanhóis.
No fim eram só destroços
de aldeias e de jesuítas
rezando os seus padre-nossos.

— Homem de uma palavra só. Chamava-se Rapôso.

Saiam todos da frente
que eu quero passar.
Não perguntem quem sou
pois não posso parar.
Saiam todos da frente
que eu quero passar!

II

Bichos, padres, espanhóis,
botam as mãos na cabeça,
quando êle passa, levando
seu longo rio de gente
— dois, cinco mil mamelucos —
entre flechas e trabucos
para o sul do Continente.

"Meu Deus, que maldade a dêste
bandolero de San Pablo!"
sem se lembrar que os bandidos
residem na mesma casa
dos mágicos, dos heróis:
que Deus escreve direito,
não raro, por linhas tortas,
pois o mundo foi mal feito...
Que os índios, velhos rivais,
se comiam uns aos outros
nas festas do mundo mágico.
Que a mais rude das "descidas"
não tinha menos de trágico
que a melhor das "incomiendas".
E que Rapôso, em confronto
com os crimes da sua época
ainda seria um anjo...

Anjo que andasse de botas
à frente do seu exército
caçando bugre com bugre
na voz do causo e do conto
que o historiador, ainda tonto,
quando conta aumenta um ponto.

Saiam todos da frente
que eu quero passar!
Não perguntem quem sou
pois não posso parar.
Saiam todos da frente
que eu quero passar!
E tudo caía de joelhos, pedindo socorro.
Onças ruivas saltavam a êsmo, os gaviões retiniam
porque, de um modo ou de outro, êle passava mesmo!

Logo depois, sem descanso,
ei-lo de viagem pra oeste,
e quando menos se pensa
em que mundo êle estará
Rapôso é um deus magnífico
que se debruça nos Andes
sôbre as águas do Pacífico.
E vai daqui e sai lá,
quando se sabe, ei-lo agora
filho da Rosa dos Ventos
descendo o rio Amazonas
e saindo em Gurupá.
"De onde vens? Venho dos Andes".
E o rio de águas serenas
diante do qual as coisas grandes
do mundo ficam pequenas;
o rio, com pés de barro,
lhe pareceu um brinquedo

em seu mudo cataclismo,
em seu bíblico segrêdo...

Mas um dia, eis que Rapôso,
herói geográfico terrível,
entrando lá, saindo cá,
atravessa, ponta a ponta,
e a pé, todo o Continente,
"De onde vens? De Gurupá!"

III

Um dia tornou da jornada
platina, andina e amazônica.

Saltou do sertão bruto certo dia,
transfigurado, a gritar de alegria
que nem bruxo de esporas,
chapelão de aba larga, e de tranças,
que saltasse de um pulo, ainda sujo de barro,
de dentro de uma caixa de surprêsa,
assustando as crianças.

Homem supremo
em cujo coração a indômita vontade
de caminhar era uma forma
de tempestade.

Com o seu carregamento de anjos bravos
arrancados ao último paraíso.
Plumas de papagaio pelo corpo
e o fogo agreste da manhã nos olhos.

Trinta anos de caminhada!
Quase que irreconhecível.

E aparece em Quitaúna
pedindo que o desculpassem
se a sua viagem, tão crua,
que era seu pão de cada dia.
se parecesse com alguma
proeza de mitologia
contada em noite de lua...
Havia andado tanto tanto
a pé, pelo Continente
(entrava aqui, saía lá)
que fôra um, voltava outro.
Dormira com o rosto ao chão
tantas vêzes, e a tal ponto,
que lhe nasceu musgo ao rosto...
Deixou pedaços de sangue
no agudo ferrão dos mumbavas.
Deixou suas esperanças
como um canteiro desfeito
pelas formigas de fogo
que lhe corroeram o peito.
Trazia a neve dos Andes
no imenso cipoal do cabelo.
Voltava, enfim, mas tão outro
que os cães e a própria família
não mais querem recebê-lo!
Não era o mesmo, era outro!
Que dor, a de ter ouvido
dos próprios filhos a horrível
exclamação de que é outro!
Antes fôsse outro... Antes fôsse,
vinte, cem, mil vêzes outro.
E êle era o mesmo? era outro,
não só no rosto mas ainda
na voz do causo e do conto.

Havia andado tanto tanto
a brincar de cabra-cega
com o Continente, a tal ponto
que o historiador ficou tonto.

"Saiam todos da frente
que eu quero passar!
Não perguntem quem sou
pois não posso parar!
Saiam todos da frente
que eu quero passar!"

E é tal a sua façanha
que precisava ser fábula
para ser acreditada;
pois só em fábula se encontra
verdade igual, ou tamanha.

IV

"Pois êsse Deus vagabundo, menino,
foi quem desenleou ponta a ponta o novêlo do nosso
[destino.
Foi quem percorreu tôda a América em passadas tão
[grandes.
que um dia se debruçou na muralha dos Andes
para ver o outro lado do mundo!"

Homem de uma palavra só. Chamava-se Rapôso.

O GIGANTE N.º 3

E aquela serra que resplandecia
na Noite Verde do Sertão, lá longe,
e ia mudando sempre de lugar?
Quem, onde, quando e como a encontraria?

Fernão Dias Pais Leme, outro Gigante,
— êste o número três — a irá buscar.

E as léguas tôdas vieram recebê-lo,
mal êle entrou no mato, com o seu povo.
E enrolaram-se, tôdas, em novêlo
ferocíssimo em redor de suas botas.
Mas êle, achando graça na distância,
esmagou a cabeça às léguas tôdas
que o cercavam, em bárbaro atropêlo,
sob as botas de couro, e lá se foi,
atrás da "serra que resplandecia"
sem saber onde e quando a encontraria.

Mas a distância lhe passou à frente
chamando por mais léguas, que outras léguas
lhe viessem! e outras mais, e ainda outras,
pra se enrolar nas botas do Gigante
e acorrentá-lo ao chão, e enrodilhá-lo
na cauda louca de algum redemoinho
e afundá-lo no lôdo dos pauis.

Êle, porém, se desenleou das léguas
como um deus mágico que se desenleasse
de um polvo azul, de cem braços azuis!

Mas a distância lhe correu à frente
pedindo novas léguas, outras léguas,
ainda em maior número, e mais rápidas,
pra se enrolar nos pés do bandeirante
e assim detê-lo através do sertão
mas tudo em vão! que os maiores obstáculos
lhe seriam graciosos, e mesquinhos.
Êle ia governar as esmeraldas,
poeta do mato, abridor de caminhos,
e amarraria os braços ao sertão
com o amarrilho vermelho das estradas.

Que era assim mesmo, cada bandeirante.
Uma brutal tempestade de gente
que, por onde passava, ia deixando
seu longo rastro de cidades brancas,
azuis ou tristes, pretas ou douradas.

Tropa de poetas, entre os quais seguia
algum Orfeu caboclo, lira em punho.

Com os seus trabucos, que iam carregados
muito mais de poesia que de chumbo;
e seus baús de boi, abarrotados
mais de esperanças que de mantimentos.
E quanta vez, já em pleno labirinto
do sertão bruto, em ásperas refregas,
não lhe querem furtar as esmeraldas
que êle nem sabe se achará ou não
por um sertão de quatrocentas léguas!

Cada légua possuía uma cabeça
de montanha e, como cauda, um rio.
Parecia uma cobra mitológica
fulgindo sob a escama d'água espêssa
e com a cauda enrolada na cabeça.

QUE MAIS SERÁ PRECISO?

Governar esmeraldas...
Que é preciso? E' preciso
não ser Gigante apenas
mas ter perdido o juízo.

Governar esmeraldas...
E' preciso, pra tanto,
saber em que recanto
do mato elas estão;
ou se existem, ou não.

Mas é preciso ter
bons músculos, bons ossos.
Pois não basta ser poeta.
Governar esmeraldas...
E' preciso, pra tanto,
que a poesia aconteça.
Fernão Dias Pais Leme
já sabe o que é preciso.

E' preciso levar
um poema em cada perna
nessa viagem penosa
que já se faz eterna.

Suar sangue, de fadiga;
roer sabugo de milho

pra não morrer de fome.
E' preciso — que importa
a riqueza, no escuro
leve a caminhos falsos? —
ser verdadeiro homem,
pra ir buscá-la, e mais homem,
pra entrar no Sumidouro
por ignorado trilho
levando a sua tropa
de poetas já descalços.

E' preciso ter sêde
bebendo a própria água
que os seus olhos destilem;
ou morrer de terçã
no fundo de uma rêde;
ser noivo sistemático
da estrêla da manhã;
ou caminhar sem rumo
tendo apenas por bússola
o dedo azul de um monte
perdido no horizonte...

Ah! ninguém queira, um dia,
governar esmeraldas.
E' preciso ser forte,
aceitar a poesia
da verdade, que é a morte.
E quando vem o intruso
Rodrigo Castel Blanco,
dizendo que são suas
as pedras verdes... não!

Quem governa esmeraldas
sou eu, neste sertão!

Fernão Dias Pais Leme
já sabe o que é preciso.
E já se ouve o estampido
de um tiro, é Borba Gato
que mata Castel Blanco
em nome do direito
mais ou menos obscuro
de quem sofre, no mato.
Triste de quem governa
esmeraldas no escuro!

Mas a tragédia imensa
não terminou ainda.
Que mais será preciso?

E ali mesmo, naquele
cafundó, onde Judas
foi se esconder de Cristo,
Fernão Dias Pais Leme
que é noivo obrigatório
da estrêla da manhã,
ouve agora a cunhã
que lhe entra na barraca
em hora ainda escura
e, branca de terror,
lhe traz a meada tôda
de tétrica conjura.

E' preciso, ah! é preciso
castigar o traidor!
"seja quem fôr" exclama
Fernão Dias Pais Leme
e vai ver, é o seu filho,
sim, o seu próprio filho,
quem sublevou á tropa
como conspirador!

E' preciso, é preciso
(Fernão Dias Pais Leme
já sabe o que é preciso)
vê-lo, já, pendurado,
suspenso a um ramo de árvore
como um pêndulo horrível
esperneando no espaço
sôbre o seu coração
de pai, juiz e andarilho.
"Senhor Deus, Pai celeste,
que mais será preciso?"

E então, no Sumidouro,
Fernão Dias Pais Leme,
em nome da justiça
que impera no sertão,
cruel, como é preciso,
manda enforcar o filho
que fica balançando
como um pêndulo horrível;
fruto enorme, selvagem,
suspenso a um ramo de árvore!
e com um resto de povo,
soturno, maltrapilho,
em feroz estribilho,
— triste de quem governa
esmeraldas no escuro —
Fernão Dias Pais Leme,
que é noivo obrigatório
da estrêla da manhã,
(que mais será preciso?)
calça as botas da viagem
dita das esmeraldas
e caminha de novo
na grande Noite Verde,

sem procurar saber
o que será preciso!

Porém, a cada passo,
no peito, não no espaço,
bate-lhe o coração,
como um pêndulo horrível
cruelmente preciso...

E' preciso... é preciso...
Fernão Dias Pais Leme
já sabe o que é preciso.

SÓ DEUS POR TESTEMUNHA

Carregados agora de distância,
os seus pés são de chumbo, a cada passo.

E os caminhos que abriu, não mais as léguas,
se enrolavam agora em suas botas
como acontece a quem cai de cansaço.
Era a terçã, não mais a estrêla da manhã
sua noiva, no chão, não mais no espaço.

Até que um dia, em pleno mataréu,
Fernão Dias Pais Leme a rezar pra morrer.
Rosto branco de dor, pedras verdes na mão.
Caído ao chão com o seu cargueiro de esperança.

"Meus amigos! não é a jornada que me cansa.
E' alguma coisa que me obriga a andar ainda
sabendo, de antemão, que a jornada está finda.
Sonho verde de quem, não tendo onde dormir,
não deve mais sonhar; no entanto, sonha ainda.

Forma de acreditar, não sendo mais criança...

O' alimento dos que não têm o que comer!
ó esperança!"

A ZANGA D'EL-REY

Ao saber, porém, agora,
que o Gigante número Quatro
apresta a sua bandeira
para uma nova jornada
na grande manhã sonora,
El-Rey, lá, além Atlântico,
passa óleo pelo corpo,
deita-se ao chão e levanta-se
todo salpicado de ouro:

Mas, quem dormia em chão duro,
por um sertão sem caminho,
nutrindo-se a fruto agreste
ou a leite de ignorância
lá iria pensar em rei,
que dorme em cama de arminho
e noutro dia levanta-se
todo salpicado de ouro?
Com que direito êsse rei,
lá de longe, além Atlântico,
lhes queria, por decreto,
amarrar as botas mágicas?
Pois quem levava nas botas
o ímpeto das madrugadas,
ora seu rei, seu El-Rey,
lá iria pensar em lei?

Desde o começo do mundo
a esperança fica a oeste...
No oeste é que o homem situa
a outra terra, a da alegria
que não encontrou na sua.
Quem não sentiu essa obscura
determinação celeste?

E os Gigantes impossíveis,
crescidos sem lei nem rei,
os que foram, ainda ontem,
não se sabe onde estarão.
E os que amanhã serão idos
ainda mais longe irão...
A vila fica deserta
por todos os moradores
serem idos ao Sertão.

A ESPERANÇA MORA A OESTE

Branca no espírito de aventura,
na direção, no grito de comando;
índia no movimento
e africana nos pousos, nas lavouras,
ou em tôrno das minas, a bandeira
não era tanto uma cidade em marcha
senão uma democracia viva, obscura
e ainda espectral, no sonho e na loucura.

E homens sujos, jogados
na praia, pela ruim natureza,
negros fugidos dos engenhos
ou detritos humanos cuspidos à margem
dos latifúndios, como inúteis, sem Brasil
e sem cura,
iam com ela, em sua massa anônima.

E nasciam, de novo,
nessa síntese bíblica, em caminho do Oeste.

Como que a voz do oeste lhes falava
ainda tonta do rumor matutino:
Só não irão
os que não ouvem a chamada do destino!
os que não vêem, os que não sentem nada
além desta floresta, além desta alvorada!

os que morreram em si mesmos
sem o ímpeto inicial da caminhada!
os que a distância não convida
pra conhecer o outro lado da vida!
os que o curiango não espera...
os que a ilusão não acompanha!
os que se sentem presos na montanha!

Ó vermelha manhã
tôda cheia de uiaras
com gritos de araras
quando todo o Brasil era um simples rumor de águas
[claras!

O GIGANTE N.º 4

O Gigante número Quatro
joga-se pelo Sertão
trancando-se a sete chaves
para viver entre as aves.
Lá onde o maracajá
nasce da fôlha do tajá.
No rio onde a Onça-Preta
da Noite bebia água.

Pobre, sem lei e nem rei
se fêz caçador de onça.

Se fêz também, desde o início,
tão exato, tão seguro,
no seu arriscado ofício,
que vendia couro de onça
ainda viva, no futuro.

Qual a côr que você quer?
E quantas? e pra que dia?
E assim, desde o seu início,
vendeu tôdas as pintadas
que ainda estavam no mato
sôltas como as madrugadas.
Os bororos, cujas filhas
só se casavam com bugre

que houvesse matado uma onça,
ficam tomados de pânico
diante de tais maravilhas...

E tôda índia, a mais sonsa,
já não dorme no chão duro,
nem completamente nua;
dorme é numa geringonça
forrada com couro de onça.
Quem vem lá? E' Borba Gato.
Pode entrar que a casa é sua.

E logo lhe deu o mato
prova de enorme respeito
nomeando-o chefe de tribo.
Chefe de tribo! antes fôsse,
no sertão do Rio Doce.
E o próprio Caapora, um dia,
lhe oferece o seu cachimbo
feito de barro e poesia.

E mais bicho do que bicho
entre flôres côr de brasa,
e tão bugre como bugre,
êle estava em sua casa.
Que dragonas mais festivas
para um tenente do Mato?
São essas flôres nativas
que o sertão lhe joga ao ombro
quando êle, cacique branco
coroado de gavião-rei,
mata o intruso Castel Blanco.
Ou, — cabelo tatorana —
"sai daqui, frango calçudo"
declara guerra de morte
ao emboaba Nunes Viana.

E assim como outro Gigante
juntara ao seu nome próprio
o cognome de Sertão,
êle, o rude Borba Gato,
por amor ao seu destêrro,
aos bichos, bugres e pássaros,
se fêz tenente do Mato.

O PAI DO SOL

Mas um dia Borba Gato
que possuía vários títulos
já — o de Caçador de Onça,
o de Vigia da Terra,
mais o de Chefe da tribo
dos bororos, e ainda outros,
dos quais a tuba da fama
nunca lhe passou recibo,
andando por um caminho
encontrou o Pai do Sol.

Lá estava o tal, olhos de ouro,
sentado em meio ao Sertão.
Tendo cinco labaredas
de alegria em cada mão.
"Você está aqui, seu malandro..."
E como um novo Jasão
na conquista ao Tosão de Ouro,
já perto, chega não chega,
pé ante pé, devagarzinho,
por um vão da árvore espêssa,
vibra no ar enorme foice,
rápida, em trinta relâmpagos,
e decepa-lhe a cabeça.
E o Pai do Sol, degolado,
ainda escorrendo fogo,

é pôsto, logo, aos pedaços,
em longos cargueiros de ouro.

No rio da Noite Verde
levando-lhe pés e braços,
deslizam canoas de ouro.

Um caçador, mais a oeste,
caçou veado a chumbo de ouro.

O vestido azul da santa
amanheceu, por milagre,
já bordado a fios de ouro...

A Rita da nação benguela
tem agora um colar de ouro.

Faísca do Pai do Sol
é o fogão onde o quitute
se faz em panelas de ouro.

Nos córregos, ou nas catas,
nas grupiaras, ou nas minas,
os escravos suam ouro...

El-Rey, de novo, lá longe,
passa óleo pelo corpo,
deita-se ao chão e levanta-se
todo rabiscado de ouro.
E nomeia Borba Gato
para general do Mato.

Na igreja do Sabará
um Cristo nu chora ouro...

O GIGANTE N.º 5

I

Pay Pirá vai buscar ouro.
E' o Gigante número Cinco.
Pay Pirá vai a cavalo.
Caminho pra Mato Grosso.
Quinhentos negros atrás,
levando baús de boi.
Mantimentos multicores.
Se é rio, canoa n'água;
se é terra, canoa às costas.
Passa-vinte, Passa-trinta.
Pay Pirá vai buscar ouro...
Pay Pirá vale por três.
Seu cavalo tropeçou
bate o casco numa pedra
e saltam fagulhas de ouro.
Pay Pirá vai para Oeste...
Quem quer ir com Pay Pirá?
E êle encontra um bando de árvores
que queriam ir com êle.
Bando de árvores, andando...
Não eram árvores? Eram.
Não eram árvores, não.
Eram índios que se haviam
vestido de fôlhas verdes,

bem à porta do sertão.
Pay Pirá vai para Oeste.
Quem quer ir com Pay Pirá?

II

Ora são onças-pintadas
que saltam no seu caminho.
Onças que trazem nas suas
manchas de carvão e de ouro
o sinal das madrugadas.
Ora os dias coloridos
são mamangavas de fogo
que lhe entram pelos ouvidos.
Ora são as tempestades
loucas e de grenha espêssa
que lhe jogam cacos brancos
de relâmpagos à cabeça.

E eis que êle escuita, no escuro,
o ronco do Avanhandava...
E o rio de águas traiçoeiras
das cinqüenta e três cachoeiras
lhe aparece vingativo.
São cinqüenta e três apostas
que o levam, durante meses,
e já mais morto que vivo,
a andar cinqüenta e três vêzes
por pedregulhos e encostas
com a sua canoa às costas.
"Quando Guató teve fôrça,
Paiaguá andava queto.
Branco acabou com Guató
e Paiaguá já tem ganja.

Por que não vai Pay Pirá
acabar com Paiaguá?"
E já o Vagabundo d'Água
o assalta com cem canoas
em forma de meias-luas!
Deus me acuda, Santo António.
E sangue, e vísceras nuas,
dançam pelos redemoinhos...
Se viram as meias-luas,
o Paiaguá já lhes monta
em algazarra, nas quilhas,
fazendo-as de bois-marinhos.
Meias-luas, meias-luas,
bois-marinhos, bois-marinhos
meias-luas, bois-marinhos
bois-marinhos, meias-luas,
e Pay Pirá e Paiaguá
montados em meias-luas
um pra lá, outro pra cá,
no choque das esquadrilhas
de canoas, em cardume,
meias-luas, bois-marinhos
se reduzem a duas ilhas
em que as feridas parecem
depois de cena tão bruta,
flôres de maracujá
nascidas durante a luta!
No fim um prêto estrelado
de sangue cai de mãos postas
rezando a virgemaria.
Silvam flechas, gritam bôcas
em prece, dentro da lama.
No fim era cada índio
montado numa meia-lua.
comendo um naco de carne

escuro da côr da noite
e outro branco, côr do dia.
No fim era Pay Pirá
agarrado ao Paiaguá
um pra lá, outro pra cá,
lá e cá... Pralapracá.

No fim de tudo eram só
naufrágios de mantimentos
e canoas já vazias
que ali dançam e, caladas,
vão-se embora vagarosas
sôbre as águas estreladas.
Meias-luas, meias-luas,
sem remos e sem pilotos,
que Gigante de mãos frias
vos sonhou tão cheias de ouro
e vos leva assim, vazias?

III

Na viagem verde e penosa
pra que serviam trabucos,
mosquetões ou escopetas?
só pra assustar borboletas.
Que valiam os trabucos
mesmo em terra, quando a luta
era de chuços, corpo a corpo,
de perguntas e respostas
tão rápida que um caía
de bruços, outro de costas?
Se a cada golpe instantâneo
saltava o miolo de um crânio?

No fim era Pay Pirá
caminho pra Mato Grosso
saindo da água e passando
a navegar em chão duro
reduzido a vinte negros
e cada qual conduzindo
uma meia-lua às costas.

Não são as árvores que andam.
Venham ver! é uma cidade
que caminha sob as árvores.
E a multiplicação da noite
nos pedidos amorosos.
Fecha de novo os teus olhos
e finge agora que é noite...
E os casos de amor com índia
cada vez mais numerosos.
Ao lado das agonias,
dos gritos à hora da morte,
de Cristo dentro do mato,
das lutas encarniçadas
em que vencia o mais forte;
de homens flechados que caem
pererecando, pedindo
ao capelão que lhes venha
descarregar a consciência;
como uma gôta de orvalho
que cai numa fôlha grossa.
"Minha mãe, Senhora Nossa,
à hora da morte, êste ouro
é para a vossa coroa."
E à mão fria do cadáver
cintilam fagulhas de ouro
e o "sem-fim" canta lá longe
mais triste que fim de mundo.

Êste reduzido a um feixe
de ossos, quase moribundo,
troca o filho por um peixe...
Outro, nu, esfarrapado
vai cair, azul de fome,
junto à porta do Eldorado.
Se é rio, canoa n'água;
se é terra, canoa às costas.
Venham ver, é uma cidade
que caminha sob as árvores!
E assim, amando e sofrendo,
aquêle drama tremendo
que ora é um grito de alegria,
ora é um grito de araponga,
cada vez mais se prolonga,
mato adentro, noite e dia:
e um é irmão do outro, por fôrça
daquela dor coletiva
que a todos chumba e congrega
na grande bandeira cega
que arrasta os seus próprios ossos
até à última agonia!

IV

E se Pay Pirá regressasse depois de suas vinte e quatro viagens, pelo Rio das Cinqüenta e Três Cachoeiras?

Teria que passar, de novo, vinte e quatro vêzes com as botas rústicas sôbre suas próprias feridas.

Êle era o Gigante multiplicado pelo Destino.

Pay Pirá vai para Oeste!
Passa vinte, Passa trinta.
Quem quer ir com Pay Pirá?

O GIGANTE N.º 6

"Ó filhos do mato, ó selvagens
coroados de penas verdes!
Eu sou o filho do fogo!
Sou dono de tôdas as luzes
do Céu e da terra,
citatás e boitatás:
Neste sertão de Goiás,
apago a lua quando quero
e acendo o sol quando me apraz.
Quando eu passo, sai faísca.
Quando espirro, o céu corisca.
Quando a noite é muito escura,
com o dom que a sorte me deu
quem acende vaga-lumes,
quem bota fogo nos astros
sou eu!

A forja das madrugadas
é a palma da minha mão;
sou eu quem governa o trovão...
sou eu, pelas grutas de breu,
quem abre a porta do dia;
quem passa de noite ao longe
montando o cavalo do vento
chicoteado de relâmpagos
sou eu!

Não me quereis indicar
o ouro que o chão revelou.
Pois bem, pra melhor saberdes
o quanto valho, o quanto sou
feroz,
vou botar fogo no mundo,
e assim vivos, e assim nus,
sereis queimados, todos vós.
com arcos e penas verdes
e tudo
na rubra fogueira
veloz!

A própria água dos rios
pegará fogo!
e em vez dêstes rios d'água
rios de fogo
entrarão pela floresta
como fantásticos boitatás.
E todos os bichos
serão arrancados das tocas
pela chama voraz.
E quando tôdas as tribos
em debandada
correrem de susto ou de mêdo
procurando o arvoredo
da Serra Dourada
rios de fogo correrão
atrás!
Eu sou um deus maravilhoso
que tudo faz e desfaz:
Tenho a lua no ôlho esquerdo;
tenho o sol no ôlho direito.
Apago a lua quando quero,
acendo o sol quando me apraz!"

E dizendo tais coisas,
o bruxo, vestido de couro,
D. Quixote fazendo discurso
dentro do mundo primitivo,
gritou e ordenou que trouxessem
um vasilhão cheiinho de álcool
à sua presença e pronto!
o incêndio de rabo vermelho
se levantou do chão! e jogou fogo
nos olhos da multidão!

Diante do incrível
e na horrível visão de que todos
os rios da terra virassem
rios de fogo
um grito de espanto ou de encanto
abalou o sertão.
Todo o espaço gritou! todo o mato
tremeu!
Então a montanha
tocada de estranha magia,
abriu o seu cofre de gruta,
tirou a mais bela
das jóias verdes que possuía
e exclamou: isto é seu!

Então o riacho
num abraço de espanto,
ainda sujo de terra
lhe ofertou, prontamente,
todo o ouro que havia escondido
no leito de barro: isto é seu!
E um pelotão de jacarés em côro
abriu-se todo em ângulos vermelhos
de bôcas em serra,
no espetáculo cósmico.

Ó diabo velho! O' ladrão de ouro!
E todos os bugres, tomados de assombro,
caíram com a face e com os joelhos no chão
a gritar por quem era

Anhangüera!
Anhangüera!

O GIGANTE N.º 7

Ia Apuçá, o Gigante Surdo,
buscando outra terra, lá longe,
onde pudesse trabalhar,
"não te dou terra, te dou ouro!"
uma montanha tôda de ouro
apareceu em seu lugar.

Mas Apuçá, o Gigante Surdo,
que já estaria caminhando
duzentas léguas sem parar,
naquele jôgo de onde e quando,
vai alcançar o tosão de ouro:
"não te dou ouro, te dou prata!"
uma montanha, tôda branca,
apareceu em seu lugar.

Mas Apuçá, o Gigante Surdo,
que já estaria caminhando
mais meio mundo sem parar,
vai alcançar a noiva branca
"não prata, te dou esmeraldas!"
uma montanha tôda verde
apareceu em seu lugar.

Que o fêz andar, sem mais parar...
Que não mudava mais de côr...
Que ia mudando de lugar...

Por isso, em tôda caminhada
de homem que vai pelo sertão,
seja quando, ou por onde fôr,
ou seja noite, ou madrugada,
há uma montanha tôda verde
sempre mudando de lugar
só para o fazer caminhar.

Pois quem caminha vendo, ao longe,
a antiga Serra da Esperança,
que muda sempre de lugar,
— como Apuçá, o Gigante Surdo —
caminha agora a vida inteira:
é surdo a tôdas as distâncias,
é gigante de tanto andar!

Afinal, o que é Esperança?
Num país ainda criança,
é uma coisa bem brasileira,
é uma forma de caminhar.

BALADA A EL-REY SOL

I

"Vim de longe, pela graça
de vos trazer esta oferta.
A terra mal descoberta
em produção ainda é escassa.
Pôsto que verde, é deserta.

"O presente que vos trago
são frutas coloniais, fruto
do suor que sua o homem bruto.
E não tem nada de mago
e muito menos de astuto.

"São frutas coloniais, feitas
de ouro maciço, esculpidas
e de tal modo reunidas
em cacho, que são perfeitas.
Além do mais, escolhidas.

"Cem negros, em manhãs claras,
fundiram êste tesouro.
Gente que lá, nas grupiaras,
arranca as jóias mais caras.
Escravos que suam ouro.

"Em nome dêsses vassalos
é que hoje vos ofereço
(mais para ver se mereço
vossa graça de aceitá-los)
frutos de tão alto preço.

"E quantas lutas ingratas
na viagem que hoje termina.
Assaltaram-me uns piratas
que roubam ouros e pratas;
piores que os do mar da China.

"— Que levas no teu cargueiro
a navegar meio torto?
Com êsse pobre veleiro
viajarás um ano inteiro
não chegarás ao teu pôrto."

"E eis — aos vossos pés deponho
como obscuro herói em série
o cacho de ouro, que o sonho,
entre chorado e risonho,
salvou da rude intempérie.

"Êste coração suspenso
é o que oferecer-vos posso
mas de ouro, e de brilho imenso,
pois só assim — é o que penso —
irá comover o vosso.

"Direi o que significa:
Só quando de ouro se cobre,
a dor cintilando fica;
a lágrima, quando rica,
convence mais do que pobre.

"Assim, para vosso agrado,
meu presente é de ouro ilustre.
O mais cru significado
fica suave se dourado
sob o reflexo de um lustre."

II

(Na côrte. Alvos rostos glabros
observam a maravilha
que tão rudemente brilha.

. . . . . .

Faíscam os candelabros.)

ZOZÉ, COLUMI E IOIÔ

Noite de Natal. Faz frio.
Que importa, de além Atlântico,
filho de um mundo caduco,
grite El-Rey, inflado de ira?

Aqui perto, numa casa
de janela azul, na rampa
da vila de ruas tortas,
à luz tôsca de uma lâmpada
acesa em óleo de peixe,
Zozé, Columi e Ioiô
(filhos de um país criança)
esperam o Vovô Grande
dormir e furtam-lhe as botas.

Onde estará o Pé-de-Pau?
E o Bixira? e o Borba Gato?

E colocam-nas à porta
que dá pro Sertão sombrio.

Noite de Natal. Faz frio.
Noite de coisas remotas...

A Onça-preta da Noite
'tá bebendo água no rio...

"TROPA DA GENTE DE S. PAULO"

Antônio Rapôso Tavares
foi até aos Andes na sua
proeza de mitologia.
E Fernão Dias Pais Leme
foi além de Itacambira.
Matias Cardoso de Almeida
acampa no S. Francisco.
Domingos Brito Peixoto
ruma para o Rio da Prata.
Apuçá, o Gigante Surdo,
vai parar no Maranhão,
com o tropel de sua gente.
Antônio Gonçalves Figueira
é o topador do gentio
nas algaras do Rio Grande,
e Domingos Jorge Velho
o "apossador do Piauí".
Antônio Castanho da Silva
atravessa o continente
e vai surgir no Peru.
Francisco Pedroso Xavier
leva a tropa do seu mando
à serra do Maracaju.

E El-Rey, lá de além Atlântico,
joga-se ao chão e levanta-se,

já pela terceira vez,
todo pintalgado de ouro!

"Tropa da gente de S. Paulo
que vos achais na cabeceira
do Tocantins, do Grão-Pará,
eu, El-Rey, daqui de longe,
vos envio o meu saudar."

METAMORFOSE

Meu avô foi buscar prata
mas a prata virou índio.

Meu avô foi buscar índio
mas o índio virou ouro.

Meu avô foi buscar ouro
mas o ouro virou terra.

Meu avô foi buscar terra
e a terra virou fronteira.

Meu avô, ainda intrigado,
foi modelar a fronteira:

E o Brasil tomou forma de harpa.

... e que foram deixando, por onde passavam, o rasto vivo dos caminhos, dos cafèzais e das cidades.

O POEMA DO ARRANHACÉU

Se eu puder, algum dia,
quando houver mais poesia,
mandarei escrever o seu nome
JACY,
num letreiro de lâmpadas
de tôdas as côres
no alto daquele arranhacéu.
Para que tôda a cidade
possa ler o seu nome e o seu nome
fulgure pertinho do céu!

E eu mesmo irei acender
o imenso letreiro encantado
que ficará pisca-piscando
lá em cima
na noite azul de pantomima.
E o arranhacéu, com o seu nome
na fronte
sonhará tanta coisa bonita:
Por exemplo, que é um templo...
que todos os pirilampos
da terra
lhe pousaram na fronte.
Que tôda a população
das estrêlas
saiu à rua acompanhando a lua...

E mais ainda:
que o espírito inocente da terra criança
veio brincar de quatro cantos
pelos cantos da rua
botando um pouco de ilusão em cada coração
e um pouco de saudade em cada trecho da cidade
e um pouco de inocência em cada angústia da existência
e um pouco de poesia em nosso "pão de cada dia."

E eu, do meio do povo,
tirarei o chapéu, está vendo?
e olharei o seu nome lá em cima,
no letreiro de estrêlas
pertinho do céu.

CAFÉ-EXPRESSO

Café expresso — está escrito na porta.
Entro com muita pressa. Meio tonto,
por haver acordado tão cedo...
E pronto! parece um brinquedo:
cai o café na xícara pra gente
Maquinalmente.

E eu sinto o gôsto, o aroma, o sangue quente de
[S. Paulo
nesta pequena noite líquida e cheirosa
que é a minha xícara de café.

* * *

A minha xícara de café
é o resumo de tôdas as coisas que vi na fazenda e
[me vêm à memória apagada...

Na minha memória anda um carro de bois a bater
[as porteiras da estrada...
Na minha memória pousou um pinhé a gritar:
[crapinhé!

E passam uns homens
que levam às costas
jacás multicores
com grãos de café.

E piscam lá dentro, no fundo do meu coração,
uns olhos negros de cabôcla maliciosa a olhar [pra mim
com seu vestido de alecrim e pés no chão.

E uma casinha côr de luar na tarde roxo-rosa...
Um cuitelinho verde a sussurrar enfiando o bico na [catléia côr de sol que floriu no portão...

E o fazendeiro a calcular a safra do espigão...

Mas acima de tudo
aqueles olhos de veludo da cabôcla maliciosa a olhar [pra mim

como dois grandes pingos de café
que me cairam dentro da alma
e me deixaram pensativo assim...

Mas eu não tenho tempo pra pensar nestas coisas!
Estou com pressa. Muita pressa!
A manhã já desceu do trigésimo andar
daquêle arranhacéu colorido onde mora.
Ouço a vida gritando lá fora!
Duzentos réis, e saio. A rua é um vozerio.
Sóbe-e-desce de gente que vai pras fábricas.
Pralapracá de automóveis. Buzinas. Letreiros.
Compro um jornal. O Estado! O Diário Nacional!
Levanto a gola ao sobretudo, por causa do frio.
E lá me vou pro trabalho, pensando...

Ó meu S. Paulo!
ó minha uiara de cabelo vermelho!
ó cidade dos homens que acordam mais cedo no mundo!

A HORA FUTURA

Olhos oblíquos,
pestanas ruivas;
é o homem bíblico
multiplicado
pelo futuro
pelo presente
pelo passado.
E a terra enigma
modela o outro
(ainda criança
que há dentro dêle)
à sua imagem
e semelhança.
Porque êle mesmo
cortado ao meio,
ficou lá longe.
E entre o que veio
e o que não veio
o azul atlântico
lava a memória
do que não veio.
Rostos em viagem.
Rostos em série.
Baralho humano.
Novas trombetas
de Jericó.

A hora futura
que Deus escreve
por linhas tortas
no mural rude
da manhã clara,
imprime aos rostos
judeus, lituanos,
sírios e russos
o ensaio vivo
de um mundo só.
Nisto o trem pára.
Que face é aquela
que se debruça
numa janela?

E' a face do outro?

A FILHA DO IMIGRANTE

Eu fui buscar maracujás e vi no mato a loura filha
do imigrante.
(Os gafanhotos de esmeralda com pijamas amarelos
ou vermelhos surpreendidos por meu passo da-
vam saltos sôbre a grama em trampolins feitos
de fôlha.
E como bichos agarrava-se ao meu corpo uma porção
de carrapichos.)
Eu fui buscar maracujás e vi no mato a loura filha
do imigrante.
Sua figura me ficou quente de sol naquele dia todo
branco, na moldura do barranco, dentre as ár-
vores festivas com os cabelos de fogueira e com
pestanas tão torradas como longas sempre-
vivas...
Eu fui buscar maracujás e vi no mato a loura filha
do imigrante.
As bananeiras eram pássaros gigantes de asas verdes
tatalantes que pousavam pela grota em pro-
cissão e conservavam a asa aberta e o bico
rubro em coração a levantar no vôo imenso
qualquer coisa que ficara sôbre o chão!

E então
uma dourada mamangava
ferrotoou-me o coração...

MÔÇA TOMANDO CAFÉ

Num salão de Paris
a linda môça, de olhar gris,
toma café.
Môça feliz

Mas a môça não sabe, por quem é,
que há um mar azul, antes da sua xícara de café;
e que há um navio longo antes do mar azul...
E que antes do navio longo há uma terra do sul;
e antes da terra um pôrto, em contínuo vaivém,
com guindastes roncando na bôca do trem
e botando letreiros nas costas do mar...
E antes do pôrto um trem madrugador
sobe-desce da serra a gritar, sem parar,
nas carretilhas que zunem de dor...
E antes da serra está o relógio da estação...
Tudo ofegante como um coração
que está sempre chegando, e palpitando assim.
E antes dessa estação se estende o cafèzal.
E antes do cafèzal está o homem, por fim,
que derrubou sòzinho a floresta brutal.
O homem sujo de terra, o lavrador
que dorme rico, a plantação branca de flor,
e acorda pobre no outro dia... (não faz mal)
com a geada negra que queimou o cafèzal.

A riqueza é uma noiva, que fazer?
que promete e que falta sem querer...
Chega a vestir-se assim, enfeitada de flor,
na noite branca que é o seu véu nupcial,
mas vem o sol, queima-lhe o véu,
e a conduz loucamente para o céu
arrancando-a das mãos do lavrador.

Quedê o sertão daqui?
lavrador derrubou.
Quedê o lavrador?
está plantando café.
Quedê o café?
Môça bebeu.
Mas a môça, onde está?
está em Paris.
Môça feliz.

CANÇÃO GEOGRÁFICA

Minha espôsa é a Terra firme
e as sereias estão no mar.

Meus filhos ficaram na praia
para me ver regressar.
Há muita traição nestas ilhas...
muita armadilha do luar.
Porém já estou navegando
perdido entre a lua e o mar.

Minha espôsa é a Terra firme
e as sereias são sempre as noivas
dos que não sabem remar.
O que procuro é a Terra firme,
pois nasci junto da Serra
de costas voltadas pro mar.

Não que algum dia eu prefira
o pôrto seguro da lógica
à onda infiel da ilusão,
na confusão crepuscular...
Porém, porque vim ao sol,
terra adentro, nascido entre
os muros da Serra do Mar.

Prefiro os pássaros da Terra
que são verdes,

aos negros pássaros do mar,
de asas longas, angulosas
e nascidos só para voar...
A estar chorando de saudade
portuguêsa,
prefiro varar o sertão
que é o meu destino singular.

Aos velocinos da fábula,
com longas viagens marítimas,
(mesmo quando há lanchas novas
que do céu caem no mar)
prefiro o meu Sol da Terra,
que me chama, lá de dentro,
com as suas cinco labaredas
de alegria,
dizendo-me o eterno bom-dia,
tôda manhã, junto do mar.
Porque nasci junto do rio
que, por sua vez, na Terra,
nasceu de costas pro mar.

Ah! sofro o castigo celeste
de haver nascido, não no dorso
de um peixe
mas no dorso da Serra do Mar.
Sou um obscuro bandeirante
nascido de costas pro mar.
Há muita traição nestas ilhas...
muita armadilha do luar.
Minha espôsa é a Terra firme...
As sereias estão no mar...

E agora... o Tietê conta a história dos velhos Gigantes de Botas.

RETROLÂMPAGO

A manhã, ainda nua,
saiu da montanha
com a coroa de plumas
vermelhas à cabeça.

Depois, por sua vez,
é o dia português
que salta das ondas
qual pássaro branco
ruflando a asa enorme
das velas redondas...

Por último é a Noite
africana que chega
no porão do navio,
tremendo de frio,
com os seus orixás,
com os seus amuletos,
e é trazida pra terra
nos ombros dos pretos.

E os heróis, ainda obscuros,
nascidos na terra:
o gigante tostado
pelo sol da manhã;
o gigante marcado
com o fogo do dia;

e o gigante criado
com o leite da Noite,
todos três
calçam as botas sete-léguas
e era uma vez...

E o paroara, o caucheiro,
o matuto cearense;
valentões, pala ao ombro,
chilenas de prata
arrastadas no chão
com o barulho das botas;
topetudos de todos
os naipes;
tabaréus, canhamboras,
capangas, jagunços,
caborés, eurimbabas;
piraquaras, caiçaras,
boiadeiros, laranjos,
canoeiros agrestes,
caboclos, cafuzos,
vararam a terra
pra oeste, pro sul
e pro norte...
Crianças do mato
brincando com a morte!

E o Brasil ficou sendo
o que é, lìricamente.
E o Brasil ficou tendo
a forma de uma harpa,
geogràficamente.
E o Brasil é êste poema
menino
que acontece na vida
da gente...

BRASIL-MENINO

I

Meu pai era um gigante, domador de léguas.
Quando um dia partiu, a cavalo
no seu dragão de pêlo azul que era o Tietê dos
[bandeirantes,
lembro-me muito bem de que me disse: olhe, meu
[filho,
eu vou sururucar por esta porta e um dia voltarei
[trazendo umas duzentas léguas de caminho
[e umas dezenas de onças arrastadas pelo
[rabo a pingar sangue do focinho!

E dito e feito! lá se foi dando empurrões no mato dos
[barrancos
por entre alas de jacarés e de pássaros brancos.

Quando veio o Natal meu pai estava longe,
em luta com os bichos peludos, com os gatos grandões
[de cabeça listada e com as mulas-de-sete-cabeças
[que moram no fundo das árvores espêssas.

No planalto batia um sino perguntando: ele não vem?
[ele não vem?

Um outro sino de voz grossa respondia: não... e
[não, dizendo "nãão" e repetindo "nãão" e não.

II

E eu me lembrei de procurar um par de botas
das que meu pai usava e pôr o par de botas
atrás da porta do sertão que resmungava entocaiado
[no arvoredo.
Como fazia frio aquela noite!
Fiquei com tanto mêdo... Um gato corrumiau
passeava pelos vãos da telha-vã...
Mas chegou a manhã, linda como um tesouro!
e eu fui achar, com o coração aos pulos de alegria,
as duas botas de couro
abarrotadas de ouro!

III

Passou mais um ano e meu pai não voltou.
Botei meus sapatões atrás da porta novamente
e no outro dia
fui encontrar meus sapatões abarrotados de
[esmeraldas!

Minha vovó, uma velhinha portuguêsa com cabelo de
[garoa e xale azul-xadrez me garantia:
— Foi o papá Noel quem trouxe". Até que um dia
fiz que não vi mas vi; acordei da ilusão.
Meu pai era um Gigante, caçador de léguas,
um feroz domador de onças pretas,
terror do mato, assombração das borboletas
mas tinha um grande coração.

Por fim cresci. Hoje sou gente grande.
Sou comissário de café. Tenho viadutos encantados.
Minha cidade é êsse tumulto colorido que aí passa
levando as fábricas pelas rédeas pretas de fumaça!

Barulho fantástico
de um mundo que saiu da oficina.
Grito metálico de cidade americana.
Vida rodando fremindo batendo martelos
com músculos de aço.

E o Tietê conta a história dos velhos Gigantes
que andaram medindo as fronteiras da pátria,
ao tempo em que S. Paulo colocava os sapatões atrás
[da porta
e os sapatões amanheciam cheios de ouro...

E os sapatões amanheciam cheios de esmeraldas...

E os sapatões amanheciam cheios de diamantes...

O SANGUE DAS HORAS

(1940)

O SANGUE DAS HORAS

Queixei-me de não ter pão
e a noite me disse não.
Mostrei-lhe a varanda nua
e a Noite me trouxe a lua...
Você tem sêde, não é?
E a Noite me deu café.

São verdes como a esperança
as horas em que sou triste:
bem que existe não se alcança,
só cansa;
procuro o que não existe.

Se a dúvida me procura,
pondo a cerração do tédio
em minha existência obscura,
bebo a esperança, remédio
para as feridas sem cura...

Que dúbio alvor de camélia
anda lá fora a flutuar?
E' a Noite que, de tão velha,
tão velha,
criou cabelos de luar...

A insônia do meu relógio
durante a noite passada

crivou-me o corpo, já enfêrmo,
de punhaladas sonoras...
Meus olhos são duas feridas
por onde
escorre o sangue das horas.

Entre o passado e o porvir
aquêles peixes de prata
não me deixaram dormir.
Tomei café sem parar.
Bebi treva em goles mudos...
Criei cabelos de luar.

ROSAS DE ESPUMA

Só amo êsse amargo sorriso
da tua eternidade;
porque me assusta a eternidade,
e tu me dás a imagem dela,
ó mar terrível.

Nessa oscilação do teu nível,
tu és o noturno balanço
em que ora grito, ora descanso.
ó oceano lírico e manso
que brincas comigo na praia!
Alma inquieta de marujo,
no vidro azul do mistério
adivinho o teu cemitério
sujo de óleo, em cada pôrto,
sujo de dor e amarugem,
sujo do sangue escorrido
do último navio morto;
ó oceano bíblico e sujo!

E porque à monotonia
e à tristeza do absoluto
prefira a rosa da alegria
mesmo que dure um só dia.
é que luto.

É que amo o fundo do horizonte

que me promete a invisível
surprêsa.

É que amo o ridente improviso
das tuas rosas de espuma.

É que amo tudo o que é breve:
Tudo o que chega mas não traz
esperança.
Tudo o que é hoje uma rosa
de espuma.

Tudo o que é vário; que não custa
senão um cruel monossílabo
cravado no peito
e que, portanto, nada custa.

Tudo o que é eterno me assusta!

ARCO-ÍRIS

Sei que tens as mãos cheias
de pedras rútilas do ódio
para atirar contra o meu rosto
quando algum dia eu passar,
triste, à hora do sol-pôsto

No entanto, sem que o percebas,
busco os teus olhos de arco-íris
e, muita vez, meu pensamento,
sem sequer o pressentires,
pousa em teu ódio sem igual,
como uma absurda borboleta
que pousasse as suas côres
bem na ponta de um punhal.

Bem na ponta de um punhal
em cuja aparência tranqüila
um gesto futuro cintila...
Para meu bem? para teu mal?

BALADA PARA MINHA MÃE

À hora difusa, decomposta,
em que as perguntas terrenas
ficam no ar, sem resposta;
em que as coisas maiores do mundo
nos parecem pequenas;
em que se arrancam as palavras
ao nosso corpo moribundo
como se arrancam pobres penas
à asa de um pássaro ferido;
à hora crucial dos vãos confrontos
e das inúteis cantilenas,
não se dirá de mim, ao certo,
que houve a mais triste das cenas;
nem se dirá que minhas mãos
semeando o mal, como semearam,
terão a côr das açucenas
se para o bem foram pequenas...
À hora sem brilho, sem resposta,
minhas mágoas serão serenas;
pois há um nome que foi feito
pra ser pronunciado por último
por ser uma sílaba apenas...

NINGUÉM MAIS

Quando pergunto alguma coisa
ao silêncio da hora triste,
não sei de onde uma voz me responde.

Quando olho no espelho do rio
no azul sem mágoa da planície d'água
vejo alguém que me espia longamente...

Quando vou pela estrada
que serpeia no oceano de areia
sob a lua que me ilumina o passo incerto,
noto que um vulto, alguma sombra estranha,
pelo caminho me acompanha...

Só tenho três amigos!
Meu eco,
minha imagem,
minha sombra.

CHOVE SILÊNCIO SÔBRE NÓS

Foram más, com certeza,
tôdas as outras palavras
que a vida nos pôs na bôca
porque morreram na treva
do silêncio sem acústica,
desde a mais bela à mais rústica.
A estrêla da tarde cai
do rosto de Deus no meu
rosto que já anoiteceu
como um pingo de suor
vertido por muitos séculos
de silêncio, mais que tudo.
Tal a palavra que cai
do rosto de cada um de nós
quando ficamos a sós
no grande rosto de tudo
que já vai ficando mudo.
Chove silêncio sôbre nós.

COMPROMISSO

Eu serei um túmulo
para o teu segrêdo
que guardado está.

A noite mais negra
baterá o martelo
do vento mais rijo
nesta pedra muda:
Quem será que mora
nesta pedra muda
que tão muda está?

Mas o meu silêncio
nada lhe dirá.

E já as formigas
cobrirão meus olhos
e êstes musgos verdes
estarão crescendo
fora das paredes.

Mas o meu silêncio
nada lhes dirá.

Virá a alva louca:
quem será que mora

nesta pedra tôsca
que tão muda está?
Mas o meu silêncio
nada lhe dirá.

Bôca costurada
pelo meu silêncio
pode a madrugada
me trazer seus pássaros,
suas rosas rubras,
que serão perguntas
sem repercussão.

Mesmo algum cipreste
crescerá alto e fino
como longa espada
por alguém cravada
no meu coração.

Mas o meu silêncio
nada lhe dirá.

O HOMEM E A LANTERNA

Soprava um vento mau, teimoso e rijo
e a noite queria arrastar as criaturas
para o seu negro esconderijo.

Ora mais perto, ora mais longe, a êsmo,
caminhava, nas mãos de alguém, uma lanterna.
Sob a chuva. Com a luz trêmula, trêmula...

Um bêbedo, procurando uma taverna?
Um operário, obrigado a partir muito cedo?
Um vagabundo? Um Diógenes redivivo?

Não sei. Só sei que, em meio à noite brava,
havia um homem que lutava, que lutava
com o vento, que lhe queria inglòriamente
apagar a lanterna.

"Já não tenho, sequer, a quem pergunte
coisa alguma, sou eu o último transeunte.

Onde estará, senão na treva de si mesmo,
o anjo negro, que a estas horas nos governa?"

E quanto mais o vento mau lhe sacudia
a luz trêmula, mais acendia o fogo da lanterna.

A estrada escura, por onde êsse homem caminhava,
devia ser longa, muito longa, e eterna.

Tão longa que, ao amanhecer, o mísero,
já azul, se confundiu com o céu e outros azuis.

Tão longa que a lanterna repetida,
que lhe ia na mão trêmula, trêmula,
se confundiu com a estrêla — também trêmula
do dia seguinte.

A MORTE DE ALICE

Que ela morreu, eu sei, porque a vi morta
na manhã fria e luminosa do nunca mais.
O médico atestou, ali mesmo: está morta.

As irmãs do hospital lhe haviam sido tão amigas
que ela quis ser vestida com o traje de irmã.
Queria entrar no céu pelas duas asas brancas
de um pássaro branco, que lhe houvesse
pousado sôbre a cabeça, à última hora.

Ela saiu da vida como quem sai de uma festa.
Levava um gorjeio de pássaro para o céu ainda escuro
e uma brancura de rosa para a terra faminta.

Que ela morreu, eu sei, porque a vi no caixão.
Fria, tendo um lençol de luar sôbre o rosto de santa.
Havia, em sua face, a coragem tranqüila
de quem morreu sabendo que morreu.
Com o cabelo ainda vivo e dourado de sol
como uma planta nascida no gêlo.

Eu sei que ela morreu, pois são inesquecíveis
aquêles ângulos que se formam pela sala,
onde alguém cruza as mãos, cruzando os dedos
sôbre o peito, como se fôssem dois segredos,
dois ramos, arrancados à árvore da vida.

Eu sei que ela morreu, pois é imorredouro
o grito que se dá na fronteira sem eco.
E há uma deformação cubista na linguagem
dessa hora, que não deixa a menor dúvida:
a quadra que terá o seu nome, e um número;
o cruzeiro das quatro velas solitárias,
o quadrado da cova, os quatro cantos da parede,
o futuro retângulo de um canteiro de rosas...
O próprio chôro de quem chora pelos cantos
tem qualquer coisa de noturna geometria.

Se nunca mais a vi, depois daquele dia,
no qual os silêncios eram flôres nascidas
pelo vão dos minutos, pelo vão dos seus dedos,
foi porque ela morreu, irremediàvelmente;
esmagada, como uma pétala de rosa
nas mãos de chumbo que a levaram para sempre.

Mas foi tal o rumor de sua mocidade
que ela venceu a morte com a leveza de um sonho
e não me convenceu ainda de que está morta.

Pois se a morte me vence
como uma pedra que rolou do barranco,
por que não me convence
como uma simples pétala de rosa?

Ah, a brutal convicção com que não acredito
na sua morte já não é um pouco do Infinito?

PRESENTEMENTE

Moro na estaçãozinha
buliçosa de gente.
Nome: Presentemente.

Se chega uma andorinha
e pousa em meu telhado
será por inocência.
De que país distante
ela terá chegado?

Quando alguém chega e bate
à minha triste porta
será por ser um pobre,
ou jovial rapariga.
Pobre, dou-lhe algum cobre;
rapariga que seja,
dou-lhe uma flor antiga.

Somos irmãos na mágoa.
Somos irmãos porque,
na pequena poesia
do vaivém cotidiano
ocorrem tais encontros
de tristeza e alegria.
E, juntos, assistimos
ao mesmo fato humano

que umas vêzes nos liga
e outras vêzes porque,
só por acaso, ouvimos
uma mesma cantiga.

Nome: Presentemente.

UM DIA DEPOIS DO OUTRO

(1947)

AS 4 IRMÃS E O AMIGO

A uma ofereci um Cristo.
A outra dei um relógio
(um relógio de parede).
A terceira abre a janela.
A última recebe o amigo.
Meu amigo que não veio
e um dia virá da rua.

A primeira em cujo peito
o alvo Cristo chora sangue,
fica à minha cabeceira,
quando sofro, em duro leito.
A segunda conta as horas,
forçando-me a ser exato
entre as mais tristes demoras...
A terceira, pitoresca,
tem sôbre o seio uma rosa
estampada em tinta fresca.
A última é a que recebe
o meu pão de cada dia,
o jornal, de manhã cedo;
é a que guarda o meu mistério,
e fica à porta da rua
que vai para o cemitério.

Com a primeira me confesso.
Com a segunda conto as horas.

Com a terceira olho a paisagem.
A última — é o que lhe peço —
será noiva do meu corpo
numa viagem sem regresso.

Ó Cristo de olhar antigo,
ó minhas horas de espera,
ó flor azul da janela!
ó minha futura noiva
que estás à porta da rua,
onde estará meu amigo?
meu amigo que não veio?

MEIO-DIA

Azul pernalta
Girassol
de cabeça erguida

Palmeira esticada
Campo de Marte
Sêde acesa
Espelho sem nuvem
Rosto sem ruga
Céu sem barca

Doze cigarras
extremamente nítidas.
Doze lágrimas
ásperas, sonoras.
Uma após outra
marcam doze horas.

O meio-dia mora
na árvore, a tarde
mora no horizonte.
E tu, ó Noite, onde
moras?

Uma formiga
em forma de g

sai de oculto alfabeto
e passeia, explícita,
no chão dourado.

Um cacto cresceu.
Só agora o estou vendo.
Nu, perpendicular
como o meio-dia.

AS SEMPRE-VIVAS

O povo enfeitou a rua, ainda descalça,
por onde, lerda e triste, a procissão ia passar.
E a pequenina rua ficou, de ponta a ponta,
coberta, quase só de sempre-vivas.

Os pés da procissão, centopéia monstruosa
sôbre um tapête,
esmagaram, uma a uma, as pobres sempre-vivas.
Os pés da procissão eram os pés do povo.
Iam sujos de terra e culpa. Em passos vagarosos.
Como não esmagar as pobres sempre-vivas?

Mas os pés, esmagantes, com que o rio de gente
caminhava, de rua em rua,
levavam sôbre, e um atrás do outro, os corpos vis
dos pecadores.

E os corpos vis dos pecadores, por sua
vez, sem distinção de côr, de roupa ou de sapato,
levavam sôbre — louras, pretas e brancas —
um mar de cabeças.

E êsse mar de cabeças levava, por último,
já distante do chão, já oscilando no espaço,
como que procurando um obscuro horizonte,
já espiritualizada pelo céu da própria tarde,

sôbre todos os corpos e sôbre tôdas as coisas,
e ainda sôbre o andor, a santa imagem
de Nossa Senhora em seu manto azul novo.

Nossa Senhora a caminhar com os pés do povo.

Com milhares de pés, ilustres ou descalços,
cheios de humana condição. Mas, todos, falsos
porque não eram seus mas apenas do povo...

Não foi, portanto, Nossa Senhora assim tão longe
dos pés da procissão, quem esmagou as sempre-vivas.
Foram os pés do povo, em marcha silenciosa,
rude e compacta, com as suas passadas de chumbo.

De resto, Nossa Senhora usa sapatos celestes
e as sempre-vivas são demasiado ásperas, agressivas.
Poderiam ferir-lhe os pés que só merecem rosas.

Porém, os pés dos pecadores é que andavam
àquela hora
de rua em rua, como se fôssem os de Nossa Senhora.

Então as sempre-vivas,
pisadas pelos pés dos pecadores
mesmo depois de mortas continuaram vivas.
(O chão ficou dourado.)

Como se os pés distantes
e trêmulos de Nossa Senhora (a caminhar, a caminhar
[com os pés do povo)
as tivessem pisado.

RELÓGIO

Diante de coisa tão doída
conservemo-nos serenos.

Cada minuto de vida
nunca é mais, é sempre menos.

Ser é apenas uma face
do não ser, e não do ser.

Desde o instante em que se nasce
já se começa a morrer.

VIAGEM SÔBRE O ESPELHO

Na grande tarde, que é um arco
vermelho
oscila o barco
sôbre o espelho.

Nesse barco navega o meu rosto.
O meu rosto de tripulante
olha o meu rosto de náufrago
no espelho.

A viagem é longa. A paisagem
também oscila
entre o meu mundo em viagem
e a água tranqüila.

Tudo é oscilação na tarde.
A água como que balança
em cada curva
entre o futuro e a demora.

Depois caminha oscilando
entre as duas margens opostas
como uma pergunta: até quando?
entre duas respostas.

Mas a oscilação mais grave
é a da viagem sôbre o espelho.

Em que cada um de nós navega
com dois rostos.

Tripulante sôbre o barco
e náufrago no meu reflexo
sob a tarde, em forma de arco,
vou eu, cada vez mais perplexo.

O meu rosto que se debruça,
vê o outro, caído ao fundo.
E sente, através do outro,
o abismo que aos meus pés carrego.

Antípoda de mim mesmo
entre mim e a minha mágoa
levo os dois rostos a êsmo
um em meu corpo, outro n'água.

O que, por fôrça, conduzo
prêso ao corpo
é o que não naufragou ainda.
O outro é o que perdi pra sempre.

Viagem dupla, quase sem alvo,
em que o meu barco desliza,
entre o que há em mim de salvo
e o que de salvação precisa.

Na grande tarde, que é um arco
vermelho
oscila o barco
sôbre o espelho.

SONÊTO DA AUSENTE

É impossível que, na furtiva claridade
que te visita sem estrêla nem lua,
não percebas o reflexo da lâmpada
com que te procuro pelas ruas da noite.

E' impossível que, quando choras, não vejas
que uma das tuas lágrimas é minha.
E' impossível que, com o teu corpo de água jovem
não adivinhes tôda a minha sêde.

E' impossível não sintas que a rosa
desfolhada a teus pés, ainda há um minuto,
foi jogada por mim, com a mão do vento.

E' impossível não saibas que o pássaro,
caído em teu quarto por um vão da janela,
era um recado do meu pensamento!

SOB UM GUARDA-CHUVA

I

As luzes caíram trêmulas, na calçada.
E escorrem líquidas.

São luzes de tôdas as côres,
em pequenos naufrágios sôbre o asfalto.

Se eu pudesse gemer como êste vento,
como diria o poeta...
E abro o pequeno céu com asa de morcêgo
mas chove em mim pelo vão de uma estrêla.

A chuva me dá, sempre, uma sensação de raiz.
Tenho a impressão de estar coberto
de fôlhas verdes, espirrando água.
O mar estronda, carregado de prata
e peixes.
E eu logo penso em meu pai, lavrador.
Roupa cheirando chuva, o cabelo escorrido na testa.
Os sapatos no barro.

A chuva, para êle, era uma festa com arco-íris
ou sem arco-íris.

Pássaro branco sob o guarda-chuva
em exercício de ficar parado
sinto-me prêso entre os quatro pontos cardeais
desta esquina pingando horas.
Nada mais falso do que um boletim meteorológico.

Ganhou da lua e da minha esperança.
Onde estarão os pequeninos barcos de papel de minha
[infância?
Estarão jogados, como objetos já sem uso
no cemitério dos navios mortos?

Penso na sêca do Nordeste,
no país das fatalidades cíclicas e dos contrastes
entre a rosa do sol e o Dilúvio.
A rosa do sol escondida no abismo do mapa
inteiramente côr de cinza.
A sensação da ausência, a árvore da chuva
desfeita em galhos torrenciais.
E eu, aqui, a afogar-me em água e, lá, o Nordeste
de rosto enxuto.

II

O céu me atrai, porém a terra — com êste cheiro de
[chuva —
me dá uma sensação de raiz.
A terra pode mais que o céu, quando a chuva
me molha a memória, me fecunda,
e eu sinto peixes e orquídeas no corpo.
Mas enquanto a chuva cai, torrencial,
e o vento a arrasta pelos cabelos de prata,
fico pensando, sob o meu guarda-chuva.

Penso que é absurdo comparar com a chuva
as nossas lágrimas (isso é demais, ó poeta).
Lágrimas quentes, que nos queimam os olhos,
e caem por dentro sôbre ocultas feridas,
com êste chôro sem sal.

Além disso, os problemas municipais já esquecidos
e os nacionais, também, renascem, sob a chuva.
Os automóveis gritam, pedindo passagem,
uns roucos, outros tocando um começo de música.
Discutem prefeitura e tarde escura
a eterna questão do trânsito.
Um trovão quis contar-me um violento segrêdo
mas soletrou, apenas. Que monstruosa verdade
não terá êle pretendido dizer-me?

III

Deus rabiscou no espaço uma palavra de fogo
que não pude entender, por não saber hebraico,
mas que deve estar escrita em alguma passagem da
[Bíblia.
Onde terá caído esta faísca elétrica?

O que vale, pra mim, é que a casinha pequenina
onde nasceu o nosso amor, tem um coqueiro ao lado.

E se Franklin inventou pára-raios de luxo
para os arranha-céus, Deus botou um coqueiro
para servir de pára-raios junto à casa do pobre.

Dia sem céu.
(Nisto um transeunte
saiu correndo, atrás do seu chapéu.)

A ORQUÍDEA

A orquídea parece
uma flor viva, uma
bôca, e nos assusta.
Flor aracnídea.

Vagamente humana,
bôca, embora feita
de inocentes pétalas,
já supõe perfídia.

Já supõe palavra
embora muda.
Já supõe insídia.

Que estará dizendo
o lábio quase humano
da orquídea?

A IMAGEM OPOSTA

Espelho, sub-reptício espelho,
meu professor de disfarce.
Quem poderá disfarçar-se
sem recorrer ao seu conselho?

E' diante dêle que componho
não só a gravata, meu enfeite,
mas o meu jeito de rir, tristonho,
para que o mundo me aceite.

Suspenso defronte à janela,
falador, não obstante mudo,
êle é o meu jornal tagarela
que em segrêdo me conta tudo.

Graças ao seu préstimo avisto
tudo o que se passa lá fora.
E vejo, sem jamais ser visto,
a vida que se vai embora...

Vejo o amigo... (ah, eu o compreendo)
o amigo que mais considero.
Aquêle que só é sincero
por não saber que o estou vendo.

Por uma questão de consciência
não censuro o meu amigo,
só sincero na minha ausência
e não face a face comigo.

Também — nos atos que pratico —
não quero um espelho defronte
que me censure, que me conte
a estranha cara com que fico.

Espelho, só pra contemplar-se,
em sua superfície nua,
tudo o que se passa na rua...
Espelho, só que me disfarce.

Professor de realismo? Nunca.
Há um rosto, que êle não me mostra.
Sòzinho, sou uma pergunta,
em meu reflexo uma resposta.

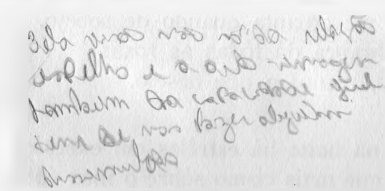
Ao sinal do menor percalço
já comigo não me assemelho.
O próprio chôro fica falso
se chorado diante do espelho.

O meu rosto é apenas a tampa
de um noturno labirinto.
Pois em verdade nunca estampa
a grande verdade que eu sinto.

O meu ar de fácil espanto
diante da verdade ou do êrro,
o rir com que disfarço o pranto,
a dor com que acompanho entêrro.

tudo isto aprendi num espelho,
secretamente, sem alarme.
E como agora fantasiar-me
de novo, sem o seu conselho?

Ó ôlho de cristal, severo!
com que a minha face investigo.
Digo-te tudo, só não digo
que me ensinaste a ser sincero.



DIZES TANTAS COISAS...

Não adiantam graças, as mais numerosas,
nem o céu me adianta quando de sobejo.
A roseira branca dá tôdas as rosas
imagináveis, menos a que desejo.

Muita vez na noite há estrêlas em excesso
à hora em que mais cismo sôbre o meu futuro.
Se vou vê-las triste, triste é o meu regresso:
Encontro tôdas, menos a que procuro.

Dizes tantas coisas, ó esperança louca,
com êsses olhos verdes, e de olhar severo.
Mas vejo que és falsa, falsa de tão pouca,
porque dizes tudo, menos o que espero.

Dizes tantas coisas, entre o sol e a bruma
e os silêncios nascem pela nossa estrada.
O maior silêncio é o que decorre de uma
palavra esperada e nunca pronunciada.

Quanto mais falamos mais silêncios nascem
por entre as palavras como o luar nos ramos...
Calam-se os pássaros, como se aguardassem
a única palavra que não pronunciamos.

E se eu encontrasse a estrêla que procuro?
E se um dia viesse a rosa que mais quero?
E se me dissesses, sob um luar obscuro,
a pequena frase que até hoje espero?

Ó esperança louca, torna a emudecer.
Continua quieta, não me digas nada.
Guarda essa palavra cujo encanto é ser
sempre esperada e nunca pronunciada.

AINDA IREI A PORTUGAL

Nunca fui a Portugal.
Não por falta de querer.
Nem por perder meu lugar
que êste bem guardado está.

Dificuldades de vida...
Contratempos da memória...
Certas questões de prosódia
e outros pequenos abismos
postos entre mim e o Atlântico
até que algum dia eu vá.

Não conheci meu avô
senão de fotografia.
Não ouvi, senão em sonho,
o canto da cotovia.
No entanto, talvez lirismo,
— lirismo da hora H —
ah! que saudade que eu sinto
de tudo o que ficou lá.

Fui marujo, com certeza,
pois tenho alma azul-marinha.
Vim pro Brasil tão futuro
que nunca soube que vinha.

Hoje caço papagaios
e outras aves tagarelas
mas andei caçando mundos
no bôjo das caravelas
entre o azul e o deus-dará.

Com os olhos de meu avô
conheci horizontes novos,
gentes de tôdas as côres
e os mais variegados povos
que só em sonho revejo
por nunca ter ido eu lá.

No doloroso retrato
que no meu sangue caminha
me vieram essas paisagens
filhas de audaciosas viagens.
Condição estranha, a minha.
Sinto que sou quase autor
da carta de Vaz Caminha.
Onde estaria eu agora?
Meu avô, onde estará?

Saudade de Portugal
que o coração me espezinha.
Sem saber se êle me "quere".
Esta a saudade que fere
mais do que as outras quiçá.
Sem exílio, nem palmeira
onde cante um sabiá...

Saudade assim por herança
de coisas que não conheço,
chega a ser, quase, esperança...

Esperança pelo avêsso.
Saudade tanto mais grave
por nunca ter ido eu lá.

Saudade maior? Não tem.
"Não tem", não senhor; não há.

SALA DE ESPERA

(Ah, os rostos sentados
numa sala de espera.
Um "Diário Oficial" sôbre a mesa.
Uma jarra com flôres.
A xícara de café, que o contínuo
vem, amável, servir aos que esperam a audiência
[marcada.

Os retratos em côr, na parede,
dos homens ilustres
que exerceram, já em remotas épocas,
o manso ofício
de fazer esperar com esperança.
E uma resposta, que será sempre a mesma: só amanhã.
E os quase eternos amanhãs daqueles rostos sempre
[adiados
e sentados
numa sala de espera.)

Mas eu prefiro é a rua.
A rua em seu sentido usual de "lá fora".
Em seu oceano que é ter bôcas e pés
para exigir e para caminhar.
A rua onde todos se reúnem num só ninguém coletivo.
Rua do homem como deve ser:
transeunte, republicano, universal.

Onde cada um de nós é um pouco mais dos outros
do que de si mesmo.
Rua da procissão, do comício,
do desastre, do entêrro.
Rua da reivindicação social, onde mora
o Acontecimento.

A rua! uma aula de esperança ao ar livre.

A RUA

Bem sei que, muitas vêzes,
o único remédio
é adiar tudo. E' adiar a sêde, a fome, a viagem,
a dívida, o divertimento,
o pedido de emprêgo, ou a própria alegria.
A esperança é também uma forma
de contínuo adiamento.
Sei que é preciso prestigiar a esperança,
numa sala de espera.
Mas sei também que espera significa luta e não,
[apenas,
esperança sentada.
Não abdicação diante da vida.

A esperança
nunca é a forma burguesa, sentada e tranqüila da
[espera.
Nunca é a figura de mulher
do quadro antigo.
Sentada, dando milho aos pombos.

BALADA DO DESENCONTRO

Ó tu que vens por um caminho
quando eu vou por outro, sòzinho.
Já que se deu o desencontro
entre o meu ir e a tua vinda
quisera encontrar a paragem
onde os caminhos se confundem
num só, ou vagar no deserto,
para ver se te encontro ainda.

Se os caminhos são tão contrários
e tão diversos na esperança,
que a mão de Deus não os destrança
(segredos que ninguém deslinda)
então, quisera correr mundo,
os pés sem nenhum compromisso,
assim como os anjos e os pássaros
para ver se te encontro ainda.

Ah, muitas vêzes vou vagando,
de rua em rua, sob a lua,
pelo prazer de andar à toa,
dentro de mágica berlinda,
de braço dado com a garoa,
a noiva dos desencontrados,
e vago assim, à toa, à toa,
para ver se te encontro ainda.

Será feliz o andar à toa,
sem estar prêso a chão e espaço?
Sem decidir entre os deveres
com que o mundo feroz me brinda?
Cair na lama, a cada passo?
Beber escórias e licores
que fazem sonhar paraísos
para ver se te encontro ainda?

Ó tu que vens por um caminho
quando eu vou por outro, sòzinho.
Dize-me: que estrêla ou planêta
será o em que devo encontrar-te?
Sei que esta viagem está finda;
mas, por mercê de Deus, por arte
da noiva dos desencontrados,
quero ver se te encontro ainda!

DESCONVERSA

Já é tempo de parar um pouco esta conversa.
Ao menos pra matar a sêde e dar lustre ao sapato.

A noite é de natal. Própria pra isso.
Em tudo, o sinal mágico da esperança.
Já é tempo de iniciar minha prudente desconversa
lírica. A lógica é que cansa.
Mas... e o feitiço da recordação?
Lembrar-me bem do tempo de menino (a premissa)
e ficar triste (a conclusão).

Quanta vez sonhei voar! (Ainda não havia aeroporto)
Quando alguém voa em sonho — me diziam —
é porque está crescendo. Hoje, pergunto:
mas crescendo praquê?

Só pra andar por aí, de rua em rua,
até ser esmagado (é lógico) pelas rodas de um auto
em que viaja, sempre, uma pessoa sem culpa?
E ficar, não raro, reduzido a uma poça de sangue
na calçada,
cercado logo por uma multidão de rostos
que a curiosidade torna cruéis, mas sem culpa?

Em meu passeio ao mundo mágico desta noite
lembro-me bem do tempo de menino...

Impossível desconversar, sem uma lágrima.
Quanta vez eu pensei que o céu morava perto.
Era só caminhar um pouco,
subir o morro que ficava mais próximo
e já tocar o azul com a mão...
Azul praquê? Hoje pergunto. Azul pra ver, depois,
(é lógico) que o azul é, justamente, a santa imagem
daquilo que a mão não toca?
A noite é de natal. Voltar a ser criança...
Lembrar-me bem do tempo de menino...
Pôr um sapato velho atrás da porta... Pois, quem
[sabe?
A magia da noite é tal que tudo
nesta hora, de desconversa lírica, é possível.
Dês que se tenha, entre os solavancos da viagem,
um pouco de criança e um, já histórico,
sapato rôto de tanto dar a volta ao mundo.

Pôr o sapato velho atrás da porta, mas... praquê?
Pra esperar um presente apenas: Nada.
Um simples nada... que não seja trágico.
Um simples nada, até possìvelmente mágico
como tôdas as coisas mágicas desta noite.

Pôr um velho sapato atrás da porta, e pronto.
E depois? No outro dia, só a estranheza
que causaria o eu não ter acordado mais cedo,
o eu ter ficado quieto, por mais tempo
do que o natural, do que o permitido pela lógica.
O eu não ter pedido — por exemplo — a xícara de
[café,
indispensável, que é o meu vício matinal.

(O escrivão de paz dará, então, o certificado
de minha *definitiva* inocência.)
Pois quem dorme já não é criança, enquanto dorme?

Mas a gente não mede o que diz. Afinal, fiquei triste.
Ficar triste. Conclusão obrigatória de tôda
desconversa lírica.

A noite é de natal.
E eu vou dormir dormindo (é lógico)
enquanto as crianças estão dormindo acordadas.

A LAVADEIRA

A mulher do povo
lava a toalha branca
no quintal.

Não há nada mais branco
do que a sua toalha
no varal.

Onde uma asa de garça
de brancura igual?
Onde uma camélia
mais alva do que a roupa
sem nenhuma ruga
que brinca no varal?

O lenço que ela enxuga
é uma alvura que grita.
Um adeus que se agita
e que ninguém descreve
de tão branco e breve.

A colcha que ela lava
é tão branca que assusta.
Não por tudo o que custa
de trabalho e de orvalho
à mulher do povo,

mas só pelo receio
de que, sendo tão branca,
algum mau pensamento
vá manchá-la de novo.

Só conheço um pássaro
de brancura igual...

O lençol lembra o sol
de um país de neve.
Ninguém o diz usado
para cobrir angústias
num leito de hospital.

Aquela nívea fronha
parece que ainda sonha...
Que noturna cabeça
nela terá pousado?
Uma fada travessa?
Alguma triste fronte
já sem outro horizonte?

As mãos da lavadeira,
grossas, calosas, duras,
são mágicas, são noivas,
para que, dos seus dedos,
nasçam tantas alvuras?
No dia em que eu tiver
de lavar minhas culpas
meu coração já sujo
de saudade e esperança,
de óleo, tinta ou ferrugem,
ora roxo, ora verde,
não irei a uma igreja
como um caramujo

nem subirei a escada
da Penha, tão de pedra
para os meus pobres joelhos.
Pois os seus degraus
ficariam vermelhos.

Também o céu tão alto
e que ainda se expande
nas nuvens não me agrada.
Para quê céu tão grande?

Procurarei apenas
a mulher do povo
que está batendo roupa
no quintal.

Pequenas nuvens mágicas,
asas brancas de linho,
espumas, açucenas,
bordarão meu caminho,
incógnito, matinal.
Para quê céu tão grande?

E em seu pequeno céu
de anil
lavarei minhas penas.

E minha alma, salva,
ficará mais alva
do que a estrêla-d'alva!

O TEU PRANTO. AURORA

A rosa também chora
balançando no galho
que a mão do vento agita...
Vai-se ver, é orvalho.

A fonte também chora.
Pensa-se que é de mágoa.
Vai-se ver, é água
na manhã sonora.

A lágrima que dói
é em silêncio, escondida.
Lágrima que se chora
uma só vez na vida.

O teu pranto, Aurora,
não convence a ninguém.
Porque mulher bonita
chora quando convém.

BURRO DE PRESÉPIO

No azul lavado da manhã tudo é asseio.
A rua é um rosto de tão limpa.
Que graça ver, numa hora assim, tão pura,
passar êste burrinho — um burrinho a quem coube
(talvez por edital) puxar penosa carga.
A carga multicor de uma enorme carroça de lixo.

De rua em rua.

A Sociedade Protetora dos Animais não vê isto?
Mas justamente nisto — em puxar uma enorme
[carroça
excessiva pra suas fôrças, — é que está sua graça.
É uma jóia o burrinho; leva um badalozinho ao
[pescoço,
igual, em som, ao que o coroinha sacode
durante a missa.
E está todo enfeitado, como que pra uma festa.
Com uma rosa na testa.

(A manhã adquiriu, já, um ar de presépio
por causa dêle; mas isso é outra coisa.)

E o lixeiro? Ah, o lixeiro é um prêto, bem prêto,
[retinto,
metido em seu macacão de zuarte.
(Aliás, as realidades nunca estão, tôdas,

no mesmo plano de uma fotografia. E, a julgar pela
[rosa,
a rosa que o burrinho leva, prêsa, à testa,
o lixeiro é, também, um plantador de rosas.
Rosas brancas).

A carroça de lixo é um bazar. Tem de tudo.
Cacos de garrafa, ossos, trapos, jornais velhos,
cascas de fruta, pontas de cigarro,
uma boneca já usada, de pano, ainda ruiva,
ou um sapato velho (sapato que deu muitas voltas
ao mundo). É, tôda, um universo colorido
a 39 graus de sol.

Quem nos dirá, porém, onde a rosa termina e onde
[o lixo começa,
neste outro universo, rútilo, em que vivemos
e onde o ignóbil e o maravilhoso tocam piano a
[quatro mãos
na mesma festa?
(Mas isso já será uma outra coisa.
Atrás da fotografia moram outras coisas.
As coisas moram, sempre, umas escondidas atrás das
[outras
nesta emboscada cotidiana que é o destino.)

E eu penso agora é já numa outra coisa.
Penso que devia ter sido num burrinho assim, com
[uma rosa bem branca na testa
que Nossa Senhora fugiu para o Egito.

Uma palavra puxa outra, uma coisa mora atrás da
[outra
e agora eu quero o meu entêrro é assim:

puxado por um pequeno burro de presépio, igual a
[êste,
Pequenino, enfeitado a capricho,
e com uma rosa, uma rosa bem branca na testa.

E todos os moleques do bairro me acompanharão nesse
[dia,
batendo em tambores de lata.

E as môças bonitas sairão à janela
pensando que é uma festa.

(Mas será uma outra coisa... Uma outra e última
[coisa).

A SINTAXE DO ADEUS

O frio que a morte traz
quem o sente não é o morto.
O morto apenas esfria.
E' o frio do calafrio...

E são os vivos que o sentem.
Também os vivos têm mêdo
de olhar nos olhos do morto.
Ah, o terrível segrêdo.

E alguém, com dedos de rosa
vem e automàticamente
pra que o morto não nos veja,

lhe fecha as pálpebras como
a duas pétalas e adeus.
A-deus quer dizer sem Deus.

SERENATA SINTÉTICA

Rua
torta.

Lua
morta.

Tua
porta.

A FLAUTA QUE ME ROUBARAM

Era em S. José dos Campos.
E quando caía a ponte
eu passava o Paraíba
numa vagarosa balsa
como se dançasse valsa.
O horizonte estava perto.
A manhã não era falsa
como a da cidade grande.
Tudo era um caminho aberto.
Era em S. José dos Campos
no tempo em que não havia
comunismo nem fascismo
pra nos tirarem o sono.
Só havia pirilampos
imitando o céu nos campos.
Tudo parecia certo.
O horizonte estava perto.

Havia erros nos votos
mas a soma estava certa.
Deus escrevia direito
por pequenas ruas tortas.
A mesa era sempre lauta.
Misto de sabiá e humano
o meu vizinho acordava
tranqüilo, tocando flauta.

Era em S. José dos Campos.
O horizonte estava perto.
Tudo parecia certo
admiràvelmente certo.

NESTA RUA TEM UM ANJO

Aqui tem um anjo
que se chama Arranjo.

Pode a vida ser má
como fôr,
sem nenhuma flor:
Com êle eu me arranjo.

Chega a hora do ajuste
no País do Amor,
aconteça o que fôr,
no fim tem um Anjo.

Chega a hora do ajuste,
ou de comer, guloso,
o fruto proibido,
de encontrar objeto
já há muito perdido;
chega a hora difícil
de fugir com a amada,
furtando-a aos pais burgueses;
a hora de pecar contra
todos os mandamentos
e se esconder, depois,
presto, numa das pétalas
da Rosa dos Ventos,
no fim tem o Anjo.

A política é uma arte
de enganar o próximo.
Brigam uns com os outros
mas depois tem o Anjo.
Faz-se revolução
mas termina em festa.
Mata-se por amor
e eis que o júri se reúne
numa sessão em flor
e o amor sorri, impune.
Pois no fim tem o Anjo.

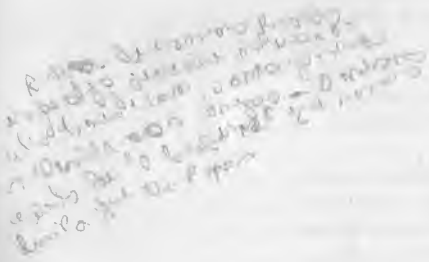
Não é São Gabriel,
nem Miguel Arcanjo.
Também não é o Demônio,
anjo decaído. É
outro anjo, mais bonito,
que se chama Arranjo.
Não está na Igreja,
mora ao fim desta rua.
E eu mesmo, que não bebo.
e nem jogo, e nem fumo,
mas estou cheio de erros,
alguns inconfessáveis
com êle me confesso
com êle me arranjo.

A gente quer ter raiva
dêsse Anjo, e não tem.
Chega a hora inadiável
de se jogar no bicho
(loteria do pobre);
chega a hora do estômago
do pedido de emprêgo
e do câmbio-negro

e pra quem apelar?
Pros homens da República?
Ou pra Nossa Senhora
da bem Aparecida
que tão longe mora?
Só mesmo tendo um anjo
mais rápido, mais perto,
que se chame Arranjo.

Já andei vestido de anjo
em procissão, menino.
Menino mau que eu era.
Hoje sou um marmanjo.
Hoje a vida esbanjo.
Hoje sou um simples
tocador de banjo.

Mas a verdade é esta:
no País do Amor,
aconteça o que fôr,
no fim tem um Anjo.



ODE MAIS OU MENOS ANACREÔNTICA

Duas fragilidades.
A mulher e a rosa
Como separá-las?
Ou ferir a mulher
ou, para não feri-la,
desfolhar a rosa.
Não é fácil, não.
Arrancar-se a rosa
a uma jovem formosa
que a segura na mão.
Uma e outra são
rostos de uma só arte.
Como distinguir
o orvalho que uma tem
nos pequenos refolhos
e a outra tem nos olhos?
Como destacar
dois perfumes gêmeos?
A rosa do seu rosto
junto ao rosto da rosa?
Como separá-las?
Ou ferir a mulher
ou desfolhar a rosa.

O BOI E O ARCO-ÍRIS

E apareceu nas nuvens, logo depois do Dilúvio, um arco; sinal da aliança definitiva entre Deus e a criação...

GÊNESIS, cap. IX.

O boi,
compacto, tranqüilo,
como se fôsse o monumento
animal do silêncio — boi santo —
está pastando; agora.

O boi
de olhos mansos,
esquecido de sua fôrça incomparável;
o boi que inventou a democracia
do couro;
o boi que não é rei pra abdicar de uma coroa
(mas que é muito mais, porque abdicou dos seus [chifres,
agora ornamentais e inofensivos)
está pastando a aurora.

O boi
está pastando a aurora.
O céu do matadouro é quase azul-ferrête.
Ouve-se a sua respiração junto da relva.

Ouve-se o rumor, áspero e verde,
do seu focinho, borrifado de orvalho.
Os gafanhotos saltam. As borboletas se assustam,
mas o boi se tornou inocente.

O boi,
enormemente bíblico,
está pastando a aurora.
E os próprios pássaros, que fogem do homem,
lhe pousam no dorso.
Tamanha é a confiança que lhes inspira
a sua tranqüilidade.

O boi
aqueceu o menino Jesus com o seu hálito
numa noite de frio, e ficou santo.
Se os pássaros fôssem, em verdade, inocentes,
teriam que lhe viver pousados no ombro.

Caiu uma leve chuva sôbre a relva
mas o sol continuou aceso.

O boi
está pastando agora
— enormemente bíblico —
sob um arco de aliança.

GEOMETRIA CIVIL

Eu tenho um corpo
feito de barro vil
mas cheio de deveres
e obediência civil.

Sou um transeunte
em dia com o código
da ética pedestre.
Não raro invento dívidas
só pelo prazer
de saldá-las, lesto,
antes do protesto.
Para depois entrar
entre festões vermelhos
num salão de baile
cumprimentando-me cordialmente
nos espelhos.

Exato no meu fato
azul, sob medida;
exato na cesura
de um verso alexandrino;
exato se combino
um encontro de dois,
pois chego à hora certa,
nem antes nem depois.

Exato — se procuro
te beijar no escuro
não erro a tua bôca
entre os pontos cardeais
de minha geografia
amorosa;
enfim, sou tão exato
como é o número
do meu sapato.

Sofro, também, de ordem.
Da irrecorrível ordem
que aceitei por herança.
Em vão as vespas
da revolução me mordem.
Minha geometria
é uma coisa viva
feita de carne e osso.
Um ângulo quebrado
logo escorre sangue.
Todo o meu futuro
é um retângulo obscuro...

Êstes meus dois braços
são linhas paralelas
que se cruzarão em viagem
para algum infinito.
A lua, esfera fria,
me ensinou, em garôto,
a riscar bolas de ouro,
sem compasso,
na aula de geometria.

Ah, eu sofro de ordem,
mas em vão;
pois não ganhei, com isso,

nenhum laurel, comenda,
ou condecoração.
E nem pertenço à Ordem
do Cruzeiro.

Pertenço — e é só — à ordem
em que estão colocadas,
no céu, as estrêlas.
E à outra ordem —
a em que, no futuro,
estarão colocadas,
em redor do meu corpo,
quatro velas acesas...

NO CIRCO

Entre o leste e o oeste
entre Deus e o Demônio
entre o ser e o não ser
entre o alguém e o ninguém
entre a hora
do coração e a do estômago,
ando na corda, e de braços
abertos,
em cada mão um prato
da balança.

Num a dor, noutro a esperança.

IMEMORIAL

Não fui quem sou, quando nasci.

Nem sou quem sou, quando amo.
Nem quando sofro.
Porque coexisto. Porque a angústia
é uma herança.

Só me aproximo de mim mesmo
quando fujo,
atravesso a fronteira,
ou me defendo, ou fico triste.

Ou quando sinto a rosa
secreta e quente da vergonha
subir-me à face.

O mar me bate à porta,
como um grito da origem.
Mas como descobrir
a onda imemorial que me trouxe?

PIGMALIÃO

Tens um ar de mistério,
vaga feição oblíqua.
Ignoras, porém,
o teu ar de mistério,
os teus traços ocultos
de alegria e tristeza.
Que seria de mim
se um dia estilizasses
essa feição oblíqua?
E se rasgasses mais
os olhos, se alisasses
mais violentamente
o teu cabelo crêspo?
Há uma outra criatura
oculta em ti, oblíqua;
trevo de quatro fôlhas,
lua de quatro faces
tua desconhecida.
As tuas formas ignoradas
ainda estão intactas.
Não descobriste ainda
as tuas linhas puras
e originais que eu sei.

Mas o meu receio
é de que descubras

os teus dons terríveis,
e eu, pequeno rei
dêsse teu reino oculto,
então perca o meu cetro
pois esta é a triste lei...
Ah, não sabes quem és,
nem eu te direi.

CANTIGA SEM REGRESSO

Um cacto me pergunta: quando?
O horizonte me interroga: onde?
Só o meu coração é quem sabe...
E êste bate, mas não responde.

A paisagem se torna escassa
quanto mais longo é o meu caminho.
O céu é que vai aumentando
as suas tardes de ouro e vinho.

De quando em quando, de onde em onde,
paro: Só pára quem duvida.
O que é rápido vai-se embora.
Passa sem pensar na vida.

O desencontro desta viagem,
por onde passo, fica impresso.
Não há esperança de chegada
e muito menos de regresso.

De quando em quando, de onde em onde,
faço do cacto a minha prece.
Do horizonte faço o meu leito
ensangüentado, se anoitece.

Regressar? já não é possível.
Seguir? já não é necessário.
Resta-me, no último horizonte,
o último cacto solitário.

O destino que me vence
é aquêle de que sou oriundo.
Não é amar o que me pertence,
mas o que pertence ao mundo.

A viagem sem querer da vida,
pontilhada de agrestes luas,
me reduziu a duas palavras
espectrais, totalmente nuas:

Uma de pé, como um cacto: quando?
(a que ninguém me responde)
Outra, deitada no chão duro,
como um horizonte: onde?

DISCURSO

I

El-Rey mandou surrá-lo com duzentos açoites.
Mas, em meio aos gritos, que lhe retalharam o corpo,
havia um ponto de silêncio, irredutível.
(Língua de ouro.)

El-Rey mandou jogá-lo numa escura masmorra.
Mas dentro da masmorra, o seu segrêdo
ficou mais enterrado ainda, sob as pedras.
(Bôca de prata.)

O' desgraçado, conta-nos o segrêdo.
Dize-nos, afinal, onde viste o tesouro
que El-Rey exige seja descoberto.
E pronto. Te livrarás do degrêdo e da morte.

Mas êle se trancou por dentro em seu abismo.
E disse não, terrìvelmente não.
(Lábio de chumbo.)
Um não que lhe escorreu (definitivo) pelo canto da
[bôca,
num fio de sangue.

E assim, com uma simples gôta de silêncio
no coração, o herói anônimo
incrìvelmente mudo, horrìvelmente noturno,
inaugurou no mundo o direito subterrâneo
da resistência.

(E ainda provou, guardando o seu segrêdo,
que há um ouro sutil no mais inacessível da nossa
[consciência,
diante do qual todo o ouro que resplandece
na coroa dos reis se ofusca.)

II

Maior tesouro que o das minas
já sabidas ou ignoradas;
maior poder que o de um rei absoluto,
maior silêncio que o da noite,
maior segrêdo que o de tôdas as esfinges
nunca decifradas
só o de algumas criaturas
caladas como o herói quieto
diante do qual não somos mais do que um barulho
no mundo cheio de palavras.

III

Ó vós, homens ruidosos, agitados.
que transformais as assembléias numa trucidação de
[palavras;
ó vós que tendes o dom de falar na República;
oradores, cantores de rádio, profetas de poço,
ó vós, conversadores fáceis que pareceis estar sempre
contando a vossa alegria em voz alta;
ó vós que vos habituastes a falar em voz alta para
[serdes ouvidos
e não discutidos.

Em meio aos milhões de palavras que pronunciais todos
[os dias,
só vos peço um minuto de silêncio
(pois um minuto de silêncio não vos fará falta alguma)
em homenagem ao herói anônimo,
incrìvelmente mudo, horrìvelmente noturno,
diante do qual não somos mais do que um barulho
no mundo cheio de palavras.

E cuja bôca era de prata
e cuja língua se fêz de ouro
e cujo lábio se tornou de chumbo
no mundo cheio de palavras.

"É TARDE, É MUITO TARDE"

I

Tôdas as horas se
resumem num minuto.
Os pés me ficam juntos,
conciliados.
Todos os meus caminhos
se encontram em um só.
E eu fico nu de tempo,
nu de espaço.

Fico sendo eu, só eu.

Então aceito a hora,
a única entre tôdas
no mundo coletivo
que só seria minha.
Terrìvelmente minha.
Mais que a de haver nascido.
Mais que a do amor.

Atravesso o horizonte
dos meus pés com a terra.
Faço o meu horizonte.
A minha própria noite.
O meu auto-retrato.

Fico sendo eu, só eu.

Vejam bem que sou eu.

Mas agora já é tarde.

II

Gastei o meu futuro
em coisas que não fiz.

A tarde é quase humana
quando em mim pousa. A tarde
atrozmente enfeitada
de côres, ainda arde;
porém, já não me engana.
É tarde. É muito tarde.

Só haveria um remédio.
Era o de ter prestado
mais atenção à vida.
Era eu ter consultado
mais vêzes o relógio.
Era o eu ter querido
mais a ti do que quis.

Mas gastei meu futuro
em coisas que não fiz.

É tarde. É muito tarde.

A NOITE BRANCA

Um retângulo de treva
feito de um branco absoluto.
Não sei por que vestir luto
por que fechar a carranca
quando o destino nos leva
para a sua noite branca.

Quantos caminhos contrários
num só caminho sem rasto!
De que gritos angustiosos
nesta fronteira sem eco
a vida não se atravanca;
porém, neste fim de rua
não há uma noite sem lua,
como se supõe lá fora...
O que há é uma noite branca.

Só é feliz quem descansa
livre da própria esperança.
Feliz aquêle que dorme
já sem a inútil procura.
Feliz quem, nos olhos frios,
a última lágrima estanca.
"Aqui jaz, aqui repousa..."
eis a eterna mesma coisa;
no fim, uma noite branca.

O tempo brinca com o espaço
num jôgo de esconde-esconde.
Se diz onde, não diz quando.
Se diz quando, não diz onde.
E se pergunto onde e quando,
nenhuma voz me responde...
Só o silêncio me espanca.
O que há é um luar imóvel
e gélido em que se tranca
uma grande noite branca.

Nascem flôres que se riem,
pétalas que o vento arranca.
Máscara de tôdas as côres.
No fim, uma noite branca.
Ó tu, que um dia te fores
a essa fronteira sem eco;
põe tua rosa vermelha
sôbre a minha noite branca!

ROSTO AMANHECIDO

Eu sempre durmo com a janela
que dá para o amanhecer, aberta.
Não por viver no País do Sol, mas apenas
em homenagem ao futuro...

Quero ver a manhã nascer, que é o rosto do futuro.
A manhã de cabelo de ouro e corpo obscuro.

Pois quando durmo fico morto três vêzes:
por ficar mudo, por ficar sincero
e por tomar, nítido, a posição do horizonte.
Entrego-me totalmente à noite. Fico morto.
Sem me mexer. Posso acordar ou não.
O dia seguinte pode ser um canto de pássaro
ou não.
O dia seguinte pode ser um canto de pássaro
ou a sinceridade absoluta, o horizonte debaixo
dos pés... Ou não?

Isso se durmo (e enquanto durmo).
Pois padeço de insônia e de antecipação. Os psicólogos
diriam: de preterintenção.
O mundo de hoje é uma lição de angústia
e eu só conjugo os verbos no futuro.

Os rostos de hoje, que me encontram na rua,
não sabem que o meu rosto é também de hoje mas
[eu moro
no dia seguinte.

Estou vivendo uma alegria e já sentindo
que essa alegria morrerá e já experimentando uma
[espécie
de advertência futura.

Wells é o meu autor de cabeceira.
A estrêla-d'alva é minha noiva obrigatória.
(A estrêla do suicida ou do operário.
A estrêla de quem precisa acordar cedo
A estrêla de quem parte ainda no escuro.
A estrêla, enfim, de quem passou a noite em claro,
em homenagem ao futuro.)

Mas haverá algum mal em sofrer de futuro?
Em conjugar os verbos no futuro?
Os próprios gafanhotos
de ferro (em homenagem ao futuro)
ao invés de esperar pela data fixada na Bíblia
já não tomaram parte
na última guerra?

(A graça de não dormir é a minha graça,
mais que das flôres que, pra receber o orvalho
da noite, conservam a corola aberta,
não obstante o vento, o frio e os vaga-lumes.)

A GRAÇA TRISTE

Só me resta agora
esta graça triste
de te haver esperado
adormecer primeiro.

Ouço agora o rumor
das raízes na noite,
também o das formigas
imensas, numerosas,
que estão, tôdas, corroendo
as rosas e as espigas.

Sou um ramo sêco
onde duas palavras
gorjeiam. Mais nada.
E sei que já não ouves
estas vãs palavras.
Um universo espêsso
dói em mim com raízes
de tristeza e alegria.
Mas só lhe vejo a face
da noite e a do dia.

Não te dei o desgôsto
de ter partido antes.
Não te gelei o lábio
com o frio do meu rosto.

O destino foi sábio:
entre a dor de quem parte
e a maior — de quem fica —
deu-me a que, por mais longa,
eu não quisera dar-te.

Que me importa saber
se por trás das estrêlas
haverá outros mundos
ou se cada uma delas
é uma luz ou um charco?
O universo, em arco,
cintila, alto e complexo.
E em meio disso tudo
e de todos os sóis
diurnos, ou noturnos,
só uma coisa existe.

É esta graça triste
de te haver esperado
adormecer primeiro.

É uma lápide negra
sôbre a qual, dia e noite,
brilha uma chama verde.

FICAM-ME AS PENAS

O pássaro fugiu, ficam-me as penas
da sua asa, nas mãos desencantadas.
Mas, que é a vida, afinal? Um vôo, apenas.
Uma lembrança e outros pequenos nadas.

Passou o vento mau, entre açucenas,
deixou-me só corolas arrancadas...
Despedem-se de mim glórias terrenas.
Fica-me aos pés a poeira das estradas.

A água correu veloz, fica-me a espuma.
Só o tempo não me deixa coisa alguma
até que da própria alma me despoje!

Desfolhados os últimos segredos,
quero agarrar a vida, que me foge,
vão-se-me as horas pelos vãos dos dedos.

EM VOZ ALTA

Eu quis contar o meu maior segrêdo
sem encontrar ninguém que me escutasse.
Pois ninguém quer ouvir a dor alheia.
O mundo é sempre mau: Voltou-me a face.

Chegue-me o bem que espero tarde ou cedo,
que me adianta gritar, se o céu é mudo?
se o segrêdo que guardo no meu peito
por mais que eu grite fica sempre oculto?

Em vão falo em voz alta, subo a uma árvore,
quando tento contar o meu segrêdo.
Mal secreto como êste nunca houve.

Maior não é o segrêdo inconfessável,
mas o que fica em nós como um rochedo.
E quanto mais gritado menos se ouve.

A EX-SEREIA

No hotel marinho, junto
do cais.
Um espelho e a ex-sereia.

Ex-sereia de olhos úmidos
e azuis.

Como duas reminiscências
do mar.

Unhas de coral, e talher
de prata.

Saboreando uma cauda
de peixe.

Tudo concreto. O seu rosto,
o peixe, o talher de prata.

Nada de mágico.

No entanto, a tôda hora,
a ex-sereia parece olhar longe
como se olhasse o mar...

Como se o peixe do seu prato,
imóvel,
ainda nadasse, ao tempo
em que eu era Ulisses.

O DESASTRE

Noite de sofrimento
mas quieta, sem um grito...
Saio à janela, e espio
a solidão selvagem.

O pássaro do adeus
gorjeia ao meu ouvido.
É a viagem do meu rosto
na janela do tempo.

A lágrima que choro
e que em meu ser caminha
me vem de tão longe
que é impossível ser minha.

O céu de ponta a ponta
é só môscas acesas
que são minhas antigas
companheiras de viagem.

Quase não acredito
possam tantas estrêlas
brilhar tão douradas
sôbre as minhas penas!

O noturno universo
diante do qual oscilo

me parece agora
um desastre tranqüilo...

Pois a própria lua
que subiu da paisagem
não é a roda perdida
de uma secreta viagem?

O LAVRADOR

A tua mão é dura como casca de árvore.
Ríspida e grossa como um cacto.

Teu aperto de mão machuca a mão celeste,
de tão agreste — e naturalmente por falta de tacto.
A tua mão sabe o segrêdo
da lua e da floresta em seu explícito contacto
com as leis ocultas da germinação.

Mão monstruosa, de tão áspera,
incapaz de qualquer carícia, órfã de sutileza,
indiferente ao cetim e ao veludo.

Mão colorida,
em que moram os meses
com veias que mais parecem cipós encordoados;
com o dorso coberto de musgo
e em cuja palma, e em forma de M (que não quer
[dizer morte)
se encontram, ainda, os sinais fundos
dos quatro rios que existiram no paraíso terreal.

Mão aumentada pela santidade do trabalho.
Suja de terra e enorme, mas principalmente enorme
como a estar sempre num primeiro plano
na sucessão das coisas — frutos, árvores, lavouras —
que saem dela ao fim de cada ano.

Se Cristo regressar, ó lavrador, não é preciso que lhe
[mostres
como eu, as feridas do corpo e do pensamento.
Nem as condecorações faiscantes que os outros osten-
[tam no peito.
Mostra-lhe a mão calejada.

Mostra-lhe a mão calejada,
enorme, a escorrer seiva, sol e orvalho.
E os anjos virão vê-la e por vê-la tão grossa e tão
[dura
farão com que na palma de tua mão nasçam lírios.
E a exibirão no céu, como um objeto desconhecido,
[rústico e maltratado.

E Deus colocará uma foice de prata
em tua mão grossa, ríspida, acostumada ao trato da
[terra terrível
e te dirá:
Trabalharás agora no meu campo
orvalhado de estrêlas.
E dormirás sob a árvore da noite.

A PEDRA QUE CHORA

O viandante lhe pergunta:
pedra, por que choras tanto
se és uma coisa defunta,
rígida, incapaz de pranto?

Irrequietas borboletas
dançam, passam, vão se embora.
Azuis, brancas, rubras, pretas...
Só fica a pedra que chora.

Estranha feição de louca
hoje enruga a sua face.
O musgo tapou-lhe a bôca
para que ela não gritasse.

Dizem que a dor petrifica
as palavras, na garganta.
E como ninguém a explica
ela está ficando santa.

Terá caído da lua?
Vindo de Jerusalém?
Será uma pedra da rua
onde morava o meu bem?

Não havendo o que resuma
a dor que em seu corpo medra,
já pensei na imagem de uma
Nossa Senhora de pedra.

Tu, que tens o rosto duro,
por que não te vais agora,
para o teu chorar futuro
ver essa pedra que chora?

"POSE" PRA RETRATO

O que me assusta não é a noite branca
entre quatro paredes.
É o rosto que terei, à última hora,
de exibir aos amigos. É a solene tristeza
que estarei vendo, em muitas faces.

O que me assusta é, também, a vergonha
de ter que aparecer nu, entre os anjos,
depois de haver perdido a última inocência.
É o natural pudor de ficar, sôbre a mesa,
em demorada exposição, como um troféu.
Enquanto se discute, entre os presentes,
se vou pra um abrigo antiaéreo, ou pro céu.
A morte é demasiado aparatosa, para a minha
humildade.

O que me assusta não é a festa cósmica,
pois daí a pouco estarei distribuindo alegria
entre os necessitados.

O que me assusta é — êste é o meu grito —
verificar que a própria morte
não me dará a humildade de que mais necessito.

(Eu nunca fui solene.
Nunca fingi de estátua.)

É apenas isso, que me assusta.
Pois mesmo no meu último horizonte
contra o meu modo de encarar o mundo,
me deitarei de costas como se estivesse,
convictamente, contemplando as estrêlas.
Ou afirmando alguma coisa, de pés juntos.
E depois do banquete, embora mudo,
eu serei, todo, uma risada em largo estilo.
Como se me risse já inùtilmente de tudo.
Quando, em minha humildade,
não me ri de ninguém mas de mim próprio.

O AVIÃO E O PEDESTRE

Por minha honra de pedestre
nunca me incomodei de dormir em chão duro.

Tendo uma pedra como travesseiro
esqueci anjos, lua,
tôdas as coisas que moram no céu.
Fiquei sendo da rua. Ou do povo.
Do povo que é meu irmão coletivo.

Todo pedestre tem o seu código de honra.
Artigo primeiro: não fugir de automóvel.
Artigo segundo: não perder a elegância.
§ único —
Fazer de andar na rua a sua ciência
e de dormir no chão um ato de consciência.
Ah, eu prezo muito a minha honra de pedestre.

Ainda antes da guerra
passava eu, sorrindo, entre automóveis.
Tranqüilamente. Lendo o "Jornal do Comércio".
Nunca temi os veículos.

"Pedestre — dizia eu — a sofrer um desastre
que seja no chão duro, onde nasci e onde me criei.
Onde cavo o meu pão de cada dia.
E onde estará, em qualquer hipótese, o meu futuro.

Desastre no ar morrem todos não há esperança
de que, ao menos um, se salve (egoísmo)
para que êsse um seja eu."

"O barro atrai o barro.
Não adianta sentir cócegas de pássaro
se já em menino o chão me depenou, antes que eu
[ficasse anjo.
O lugar de dormir é o chão. No espaço ninguém
[dorme.

Dormir é um ato da matéria. E não de gente aérea."

E acrescentava, resolutamente:
"E eu sou do chão. Eu sou um homem
da rua, acostumado a dormir em chão duro,
no Hotel das Estrêlas."

Mas, mudei muito. Os acontecimentos
me mudaram, muito, em sua cotidiana metamorfose.
Perdi a resignação, a paciência, a esperança.
Ah, eu prezo muito a minha dignidade de pedestre
mas...

"Já não moro em casa; moro num ponto de espera...

"Se eu fôsse cobrar da Light, por exemplo, os terríveis momentos de demora, a que ela me obriga, sob o sol dos trópicos, e se somasse tudo pra mostrar que gastei, pelo menos, a metade da vida em esperar condução, seria isso uma soma importuna e, reduzida a um valor pragmático, e com perdão da rima, seria uma fortuna. Afinal, gastar-se a vida, numa fila de espera, já não é uma forma de prestigiar o govêrno, nem de defender a honra de pedes-

tre; é uma forma de desmoralizar a esperança. Ao menos, se essa espera fôsse mais suave, mas tem o risco da insolação; tem uma criança doente, em casa, esperando remédio; e se fôsse lógica, ao menos; mas estamos vivendo uma época, em que ninguém nos espera."

(*Trecho de uma carta aberta, por mim enviada a uma seção de Queixas e Reclamações*)

Não. Não agüento mais!
Pra ser pedestre, hoje em dia, é preciso ser santo.
E eu não sou santo. Já me dói o corpo, ao contacto do chão duro.

Agora, eu quero é virar pássaro.
Estou sentindo cócegas de pássaro nas axilas.
Agora eu quero
(aqui está uma decisão mais lírica do que heróica)
eu quero é ser ministro da Aeronáutica.
Agora eu quero
é saborear, no "Diário Oficial",
anunciador da última maravilha
e matinal como um canário, o decreto
de minha nomeação:
"O sr. Fulano foi ontem nomeado Governador do [Céu e dos Pássaros".
E sentir nisto a mesma enorme poesia
que Fernão Dias Pais sentiu (por exemplo)
ao ser nomeado governador das Esmeraldas.

Agora eu quero
é conversar de novo a linguagem dos pássaros.
Pois a um ministro da Aeronáutica,
ou melhor, a um ministro das Viagens Celestes,
não cabe outra linguagem que a dos pássaros.

Agora eu quero
é ser poeta.
É proferir meus despachos em verso:

"Ó avião celeste,
ando sujo de pó
e — desde que nasci —
olhando o chão
na luta pelo pão
de cada dia.

Ó avião celeste,
já dormi na calçada
quase sempre de bruços
sem me lembrar do céu,
sem rezar,
sem espiar o horizonte.

Tu, porém, me obrigaste,
ó avião celeste,
a olhar de novo o azul
já esquecido.
A reatar a amizade
de menino, com os anjos
e com as estrêlas.

Tu me obrigaste ainda
a usar palavras mágicas
que já havia abolido
do meu dicionário
como as palavras: céu,
azul, asa, horizonte,
em minhas relações
líricas com o universo.

L'Azur! L'Azur! L'Azur!

Tu me convenceste
de que o mundo mecânico
é a realização,
hoje, do mundo mágico.
Tu lembras uma cruz
voando horizontalmente.
Tu és, enfim, a imagem
do meu próprio idealismo
como o único pássaro
que conserva a asa aberta
mesmo quando pousado
no chão, sôbre o abismo.

Dedicatória:
Pode o sol querer ser um simples vaga-lume.
Eu não; eu quero é ser ministro da Aeronáutica.

ZÔO

Ei-los, os hipopótamos côr-de-rosa.
Eis os rinocerontes futuristas, as zêbras
que a mão de Deus listou de negro e prata
pra nos dar provas de uma geometria exata.

As airosas girafas, de pescoço tão alto
que alcançarão a flor de uma palmeira,
se a palmeira der flor, e os broncos elefantes
que brincam de jogar com a tromba objetos no ar.

Não obstante o corpo cúbico e as patas rombas.
(Tão mansos que no seu dorso arrulam pombas,
tão densos que a noite mora em seu olhar.)
E os ursos brancos, os que contemplaram,

mais felizes que nós, uma estrêla polar.
Uns que dão a impressão de uma ferocidade
compenetrada e, pois, tranqüila; outros que exigem
de quem os olha, um bem pensar maior na origem,

de onde vieram, até chegar ali — o atro mistério
de que são os longínquos portadores.
Outros que mais parecem grandes lírios
de tão ornamentais, para uma aula

de botânica ou, então, de geografia,
ou do que possa haver de humano, numa jaula.
Penso nos animais que Noé recolheu
à sua arca, ao tempo bíblico e selvagem,

em que homens e animais eram flôres, ou,
pelo menos, viviam juntos numa só e mesma
camaradagem — tempo bíblico que passou
mas — quem sabe? (penso eu) ainda não morreu.

Penso na cena de Daniel entre os leões, em S.
Francisco, que chamava ao lôbo seu irmão.
E pergunto de novo: por que o homem,
hoje mais feito de asa que de abdômen,

não os vem contemplar, como as crianças
pra quem tôdas as feras são brinquedos
e tôdas as serpentes coloridas e mansas?
(Pra mim, nada mais lógico do que um zôo

cuja única tristeza é a das aves sem vôo.)
Não os vem contemplar, antes da estrêla
que o pássaro geométrico jogará sôbre a terra?
(Pois as crianças que hoje espiam, pela grade,

as feras ruivas, já são órfãs desta guerra.)
Não os vem contemplar (senão por isso) ao menos
pra poder confrontar sua ferocidade
com a dêsses bichos hoje tão serenos,

sob a alegria misteriosa das côres
com que enfeitam o mundo — o mundo agora surdo
e absurdo — em que um jardim zoo-lógico
é como uma ilha, uma dourada maravilha

onde as feras são flôres — flôres comoventes
que o sol de urânio vai fazer inocentes.
Pois que é hoje um jardim zoológico, afinal,
senão uma lição de amor universal?

ETC.

Existe tudo porque existo.
Há porque vemos.

FERNANDO PESSOA

Para que o mundo exista, existimos.
Pois seja.

Sem os nossos olhos, sem o que somos,
que adiantaria haver mundo?
Seria a árvore dos dourados pomos, etc.

O que é ignorado não existe.
O que é eterno também não existe.
A eternidade é uma forma de não-existência.

Ao menos para nós o mundo não existiria
se não fôsse existirmos.
Para mim, por exemplo, o mundo existe
porque ora estou alegre, ora sou triste.
Mas no fim vem a morte e... nos leva.
O seu poder é bem maior que o nosso;
porque é o da treva, e o nosso, êsse não passa
de só dar existência ao que claramente já existe,
ao que só existe em razão dos nossos frágeis sentidos.
Que podemos ouvir, olhar, tocar, etc.

Agora mesmo, não faz senão um minuto,
no banco do jardim... que foi? Um homem suici-
[dou-se.

O dedo lhe está prêso, ainda, no gatilho,
rígido como uma hora certa. Sem nenhum
arrependimento.
Muita gente reunida em redor do seu corpo.
Muitos rostos examinando o seu rosto.
Mas êle suicidou-se, apenas? Não é, isso, bem menos
do que êle fêz?

Êle desceu violentamente a cortina da noite
sôbre nossos rostos, que só continuam vivos
para nós.
O seu corpo ali está, presente a todos,
mas nós — que somos todos — já estamos ausentes.

Êle nos suprimiu.
Êle nos destruiu também, simbòlicamente.
Que destruir a si mesmo importou, para êle,
em destruir o mundo físico,
que só existia em razão dos seus frágeis sentidos,
principalmente em razão dos seus olhos, etc.

Como dizer-se apenas: suicidou-se?

Êle desceu violentamente a cortina da noite.
Jogou ao chão a sua própria estátua.
Não aceitou a explicação da vida.
Fêz qualquer coisa de mais belo e mais monstruoso.
Pois nem Deus (e Deus é Deus)
conseguirá, jamais, fazer o que êle fêz: suicidar-se.

Ah, êle conserva ainda
na mão a arma com que apagou o sol e as estrêlas.

Como dizer-se apenas: suicidou-se?

Agora virá a mulher e essa mulher o abraçará louca-
[mente.
A espôsa, e um anjo, a filha, lhe dirão palavras
[estranguladas.
Virá a ambulância. Alguém já chamou a polícia,
e haverá autópsia, etc.

O ACUSADO

Quando eu nasci, já as lágrimas que eu havia
de chorar, me vinham de outros olhos.

Já o sangue que caminha em minhas veias pro futuro
era um rio.

Quando eu nasci já as estrêlas estavam em seus lugares
definitivamente
sem que eu lhes pudesse, ao menos, pedir que
[influíssem
desta ou daquela forma, em meu destino.

Eu era o irmão de tudo: ainda agora sinto a
[nostalgia
do azul severo, dramático e unânime.
Sal — parentesco da água do oceano com a dos meus
[olhos,
na explicação da minha origem.

Quando nasci, já havia o signo do zodíaco.

Só o meu rosto, êste meu frágil rosto é que não existia
quando eu nasci.

Êste rosto que é meu, mas não por causa dos retratos
ou dos espelhos.

Êste rosto que é meu, porque é nêle
que o destino me dói como uma bofetada.
Porque nêle estou nu, originalmente.
Porque tudo o que faço se parece comigo.
Porque é com êle que entro no espetáculo.
Porque os pássaros fogem de mim, se o descubro
ou vêm pousar em mim quando eu o escondo.

O ANJO ENGRAXATE

Como soubeste,
ó anjo da rua,
que tenho os pés
de crocodilo?

Como soubeste,
ó anjo da rua,
que o meu sapato
já foi lacustre?
e que preciso hoje
ficar ilustre?

Como soubeste,
ó anjo da rua,
que eu quero ter
(pra que ninguém,
hoje, me eclipse)
os pés de barro
resplandecentes
como os dos anjos
do Apocalipse?

II

Pequei com a alma,
pequei com o pensamento,

pequei com o corpo.
Só não pequei com os pés.

Vivo de pés no chão
e cabeça no céu.
(No céu ou na lua?)
Ainda agora senti
certo gôsto de céu
como se houvesse beijado
uma santa, na rua.

Tenho os pés inocentes
mas em minha cabeça
moram os meus pecados
azuis e dourados.

Nem há mal algum
em ter pés inocentes.
Pois Cristo não lavou
os pés aos seus apóstolos?

Vivo de pés no chão
e cabeça no céu.
Mas não é o meu chapéu
que ponho atrás da porta
na noite de maior
inocência.

São os meus sapatos.

(Reflexões que fiz, em pé, pecador tranqüilo, parado numa esquina, enquanto o pequeno engraxate ambulante, um italianinho de olhos azuis, me lustrava os sapatos de crocodilo.)

O ESPELHO

A Carlos Drummond de Andrade

Um meio-dia nu, numa enorme moldura
de prata.

Parece mais o escudo de um arcanjo de fogo.
Mas não é nada. É apenas um espelho.
Um rico espelho. De extraordinário fulgor.
Próprio pra ser colocado à parede
de um ministério da Fazenda, ou de uma casa
de jôgo.

Tôda a cidade cabe dentro dêle.
Árvores, automóveis, povo, casas de comércio
e vendedores de jornais, principalmente.
Enfim, todo o vaivém instantâneo da rua
salpicado aqui e ali pelo sol matutino.
Resultado de tudo, êle é uma coisa viva,
de gestos súbitos e esplendor repentino.

Quatro operários o conduzem pela rua.
E há uma outra rua nêle, ainda mais coletiva,
é a rua oposta, extremamente nítida,
por onde vêm nossos melhores camaradas,
os nós mesmos,
ao nosso encontro, fáceis, momentâneos.

São os nossos irmãos, nascidos de repente
e em grande número.

Imagens conduzindo os nossos rostos,
ao nosso encontro, fáceis, simultâneos.
Enquanto os quatro operários conduzem o espelho
de rua em rua.

Mas não é nada. E' apenas um espelho,
terrìvelmente nu, que ora é azul no reflexo,
ora vermelho. E', apenas, um espelho.

Afinal, que é um espelho? um mágico de circo
casado com uma grande mulher nua
que é a vida, que é a verdade nua e crua.

Ó loucos, que levais o espelho pela rua,
quem vos encomendou tão estranho transporte?

Quando não haja nada num espelho,
há tôdas as hipóteses de nudez proibida
que sempre acodem à imaginação do povo.
Há uma população mágica e instantânea que mora,
tôda, em sua superfície álgida.

Quando não haja nada num espelho
há mesas verdes onde os números da fortuna
dançam.
Há duas mãos nervosas segurando um baralho
até clarear o dia.

Há o tresnoitado que, depois de haver perdido tudo,
se mira no cristal e aí se vê tràgicamente,
peito engomado e colarinho duro,
mas nu, completamente nu, por dentro.

Há muito rosto, para quem — a uma certa hora —
olhar no espelho é um convite ao suicídio.

Quando não haja nada, nada, num espelho,
há ainda a hipótese
de que êle possa incendiar uma esquadra.

Quando não haja nada, absolutamente nada,
no abismo límpido de um espelho
há a pior nudez, a nudez feérica do Nada!

E o seu reflexo é tão súbito
que fere como ponta de aço os olhos inocentes
das crianças reunidas na calçada
só para o ver passar enormemente oblongo
e rútilo.

Ó loucos, escondei êsse esplendor terrífico
pra que as ruas não mais se olhem no espelho
e o povo não se verifique.

Escondei-o até que a noite desça
pois as estrêlas serão mais suaves e mansas...

O HOMEM REPETIDO

O sempre o mesmo do deserto,
a eterna monotonia
de uma palavra que já não descansa
me fêz uma ferida.

O pão de cada dia, um só horizonte,
uma paisagem que não muda,
uma tecla batida iterativamente
e o velho piano do que já foi feito.

Já morri quatro vêzes.
Em meu pai, minha mãe, meu amor,
e em meu filho inocente.
(O martelo da dor ao meu ouvido.)

Já dormi entre os píncaros da serra,
mas a pancada da repetição
que há em mim, e que ouço bem no escuro,
me pôs na bôca um não de terra.

Eu levaria apenas, nessa viagem,
a tua máquina amorosa, coruscante.
Mas tive que cair na terra de mim mesmo
pela repetição.

Por que um vago receio de castigo
quando me alegro inadvertidamente?
Por que esta incorrigível esperança
em alguma coisa que não é do mundo?

Desço agora ao abismo das palavras
como quem desce ao subterrâneo da noite.
Pouso a cabeça ao travesseiro
e ouço o meu passo de homem repetido.

INSCRIÇÃO

A vida me foi sempre
dúplice, angulosa.

É cordial quando nega
e escassa quando dá.

Pois escreveu meu nome
sôbre uma onda cega.

E quando tenho fome
me oferece uma rosa...

Palavras. São as penas
do meu pássaro lírico.

O IRRECONHECÍVEL

I — CHEGADA AO CÉU

Viera de muito longe. Era o Evadido.

Fugira de madrugada
o carrasco ainda dormia:
terrível manhã sem pássaros...
Branca, sem nenhum rumor.

Para chegar ao céu ao vir da noite
caminhando entre as estrêlas
que eram môscas importunas
ornamentais, excessivas,
numa viagem já sem côr.

Quero contar-te tudo em linguagem tão simples
que não pareça fábula, senhor!

II — PROCEDÊNCIA

Êle era um ser humano
e não da fábula, evidentemente.
Teve mãe, que morrera há trinta anos.
Tinha mulher, e uma filha pequena
com rosto de anjo,

de quem trouxera uma fotografia
num dos bolsos da blusa. Seu amor.

Vinha da Terra, a Terra que podia
ser definida (ah, os livros da infância.
cheios de figuras)
como um planêta cujos habitantes
se tratam por irmãos
sem distinção de origem, credo e côr.

Porém, estava já irreconhecível.
Chegara a um ponto que não conhecia
em seu ser interior.
Mais nu do que sem roupa,
nu como o ser, depois de ter sido.
Mais grave assim, sem côr;
mais trágico, sem lágrima;
mais convincente, enxuto.
Já sem a máscara da alegria e da dor.

A fome o reduzira a um desenho linear
e um ato, ou gesto seu, já lhe seria
puro enfeite. Por exemplo: Uma rosa
na mão de um esqueleto. Ou qualquer flor.

III — INTERROGATÓRIO

O 1.º Arcanjo:
— Foi o peixe que te bebeu água nos olhos?

O 2.º Arcanjo:
— Foi o escorpião que te instilou a morte lenta?

O 3.º Arcanjo:
— Foi a águia que te comeu o fígado, as entranhas?

Porém, e já irreconhecível
que adiantava exibir a Deus a sua caderneta
de identidade?
Que adiantavam as explicações e as estrêlas?

IV — ÊLE É MEU FILHO

Então o cão da constelação avançou contra o mísero.
Os anjos, todos, se alvoroçaram em tôrno
do seu ser, já sem máscara e irreconhecível.
Chegado ao céu numa viagem sem côr.

Então de longe, lá de um último esconderijo
que imaginar se possa entre as constelações,
de um ponto anônimo do céu, ou de onde fôr,
de um "onde", enfim, em que já dormia há 30 anos,
"êle é meu filho! êle é meu filho"
alguém chegou correndo por um chão sem rumor.

Então êle sorri, disparatadamente,
como um esqueleto segurando uma flor.

SONATA PATÉTICA

I

O meu rosto do retrato,
jovem, e por minha mãe
colocado na parede
dêste quarto, onde hoje moro,
fica defronte ao do espelho.

O do espelho nem parece
ser o eu mesmo do retrato.
De tão triste: Diferente.
Parece mais um parente
corroído por muitos danos
mas ainda vivo, chegado
de uma viagem de trinta anos.

Como pude morrer tanto,
mudar de côr, e de fato,
sem um grito, sem um ai
entre um espelho e um retrato?
Só perguntando a meu pai.

Na hora, não senti nada...
Agora não me conformo
com a rude metamorfose
que me deixou sua marca.
Que me saqueou de mansinho,

me pôs nu diante do espelho
piando como um passarinho.
Como se a vida não fôsse
já tão magra, já tão parca.
Que fada exigente, má,
pediu meu rosto ao tetrarca?

Só mesmo a gente se rindo.

Rio-me desapontado,
por ver que já não adianta
chorar, se tudo está findo.

E vou do espelho ao retrato
(de cabelo repartido)
e do retrato ao espelho
(caco de espelho partido)
com qual dos dois me assemelho?
Lá fora dançam as árvores
no crepúsculo vermelho...

II

Tempo abutre pernilongo
ficou tocando violino
enquanto chupa meu sangue
em noite de serenata.

Bebeu água nos meus olhos.
Me depenou. Arrancou-me
penas do corpo e das asas.
E voa com minhas penas.
E leva, agora, o meu rosto
para o lado do sol pôsto.

Em cada passo que dou,
hoje, entre o espelho e o retrato,
já eu próprio me divido.
Enquanto um pé é futuro
o outro já foi pro olvido.
E, sem sentir coisa alguma
(pois raramente me ajoelho)
vou andando, dividido,
meio anjo, meio bicho,
entre os dois: retrato e espelho.

Vou andando, repartido,
entre o poeta do retrato
e o filósofo do espelho.
Entre o meu rosto, já ausente,
e o eu, de corpo presente.

Na hora não senti nada.
Não é nada... não é nada...
Depois é que sinto o estrago.
O tempo passou, num trago,
me depenou e, com as minhas
penas fêz as suas asas.
Quando ouvi seu passo duro
— pois caminho pro futuro
com o calcanhar para o oeste —
já êle ia pro sol-pôsto
onde enterrará o meu rosto.
Eu vejo tudo no espelho.
Chovem brasas! chovem brasas!

Só mesmo a gente se rindo
sôbre o espetáculo findo.
Lá fora as árvores dançam
no crepúsculo vermelho...

III

"O que me abisma, entretanto,
nesta grande tarde rubra,
já não é o eu haver sido
apedrejado em silêncio
por um secreto inimigo
que deve morar comigo
sem que eu, jamais, o descubra.
Já não é a bofetada
que o tempo, em câmara lenta,
me aplicou, não senti nada.
Já não é o terremoto
em meu chão de carne e osso,
sem registro no sismógrafo,
que passou, não senti nada.
O que me abisma, inda agora,
não é a distância que vai
entre o meu rosto do espelho
e o meu rosto do retrato.
É o tempo, o tempo que mói,
no céu, as próprias estrêlas,
como uma farinha de ouro;
é o tempo, o tempo que rói
até o rosto dos retratos;
é o tempo que nos destrói
tudo, tudo-tudo-tudo,
nem de leve me haver doído.
Isto agora é que me dói.
Êste, o insulto que revido.
Como pude morrer tanto,
e tanto, sem me haver doído?"

(Só mesmo achando engraçado
o que já é triste, bem triste.)
E vou do espelho ao retrato
e do retrato ao espelho:
"Como é que uma bofetada
não me doeu, cruel, imensa,
no momento de ter doído?
pra que eu tivesse reagido
na hora, à altura da ofensa?
Pois não senti a bofetada...
Isto agora é que me dói."

"Que anestésico celeste
terá usado o vil abutre
que subverteu, em trinta anos,
tôda a minha geografia?
comeu rosas, deixou cravos
no chão de tanto desgôsto
que hoje é o mapa do meu rosto?
e tudo tão sem rumor,
tudo tão sem me haver doído
que não lhe senti a bicada?
Êste, o ponto que revido.
Isto agora é que me dói."

"Como hoje curar feridas
assim, retroativamente,
na máquina de costura
se as pedras, que a mão oculta
me arremessou, foram mudas?
se não lhe senti a pedrada?
Isto agora é que me dói."
E vou do espelho ao retrato
e do retrato ao espelho:
"Quero encontrar o agressor,
mas como? êle está escondido

no curto espaço que vai
entre um espelho e um retrato.
A quem, pois, pedir conselho?
Êle ficou dividido
entre os dois: retrato e espelho.
Quero caçá-lo, não posso.
Sua bôca é de um minuto
escondido sob as asas
mas êle tem cara grande
não cabe em fotografia.
Tem dois rostos, do tamanho,
um, da noite, outro do dia."
(E vou do espelho ao retrato
e do retrato ao espelho.)

"Uma coisinha de nada
dos solavancos em meio
arranhadura no dedo
picada de azul piranha
mordida de pernilongo
queda durante o passeio
feridazinha singela
no ato de abrir a janela,
já me obriga a fazer feio.
Como, pois, poderei eu
aceitar (eu, o agredido)
uma dor que não me doeu
no momento de ter doído?
Não é justo, não é honesto.
Contra isto é que protesto.

Tudo perdido, inclusive
minha vocação pra herói:
Isto agora é que mais dói!"

E rio-me sem querer.

Pois não me resta outra coisa
(por não ter sentido nada)
à hora do necrológio,
senão me rir do que é triste
e... consultar o relógio.

ELEGIA

A Mario da Silva Brito

I

Eu não era inocente, quando
— em 1895 —
vim ao mundo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Já nasci pecador. Pois já vinha nascendo
de longa data.
Desde o momento em que a serpente tocou flauta na
árvore,
meu avô achou bonito aquilo
e comeu, guloso, a maçã fabulosa.

Eu não era inocente quando,
menino, saía de anjo na procissão do encontro.
As minhas asas eram demasiado pequenas,
quase sem penas, e prateadas. E postiças.
Antes, como todos os outros,
o José Prequeté, o Sardento, o Cabelo Vermelho,
vivi à sôlta, apedrejando vidraças
e pássaros ainda implumes.

Em que beco do mundo
estarão, agora, êsses três anjos
de cara suja?

Não sei. Só sei que um dêles, o Cabelo Vermelho,
chegou a ser expulso do colégio

"por ter — como rezava o boletim do sr. diretor — escrito na parede do beco da matriz um palavrão a respeito da virgindade de Nossa Senhora".

Eu não era inocente...

Há — oculto em mim — é o que revelam os meus [olhos,
até hoje,
um pedaço do espelho
que me ficou, desde a manhã do Paraíso.
Espelho em que a inocência, já perdida,
penteou os seus cabelos de ouro
pela primeira vez, diante da vida.

II

Minha mãe me contava a história do Dilúvio
e do Gigante Que Comia Crianças,
mas qual!
eu não acreditava nem na Bíblia, nem na Fábula.
Mas agora acredito.
Pois só agora é que sou inocente.

Só agora. Aos 50 anos. Já não era sem tempo.
Basta-me entrar no avião, e pronto. Fico sendo
um anjo, com asas de prata.
Um anjo em ponto grande. E não o anjo, pequeno [e falso,
da procissão.

Vou a um cinema e assisto ao filme, em tecnicolor:
"Um elefante toca piano".

E volto a ser criança, depois de homem feito.
Um elefante toca piano, enorme, colorido,
e eu tomo parte no espetáculo da criação.
E eis-me inocente.

III

No tempo de menino
fingia crer, por simples malandragem,
que era o papai Noel quem me trouxe os brinquedos.
Brinquedos caros, que meu pai comprava,
todo fim de ano, e com o suor do seu rosto.

Mas agora a verdade
se fêz fabulosa,
para que os sábios acreditem nela mais naturalmente.
O mundo, agora, é um enorme brinquedo
nas minhas mãos. E eu sou uma criança grande.
Só agora
é que compreendo a precisão de ser mais inocente
do que em menino, diante do mistério.

Mal aperto um botão e já o universo
(sem que eu, sequer, lhe ponha o meu sapato atrás da [porta)
vem saber o que eu quero, o que não quero
e ainda — malicioso — caçoa de minha inocência.

As telefotos, ainda trêmulas (de susto?)
vindas da Europa
e que eu recebo aqui, no mesmo dia,
me dão a sensação do mundo mágico.

Deus ouve rádio por detrás de uma estrêla.

Se a própria realidade é hoje fabulosa
como não hei, eu, de ter ficado inocente?

IV

Eu não era inocente
quando nasci.
Mas agora inocente me confesso.

Limito-me com Deus e com o demônio
a oeste e a leste, respectivamente.
Meu coração balança entre os dois, inocente.
As feras saíram da jaula
em meio ao espetáculo (um elefante toca piano)
Determinismos, fatalidades de olhos verdes
caminham contra mim, em reta silenciosa.
(Já é inocente quem está em perigo.
Basta-me entrar num avião pra ficar inocente
e viver no planêta onde se inventou a bomba atômica
pra não ter culpa.)

Que é o céu, senão uma catástrofe suspensa?

Nem adianta ficar à margem da torrente.
Ou numa ilha: Vendo as estrêlas conversarem à noite
no fundo do abismo. Ou pescando dourados.
O universo invadiu a nossa casa.
Os acontecimentos virão buscar-nos onde quer que
[estejamos.

Em meio à incompreensão total só se salvam os
[pássaros
porque êstes já não são inocentes.

Um pássaro nunca é cego diante do perigo
e foge, e já não pousa mais por inocência, como
[antigamente,
na mão do homem.

A isto os filósofos
chamarão a perplexidade do mundo moderno.
Mas eu, um simples poeta, chamarei uma nova
[inocência.
Com outra diferença. Antigamente era a inocência
[quem salvava,
hoje só se salvam os pássaros, os que não forem
[inocentes.

E como não hei de ficar, eu, inocente, se hoje durmo
[tranqüilo
dentro de uma concepção imemorial do mundo
e amanhã acordarei — quem sabe? — ouvindo o
[canto de outros pássaros?

V

Só o mundo criaria em mim a verdadeira inocência.
Uma inocência que não é a das crianças
mas a de quem, sem ser criança, não tem culpa.
Esta inocência que quer dizer rosto mudo
em quem o terror secou as lágrimas...
(Ah, enquanto houver uma criatura humana que
[mereça ser levada ao patíbulo
e outra, que lhe dê um nó à garganta,
não poderemos nos tratar por irmãos.)

Só o mundo
criaria em mim a verdadeira inocência.
Uma inocência que não é candura mas apenas
[convicção dolorosa.

Esta inocência que quer dizer espanto
diante do não sabido, diante de tôdas as coisas que
[permanecem sem explicação,
depois de tudo tão atrozmente explicado.
Só o mundo, onde uns se incumbem,
por atos que praticam, de criar a inocência dos outros,
é que me fêz inocente, definitivamente inocente.

Que haverá de mais doloroso que êste estado de graça
criado em nós
por aquêles que foram os escolhidos do destino
pra perseguir, matar;
pra que não fôssemos nós os escolhidos?
Por aquêles que só conseguem ser felizes
desde que os outros não o sejam?
por aquêles que expulsaram os seus próprios irmãos
[para além da fronteira
— feridos a caminhar sôbre suas feridas —
por aquêles que lá se foram, rútilos, triunfantes,
arrastando o rumor das máquinas de guerra
por um campo de luto?
ah, por todos, sem exceção, que contribuíram para
[fazer crescer a árvore da injustiça
e a das lágrimas
e arrancaram os filhos pequenos às mães, e as flôres
aos altares?

VI

Eu não era inocente
quando nasci.
Mas agora inocente me confesso.

Diante dos crimes que os outros praticam
fiquei inocente.

Diante dos grandes que decidem (não eu) do meu
[próprio destino,
fiquei inocente.
Diante de um mundo cada vez mais feroz, bíblico e
[mágico,
fiquei inocente.

Não sei se és um monstro, ou uma divindade, ó
[máquina,
só sei que os anjos gostariam de te ver funcionando...
Só sei que, diante da tua exatidão e do teu aconteci-
[mento
repetido, numerado, tranqüilo,
fiquei inocente.

Eu não era inocente
quando nasci.
Agora estou, porém, definitivamente
inocente.

Só agora, aos 50 anos,
tenho as asas de prata
que minha mãe me punha ao ombro, nos dias
de procissão.
Só agora é que sou inocente.

VII

Abro um jornal e leio:
"Nova Iorque, 20 — O sr. Morrison requereu ao govêrno a necessária permissão pra organizar a primeira sociedade anônima de transportes entre a Terra e a Lua."

E como não hei de ficar — eu — inocente?

Ligo o meu rádio, e escuto:

"Ao largo de Biquini, 1 — Quando explodiu a bomba atômica uma bola côr de ouro apareceu no céu e mergulhou no ar até tornar-se tão grande e brilhante como dez sóis reunidos."

E como não hei de ficar — eu — inocente?

(Um elefante toca piano, enorme, colorido
e eu tomo parte no espetáculo da criação.
Vou caminhando para dentro de mim mesmo.
Uma serpente me deglute sete vêzes.
Passo sòzinho entre grossas florestas.
Até ao lugar onde meu avô, nu, arrependido,
chora por ter comido a maçã fabulosa.
Não é nada, não chore, meu avô.
Pois o seu neto é, hoje em dia — sem remédio —
muito mais inocente que você!)

VIII

Onde estarão, a esta hora, o Cabelo Vermelho, o [Sardento, o José Prequeté,
e outros, meninos maus como eu, anjos de cara suja,
que nada tinham de inocentes?

Eu lhes envio esta mensagem dolorosa,
do avião em que viajo
só para lhes dizer, onde quer que se encontrem,
que só hoje é que sou inocente,
que só hoje sou o anjo, com as asas de prata
que minha mãe me punha aos ombros, nos dias
de procissão.

A FACE PERDIDA

(1950)

A Guilherme de Almeida
e Jorge de Lima.

ELEGIA EM FRAGMENTOS

I

O pássaro do adeus
gorjeia-me ao ouvido.
E' a viagem do meu rosto
na janela do tempo.

II

Só por estar tão longe
o céu é azul, e existe.
E' o que a cerração
me conta, e eu fico triste.

III

Não foram, não, os anos
que me envelheceram,
longos, lentos, sem frutos.
Foram alguns minutos.

IV

Sobe a lua no espaço —
grande rosa pintada
numa tarde de vidro.

Onde mora o inimigo?
No mapa ou no tempo?

RESSENTIDO

E' inútil, ó meus amigos,
a vossa enorme aflição.

E' inútil o céu dizer-me
que a estrêla-d'alva inda existe.

E' inútil a primavera
florir tão anunciadora.

Como inútil também fôra
alguém dizer-me que não.

A manhã chegou tão tarde
que eu já era coisa antiga.

Os anjos vieram ouvir-me
depois de finda a cantiga.

A própria rosa orvalhada
de tão recente ou futura

também floriu atrasada;
é rosa de sepultura.

E mesmo a tarde faltou-me
pois chegou tarde, e deserta.

Só a minha resolução
é que tinha uma hora certa.

O MARUJO E DONA SANJA

Os moços que dormirem
sob a árvore branca
do vosso corpo longo
dirão: estão verdes.
Os caçadores, de hoje,
de esmeraldas à antiga,
não verão vossos olhos
sem os roubar por verdes.
E se o amor vos ferir
como me convencerdes
de que estais sofrendo
se dirão o contrário
os vossos olhos verdes?
Quando um dia morrerdes
quem ousará fechar,
tão recentes, e úmidos,
os vossos olhos verdes?
Nunca tereis direito
à tristeza, à saudade,
pois sente só esperança
quem tem olhos verdes.

Amo a terra firme
para garantir-me
contra a onda e o vento.
Mas, em pensamento,
sou marujo, por terdes,
os vossos olhos, verdes.

ATRIBULAÇÃO

I

Abro o meu guarda-sol
contra uma ave de fogo.

Desço a aba do chapéu
sôbre os olhos diurnos.

A matéria, ferida,
cospe flôres e música.

O menino demônio,
que vendia jornais
nos estribos dos bondes,
virou rosa no reino
da metamorfose.
Há uma poça de sangue
sob o céu de safira.

Durmo em pé, meu entêrro
será vertical,
por falta de horizonte.

A hora e a geometria
nunca estão de acôrdo
na cidade grande.

II

Ó deus cotidiano!
por que não nos concedes,
ao menos, o direito
de escolher a morte
de que desejaríamos
morrer, mais simplesmente?
como quem escolhe
um lírio, entre outras flôres,
para um presente?

INTERLÚDIO

Entre o meu olhar o sol
e o sol existir em razão dos meus olhos
cai a noite.

Sôbre eu estar sonhando
mas no campo que naturalmente não sonha
chove um pirilampo.

Eu bebo a água do silêncio
no rio que corre entre a minha pergunta
e a tua resposta.

Pequeno barco de papel da minha infância
onde estará êle a esta hora?
Só sei que está bem longe, muito longe.

Num longe que dói mais, em meu ser de ontem,
do que todos os presentes longes
da geografia e da saudade.

O NOVO DILÚVIO

Passarinho, vai!
vai buscar a estrêla
de que eu necessito
pra marear no escuro.
Passarinho, vai!
vai buscar a rosa
de que necessito
pra saber se as águas
do ódio já baixaram...
Passarinho, vai!
vai buscar o número
de que eu necessito
na gaiola do cego
pra saber minha sorte,
o meu número de ordem
na fila celeste
ou entre os condenados.
Passarinho, vai!
vai ver o que ela está
fazendo, a esta hora,
se está sendo minha
ou caiu no mar,
e, nesta última hipótese,
ó passarinho verde,
fura-lhe o azul dos olhos
com o teu bico oblongo.

Passarinho, vai!
vai ver o que o amigo
ausente diz de mim,
se me ataca ou defende,
se me honra ou deprime
com o seu testemunho
na roda em que discutem
vida e honra do próximo.
Vai e espia tudo;
dá a volta ao mundo
onde o céu conspira
com a solidão
e volta com a notícia
de que necessito,
seja boa ou má,
neste barco sem lua
em que cego navego
depois de tudo o que houve
e que ainda haverá.

1.ª DANÇA EM FRENTE DO SOL

Ó deus diurno! Onde
a manhã universal?
que os galos anunciam,
desde o mundo egipcíaco
até hoje, com o seu
rubro canto elegíaco?

A tua imagem chora
números. E tem,
desde a primeira aurora,
um punhal móvel sôbre
o rosto, girando:
o rosto do Zodíaco.

Para os vedas, o barco
pertencente a Varuna.
Para mim, um pavão
de cabeça encoberta
pela chuva, em arco-
íris, a cauda aberta.

Levas a manhã, de olhos
obliquos como ameixas
e corpo de romã.
E — por capricho — deixas
dois ramos de louro
na cabeça de Pã.

Há quantos séculos, já
te segue a outra amada
a quem bebeste o sangue?
reduzida a uma
camélia taciturna
e noturna?

Aquela a quem negaste
a tua glória ruiva,
dando-lhe apenas prata?
Hoje uma pobre viúva
(noiva caída da haste)
que ficou lunática?

Em vão os povos — ainda
na infância das coisas —
te ofereceram anjos
e bois, para o teu fausto,
em sangrento holocausto
até o último hausto!

Sol que estás nos agouros
dos profetas, nos halos
dos santos, no ás de ouros,
na garganta dos galos,
na crina dos cavalos,
nos chifres dos touros.

Duro qual Faraó,
os que te olhem de frente
ficam cegos, e quando
te despedes, ficamos
negros, apedrejando-te
simbòlicamente.

Josué, onde está o
grande deus girassol?
Aí vem o Dilúvio,
agora não mais plúvio-
marinho, mas de sol.
Onde uma outra nau?

E agora contra a asa
que fará o mundo em brasa?
Pois grandes anjos, todos
do mesmo sexo, os rostos
iguais, já não guardam
a ordem em que os homens

subiram? de mistura
com asas e abdomens,
para o azul intacto?
Sujos de terra, uns
nos ombros dos outros?
Como as fôlhas de um cacto?

Não és o gavião de ouro,
nem o pássaro etrusco.
Antes, no lusco-fusco,
o teu disco voador
se assemelha a uma estúpida
lágrima vermelha.

A TRISTE FIGURA

I

Modelo-a, noite e dia.
Ponho-lhe o sal da lágrima
e a ferrugem do sangue
nos olhos e na bôca
mas secretamente.

Só as horas pousadas
em minha mão noturna
colaboram comigo.
Só elas sabem como
fiquei nu por dentro
para arrancar ao corpo
todos os ornatos, tôdas
as condecorações.
Para arrancar à pedra
a música secreta
cheia de sustenidos
da automutilação.

II

E sinto-a, já em meu corpo,
futuramente fria.
Despojada de tudo.

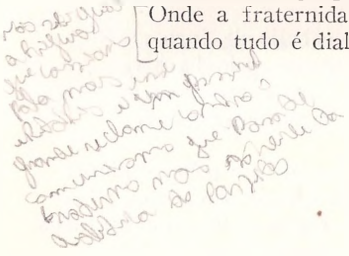
O olhar tornado côncavo,
ao invés de convexo.

Não em pé, mas deitada
no baralho das coisas.

Não hoje, mas futura.

Não na praça pública
mas oculta de todos
sob um alvo retângulo,
no país da Ausência.

Não a rosa defunta
mas o breve epitáfio
em forma de pergunta:
Onde a fraternidade,
quando tudo é dialética?



O BEIJO DO MEIO-DIA

Ei-la, é uma Eva de bronze, em meio ao verde parque
deitada em posição claramente amorosa.
Os seios para o sol — sol perpendicular
que desce pelo vão das árvores e a desposa.

Deliberadamente nua, ao desejo que a prostra,
as duas mãos trançadas por detrás da cabeça,
de modo a lhe ficar a face entre as duas pontas
dos cotovelos, e as axilas à mostra.

O lábio entreaberto para o beijo de fogo
que lhe dá o sol, exatamente ao meio-dia.
Como deveria ter ficado Eva, exatamente
depois de ter ouvido a tentação da serpente.

Que importa, à noite, a beije o luar pobre e inútil?
Ela se conserva quente do sol já escondido.
Os seios lhe permanecem tão secretamente dourados
que não arrefecem ao luar mais frio.

Quem poderá saber até onde uma Eva
de bronze ama o sol? ou até onde o sol procura
no corpo da mulher, por mais que a isso se afoite,
o lugar bíblico onde mora a noite?

ODE CAMPESTRE

Aqui, onde ninguém nos escuta,
quero falar do meu amor.
Por abrigo terei esta gruta,
por enfeite terás esta flor.

Um pássaro escuta o que eu falo
e canta para me ajudar.
Mas, tôda vez que me calo
fala por mim o eu quieto estar.

Agora vejo que os ramos
estão, de repente, floridos.
As palavras que pronunciamos
adquiriram, já, outros sentidos.

O eco, por detrás do arvoredo,
com a sua sonora intrujice,
irá contar o meu segrêdo
e muita coisa que eu não disse.

Que adianta os olhos fechemos?
Noite vermelha nos teus lábios,
o segrêdo que só nós sabemos
é aquêle em que todos são sábios.

Tudo será mais do que é.
Eu criei um novo abismo
com o céu que caiu no chão
e um ramo verde de palavras.

SORRIREI COMO UM INGLÊS

Guardo, comigo,
o sorriso com que, em hora própria,
sorrirei como um inglês,
diante da tempestade.

O sorriso da espuma
na bôca da onda, à hora em que o oceano
invade o céu e — rosa fluorescente —
estronda, diante de Netuno.

Um sorriso
que tenha, pura e simplesmente, a graça
de ser oportuno;
um sorriso com que se dissimule
uma despedida; um sorriso que nasça,
como uma flor, sôbre a face do abismo.

Quando chegar a minha vez,
eu farei uso
dêsse sorriso.
Do sorriso com que, em hora própria,
sorrirei como um inglês,
diante da tempestade.

A MÔSCA AZUL (OU DOURADA?)

I

(Azul e dourada)
no silêncio da sala
indo vindo zumbindo;
ou pousada, depois,
(azul e dourada)
numa flor de papel,
num fio de telefone
ou no cartão postal
ou na ilha do mapa;
(azul e dourada)
ou no debrum de prata
que enfeita o manto novo
de uma Nossa Senhora;
ou na toalha de linho
onde as frutas compõem
(azul e dourada)
as côres vivas de uma
natureza morta;
ou no sujo do chão
(azul e dourada)
ao primeiro sinal
da decomposição...
E pousa em nossa mão.
E pousa em nosso suor.

(Azul e dourada)
E pousa em nossa lágrima,
na xícara de café,
na sopa côr-de-rosa,
ou, por falta de assunto,
(azul ou dourada?)
no rosto do defunto.

II

(Azul e dourada)
nunca foi a encantada
imagem da ilusão
que o poleá dissecou,
com a cruel minudência
de sua gaia ciência
reduzindo a uma gôta
de matéria vil
o que era ouro e anil.
Mas, a notícia má
e minúscula voando
(azul e dourada)
que me pousou no rosto
à hora em que eu rezava
na igreja, de mãos postas,
sem poder enxotá-la;
à hora em que me levaram
para o interrogatório,
(azul e dourada)
lenço prêto nos olhos
e de mãos amarradas,
sem poder enxotá-la;
à hora do pesadelo
feito de angústia e gêlo

e da paralisia
em que, horizontalmente,
(azul e dourada)
fiquei de mãos imóveis,
sôbre fundo neutro,
sem poder enxotá-la:
à hora rígida, agora,
em que tenho as mãos frias,
qual duas rosas defuntas
(azul e dourada)
chumbadas sôbre o peito,
no país das mãos juntas
sem poder enxotá-la.
O' importuna, ó importuna,
inoportuna môsca
da hora em que estou prêso
e indefeso,
já que tiveste, ao menos,
neste mundo sem graça
(azul e dourada)
a graça da hora imprópria
e do lugar impróprio
(azul e dourada)
entrego-te o meu rosto
submisso, oportuno,
agora único e uno.

III

A hora é de aceitar tudo:
a rosa, o escarro. E' a hora
da grande aceitação
em que tudo é oportuno.

Que é, afinal, a esta hora
— hora de aceitar tudo —
(azul e dourada)
o zumbir de um inseto
no dicionário mudo?
E que importa o z
com que zumbes, sòzinha?
Que haverá de secreto
no especioso zumbido
com que — simples inseto —
repetes, sempre, a última
letra do alfabeto?
Uma simples môsca,
sêca lágrima, escassa,
que ficou no ar sonora?
Indo vindo zumbindo
no silêncio da sala?
Mais insistente agora,
(azul e dourada)
sôbre a falta de assunto
que precede o nada?

Ah, a falta de assunto,
com que todos observam
o rosto do defunto:
(como, a esta hora, enxotá-la?)

Môsca da última hora.
Môsca da madrugada...
(Azul ou dourada?)

BALADA DA 7.ª FEIRA

Eu nunca tive sábado.
Só tive sétima feira.
Eu nunca tive vésperas
da alegria ou da tristeza.
A alegria que eu tive
me veio sem prévio aviso;
foi um domingo sem sábado,
uma rosa sem botão.
Uma cheia sem crescente.
Esperança sem espera.
Outono sem primavera.

Eu passei pela vida
nos comícios, nos jornais,
nas reuniões do sindicato,
pedindo a semana inglêsa.
Lembro-me de que dizia:
sábado é o sol que assobia,
domingo é pássaro manso.
O próprio rio que corre
sem parar, de noite e dia,
tem o seu sábado de alegria,
seu domingo de remanso.

Eu sou muito da terra,
no domingo do interlagos;
só no sábado sou inglês.

Mas eu nunca tive sábado
— foi a lei da criação —
só tive sétima feira.
A alegria me foi sempre
por batalhar sempre em vão,
na reclamação do justo,
uma alegria sem sábado,
uma rosa sem botão.

A HORA CERTA

Possuo uma noiva secreta
que se diz minha,
mas é noiva só do horizonte.
E' a hora certa
que comigo caminha.

A hora certa se levanta comigo
se o sol desponta;
e anda comigo o dia inteiro.
Mas, à noite, o meu travesseiro
é o seu faz-de-conta.

E a hora certa e o céu bifronte
(há nisto glória?)
apostaram corrida
em mim, para esta viagem
quieta e obrigatória.

Mora comigo essa hora certa
de fazer tudo:
ir a uma festa, ir a um entêrro,
arranjar a gravata
e ficar mudo.

Um dia o horizonte (quando?)
e a hora certa
se casarão sem que eu o saiba.

Serão um só, os dois,
e o meu corpo uma sala deserta.

. . . . . .

Mas... e depois?
Não haverá, em meu relógio,
nem mais antes, nem depois.

A METAMORFOSE

Elefante alvo
manchado de ouro,
patas de sol
na água de anil,
sôlto no espaço
à Grand-Guignol.

Só amo as coisas
que não têm forma.
O pó, a bruma,
o barro vil,
a desfolhada
rosa de espuma,
a nuvem alta,
alvo elefante
sem forma alguma.

Nuvem, esponja
que apaga o avião
e o próprio sol.
Fôra prazer
se ela me visse
e me descesse
ao pobre ombro
com o seu poder;
e me passasse
a sua esponja
em meu perfil
e no meu ser.

1.ª BALADA DO FUZILEIRO NAVAL

O sol se casou com a terra.
A lua se casou com o mar.
A manhã se transformou
numa ferida rosicler.
Só eu fiquei navegando
entre a cauda de peixe
e a mulher.

O sol dá ouro ao cabelo
da terra, a quem ama.
A lua a escama do luar
ao mar, quando quer.
Só eu fiquei navegando
entre a cauda de peixe
e a mulher.

Coração no eterno sal
de que são feitas água e mágoa,
só eu andarei navegando
por quanto oceano ainda houver,
sob a lua naval;
entre a cauda de peixe
e a mulher.

Tudo isto porque Netuno
por um capricho qualquer,
mais lógico do que mágico
partiu a sereia ao meio
"o lugar da mulher não é o mar"
e o peixe ficou só peixe
e a mulher só mulher.

AS MÃOS E OS NAIPES

Uma é sentimental —
pende mais pra oeste;
é aquela em que figura
o anel que tu me deste.

Uma é igual à outra
mas diferentes no ato.
Meu coração balança
entre o ambíguo e o exato.

Uma que se expande,
outra que se contém.
Uma que é minha, a outra
que é não sei de quem.

Uma acompanha a outra
num só teclado humano.
Mas nesta outra é mais forte
o M grande da morte.

A direita é que mata,
a esquerda só me enfeita.
Minha mão sinistra
não é a esquerda. E' a direita.

Era eu pra ser árvore
e minhas mãos duas flôres
mas no estranho baralho
os naipes foram dores...

CANÇÃO DO MÊDO

A vida está sempre escondida
no seu grande, seu feroz segrêdo.
Não é a morte que me põe mêdo;
é a vida.

Fere-me ouvir, durante a noite,
o meu coração funcionando...
Pobre coração errado
culpado da minha alegria.
Parece que o ouço, algum dia,
como um músculo que soluça
já retirado do meu peito
e ainda vivo, sôbre a mesa,
para alguma experiência russa.
Não é a morte que me intimida,
é a vida.

Não há nada que me desperte
maior temor do que o destino.
O que está por acontecer.
O mistério que nos irmana
(por qualquer coisa de divino)
a outra criatura humana.
Destino, noturno destino
que sabemos estar nos espiando

como um misterioso conviva
pelo olhar da pessoa viva.
Não é a morte que me amedronta;
é a vida.

Há uma rosa rubra, é a rosa
de sangue que ficou na calçada,
depois da fúria homicida.
As rosas que eram côr-de-rosa
agora estão brancas de mêdo.
Não é a morte que me põe mêdo;
é a vida.

O ANJO REBELDE

Senhor, a estrêla que me destinaste
não era a que eu sonhava por destino.
Fiz-me poeta para obter uma outra
e a obtive, em menino.

Senhor, os olhos que me concedeste
para eu olhar o mundo que criaste
não eram bem os que eu queria, suponho.
Fiz-me poeta e os conquistei no sonho.

Senhor, as coisas com que me instruíste
eram paradisíacas, como bem disseste.
Fiz-me poeta para saber de outras coisas
que só se dizem em linguagem agreste.

O abismo que me deste, finalmente,
não tinha o prestígio do assombro; era, apenas,
o azul bifronte que se chama horizonte.
Fiz-me poeta e colei uma asa ao ombro.

E fiz um novo abismo, aos meus pés — cismo —
o obrigatório abismo de quem voa.
Foi o abismo que criou a asa ao pássaro; agora
foi a minha asa que criou o abismo.

1.ª BALADA ULTRAVIOLETA

Nem de leve supões
que alguém te esteja espiando
por um vão de lua
a esta hora, em teu quarto.
Estás nua, e sòzinha.
Sem nenhum olhar
que te falsifique.
Pois só és sincera
quando nua, e sòzinha.
Estás sendo sincera
de tão creres que estás
onde só sabes onde,
na tua intimidade.
Nesse estranho minuto
de segrêdo absoluto.
Mas, principalmente
porque nem imaginas
que alguém — ocultamente —
entre dois hemisférios
está vendo o que fazes.
As pequenas fases
da metamorfose
em que te transformas
de mulher diurna
em mulher noturna.

Até ficares nua
como um objeto branco
diante de um espelho.

Estou vendo agora
os dois bicos róseos
por onde a ave dupla
do futuro gorjeia.

O CARRO DO TRIUNFO

Caminho nas ruas do mundo
muita gente pelas janelas
(pra me ver passar, qual trunfo
de ouros que chegou da guerra?)
Rufa uma banda de música.
(Deve-se entender que rufa,
em homenagem a mim?)
Coração com que dou flôres
na árvore das feridas.
Caminho insensìvelmente
como numa viagem confusa,
para onde não quero ir.
Tôdas as estrêlas me empurram
para a grande metamorfose.
Pertenço ao pântano rubro
que manchou a mão de Caim
e por onde venho até mim.
Coração com que caminho
no grande rio noturno
que é o sangue de Abel e Caim.
Coração com que pertenço
ao sangue de Abel e Caim.
Coração com que o passo escuto
(ou é o ruído de um tambor?)
de meu pai num corredor
longo, extremamente escuro,
em caminho do futuro.

Noite vermelha que flui
como líquido rubim;
que não sei para onde corre,
não obstante passar por mim.
Mas então, por que motivo,
ao atravessar esta rua
todos me saúdam assim?
Misto de trombone e flautim,
toca uma banda de música
tôda em vogais surdas e agudas.
(em homenagem a mim?)
Ah, não achei, por onde vim,
um só irmão, pra meu triunfo,
nem antes nem depois de mim.

O PIANO, AO CREPÚSCULO

Hora dupla em que o piano
além de ser humano
lembra um monstro divino.

Quem o estará tocando
tão principalmente?
apenas imagino.

Grandes anjos da noite
sobem ao céu de vidro
por misteriosa escada.

E as suas notas chovem
tão principalmente
nessa hora desfolhada:

e eu fico tão tranqüilo
pela graça de ouvi-lo
(as fôlhas nem se movem)

que aceito, até, o absurdo
de depois ficar surdo
como ficou Beethoven.

Surdo, principalmente.

O SÓSIA

Difìcilmente, ó amigo,
você me encontrará presente, em casa.
Pois eu sofro de ausência,
como se houvesse, em mim, uma asa.

A esperança e a saudade
— o leste e o oeste do meu corpo obscuro —
são duas formas de eu nunca estar em casa,
quando me procuram, e eu mesmo me procuro.

Vivo contìnuamente longe
de mim, nas horas em que me decomponho
num sonho; estou no outro hemisfério,
que é um não sei onde, onde só ausência lavra.

Só me encontro comigo, ó amigo,
se me divido em dois, diante do espelho.
Um em frente do outro,
sem nenhuma palavra.

CIENTE

I

O beijo com que a tarde
me ensangüenta a bôca.
Fingirei que o não sinto?

Grandes borboletas,
que só nascem a esta hora,
pousam de asas fechadas
no meu labirinto.

No desmoronamento
dourado do dia
a grande ave absurda
do silêncio gorjeia
mas não sei em que árvore.

II

Já na primeira infância
me roubaram o seio,
alvo, redondo, cheio,
em que eu bebia o leite
da ignorância.
Agora bebo o sangue
da filosofia.

Sangue rubro em que molho
o pão de cada dia.
E, em lugar da rosa,
resta-me o pedregulho
onde nasce o país
dos objetos sem uso.
País que fica ao norte
do imediatamente.
O país concluso.

Não existem mais frutos
em nenhum pomar
que já o meu paladar,
hoje corrompido,
não conheça — sabido.
Não há sêda ou cacto
que já a minha mão
não adivinhe, logo,
experiente ao contacto
das coisas corpóreas
e das suas arestas
ou frestas.
Minha mão é um símbolo.
Ontem, rica — convexa.
hoje pobre — côncava.

III

Lembro-me, ainda hoje:
o diabo me chamou
a um canto da parede
em capcioso gorjeio,
e aí me ensinou tudo.

A primeira palavra
que aprendi a escrever
no beco da Matriz,
foi um nome feio.
E quando era manhã
já eu sabia o segrêdo
da noite, ao meu ouvido,
que a serpente da fábula
me ofereceu, dentro
do fruto proibido.

Tinha eu muita sêde.
Deu-me a vida a água
da mágoa.
Água terrível, trago-a
dentro em mim, orvalho
dentro de um baralho.
Até que escrevi "ciente"
no papel que me trouxe
o oficial de justiça
e fiquei então ciente
de que havia a injustiça.
Fiquei ciente de tudo.
(A mais triste forma
de saber é estar ciente.)

IV

O mundo me ensinou,
me cuspiu no rosto,
me fêz triste e sábio.
E em meio ao triste pão
que minha mão amassa,
em meio à convicção

que substituiu o êxtase,
em meio à mais abjeta
condição de vida,
resta-me, só, a ironia
da poesia.

Resta-me só esta graça
de ser poeta.
Poesia! única coisa
que, depois de sabida,
continua secreta...

A VIAGEM OBSCURA

Sem um pouso onde me acoite,
quanto mais a viagem me cansa
mais caminho dentro da noite
vergastado pela esperança.

Sou o noivo da estrêla-d'alva
que me impõe a dura prova
(ao mesmo tempo que me salva)
de abrir a minha própria cova.

Pra que distante destêrro
vou conduzindo a cruz do êrro?
E' a esperança que me obriga
a levar o meu próprio entêrro?

E' aquela que me mata a fome
mas procede como inimiga?
E tôda vez que caio morto
com um ramo aceso me fustiga?

Sangram-me os pés em suor e areia.
Digo-lhe: a viagem está finda.
E a esperança me esbofeteia
e me obriga a andar ainda.

E mais que a levar meu entêrro,
mais que abrir a minha cova,
força-me — a verde homicida —
a viver minha própria vida.

A SÉTIMA QUEDA

Eu quis correr, futuro,
no chão falso e obscuro
e caí, na corrida.

Eu quis subir mais alto
por oblíqua montanha
e caí, no asfalto.

Eu quis vencer a vida
e caí prisioneiro
do planêta homicida.

Eu quis levar meu fardo
feito só de esperança
e caí, de tão tardo.

Eu quis voar como um pássaro
sôbre a tua casa,
e caí, já sem asa.

Quis ser puro de corpo,
brunido em áurea chama
e caí, sôbre a lama.

Mas a dor que me veda
caminhar de novo
é a da sétima queda.

Vinha eu tão a êsmo
que rolei da nuvem
e caí, em mim mesmo.

Queda sem nenhum ruído
pela porta do espelho
que ficou partido.

2.ª BALADA ULTRAVIOLETA

De onde teria vindo
a sutil violeta
que apareceu na água
quando ficaste nua?

E a borboleta branca
de uma carta anônima
que entrou em teu quarto
pela mão de ninguém?

E certo pirilampo
que, alta madrugada,
brilhou em teu cabelo
pensando inda ser noite?

E o beija-flor fiel
que é um azul enigma
pintado na parede,
e que, ainda há pouco,

vendo a rosa nua
do teu corpo no espelho
(no rosal do tempo
há uma rosa que é tua)

te foi buscar o mel
com celeste furor
por pensar que uma rosa,
sendo rosa, é flor?

CANÇÃO DO AMOR INGRATO

Em vão é que me esforço
por agradecer
a vida que me deste,
ó doce pai celeste,
mas me vem o remorso.

A alegria é apenas
uma flor do acaso.
Tudo o mais são dores.
Dores a longo prazo.
Com os juros do trágico.
No país da usura,
sem semana inglêsa.

E pra quê alegria
se nos vem o vento
— que desfolha as rosas —
do arrependimento?
E a quem agradecer
nosso destino, em meio
a êste fogo cruzado
em que todos conversam?

E a quem agradecer
se o destino é vário?
Se a rosa dos ventos
tem trinta e duas pétalas?

Se a estrêla que nos guia
é mulher de três nomes?

E como agradecer
se a lágrima que choro
não é a gôta do orvalho
sôbre o girassol
mas me vem aos olhos
por secreto baralho?

E como agradecer
ao fim de cada tarde
se perdi mais um dia?

E como agradecer,
ó amargo Pai celeste,
a vida que me deste,
se a palavra "agradeço"
é demasiado longa
para ser proferida
numa hora de pânico
sem nenhum enderêço?

(Triste malmequer
de sílabas cortadas.)

TUDO O MAIS SÃO PENAS

Só existe o espaço.
Tudo o mais ocorre.
Ocorre, apenas.
Tudo o mais são penas.

Só existe a estrêla
adiante de quem corre.
Porque andamos, apenas.
Tudo o mais são penas.

Só existe a asa
do tempo, ao nosso ombro.
A asa com que se morre.
Tudo o mais são penas.

SONÊTO ANÔNIMO

No mundo das deformações tu eras
a rosa de ouro que desabrochou
pra dar razão de ser às primaveras
e um pouco de alegria ao que hoje sou.

Mas ou porque não há alegrias, ou
porque na vida tudo são quimeras,
neste caminho em que penando vou,
morreste por quem fôste ou ser quiseras.

Hoje, ao me recordar, a sós, de ti,
sei quanto me çustou tal desventura,
porém ao certo cu não te mereci.

Merecias viver, pois eras pura,
rosa de um céu que devia ser teu,
porém o mundo não te mereceu.

VISITA À CASA PATERNA

O flautim do meu sangue soluça
diante de uma fotografia.
As fôlhas vestem de perguntas
verdes o silêncio.

Ouve-se o musgo caminhar, no muro,
entre as formigas.
A única coisa quieta
é a pedra
que me taquigrafa as palavras
e as rugas.

GEOGRAFIA AMOROSA

I

Amo-te nos teus quatro pontos
cardeais.
A gruta onde a manhã côr-de-rosa
nasce todos os dias
diante do espelho, fica ao norte.
As duas pequenas montanhas
de cujo cimo nasceu a via-látea
segundo a fábula grega
ficam a leste e a oeste.
A floresta onde a noite mora
embora erradamente
fica ao sul.

II

No mapa do teu corpo, o meu tacto
lembra um cego estudando geografia.

III

A vida fica ao norte, ao sul a morte.

O REALEJO DO CEGO

Perguntas-me, por estranha
curiosidade,
quantas vêzes fiquei cego.
Como poderei dizê-lo?

Cego sou por alegria,
(a alegria me distraiu)
cego fui, por inocência,
porque não vi o abismo.
E cego porque não quis
ver o que todos viam
e da forma por que o viam
— um ramo de borboletas
verdes, pousadas na árvore —
geomètricamente — as fôlhas.

Cego de amor ou de ódio,
quantas vêzes fiquei cego!
Cego porque olhei longe,
com a abstração do perto
e tão distraìdamente
que a repetição de olhar
sem ver me fêz cego.
Quantas vêzes fiquei cego!

Cego por causa dos espelhos
que me feriram os olhos

humildes demais para tanto.
Cego pela coragem fria
tendo uma rosa no peito,
com que fiz a arma automática
funcionar contra o meu próximo;
e cego de dor quando
percebi o que tinha feito.

Cego por todos os motivos
neste jardim do sol,
nos atos e nas palavras.
Quantas vêzes fiquei cego.
Cego por falta de razão,
cego por estar perdido
na noite, mais do que a eterna,
sem nenhuma lanterna.

Cego como um nó cego
quando chamado à polícia
que precisou dos meus olhos
contra o pobre, o inocente.
E por ter visto demais
no mundo ilusionista
sem ter visto o necessário.
Cego triste, cego vário.

Cego como a mão da deusa
armada pela justiça.
Cego como os grandes cegos
levados pelo destino
ou como aquêle outro cego,
mais fácil, em que o menino
substituiu o destino.
Quantas vêzes fiquei cego.

Até que fiquei cego
por grave acidente humano.
Mas a ciência me colocou
na órbita, já vazia,
o ôlho de um enforcado
e eu recuperei o dia.
O recuperei, para quê?
Para ver o universo, de novo?
Esta coisa ôca e azul
em que mora a minha cabeça
e em cujo teto balançam
enforcados em série?

Recuperei o horizonte
e o meu olhar, até então
já terrìvelmente enxuto,
se umedeceu com a presença
misteriosa de uma lágrima
que nunca chorara antes;
lágrima talvez marinha,
lágrima escassa e acesa
que talvez nem fôsse minha...

São estas as muitas vêzes
que me recordo de quantas
fiquei cego.
Não se falando que o seja
quando odeio, quando nego.
Não se falando de quando
te vi e acreditei
em ti, pois estava cego!

A ILHA DE FOGO

A morte, música sinistra
em que só se ouve o trombone amassado
soluçando.
Já não o toque de clarim em continência
aos séculos.
Nas ruas tortas da cidade que pereceu entre as chamas
depois do último bombardeio
o próprio silêncio mutilado e torto.
O mastro do navio, torto, entortou o horizonte.
Passada, enfim, a orquestra dos canhões,
na pauta torta de uma cêrca de arame
já sem clave de sol, depois de várias síncopes,
ainda acesos — alguns sustenidos de fogo.

POEMA DO AMIGO MORTO

Quem morreu, não foi êle.
Foram as coisas, que deixaram
de ser vistas pelos seus olhos.
Quem morreu, não foi êle.
Foram os objetos que a sua
mão deixou de tocar.
Os seus livros, o seu pequeno
cão, estão defuntos.
Não foi o sangue que lhe parou
de fluir, nas veias:
foi, antes, o vinho quem ficou imóvel,
na garrafa.

Não é êle o defunto, é o mundo
que morreu nos seus cinco sentidos.
E' o sol,
o grande sol pendido
que ainda lhe ilumina o rosto.
E' a rosa,
a rosa quente que já esfria,
no corpo onde, a todo momento,
abria e fechava a corola.

Há um punhal sôbre a mesa.
Qual o coração, que está mais próximo
da sua cintilação homicida?

RENÚNCIA

I

Não quero ir para a ilha
onde sei que tudo é gôzo,
onde — maravilha —
se tem tudo o que se quer,
flôres, glória, mulher.
Nem para a fabulosa terra
onde não se morre, a Utopia.
Quero ficar, sofrer com todos
os que sofrem,
nesta dolorosa viagem
entre a consciência e o mito,
entre o chão e as estrêlas.

II

Prefiro a obrigação
de ser triste, de ficar.
Ou de só ir com os refugiados,
até à fronteira,
para o mesmo degrêdo,
como que obedecendo, lúcido,
a um bíblico segrêdo.

A uma determinação
que a fatalidade escreve
com os nossos pés, no chão.

Pois não basta, na terra,
haver destêrro e entêrro?

III

Inútil tentação, a tua,
para que eu vá habitar, um dia,
essa ilha que fica
a doze graus de solitude
no mapa-múndi
do encontro e do desencontro.
Inútil, também, o número
dos que vão,
e batem à minha porta
e me chamam, radiosos
de urgência e de esperança.

Já me desceu ao corpo
um tristeza exata,
que me convence
muito mais do que a lógica
e o número.

ÉCLOGA

A. Edgard Braga

Cantar, a Rosa canta.
Natural como a outra rosa florir em seu galho.
Vagarosa como o rio correr, e longamente.
Como se a própria água estivesse cantando.
No campo, onde colhi a graça
de não ser flor, para poder colhêr a flor.
E onde o céu me concedeu a alegria
de não ser pássaro, para ouvir o pássaro.
Cantar, a Rosa canta.

Um (cantando) pássaro triste
sôbre o eu não ser também um pássaro, mais triste
por nenhum cantar.
Entre a estrêla que brilha, no galho, e eu ir.
Mas não ir cantando.
Antes, ir conduzindo o alvo rebanho
do meu silêncio, para ouvir o seu canto.
Cantar, a Rosa canta.

COMPLEXO DE IOKANAÃ

Finjo tê-la em seu lugar
quando, contradição louca,
a perdi no altar da ira,
da lógica, da mentira.
Ou no fundo de algum poço.
No seio de uma mulher
ou noutro abismo qualquer.
Levo-a exposta — parte exposta
do meu corpo travestido.
Mas vem a noite e eu a escondo
fingindo ignorar a data.
Levo-a num halo de nevoa
fingindo tê-la encontrado
depois de dormir três noites
num travesseiro de pedra.
Levo-a altiva, fronte erguida,
traçando o meu horizonte,
como se, a levá-la, a vida
não me houvesse condenado.
Quem ma exigiu, uma fada?
Uma rainha sem sexo?
Levo-a pra desconhecida
fingindo que é à estrêla-d'alva.
Finjo que levo um presente
ao invés de estar cumprindo
a sentença do tetrarca.

Como se não percebesse
que a levo imemorialmente
já decepada, sem data,
numa bandeja de prata.

A MULHER E A CONCHA

A Domingos Carvalho da Silva

Como quem se desfaz das suas esmeraldas
a ex-sereia fugiu do mar.
Apenas — e talvez para identificação do seu sexo —
trouxe uma concha, concha quase rosa,
que furtara ao segrêdo líquido. Só uma concha.

Netuno estava dormindo entre cefalópodes e anêmonas.
Os peixes lhe brincavam, ágeis, de várias côres
na barba cheia de ramificações sublunares.
E eis que a ex-sereia, despida das escamas,
e já trazendo a concha, salta da cratera,
verde, da vaga, sôbre o asfalto da avenida,
com a manhã nos cabelos, e ainda nua.

Com que direito os homens se puseram, todos,
a persegui-la,
se a concha era sua, era exclusivamente sua?
Se ela furtara a concha como as outras mulheres
furtam outros objetos — uma jóia, um pássaro, uma
[metralhadora?
Se havia tanta concha sôbre a praia ou no fundo do
[mar
e tão naturalmente?

Ah, eu queria reduzir o fato à sua significação mais
[inocente.
Como se não soubesse que a ex-sereia
trazia, no seu corpo, a sentença do amor,
e o universal rumor dentro da concha.

2.ª DANÇA EM FRENTE DO SOL

I

E os que — abissínios — se voltaram
contra aquêle que lhes negou a côr do dia?
E os adoradores de Baal? e os que vieram,
pelo mar da Noite, à procura
do Sol da Terra? Onde estão êles? em que ângulo
do quadrante solar ficaram os seus ossos?

De que valeram festas e holocaustos
fenícios, como o da prostituição sagrada,
o da cruenta imolação de anjos e bois, em sua honra?
e o das rosas silvestres?
Ao tempo em que se bebia sangue em vasos de ouro,
antes da coagulação, qual vinho de uvas quentes?

E os que sofrem o complexo da noite, e a quem
o dia é a imagem da Desigualdade?

E' o que, tôdas as manhãs, pergunto ao sol.
Ao sol que nos fêz brancos, louros, pretos ou azuis,
só porque estamos,
uns mais longe, outros mais próximos, do seu disco
de ouro.

II

Ainda hoje, ninguém lhe pode olhar, diretamente
no rosto, entre os clarins acesos.
A sua graça, indiscutível, proibida,
só nos permite reduzi-lo a uma rosa, de um lado
do nosso corpo,
e a um relógio de sombra na pedra, do outro.

Ou acendê-lo, setecoloridamente,
numa gôta de suor — à hora em que enxugamos a
[fronte.
Suor da condenação.

Quando nos chegará a manhã prometida?
Cumpre esperá-la, do seu poder, ou arrancá-la
ao céu, por nossas próprias mãos? Ao céu que passa
365 dias — sôbre as nossas cabeças —
e não no-la traz?
Pobres girassóis, obrigatòriamente agradecidos,
porque obrigados a dançar, uns após outros,
diante do sol, até que um dia,
ó grande Sol,
os girassóis que vão morrer te saúdam!

III

Na dialética obscura em que tôdas as coisas
se contradizem, neste obscuro jardim,
em que cabem tanto Deus como a fome,
uma flor é celeste, só uma flor.

Em meio à ingratidão universal,
só uma flor é celeste — a única flor agradecida —
só uma flor.

Não é a Rosa dos Ventos, com as suas trinta e duas
[pétalas.
Não é aquela que varia de nome e significado
conforme a hora: Vênus, Vésper, Estrêla d'Alva.

O ANJO REPENTINO

Feriste-me, a fogo e lança,
ontem, quando me arrancaste
do teu corpo, reduzindo-me
ao mais simples homem morto.

Senti a imagem perfeita
de um ferido que, esmagado
no chão, como um pirilampo,
já se acreditava morto.

Mas, por arrependimento
ou — quem sabe — por malícia,
regressaste hoje, de súbito,
para curar o teu morto.

Sinto-me maravilhado
(confesso) com o teu regresso
repentino, ó anjo dialético
e contraditório; sinto-me.

Vê como estão os meus olhos
cheios de anil primavera!
Vê como as feridas de ontem,
são flôres, hoje, vermelhas.

Mas flôres de hoje, nascidas
em meu corpo, por teu gesto,
por tua graça divina.
O' anjo que, repentina

e resplandecentemente,
desceste da nuvem mágica,
sorrindo, a hélice ao ombro,
como um sol que caì da haste.

E ainda me encontras vivo
como uma noturna brasa.
Sôbre esta planície rasa
em que morto me deixaste.

E ainda me encontras vivo,
suficientemente vivo,
(não obstante mais que morto)
para saber que voltaste.

Merecia eu o castigo,
vindo de ti, de repente,
com que me havias ferido
tão irremediàvelmente?

Hoje não sei se mereço
o teres vindo, tão do alto
— anjo ontem surdo, hoje absurdo —
sôbre o chão em que anoiteço.

Ó estrêla-d'alva, ó celeste
imagem reaparecida,
que ontem a morte me deste
e hoje me trazes a vida.

Não sei se êste encantamento,
que hoje me trazes, é tudo.
Sei que é um gorjeio de pássaro
para quem já estava mudo.

Sei que a tempo ainda chegaste
de eu sentir o teu alento,
ó anjo ontem surdo, hoje absurdo,
e beijar-te as mãos, absorto.

Sei que estou apenas vivo
para sentir que voltaste.
Suficientemente vivo
para saber que estou morto.

Mas principalmente vivo
para estranhar teu desvêlo:
"guarda em teu próprio cabelo
a tua flor sem motivo".

A IMAGEM DA TERRA

Êste o horizonte que está muito acima
de uma criatura humana ter olhos.
Êste o abismo em que moro, aqui embaixo.
A superfície iluminada
do cemitério sublunar que habitamos.
Pode-se ver, nesta fotografia,
a enorme face em que os sete prantos
azuis escorreram.
Observa-se bem, agora, a curva da tristeza,
em seu rosto áspero e denegrido.
Êste o plano inclinado onde fomos
jogados por potente mão,
entre o "V" da vitória e o "M" da morte
e entre duas fôrças que, afinal, nos governam:
uma a esperança, a outra a gravidade.

Não quero mais, ó amigos,
o velho mapa que conheci em menino,
em que os cartógrafos costumavam, gaios,
representar as nossas dores a côres.
O que hoje sinto
é uma grande saudade perpendicular.
A lei da gravidade nunca foi tão minha
e tão grave.

Uma subterrânea aurora
me convida a cair, a bater com o meu corpo
na terra dura,
e a encostar o meu rosto ao seu,
amorosamente.

ESTAÇÃO DE CURA

A água me vem gorjeando
dentro do copo,
como um pássaro líquido.

Acredito que as lágrimas
que eu chorasse,
examinadas num laboratório,
já não teriam significado
nem sal.

As coisas naturais me cercam
e contam-me — analfabetas —
que são minhas irmãs.
A lua é, agora, um objeto
do meu uso pessoal.

Sinto-me tão natural
que faço sol, chovo, anoiteço.
Minha mão é de prata e água.
As môças do lugar me cumprimentam
sem me conhecer;
com isso, me comovem.

Na manhã hidromineral
as árvores chovem.

TESTAMENTO

Deixo os meus olhos ao cego
que mora nesta rua.
Deixo a minha esperança
ao primeiro suicida.
Deixo à polícia o meu rasto,
a Deus o meu último eco.
Deixo o meu fogo-fátuo
ao mais triste viandante
que se perder sem lanterna
numa noite de chuva.
Deixo o meu suor ao fisco
que me cobriu de impostos;
e a tíbia da perna esquerda
a um tocador de flauta
para, com o seu chilreio
encantar a mulher e a cobra.
Às coisas belas do mundo
deixo o olhar cerúleo e brando
com que, nas fotografias,
as estarei, sempre, olhando...
Aos noturnos assistentes
de última hora — aos que ficam,
o sorriso interior e sábio
que nunca me veio ao lábio.

VERÔNICA

Logo após o comício,
uma mulher do povo
me viu cheio de rosas,
as feridas. E de suor,
o suor da luta, lágrimas
que, ao invés de cair
dos olhos, caem-me do corpo.
As piores lágrimas, porque
apenas lágrimas físicas.
Próprias da matéria
no que ela tem de trágico
e de espêsso.

Uma mulher do povo,
me vendo assim, quis enxugar-me
o rosto, mas fêz mais do que isso.
Colheu-me as rosas, mas fêz mais
que isso.
Colheu-me o próprio rosto.

Um rosto que, afinal,
nem é meu, mas o que recebi
como sendo um presente
de quando fui futuro.
Não de hoje, quando sou
obrigado a dizer: presente,
à hora
da identificação.

DIÁLOGO NA FRONTEIRA

Vida que me quebraste o cálice de vinho
entre a mão e a bôca.
E me roubas a água, à hora de minha maior
sêde,
que lógica é a tua?

Como te negas a ti mesma, nesta viagem
em que as árvores conduzem o horizonte
chamando-me para perto das estrêlas?

Por que, antes, não me fizeste, ao menos,
calar, no peito, o pássaro da alegria?
(Todos os pássaros ainda estão cantando.
Ainda gorjeia em mim o teu sorriso.)
Por que, antes,
não me tapaste a bôca com um punhado de terra?
Serias tu mais convincente.
Já o mundo não ouviria o meu grito.
Por que, antes, não me obrigaste a uma longa
[amargura?
na tua própria cruz, já de espinhos coroado,
bebendo fel, e depois de ter feito
longo exercício de desesperança?
Aceitaria eu a morte como o fruto que cai,
ou como quem se cansa.

Não a discutiria como agora a discuto
contigo, neste diálogo de fronteira.

Por que não me arrancaste os olhos, finalmente?
Ao menos, eu não veria quem eras,
vendo-te ao espelho.
No espelho que ficou em minha mão — partido —
sem o teu rosto.

A CANÇÃO MAIS RECENTE

O poeta
com a sua lanterna
mágica está sempre
no começo das coisas.
E' como a água, eterna-
mente matutina.

Pouco importa a noite
lhe ponha a pena
do silêncio na asa.
Êle tem a manhã
em tudo quanto faça.
Além disso o amanhã
nunca deixará de ter pássa-
ros.

O ESCAFANDRO

I

No fundo do oceano
estava a lágrima
que devia ser
chorada por mim. À espera
dos meus olhos, que ainda
não eram meus na origem
das coisas.

Os peixes não choram.
E ela podia estar
ali, não chorada. À espera
de quem viesse a usá-la,
um dia, ou dos olhos
(que, hoje, são os meus)
que a chorassem, devida-
mente. Como se chora,
uma só vez, na vida.

A lágrima ali ficou,
intacta, no salso
labirinto, onde ninguém
chora, porque ali o pranto
é falso. Onde os polvos,
os tristes cefalópodes,
não choram. Onde

as sereias, nascidas
pra não chorar, não choram.

Onde os próprios marujos
não choram. Onde os peixes
não choram, e ninguém
iria, então, chorá-la,
tão supérflua é uma gôta
de mágoa ao fundo d'água.

E a lágrima passou
entre alvos caramujos,
entre navios mortos,
entre detritos sujos,
entre esponjas por cujos
orifícios entrou
e saiu, muitas vêzes,
quieta, obscura, sòzinha,
para, afinal, ser minha.

II

Lá fora,
a multidão, a onda
cega, o cavalo líquido
e glauco
em que, sem nenhum
esfôrço, Deus navega,
originalmente.
Ali dentro, a lágrima.
Quieta, obscura, sòzinha
na unanimidade
espêssa da água azul-
marinha.

2.ª BALADA DO FUZILEIRO NAVAL

I

Marinheiro, não assisti à operação imemorial
em que, por lucidez feroz, com um gládio de luz crua,
Netuno cortou viva uma sereia em dois pedaços.
E restituiu à terra a parte que devia ser sua,
o rosto de mulher, dourada.
E arremessou ao mar a outra parte, a da cauda de [peixe,
prateada.
"O lugar da mulher não é o mar"
E o peixe ficou só peixe, a mulher só mulher.

(Não obstante o pequenino trecho de coral, a concha,
as duas ilhas verdes, e as quatro ondas exiladas que,
no corpo da ex-sereia, até hoje, são reminiscências
do mar.)

II

Porém, eu sinto em mim fìsicamente
tôda vez que parto,
a eterna imagem da sereia partida.
E ouço o seu grito milenar e a voz antiga dos marujos
com a do mar, sem mulher.

Ainda agora o cais, a água móvel da esperança.
Letreiros comerciais para vários destinos.
Um guindaste, imensa flor de ferro.

O nome do navio escrito na onda. A exclamação da
[viagem.
E a longa despedida, a mais longa de tôdas
as despedidas.
Até à hora em que, já longe, um mastro e o horizonte
resumem as duas posturas essenciais da vida
num só adeus, sob a lua naval.
E os olhos da mulher que ficou imóvel, sôbre a pedra
[da praia,
são só água e sal.

III

Ah, o mar celibatário
opõe ao meu amor a sua universalidade obrigatória.
Demasiado épico — para o meu coração apenas
lírico —
fica êle, e sempre, e eternamente, o mar —
tôda vez que parto,
rasgando, sôbre a praia, o véu de tôdas
as minhas noivas!

O ÊRRO DE CADA DIA

O homem da lei decreta
que não haja mais fome,
que não haja mais frio,
que sejamos irmãos,
uns dos outros.
Datilogràficamente.

Nada mais angélico do que a sua íntima convicção
de que dirige o acontecimento.

No outro dia decreta
que não haja mais sêde,
que não haja mais crime,
que me queiras bem.
Que é isto o que quer dizer
amai-vos uns aos outros.

Mas o seu decreto
é escrito sôbre areia,
no papel, na onda,
na asa da borboleta,
no teu coração — enigma
que não se comove.

E o mundo continua
pagando o mesmo êrro, o mesmo,
da manhã imemorial.

E há dores ilegais.
E há lágrimas ilegíveis.
E há — principalmente —
o teu coração enigma
que não se comove.

O ELEVADOR

I

Um elevador, que não chora nem ri,
mas apenas sobe.

À medida que subo,
neste elevador — sem nenhum esfôrço,
sem dor viril — porque mecânico,
automático, me dispo,
como dentro de um cubo,
de qualquer filamento lírico, humano
ou sentimental.

As palavras, agora em minha bôca,
sujam-se de azul, elas, as palavras
que já sujei de ódio, de incompreensão
e de cal.

Há uma semântica automática, cruel,
vertical.
A dêste elevador em viagem, no edifício
que navega para o alto.

Mas para um alto, onde as posições não lembram
colinas conquistadas ao inimigo.
São posições fáceis, dependendo apenas
de óleo, nos motores.

Deslizo para êsse alto,
como por um tubo,
com os pés da civilização, sem escalada.
E sem nenhuma escada de Jacó.

Que adiantaria um dicionário neste cemitério
perpendicular?
No edifício que navega para o alto
como um lento suicídio?

II

Deslizo para o alto, para onde
me leva o elevador, e como quem caminha,
sem o batismo, já, dos pés no chão.
Como quem vai tomar o céu de assalto.
Daqui se pode ver, não só a rua,
em que ficaram os meus pés, mas tôdas
as demais ruas, antes, tôdas as cruzes
em que se multiplica a crucificação
do Cristo cotidiano.

Daqui é que se pode
olhar a dor humana, contemplada do alto
de um arranha-céu. A ordem do mundo,
como é tranqüila:
Uma ordem que as baionetas garantem, lá embaixo,
sôbre o asfalto
onde o acontecimento ri ou chora.

Êste é o alto para onde me traz, sempre,
o elevador.
Um elevador que não chora nem ri,
mas apenas sobe.

Mas, apenas, mal desce,
já sobe.

III

Mas é muito tarde, e a noite apaga
tôdas as palavras — entre a lua e a rua —
no dicionário onde o acontecimento
ri ou chora.
Só fica o elevador, que funciona na noite,
automàticamente.
Obsequioso sem saber que o é.
Exato como a única hora exata.
E esguio como um entêrro em pé.

Um elevador, que não chora nem ri,
mas apenas sobe.
Mas, apenas, mal desce,
já sobe.

POEMA IMPLÍCITO

O que a vida nos faz
supor esteja atrás dos objetos.
A presença do oculto,
o que a fotografia não nos diz.
As coisas
que não chegou a me dizer Lenora
a que foi
morar no reino dos pássaros mudos.
E que mais me feriram justamente
porque não chegaram a ser ditas.
Os gritos, esculpidos na bôca
das figuras de pedra.
Tudo o que é implícito.
Tudo o que é tácito.

Não gosto dos explícitos.
Gosto dos tácitos.
Daqueles que me dizem tudo
sem me dizer uma única palavra.
Não amo os lógicos,
os socráticos.
Amo os lunáticos,
os de cabeça virgem
e lírica.

Não amo os pássaros que cantam,
amo os pássaros mudos.

NOTURNIDADE

I

E porque é esta a nossa hora específica,
tal como certas borboletas dúplices, ou dúbias
que só aparecem à hora do lusco-fusco,
assim somos nós, a esta hora.

Não adianta querermos ser claros.
A lógica não convence, a explicação nos cansa.
O que é claro não é preciso ser dito.
Chega de explicações, ou de diálogos obrigatórios
com o espelho. O que sentimos é a necessidade
da noite. Da noite,
não em nossos olhos, mas em nosso ser,
em nossas mãos, em nossos poemas.

Só a noite apaga, a esta hora, a divisão da terra,
as escrituras, nos cartórios, os mapas.
Só a noite, que a primeira mulher pedia,
como condição para o amor, ou para o beijo.
A noite, muito mais universal que o dia.

II

Amanhã cantarão os galos, a alva estrêla-d'alva
nos contará que ainda estamos vivos, que a manhã
ainda existe.

Mas hoje, a esta hora, o que sentimos é a necessidade
da noite. Da noite,
não em nossos olhos, mas em nossos atos,
em nosso corpo feito de barro vil, cansado
e nu. Não em nossos olhos, mas em tudo
o que dizemos,
depois de tudo tão dolorosamente explicado.

III

Hoje, o nosso suicídio
já não tem a beleza trágica, a beleza
dos que se cometiam
sem deixar explicação.
Antes, no mundo tão dolorosamente explicado,
explica-se.

Tudo se explica
no planêta onde os nossos atos, hoje,
só são atos, simplesmente atos;
já não têm a significação, a malícia, a vingança
oculta dos símbolos.

DESEJO

As coisas que não conseguem morrer
só por isso são chamadas eternas.
As estrêlas, dolorosas lanternas
que não sabem o que é deixar de ser.

O' fôrça incognoscível que governas
o meu querer, como o meu não-querer.
Quisera estar entre as simples luzernas
que morrem no primeiro entardecer.

Ser deus — e não as coisas mais ditosas
quanto mais breves, como são as rosas —
é não sonhar, é nada mais obter.

O' alegria dourada de o não ser
entre as coisas que são, e as nebulosas,
que não conseguem dormir nem morrer.

CHUVA

Com que graça menina, ó girassol,
o teu pequeno sol girar soubeste
desde a primeira viagem para oeste:
és a flor bíblica que acompanha o sol.

Chove. Uma cinza fria as casas veste.
lá fora, zune o vento em si bemol.
E como hás de cumprir, sem arrebol,
a tua estranha obrigação celeste?

Nunca o horizonte me chegou tão perto,
como hoje, sob o guarda-chuva aberto.
Soluça em mim um longe *music-hall*...

Chove e eu penso: haverá coisa mais viúva
que a saudade possuir olhos de chuva
e eu ter o coração de girassol?

GEOGRAFIA DO SONO

Bom tempo aquêle, quando as criaturas
mudavam de alma e ser a qualquer hora.
Agora, nestas horas tão obscuras,
onde a centelha dessa antiga aurora?

Ficou-nos, dêste tempo, pôsto fora,
em paga destas, de hoje, desventuras,
um só bem, o do sono, em que ainda mora
o sonho que é o licor das vãs procuras.

Por ser eterno é que só Deus não ousa
deixar de ser quem é, ser outra coisa.
Porém, bem haja a borboleta e o eclipse.

Bem haja a criatura que, tristonha,
sem poder ser o anjo do Apocalipse,
passa a ser quem não é, se dorme ou sonha.

O GALO DAS CINCO HORAS

E' um galo nítido, auto-suficiente,
com uma clareza de clarim noturno.
Que deve ter a plumagem vermelha,
e cuja crista é a própria estrêla-d'alva.

Cantou muito esta noite, cantou muito
qual se tivesse, como de costume,
uma coisa secreta pra dizer-nos
mais surpreendente do que a madrugada.

Há quantos séculos êste galo canta?
Mas amanhece e a manhã é, apenas,
a face côr-de-rosa de um abismo

(seguinte) uma manhã que nunca chega,
e que promete, sempre, a mesma coisa,
por só existir na garganta dos galos.

A DESENTERRADA

Por entrenoites cúbicas e dados
brancos cuja sexta face ninguém vê,
meu pensamento entra no mistério
em que caminhas brancamente, deitada.

Rodeado por muitas luas e impelido
pela minha saudade física, procuro,
no chão, o luar eterno do teu corpo,
no gesto de levar-te três magnólias.

Mas só encontro, de eterno, na matéria
que foi tua, em teu corpo hoje noturno,
o cabelo — cabelo sempre-vivo.

Que arranco ao solo e que me fica, ruivo,
nas mãos frias brilhando longamente,
qual ramo de árvore entre pirilampos!

MODERNA LUA

Embarcarei num pássaro de ferro,
e irei descer, de frente ou de perfil,
no rosto cheio ou na meia falua,
que serás tu, ó lua alva e gentil.

Deixarei de ser poeta, o que hoje moro,
na terra, pra ser osso e barro vil,
e, em ti, ser homem prático ou — se queres —
um caçador sem flauta ou arrabil.

Tuas mulheres nunca são diurnas?
Serás, Selene, algo além do que vi?
sob árvores brancamente noturnas?

Mas me basta a certeza de que, aí,
não existe a saudade, a flor lunática,
que felizmente só existiu aqui.

PSICO-AUTÓGRAFO

Eu sou eu mesmo, o que nunca foi outro.
Eu mesmo — o eternamente condenado
a obedecer à física do estômago,
não obstante ao pão preferir a rosa.

A exibir meu sinal, qual fêz Ulisses,
ao retornar, aos seus, e já ignorado.
A ter, na vida, um número de porta,
por onde entrou, e há de sair meu corpo.

Eu sou eu mesmo, o pra sempre forçado
a seguir para a frente de batalha,
a voltar caminhando, em carne e osso,

sôbre minhas feridas. E — já morto, —
a provar, quanto mais desfigurado,
que nunca fui tão eu, tão nenhum outro.

O ELEFANTE QUE FUGIU DO CIRCO

(1950)

O ELEFANTE QUE FUGIU DO CIRCO

"... tão formoso, sendo mui feio que era cousa gentil de se ver."

(Doc. cit. por JORGE DE LIMA, *in* "Anchieta").

I

Velho elefante, tão cheio de brincos
e enfeites, que feroz determinismo
se apossou do teu corpo, qual demônio,
que não mais obedeces a ninguém?
Para que venhas, pela rua 15,
desembestado, interrompendo o trânsito?

Mal feito, a pele mal adstrita ao corpo,
como uma vestimenta já sem dono,
suja e antiquada, olhos ainda bíblicos
no século XX. Ainda africano
na concepção do movimento, próprio
para os passeios régios, com escada
de sêda verde, pela qual os pajens
sobem-te ao dorso — dorso em ouro e prata.
Quantas vêzes aceitaste o govêrno
dos histriões e dos imperadores.
Eras um coração de pomba. Os pássaros
poderiam gorjear na tua tromba.
A qualquer hora, mal surgisse a aurora.
Entretanto com que surprêsa enrolas,
na tua tromba, agora, os policiais.

Com que fúria, com que desembaraço,
esmagas, sob as tuas patas, um
a um, a qualquer de nós, pobres lírios.
Movendo as dobras e agitando as sobras
da pele flácida, velha capa preta
com que passeavas, sôlto, na floresta,
ou entre deusas, nos festins assírios.

Fôste um dos animais da preferência
de Noé, para a arca. Não te lembras?
Talvez o mais amado das crianças
pelo que tens de mágico, alegórico.
Há qualquer coisa, mesmo, de um monstruoso
brinquedo em teu perfil, teu gordo ser,
que é mui feio, mas gentil de se ver.

II

Estava eu habituado a ver-te, manso.
Rabicurto, as orelhas fabulosas.
Orelhas que, costuradas, dariam
pra formar as duas asas a um arcanjo
negro. Amontoado sôbre as patas, como
sôbre quatro corolas de borracha.
Solitário, ou nos bandos, agora ágil,
sob a perseguição dos caçadores.
Elefante que nasceste na origem
da grande noite, onde as árvores têm
os cabelos borrifados de estrêlas...

Estava eu habituado a ver-te, mas
na bacanal dos marajás, ornado
de custosos chairéis, ou travestido
de naipes, para diversão, nos parques.

Ou no festão dos sonetos de mármore.
Ou em baixo-relêvo. Ou insculpido
no pedestal dos reis e dos heróis;
e em efígie, na medalha dos césares.
Ou nas esferas brancas que te arrancam
às defesas (de que elefante absurdo
e misterioso serão as três luas,
as três luas obedientes a tôdas
as minhas intenções (subintenções)
de finura, no retângulo verde?)

Surpreende-me ver-te agora transviado
na parda confusão da rua, onde
promoves, hoje, o pânico, a desordem.
Desobediente aos sinais semafóricos.
Como se houvesses, fabulosamente,
saltado, a tromba no ar, do mapa
ou do dilúvio, em meio aos automóveis,
e justamente à hora de mais povo.
Desamarrando, azuis, os laçarotes
de fita, com que o homem enfeitou
tua ferocidade, arremessando,
ao chão, os guizos, que te tilintavam,
alegremente, aos pulsos; baralhando
os ouros, as espadas do teu manto
de tecido estampado a côres vivas.

No teu corpo, onde mora a mais noturna
das noites — noite cúbica — há uma lua
chinesa, a do comércio de marfim.
Há centenas de luas, umas prêsas
às outras como num colar, a tua
calma longevidade taciturna.
Não cria eu que no teu corpo houvesse
tamanha insubmissão apocalíptica.

III

Pois não viste, sequer, que a nossa hora
não era suficientemente lírica
pra te compreender? não era a tua,
porém a hora das coisas minúsculas?
A pequena mas infinita hora
das investigações mais minuciosas?
Hora em que todos fazem uma só
e única coisa, aceitar tudo, menos
um elefante? Pois não percebeste
que, na ordem legal, quando se trata,
apenas, de escrituras no cartório,
ou de jogar nos títulos da bôlsa,
não poderá caber um elefante?
Que haverá, pois, de mais impertinente,
que um elefante atravancando a rua?
à hora em que somos exclusivamente
transeuntes, não mais do que transeuntes?
Mesmo que fôsse um anjo, já seria
a subversão da ordem, algo insólito,
em meio à pressa típica dos negócios
e da hora marcada, a hora inadiável.
Mesmo que, por instantes, a mãe de ouro
descesse no viaduto, ao meio-dia,
seria isto "um ato incompatível
(como se diz em linguagem de inquérito)
com a conveniência pública", com o tráfego,
com as mil e uma obrigações que tecem,
de ouro ou de barro vil a nossa vida
civil — que se dirá de um elefante?
Seria, já, a subversão do método;
ou do ritmo sossegado e harmonioso,

que não é o dêste poema, certamente,
(chi poria mai pur con parole sciolte
dicer apieno?) escrito quase em branco,
por quem, diante da tua tromba em flor,
jogou ao chão as flôres que trazia
para um sonêto, uma ode, uma elegia.

Não se dá uma rosa em pagamento
de uma dívida. Nunca as esperanças
são devedoras, antes, são credoras.
Há esperanças que esperam, e esperanças
que não esperam, senão por obséquio,
até tal hora, à porta de tal banco.
Há esperanças terríveis que não param
e exigem que as acompanhemos, lestos,
em tôdas as procuras que realizam,
embora nos magoem músculos e ossos
de tanto andar, à hora em que o mundo
se faz pequeno, por demais pequeno,
pra caber nêle as nossas divergências
e exigências, e ainda um elefante.

IV

Ah, se eu pudesse atravessar o povo,
e chegar-te bem perto das orelhas,
havia de contar o meu segrêdo,
ao teu ouvido, delicadamente,
ofertando-te umas rosas vermelhas:
estás zangado? sê cordato, ouve.
Sossega, ó meu irmão, pois não te lembras
do tempo em que brincavas com os meninos,
no circo? um dêles — teu melhor amigo,
era eu — cognominado "o Incorrigível".

Ouve, as autoridades estão, já,
dizendo ao rádio, e elas dispõem de máquinas
lacrimogêneas, de clarins, tambores —
que vão te remover, já — vivo ou morto,
para o depósito — não o percebeste?
onde não haverá espaço pra teu corpo.
Excedente, excessivo, devoluto,
não caberás em qualquer parte, vivo.
És demais, como carga, e serás morto
para caber no chão, que no chão cabe
tudo o que sobra e é preciso se acabe.
Quando podias ser a graça, é lógico,
de um zôo, não zoológico mas lógico.

Meu monstro de inocência, não suspeitas
que andaste mal fugindo do teu circo?
Não suspeitas que o teu lugar não é
na selva da África, nem na rua 15?
nem no depósito em que serás jogado
por excessivo só porque estás vivo?

Já há vidros quebrados pelas lojas
de ferragens e louças. Já as casas
de flôres foram invadidas, já
os homens de negócio estão receando
que muitos outros elefantes venham.
Já os bancos descem as cortinas de aço.
Já um pelotão da polícia especial
se apresta pra caçar-te, em plena rua,
na floresta dos homens, e ainda investes?
Ainda investes pela rua 15?
monolinear e irreversìvelmente,
interrompendo o trânsito, os passeios?

Serás o monstro da desesperança,
do Apocalipse, do juízo final?
Monstro que já os profetas anunciavam?
Havia de aparecer um sinal...

Teu lugar, elefante, não é mais
na selva da África, nem na rua 15.
É no circo, onde, atualmente, moras.
No circo de onde, ludibriando o guarda —
fugiste para a rua; é lá, no circo,
onde demora o último vestígio
do mundo mágico, onde és qualquer coisa
de tragicômico, de maravilhoso,
entre os necessitados de alegria.
Os que procuram coisas diferentes
das que encheram de tédio as próprias flôres.
Algo que lhes pareça fabuloso.
Não aquilo que, à custa de ser visto,
o olhar se prostituiu de tanto olhar;
mas algo acima do seu horizonte
de agora e que — embora muito feio, —
seja, como tu és, gentil de ver.

Volta ao circo, elefante; tem piedade
do pouco que nos resta de criança,
neste planêta, sujo fim de terra.
Volta ao circo, elefante... Sê obediente
como a fôrça que crê em si; e deixa-me,
deixa-me, desde logo, azuis, na tromba,
amarrar-te, de novo, os laçarotes
de fita, e fulvos, pendurar-te, aos pulsos,
os guizos de ouro, tilintantes de ouro.
Além de tudo, êste é o maior segrêdo,
que eu queria contar-te, bem no ouvido.

A hora é de morrermos todos; todos.
Vem aí o dilúvio, e o circo é a arca
de Noé, ancorada, já no asfalto,
para salvar apenas as crianças
e os poucos a quem Deus ofereceu
a graça de se parecer com elas...

POEMAS MURAIS

(1950)

À memória
de Oswald de Andrade

COROA MURAL

Muro que hoje separa
os homens
em passado e futuro.
Muro do absurdo
que divide, agora,
o coração em dois: em oriente
e ocidente.
Divide o sol em dois:
em dois mistérios.
Divide o mundo em dois:
em dois hemisférios.
Ou em dois cemitérios?

No labirinto
do desentendimento humano
o anjo rebelde
se debate, em busca
de uma saída.
E, ao mesmo tempo, é expulso
de uma côr para outra,
deixando os pés escritos
em areia e neve,
na rude geografia
das injustiças.
(Só a dor e as estrêlas
são universais.)

Mas, como destruí-lo?
Com as velhas trombetas
de Jericó,
já douradas de pó?
Recolocando, no ar,
em seu lugar, agora,
o novo arco celeste
de uma ponte pênsil?

Ou com a lira em flor
que Anfion tocou em Tebas?
Anfíon, a quem possam
as pedras transformar-se,
de novo, em pássaros?

Ou com o sol de hidrogênio
e só pelo consôlo
de morrermos, todos,
— todos, ao mesmo tempo —
e, assim, um ser irmão
do outro, por prêmio?

Ah, o herói obscuro
a quem — todos — pudéssemos,
os que sofremos, dentro
e fora do muro;
de um só mal, todos prêsa,
ofertar, tôda em ouro,
a coroa mural.

Igual à que os romanos,
num afrêsco antigo,
estão oferecendo,
sob um céu de turquesa,
ao primeiro soldado

que escalou a muralha
de uma fortaleza.

O dia é geográfico.
A noite é universal.
Mas, se Deus ouvir rádio,
esteja onde estiver
ouvirá o meu grito:
por que a noite nos une
e o dia nos separa?

BOI BLAU, EM CAMPO DE PRATA

Boi do meu cansaço.
Boi da minha solidão.

DANTE MILANO

A. Afonso Arinos de Melo Franco

O meu boi gorjeia
quando puxa a água
pra quem tem sêde.
O meu boi canta
imemorialmente,
quando a hora cai
pelo vão das fôlhas.
O meu boi ri
e arrasta o meu cansaço.
Conduz lenha pras casas
onde não há fogo.
Leva o lixo do beco
para a horta do pobre.
Leva o corpo vencido
do bêbedo.
Leva o herói ferido.

O meu boi ri;
o meu boi ri de amor.
O meu boi me puxa
entre os transeuntes,
o meu corpo é a carga
dêsse boi em flor.

O meu boi puxa rosas
para a bem-amada.
Puxa o céu com as estrêlas.
Puxa Deus — se Deus cansa —
E — boi de olhar antigo —
puxa terra pro campo
onde se planta o trigo.
Puxa trigo pro pão.
Puxa — por entre os homens —
minha solidão.

Mas há também as coisas
que êle não puxa, não,
mesmo quando segue
de cabeça baixa,
sob a canga da vida,
mais próximo do chão:
o orgulho, a falsa glória,
o ouro da opressão,
a corda do enforcado,
a carruagem do Estado,
os erros dêste mundo,
a injustiça, o insulto,
ou a humilhação.

Há de haver um dia
e dois ramos de flôres
que lhe sirvam de aspas.
Quatro rosas de prata
que lhe sirvam de cascos.
Um brasão de ferro
que lhe sirva de marca,
no couro, sôbre a anca.
E um colar de rei,
desatado ao comprido,
que lhe sirva de cauda.

E a guiada verde
da minha esperança,
com que eu o fustigue
numa hora de sono.
E a minha solidão,
cinza, sem horizonte,
que lhe sirva de campo.
E o fardo do meu corpo
que lhe sirva de carga,
pela estrada amarga.
E o pranto que eu chore
que lhe sirva de água.
E duas luas enormes
que lhe sirvam de rodas.

E eu entrarei no céu
ao cair da hora
pelo vão das fôlhas.
Não no céu que nos cobre,
céu de cadafalso.
Mas noutro, que êste encobre
com o seu grande azul falso.

E estarei entre os anjos.
Não os que povoam
o teto das igrejas.
Mas os anjos que fomos
na rua de quem somos.

Anjos que me esperam
ao longo
desta viagem sem data,
caminhando entre móbiles
e discos voadores,
(longe da terra ingrata)
com o meu boi blau
sôbre campo de prata.

A ORDEM DA ROSA

Chamam-me de louco
por causa desta rosa.
Rosa tanto mais alva
quanto mais recente.
Rosa que se colhe
ao nascer do dia.
Nela é que mora, trêmulo,
como um pingo de orvalho,
o último minuto.

Esta outra é rosa
na côr como em seu nome.
Rosa côr-de-rosa.
Que adiantaria haver
a rosa do após-noite
se esta outra, por mêdo,
alucinação, ira
ou falta de pudor,
não me subisse ao rosto?

Em verdade, porém,
sou da Ordem da Rosa.
Porque guardo, no peito,
sem ninguém que a descubra,
uma terceira rosa.

Rosa esquerda, rosa
de haver sonho e futuro.
Rosa do compromisso
com o que virá, após.
Rosa de algo que há em nós,
apesar de nós.

Rosa que é, a um só tempo,
invisível e rubra.

CANÇÃO DOS ÓCULOS PRETOS

Besouro, ou larva,
que amanheceu dentro
de uma rosa.
Molusco, escondido
sob refolhos. Bicho

de concha, a quem
o destino deu
a delícia do obscuro.
do escondido
do poder ver tudo.

Até que, finalmente,
o olhar que viu tudo,
ora azul, ora verde,
porque viu tanta coisa,
um dia repousa.

A tarde cai ao rosto,
que se faz só ruga,
como um pensamento
já sujo de tinta
no horizonte de agôsto.

Como, sôbre a areia,
côr de sangue, da tarde,

que dolorosamente arde,
deixa seu rasto, impresso,
uma tartaruga.

Olhar agora mudo.
Dêle cai a estrêla
da noite que carrego.
Noite, não de estar cego,
mas de ter visto tudo.

ENTÊRRO DE POBRE

I

Vou enterrar também, a sete palmos,
o quem poderia ter sido, e não fui,
o orgulho que engoli com pedregulho
sem flôres,
as cartas de amor, os objetos sem uso,
a rosa do pudor, ainda quente.

A morte requer imediatamente o horizonte,
que é o seu ser natural, e até simbólico.
Que é morrer? E' ser horizontal.
Que é o horizonte?
E' o leito imemorial das coisas.

E o entêrro sai de uma casa sem número,
apressadamente,
caminhando deitado, caminhando direito,
pelas ruas tortas.

II

Só uma coisa caminha em linha reta
entre as ruas tortas. Não é Deus.

Só uma coisa caminha em linha reta,
entre as árvores tortas. Não é Deus.

Só uma coisa caminha em linha reta
entre as palavras tortas. Não é Deus.

A linha reta é, principalmente,
o caminho mais curto,
entre a casa do pobre e o cemitério.

A NOTÍCIA DE HOJE

Mais quinze condenados à morte foram conduzidos
[em fila
e encostados ao muro,
perante quinze cintilações de baioneta.
E não quiseram que se lhes vendassem os olhos
nem se lhes pintasse o alvo, no peito,
em cima do coração — pobre símbolo.

Que adiantaria serem cegos, à última hora?
Que adiantaria não olhar a cena que mais tarde
os cegos, a quem seus olhos fôssem doados,
veriam?

Que adiantaria a rosa ser vermelha, na noite?

POEMA ESCRITO NA PAREDE DO BAR 15

I

O' dono do bar que possuis
um espelho maravilhoso.
Quanto queres por teu espelho?
Dou um poema por êle.

Numa balada, e não em prosa,
quero bem explicar meu ato.
Oferecer-te o meu retrato
numa moldura tôda em rosa.

Como quem joga um limão verde
lá na tôrre do Belém,
meti uma bala na cabeça,
mas errei o alvo: Estou salvo.

Deu no cravo, deu na rosa,
deu num beija-flor vermelho,
deu também em teu espelho,
deu no peito do meu bem.

Ah, erra-se, sempre, o alvo
quando se vai, como eu o fiz,
pela cerração espêssa,
apagar uma estrêla, infeliz.

Estrêla que nunca se sabe
onde está oculta, se no espaço,
se na curva de um caminho,
se dentro de um copo de vinho,

se no céu, ou a que hora,
antes ou depois que anoiteça,
se no fundo de algum espelho,
ou em nossa cabeça.

II

Por êsse espelho, quantas vêzes
contemplaste, horas a fio,
como num horizonte frio,
o semblante dos teus fregueses!

Fregueses que o cristal da Boêmia
retratava, multiplicados
dentro das mil e uma noites
dos teus mil e um cuidados.

Mas o teu grande, único ensejo,
foi aquêle em que conseguiste
surpreender, através do espelho,
certo pobre homem triste.

No instante mesmo em que o vilão,
sem refletir — mas refletido —
pretendia esconder no bôlso
um pedaço de pão.

Pão que colocas com amor
sôbre cada mesa — ao centro —
como uma surprêsa, dentro
de um vidro em formato de flor.

O' dono do bar, que possuis
espelho tão maravilhoso,
sei que êsse espelho policial
é o teu cão, teu cão de cristal.

Atento ao menor gesto ou ato
de quem ouse sair, de repente,
levando um pedaço de pão
pela porta resplandecente!

III

Perdoa-me o ato insensato.
Meti uma bala na cabeça,
mas errei o meu horizonte,
deu no cravo, deu na rosa,

deu nas garrafas, nos copos,
deu nas bandejas de prata,
e ainda, atravessando a sala,
(como dirigi-la ou contê-la?)

deu no teu espelho defronte
que ficou com o sinal da bala
estilhaçado na fronte,
em forma de estrêla.

O' dono do bar que possuis
espelho tão maravilhoso
e de reflexos tão azuis,
quanto queres por teu espelho?

— Dou um poema por êle!

A MANHÃ QUE CONQUISTAMOS AO INIMIGO

As horas caem sôbre nós verticalmente
como chuva secreta.
As crianças dormem sob os arcos-de-triunfo
que são os viadutos.
Publicam os jornais
fotografias de homens magros, e de rosto comprido
que tombaram à porta das casas.
A pedra é o travesseiro em que sonha o futuro.

O que disputamos já não é um palmo de terra,
o último que ficou fora do mapa.
E' a manhã, é o direito de um dia seguinte.
O que disputamos é a hora,
e, assim mesmo, a hora que cai verticalmente;
já não é o horizonte,
já não é o espaço outrora indefinido
onde tôdas as coisas floresciam sem mágoa.
O antigo espaço que nos dava a sensação do infinito.
O que disputamos
é a estrada que vai ter ao céu, nesta terrível luta
perpendicular.
O que disputamos
já não é um lugar ao sol, é a manhã ensangüentada —
caminho rubro para o acontecer.

E' o número de ordem numa fila de pão.

Dia 3.

Dia 4.

Dia 5.

Um telegrama, o último da frente de batalha,
nos diz: caiu em nossas mãos a manhã de hoje!

A DISPERSÃO

Eram cento e cinqüenta
rapazes
reunidos numa só
aula de geografia.
O espaço verde, a rosa
quieta, os grandes mares
em azul imóvel.
Os países, ainda,
podiam ser neutros.

Uma baleia
com o repuxo de prata
na testa — tal como
os antigos cartógrafos
a pintavam
nas indicações das
cartas de marear.
E uma rosa-dos-ventos
parada em semifusa.
E o zodíaco, com os seus
plurissignos:
O sagitário, o câncer,
o touro, o escorpião...
E o céu, sem ruga,
céu-zôo-dia-cal.

E os quatro pontos
cardeais, com tôdas
as possibilidades
de fuga.

Eram cento e cinqüenta rapazes,
reunidos diante
de um relógio, um
só relógio.
Um relógio tranqüilo,
patriarcal, noturno
(mesmo matinal)
no som, na absoluta
falta de pressa
e no pêndulo enorme
que era um sol frio
descido por um fio
de metal pentacórdio,
oscilando, pausado,
quase ao rés-do-chão,
entre o futuro
e o passado.

No alto, rodeada de horas,
a tesoura de prata
dos ponteiros abrindo
e fechando as duas
pontas.
Como num exercício
de somar ângulos
agudos e obtusos.
De ajudar Marta, a loura
tecelã,
a mover os seus fusos.

Não de chorar minutos
na corola encarnada
das sete dores.
Não de cortar flôres
no jardim do tempo.
Não — como agora —
tesoura de cortar
cabeças e magnólias
chinêsmente,
as pontas embebidas
no sangue da aurora.
Com a graça, o requinte
do século XX.

Eram cento e cinqüenta
rapazes
reunidos numa só
fotografia.

Mas a terra é, sempre,
uma alternativa
entre o onde, hoje, estamos,
e o para onde vamos.
Afinal, onde estamos?
Sabemos que é na terra
por aqui haver guerra.
Nossas mãos estão sujas
de sangue?
E' um sinal de terra.

Uns estão, hoje,
reduzidos a ossos,
num horizonte frio.
Outros se extraviaram
entre uma e outra guerra.

Como reaver seus corpos
à garra dos aviões?
dos dez mil gaviões
que caíam, em bando,
num só dia, gritando
sôbre a mesma prêsa
indefesa?
Entre um céu só asas
e um chão só casas
submergidas
num só mar vermelho
de brasas?

E os que foram morar
numa só esponja azul?
E os que se perderam
na dança do mapa,
onde, cada côr,
ora rosa, ora verde,
ora outra vez rosa,
ficou sendo,
mais que uma divisão,
um remendo?

Restam, do grupo, os dois,
que ora se reencontram,
não num andar térreo
do edifício Terreal,
mas, no ângulo terreno,
e agudo, onde os trouxe
o globo terrestre,
entre o ponteiro grande
e o pequeno.

Só os dois. E eram muitos.
Eram cento e cinqüenta
rapazes,
reunidos numa só
fotografia.

E agora? Agora, enquanto
um finge que não chora,
o outro, por sua vez,
(como a outra face
de uma mesma esfinge
ou de um só desencanto)
finge que não percebe
o pranto.

Tudo (entre um dia
e outro dia)
por um velho capricho
do relógio
e. outro, da geografia.

QUADRO ANTIGO

Por certo que amo as coisas, os objetos,
que me acompanham, neste fim de viagem.
São elas, coisas, minhas cúmplices, à hora
em que, ó lua, me contas teus segredos.

São êles, os objetos, os meus símbolos,
para uma última fotomontagem.
Mas, como são — coisas e objetos — tristes.
por já não serem mais os meus brinquedos.

Em vão o calor físico os dilata.
Em vão meu pensamento lhes dilui
o acre contôrno, em proustiana sondagem.

Só, contra o sol, a sombra dêles flui!
no chão, na mesa, ou — colorida imagem —
no cristal onde nunca sou quem fui.

PEDIDO A UM OFICIAL DE GABINETE

Na manhã azul-ferrête
ainda com a estrêla-d'alva
entrou no teu gabinete
como nas asas de um pássaro
o teu "Diário Oficial".
Sôbre a mesa um telegrama,
a xícara de café
e uma rosa matinal.

Estás mais contente, agora,
do que um pássaro de cristal.
Tua fala é mais sonora
e sabe a um secreto sal;
e o teu andar adquiriu
já um certo ritmo especial.

Mas, se a vida é assim festiva,
para alguns, a outros dói
como ferro em carne viva.
(Vivê-la já é ser herói.)
Ah, os que vivem no escuro
da competição brutal
que é a vida sem futuro,
sem o "Diário Oficial",
sem xícara de café
e sem rosa matinal.

Dêsses uma pobre viúva
com os seus três órfãos de guerra,
três anjos sujos de terra,
virá ao teu gabinete
contar-te o que tem sofrido
neste mundo desigual.

Uma professôra ingênua
te trará as suas queixas,
olhos azuis de quimera
de tanto esperar govêrno
numa sala azul de espera
(ó esperança nacional).

E mesmo o chefe político
cheio de santa inocência
virá em nome do povo
com os seus pedidos em flor,
com o barro municipal
que lhe ficou no sapato,
os olhos cheios de amor,
pedir pontes e colégios
pra sua terra natal,
madrugador como a estrêla
mas nem sempre venturoso
como a rosa matinal.

Rostos diários, em série,
pés amigos de tapête,
desfilarão, afinal:
o obediente funcionário,
os candidatos a emprêgo,
o orador do sindicato,
a mulher de perfil grego,
o que vem, ainda bisonho,

pedir a primeira audiência
prevista entre rosa e sonho.
o que visita o govêrno
por vocação oficial,
o que só acredita em lágrima
quando lágrima oficial,
e só acredita em sorriso
quando sorriso oficial
e só acredita em anjos
de céu que seja oficial.

A todos — peço-te agora —
sê paciente, sê cordial.
Principalmente se um dia
por um atalho da vida
entrar no teu gabinete,
triste como um caramujo,
com uma rosa na mão,
que furtou ao edital,
o homem que amanheceu
num banco do jardim público
à espera da sua hora
numa súplica final.

A êsse — o desconhecido —
sem albergue ou hospital,
filho do pó e da rua
com residência na lua
e cujo nome não consta,
por errado, ou ilegível,
(pois a dor é analfabeta)
entre as nomeações do dia
do teu "Diário Oficial";
a êsse, que amanheceu
num banco do jardim público,

e viu como, de manhã,
se apaga a última estrêla
da constelação austral:
a êsse, o desconhecido,
o que te traz uma rosa
mais que as outras, matinal;
mais que aos outros, sê cordial.
Extremamente cordial.

Que o poder não diz: "não posso"
ao que, talvez, no outro dia,
em decúbito dorsal,
estás arriscado a ver
com retrato no jornal,
(o teu "não" foi-lhe um punhal)
diante de ti, por um vão
do teu "Diário Oficial",
entre a xícara de café
e uma rosa matinal...

AS TRÊS IRMÃS

Abraão falou à sua mulher: "és formosa e os egípcios são capazes de matar-me por tua causa. Dize-lhes, pois, que és minha irmã."

GÊNESIS, cap. XII.

A primeira era minha irmã.
Nascida no mesmo galho:

A que me fecharia os olhos
"se eu morresse amanhã".

A segunda se contentou
em ficar sendo minha irmã:

Eterna noiva, vítima
de um grande amor proibido.

A terceira me quis tanto
que, ao nascer da manhã,

conseguiu, então, dizer-me,
descorada romã:

"Mataste-me a sêde. Agora,
serei apenas tua irmã."

PLANO INCLINADO

Desce a noite espêssa,
depois de azul demora,
sôbre minha cabeça.
E dissolve o número
desta porta de casa.
A lua, agora oblíqua,
é um peixe hemifacial
num ângulo de prata.
Canta alguém na estrada.
Vinda, mas não sei de onde,
uma voz me responde.
Não lhe perguntei nada.
E eis que uma luz escassa
(um lampejo que chora)
chega, e foge qual pássaro,
batendo na vidraça,
como se fôsse a hora...
A grande hora certa,
que se faz incerta
apenas pra disfarce
da nossa certeza.
E que cai do relógio
sôbre o nosso corpo
já em plano inclinado.

CRISTO PINTADO NO MURO

I

O homem que se fêz deus, por nós, é um feixe
de ossos, numa cruz que já foi árvore.
Árvore que está reduzida, agora,
a dois ramos, dando só flôres rubras.
Um perpendicular, outro horizontal.

E' um pobre Cristo, magro, em carne e osso,
na extrema concepção da dor geométrica.

E' um pobre Cristo, já em desordem.
Em quem se misturaram o ouro do cabelo,
o pano branco da cintura, o roxo
das feridas, o ocre das equimoses,
as queimaduras que são rosas pretas;
flôres, dores e côres — sôbre as quais
pousam môscas, e também borboletas;
e o luar grande e imóvel, que só a noite
(não esta, mas a definitiva) produz,
na máscara humana, à hora da hipóstase.

Pois, antes de ser deus, êle queria
provar que era, também, igual aos outros.
Provar aos fariseus, cheios de urgência,
que o rodeavam — chacais ou mercenários —
que o seu cabelo nunca fôra de ouro.

Que o seu sangue era sangue mesmo, e não
a tinta que dá côr ao vinho e às rosas.
Que o halo, o resplendor que alguns lhe viram
em tôrno da cabeça, era — não menos,
nem mais, que o sol, por simples coincidência
da sua fronte com a linha do horizonte:
Nada tinha de sobrenatural.

Que o seu rosto era débil e de argila,
como o de qualquer homem — o mais pobre —
igualmente débil e igualmente de argila.

E ei-lo agora. E' um despôjo, agreste ruína,
que a dor assinalou, a esponja e fel,
de precoce velhice repentina.

Tudo, em seu frágil corpo (que o castigo
tornou súbita e paradoxalmente antigo),
parece ter morrido muitas vêzes.
Tudo está velho, em seus trinta e três anos.

Só uma coisa recente — o azul dos olhos.

II

Por sua vez, a morte nunca fôra
tão morte e, ao mesmo tempo, tão cubista,
para identificação de si mesma.
Pois antes de ser morte, ela queria
provar a sua lei, o seu secreto
desígnio, mesmo em relação a um corpo
que lhe devera ser incorruptível.
Para provar que ela era ela mesma, a morte.
E não uma ficção celeste, ou dádiva.

E não uma concessão ao divino, um caso
de catalepsia entre as coisas sagradas.

E ei-lo agora. Um despojo miserável,
todo nós de nervos, todo nós de ossatura,
e em quem o fel, as lanças, não puderam
destruir-lhe justamente o que havia
de mais frágil no corpo — o azul dos olhos.

III

O homem que se fêz deus por nós, morreu
depois de tôdas as desesperanças.

Mas a sua cabeça girassol
pendido da haste, parecia em dúvida,
em confronto com a dor dos que, ignorados
e obscuros, sofressem mais do que Êle:

"E a dor dos que, vítimas da esperança,
não conseguem morrer, não obstante feridos
de morte? E os que, obrigados a viver,
menos morrem quanto mais agonizam?

E os deuses vivos, arrancados às suas
cruzes vivas, e jogados ao solo,
muito antes da necessária agonia?

E os que morrem, e que não ressuscitam?"

A GLÓRIA NÃO ESTÁ NAS ALTURAS

E nós que ideamos a ventura ascendente sentiríamos uma ternura imensa quando uma coisa feliz cai!

RAINER MARIA RILKE
(Décima Elegia de Duino)
Trad. de Dora Ferreira da Silva

A glória não está nas alturas.
Está no chão, está na luta áspera
da planície, da rua.
Está onde a matéria sofre
e se ensangüenta.
Está, não nas coisas que sobem,
mas nas coisas que caem.

A glória não está no céu lúcido,
que carrego nos ombros, desde
que nasci. Sou pequeno demais,
pra carregar estrêlas
tão numerosas quanto indecifráveis.
O que posso fazer é dar um nome, a cada uma delas,
e inventar constelações.

Estou farto de azul e de outros mitos
que encontrei no mundo. A aurora
que se diz vir do além,
não me satisfaz, não é a aurora que eu sonho.
Doura-me as mãos, apenas por ser loura.
Não resolve, sequer, o meu terrível monólogo.
Antes, repete o êrro imemorial.

O GUARDA-NOTURNO

Já fôste pássaro
meu guarda-noturno.
Já usaste asa branca
quando eu era menino.
Passei junto do abismo,
sem o ver, inocente;
só depois que o vi
houve a metamorfose.
De meu anjo da guarda
tu passaste a ser,
por tardio receio,
o meu guarda-noturno.
(Um apito à bôca
em lugar do gorjeio.)

Como a ninfa, ou a larva,
que virou borboleta,
como a Sirinx da fábula
que virou caniço,
como o pobre caniço
que virou numa flauta,
como a tua flauta
que virou num apito,
cortaste a asa branca
e vestiste a farda;
e és meu guarda-noturno;
pois deixaste de ser
o meu anjo da guarda.

Perdi a posse do mundo
com esta escritura.
Perdi o céu, por causa
desta cêrca de flôres
que me separa, agora,
das próprias estrêlas.
Pois perdi a inocência.
O meu anjo da guarda,
soturno,
é, hoje, o meu guarda;
o meu guarda-noturno.

Ganhei o registro
de minha propriedade
mas perdi a inocência
e fiquei taciturno.
E sinto, agora, sinto
a verde nostalgia
da unanimidade.

Ganhei o meu guarda
noturno,
mas perdi, para sempre,
o meu anjo da guarda.

A BANDA ESQUIZOFRÊNICA

I

A manhã, com a sua trança de sol sôbre o ombro,
passeia como uma rainha louca, na ilha.
Sob as árvores se vê, então, cúbica e alva,
a casa dos insanos.
São insanos, realmente, ou pássaros humanos
os que o destino aí pôs? e aí gorjeiam,
tão intempestivamente e com tamanho
furor sonoro?

E com que ênfase o diretor da ilha exibe,
aos que visitam o hospital, a sua
criação mais recente, uma banda de música
de loucos. Inspirou-o, por certo,
uma concepção babilônica, ou pagã, da alegria.
Ou o pensar que arte e loucura são flôres
diversas, num só ramo, como a lágrima
é irmã gêmea do orvalho; ou o acreditar
que a real alegria, a única, é inconsciente;
é a dos pássaros, ou então a dos homens,
quando cantaram como pássaros; ou quando,
hoje, pássaros pensam ser.

Com que ênfase êle reúne os vinte e quatro
músicos cubistas, com que convicção simbólica
como se fôsse justamente, êle, o maior louco.
Inspirou-o, por certo, uma maior razão para a alegria
na sem-razão dos loucos.

Como se houvesse uma maior razão para a alegria
na sem-razão dos loucos.
Como se, afinal, uma alegria tão socrática
por tornar, cada um, menos naturalmente triste,
não tornasse, ao contrário, a cada um,
mais triste.

Vinte e quatro habitantes do feérico, e um maestro,
homem de juízo, amigo da ordem:
O que dirige a banda, com uma vara de giesta,
na mão.
E eis que a banda de música executa,
na rosa áspera dos metais (e com a predominância
dos flautins, dos saxofones e dos pratos,
e dos agudos, e dos sustenidos)
a sua música feroz.

O dó é uma convenção, não a primeira nota
de uma escala.
Tem-se dó do louco, vai-se ver, êle se considera
sobrenatural e feliz.
Meu dó não é do louco, é do gênero humano.
E o sol dos loucos? será o mesmo
que fulge nos cadernos de música?
Não sei se o é, ou não.
Sei que a rainha louca da manhã desata a sua
trança de sol.
Sei que o meu coração fica batendo
entre a condicional e o si bemol.

II

Pobres músicos, de onde vieram a esta ilha?

O primeiro
bebeu no cálice da metamorfose,
e o seu eu se inflamou como uma flor desobediente,
num reino azul-garrafa.

O segundo
é cômico, ao mesmo tempo que patético.

Um terceiro matou o pai, num gesto súbito
de arrebatamento filosófico.

Êste perdeu o senso e acredita ter descoberto o segrêdo
de qualquer coisa que ainda guarda em segrêdo.

Aquêle, ao que me informa o diretor da ilha,
chorava, quando bêbedo, dizendo
haver morrido,
e ali ter que ficar, até à hora do entêrro, sentado,
sôbre o seu próprio corpo. (Onde Heliodora
que não chegava a tempo de lhe trazer uma única
[flor?)
Aquêle outro dispõe de oito luas
como Saturno, e é, ainda, proprietário de Sírius.
Êste outro se especializou em palavras esdrúxulas,
rápidas como pétalas.

E um último se dizia Napoleão.
Por fim, ei-lo aqui, e nesta ilha
em que não se sabe onde a realidade se despede do
[sonho,
e onde a própria ciência consagra oficialmente as
[hipóteses,
o que vale, para êle, é uma fotografia — uma
[fotografia
que traz no bôlso:

e em que aparece, travestido
de Napoleão.

Ah, em meio a tudo o que êles — auto-suficientes —
pensam que são, quisera eu ser, apenas,
o que o tocador de clarineta da banda esquizofrênica
pensa que é. Me bastaria a sua glória.

III

Pobre crucificado pela lógica, sou, hoje,
o condenado a um diurno e diário conflito
entre o eu digital e o outro:
O do rosto, o da fotografia.
Demasiado consciente e lúcido para a alegria,
a dor do exato, ou do querer ser exato, é que me
[obriga a sofrer.
Num planêta onde tudo se reduz
a um caos de claridade, cruel e esquemático.

Quisera fazer parte desta banda de música.
Quisera ser um dos vinte e quatro habitantes do
[feérico.
Quisera possuir o dom simbólico, contra o dom
das estatísticas, apagar a linha reta
sôbre a areia da praia, com uma esponja;
compor êste meu poema só com rimas esdrúxulas,
e jogar rosas sôbre os determinismos mais irrever-
[síveis
fazendo-os retroceder pela magia.
Como ao tempo em que tanto os homens como os
[pássaros
viviam numa absoluta, e verde, e única
sem-razão de tristeza.

Sem a opressão do azul, do léxico e da sintaxe.
Homens e pássaros a tocar na mesma flauta.
Quisera praticar tôdas estas bobagens
maravilhosas,
no mundo móvel em que os loucos organizaram a sua
[banda de música,
tocando em homenagem à sabedoria e ao bom-senso,
que asseguram a ordem
e explicam a tranqüilidade, manso-lago-azul,
das instituições.

IV

Por certo
nada me impede de ser livre. O abismo está
à minha disposição.
Coloquei-o numa moldura de alumínio.
E o suspendi à parede.

E' o túmulo de cristal em que estou vivo.
E' o túmulo álgido onde me enterro e ressuscito
tôdas as manhãs.

Saio de mim e entro em mim mesmo.

Nasci na encruzilhada de uma hora com outra.

Minhas quatro razões impuras:
a lua, a Bíblia, a fábula e a semântica.

Por que, no entanto,
me põe de olhos úmidos esta banda de música,
mesmo em sua hora de maior alegria e de glória?

Alegria que me enche de remorso?
Glória que me parece bem mais triste que as outras,
porque não cobiçada em segrêdo mas, apenas, gritada
pelos instrumentos
que tanto têm de coruscantes como de patéticos?

Por certo que a alegria é algo insciente
ou inconsciente; é um estado de graça.
Mas, e a dêstes pratos e flautins? a dêstes anjos
e demônios,
que tocam cornetas aglomerados por cima da pauta?
Que não sabemos se são surdos ou absurdos?
A alegria automática, atonal,
que os faz tão simultâneos, tão um só,
como um só pássaro múltiplo e cacofônico
na manhã única?

. . . . . .

Quero, no meu jardim,
uma estátua chorando
e bebendo a água
que lhe escorrer dos próprios olhos.
Mas não sei a razão simbólica
dêste desejo.

A FESTA DA MÁQUINA

I

A maravilha de uma coincidência
repete o acontecimento e lhe põe o número de ordem.
O operário é, em menor ponto, um deus
movendo a máquina do dia e da noite.
Uma roda quer dizer o infinito.
Cada engrenagem é uma frase que as outras
engrenagens concluem.

A máquina já adquiriu qualquer coisa de humano e
[de mágico.
E já raciocina por nós; e, se é esfinge,
será uma esfinge obsequiosa.
Não nos propõe enigmas, como a sua irmã,
nem nos concede prazo para a decifração obrigatória.
Propõe coisas exatas.

II

A multiplicação, a simultaneidade
e a supressão automática do futuro
fizeram dela um ser fantástico:
um acontecimento submetido, um monstro já sem
[músculos
e sem sangue.

Uma divindade dotada de coração cheio de gentileza
[mecânica.
Que muita vez enxuga as nossas lágrimas,
nos põe rodas nos pés e asas ao ombro,
e nos dispensa de qualquer saudade.

Ah, eu chamarei os anjos
para que venham ver como funcionam as suas rodas,
as suas vísceras maravilhosas.
E enfeitá-la-ei com lírios
para que ela se conserve obsequiosa e tranqüila.

E os números gorjearão como pássaros
nas estatísticas da alegria.

E os anjos gostarão de ouvir o gorjeio dos números.

III

O' máquina
tu me fazes pensar, porque há um mistério
na exatidão.
O exato é, também, maravilhoso
e tão inexplicável como a multiplicação dos peixes
e das orquídeas.

O' máquina, tu serás o mais bonito brinquedo
do homem na sua inocência conquistada.
Porque a inocência não se perde, apenas;
conquista-se também como flor última,
depois de tôdas as experiências e de tôdas
as hecatombes.

O REMORSO

Serão as estrêlas, nossas,
Tuas lágrimas grossas?

O mar chamado oceano
no dicionário humano,

não será o Teu chôro
desgrenhado e bíblico?

Êste absurdo lamento
da tarde circunflexa,

por nós chamado vento
não será o Teu lamento?

Se não há criação
sem arrependimento

que hei de fazer, em minha
condição mesquinha

de homem — vão intento —
para que não chores?

Poderei ofertar-Te
o meu pequeno lenço

(por demais pequeno)
para enxugar-Te as lágrimas?

As gigantescas lágrimas
de arrependimento?

NÃO SOU O HERÓI DO DIA

Não sou o herói do dia.
A vida me obrigou
a comparecer, sem convite, ao banquete,
em que me vejo, agora, erguendo a taça,
não sei a quem.
Soldado que lutou sem querer, por fôrça
do original pecado, e em cujo peito não fulgura,
até hoje, nenhuma
condecoração.

Não sou o herói do dia. Passei pela vida
como quem passa
por um jardim público, onde há uma rosa proibida
por edital.
A rosa de ninguém, a rosa anônima
que aparece jogada sôbre o túmulo
do desconhecido, tôdas as manhãs.

E' bem verdade que, em menino, eu possuía uma banda
[de música
que tocava no circo, acompanhava entêrro,
tomava parte em procissão de encontro
e nos triunfos da legalidade.
Hoje, porém, — pergunto — onde o pistão, o
[bombardino, o saxofone, a flauta, a clarineta,
os instrumentos todos
dessa banda de música?

Todos quebrados, os respectivos músicos caídos
num só horizonte.
Minha banda de música, se existe,
é agora
de homens descalços e instrumentos mudos.

Não sou o herói do dia.

Ah, o silêncio
de alguns amigos que deviam falar e não falam.
O grande silêncio
da banda de música que devia tocar e não toca.
O silêncio espantoso
de quem devia estar gritando
desesperadamente, e ficou quieto.
E ficou quieto, sem explicação.
Maestro, não é hora de tocar-se o hino nacional?

Ah, positivamente,
não sou o herói do dia!

JOÃO, O TELEGRAFISTA

I

João telegrafista.
Nunca mais que isso,
estaçãozinha pobre
havia mais árvores pássaros
que pessoas.
Só tinha coração urgente.
Embora sem nenhuma
promoção.
A bater a bater sua única
tecla.

Elíptico, como todo
telegrafista.
Cortando flôres preposições
para encurtar palavras,
para ser breve na necessidade.
Conheceu Dalva uma Dalva
não alva sequer matutina
mas jambo, morena.
Que um dia fugiu — único
dia em que foi matutina —
para ir morar cidade grande
cheia luzes jóias.
História viva, urgente.

Ah, inutilidade alfabeto Morse
nas mãos João telegrafista

procurar procurar Dalva
todo mundo servido telégrafo.
Ah, quando envelhece,
como é dolorosa urgência!
João telegrafista
nunca mais que isso, urgente.

II

Por suas mãos passou mundo,
mundo que o fêz urgente,
elíptico, apressado, cifrado.
Passou preço do café.
Passou amor Eduardo
VIII, hoje duque Windsor.
Passou calma inglêses sob
chuva de fogo. Passou
sensação primeira bomba
voadora.
Passaram gafanhotos chineses,
flôres catástrofes.
Mas, entre tôdas as coisas,
passou notícia casamento Dalva
com outro.

João telegrafista
o de coração urgente
não disse palavra, apenas
três andorinhas pretas
(sem a mais mínima intenção simbólica)
pousaram sôbre
seu soluço telegráfico.

Um soluço sem enderêço — Dalva —
e urgente.

PODERIA TER SIDO EU

I — O MENINO 1904

Quem não guardou, entre as recordações da infância,
o cego do realejo, com o seu pássaro?

Aquêle que — olhos brancos na órbita
da manhã rosa —
em cada esquina faz ressoar o seu lamurioso instru-
[mento
à manivela?

O cego do realejo, com o seu pássaro,
parou em frente à casa onde nasci (era eu menino)
e aí tocou a sua música mais dolorosa,
mais estridente.
Os transeuntes se aglomeraram em tôrno.
E logo o pássaro, por um vão da gaiola,
que havia ao lado do instrumento,
canário mágico, que parecia obediente a uma deter-
[minação invisível,
me trouxe, prêso ao bico,
um pequeno bilhete azul, retangular,
onde se achava escrito o meu futuro.

Hoje eu perguntaria:
a grade da gaiola de onde o pássaro
distribuía o futuro,

não era, ao mesmo tempo, uma outra grade
— a minha, a em que eu é que estou prêso?

II — O PÁSSARO E OS ACONTECIMENTOS

Mas, que dizia o pássaro
quando me fêz presente do futuro?
Que o cometa Halley me derramaria prata
nos olhos; derramou.
Que eu ficaria louco. (Fiquei.)
Pois ando, só, de lunocípede.
Que eu morreria, ao todo, sete vêzes,
(já morri quatro.)
Que eu seria obrigado, por ofício,
a atravessar salões de baile (atravessei)
como um besouro rútilo a se debater numa floresta
de espelhos;
a ser exatamente (e eu fui)
o que menos quisesse ser, a parecer
o que menos fôsse,
no mundo, onde é proibido ser sincero.
Que eu seria parente dos pássaros
(e eu sou mesmo)
por causa da asa, irmã do meu pensamento.
Que o santo de minha predileção
seria S. Francisco de Assis.
Realmente, S. Francisco é o meu santo.
(Aquêle com quem aprendo a ser simples,
simples como a água, e irmão do pirilampo.)
Que os meus maiores inimigos
seriam a complicação, o ornato,
o colarinho duro, o parnasianismo
e a gravata,
e — de fato — a minha luta

é a da humildade
contra a complicação, o ornamental,
o excesso
(Sou um bicho de concha
sem nenhuma fosforescência.)
Que eu não seria presidente da República.
(Não fui.)

Mas, eu não fui, também,
outras coisas, obscuras ou brilhantes,
que poderia ter sido, no baralho humano,
no espelho,
ou no cruzamento de uma rua com outra.

III — MONÓLOGO, SOB UMA ÁRVORE DA PRAÇA ONZE

Ainda menino, e eu vi passar o homicida.
Ia levado pelos policiais, seguido
pela multidão que lhe queria ver o rosto,
pálido, transfigurado.
Imaginei-me em seu lugar e, através dêsse pensamento
"poderia ter sido eu",
me vi arrastado, prêso, esbofeteado
por meus irmãos, de rua em rua.

Meteram-me na prisão, queriam que eu falasse
o que não sabia. Amarraram-me as mãos,
uma à outra, as duas para o lado das costas,
e o escrivão — sem que eu dissesse nada —
bateu, a máquina, os monossílabos que arrancou ao
[meu corpo,
como se arrancam fôlhas a uma árvore.

Voltei do pesadelo, examinei a minha roupa,
não havia sinal de sangue, não havia sido
eu.
O que havia era o tráfego, os sinais luminosos,
os títulos dos jornais,
as cruzes, as encruzilhadas, que dançavam,
em tôrno do meu ser, a dança mágica
do eu não ter sido.

O cego do realejo e o pássaro fizeram,
muitas vêzes, a volta ao mundo.
As estrêlas passaram voando em caminho do oeste.
A esperança moveu a roda verde.

E agora
estou embaixo desta árvore em flor,
mas ainda tenho o coração batendo:
poderia ter sido eu.

E agora,
a paisagem caminha pra um lado, a lua
pra outro, dividindo a noite pelo meio.
Só as árvores é que ficam sentadas. Só eu
estou sentado sob esta árvore. Mas...
(ainda tenho o coração batendo)
poderia ter sido eu!

IV — A ROSA DAS TRÊS GRAÇAS

Mas não o que matou, sòmente,
poderia ter sido eu.
O que roubou, o que cobiçou o bem do próximo,
o que falsificou a assinatura do gerente de banco,
o que assaltou na rua o transeunte,

o que embarcou por um navio o corpo em sangue e
[ouro da mulher assassinada
qualquer dêles, enfim, no signo da balança,
poderia ter sido eu.
Por um minuto a menos — entre a rosa e o luto, —
ou a mais, no punhal da hora exata,
na corola dos números de prata.

A quem agradecer o eu não ter sido?
A mim mesmo? Tanto egoísmo, fluorescente,
não caberia num vidro assim tão frágil.
A Deus? será reconhecer que Deus
é que escolhe — Êle próprio — os que devem ser
[maus,
entre as cabeças louras da inocência.

Não será a Deus, indiferente a êste jôgo,
em que os culpados é que fazem os inocentes.
Em que uns têm que fazer o mal
para que os outros não o façam. Entre doze,
um está escrito.

Será ao próprio ladrão, ao falsificador,
ao que roubou ao próximo o seu único amor,
que devo agradecer o terem feito
o que não fiz.

(Os inocentes deverão beijar, como o pássaro às
[flôres,
as mãos dos culpados.)
E saio entre a multidão, e corro a procurá-los,
aqui e ali, na floresta andarilha.
Entre ângulos faciais, cada qual mais obscuro.
(Que êles estarão, sempre, no desencontro de uma rua
[com outra.)

No afã de lhes levar meu agradecimento.

Mas êles compreenderão meu agradecimento?

Compreenderão que lhes agradeço é a graça
de terem feito o que não fiz? ou de haverem
[cumprido,
em meu lugar, uma sentença bíblica?

Rua cheia de rostos glabros nas janelas
da noite mais vertical que universal.
Anúncios que ora acendem, ora apagam (não havia)
as sílabas verdes do (sido eu) dicionário
noturno.

(Não pensarão que sou um louco, um cúmplice,
um detetive, um oficial de justiça?)

As palavras caídas na água das calçadas.
Sido. Havia. Não. Eu.
A cruz móvel das ruas, cruz do povo,
e as quatro asas: o oeste, o leste, o norte, o sul,
já inúteis em meu corpo
à hora do desastre um grito, a interrupção do
[trânsito.
(Poderia ter sido eu!)

V — O IRMÃO INGLÓRIO

Mas, como agradecer ao assassino,
ao ladrão, ao falsário — o que fizeram,
sem me pungir, além do que fizeram?
Se a dor dos outros nunca foi tão minha?
no caminho que vai entre as estrêlas

e o número de uma porta de casa?
no jôgo das fatalidades, rosa e luto?
Se não encontro a rosa das três graças?
Se nunca fui tão responsável
pelo que os outros fazem, como nesta hora
simbólica e putativa?

Se sou, entre os bichos e as flôres,
irmão inglório mas obrigatório
dos que — como eu — nasceram homens,
o coração batendo entre Abel e Caim?
Se escorre, por meus olhos,
o sangue do transeunte?

VI — AGRADECIMENTO, POR UM VÃO DA GRADE

Ah, eu quero agradecer — agora o sei — é ao pássaro
[inocente
por não ter incluído
êsses terríveis acontecimentos,
essas sílabas verdes no destino
que me entregou pelo vão da gaiola
enquanto o cego (para isso êle era cego)
tocava o seu realejo.

O MORTO E O PASSARINHO

Uma gôta de orvalho no ouvido.
As formigas
já passeiam em minhas mãos.
E tu, ó pássaro,
por que não vens pousar em mim?
Ainda tens mêdo?

Uma palavra me escorre do canto
da bôca, mas tôdas as palavras
já me abandonaram.
Quando a árvore cai, ferida
pelo raio, ou cortada
pelo lenhador, as borboletas
não a acompanham: fogem, rápidas.
Assim as palavras, quando
cai a árvore humana. Fogem rápidas.
E o gorjeio, então, do dicionário
cessa em nossa bôca.
E tu, ó pássaro,
por que não vens pousar em mim?
Ainda tens mêdo?

Por certo que eu já disse
muita palavra má. Mas... e agora?
Sou inofensivo. Minhas
palavras já estão sendo corroídas

pelos acrídios. Já voltaram
ao noturno alfabeto. Já caíram
ao chão, ou no rosto das coisas
e dos objetos. No chão absoluto
onde as coisas não mais precisam
ser designadas por palavras...
E tu, ó pássaro,
por que não vens pousar em mim?
Ainda tens mêdo?

Sem nenhum movimento,
já não posso jogar uma pedra.
Verdade que joguei muita pedra
às árvores, ao sol, às vidraças.
E tingi a mão no sangue
inocente dos pássaros.
Inegável que a mão, mesmo imóvel,
do homem, pressupõe um gesto,
e êste gesto
poderá ser o de jogar
outra pedra a outras vidraças,
a outro sol, a outras árvores,
a outros pássaros.

Destra ou sinistra, eis-lhe também, na palma,
o misterioso M — M maiúsculo —
que Rilke colocou entre as constelações.
"M" que tanto significa
morrer, como matar.
Tanto empunhar a arma homicida
como atirar uma flor sôbre
a campa do irmão. Mas é certo
que a mão do que morreu
parece ter ficado, muito mais,
atirando uma flor do que uma pedra.

Afinal, que poderei, agora,
fazer, se minha mão
se tornou mineral? Incapaz de se erguer
da posição em que se encontra? Sem elástico,
— rosa e borracha que era? — Ossos e músculos
agora desligados
de qualquer pensamento ou sonho?

O fratricida me jogou aqui,
onde, desde ontem, estou exposto.
Serei fotografado, nesta posição,
pela polícia técnica.
Mas tudo póstuma e já inùtilmente.

Sou apenas um número de ordem
caído horizontalmente.
Um ser sem compromisso,
que resgatou a sua dívida de dor.
Anônimo
como os fatos que o "Diário Oficial"
não registra.
E tu, ó pássaro,
por que não vens pousar em mim?
Ainda tens mêdo?

Como um pobre coringa
no baralho das coisas,
no louro pré-noturno que é o incêndio
da tarde, daqui a pouco
terei, apenas, o significado
que essas coisas tiverem.
(E ainda tens mêdo?)

Chove. Fria razão pra não se ir,
hoje, a um entêrro.

O TOCADOR DE CLARINETA

Quando ouvires o pássaro
cantar em frente do teu quarto,
naturalmente em vão,
não penses
que sou eu que aí vim tocar,
não.

Quando o vento disser,
ao teu ouvido de mulher,
uma palavra
branca e fria como a cerração,
não penses que o vento fui eu,
não.

Quando receberes
uma carta anônima, trazida
por secreta mão
— quem será que assim me acusa? —
eu é que não serei,
não.

Quando ouvires, porém, no escuro,
a goteira caindo
sôbre o triste chão, aí, então,
serei eu que estou batendo
na pedra
do teu coração.

NOITE DE CHUVA

A José Paulo Moreira da Fonseca

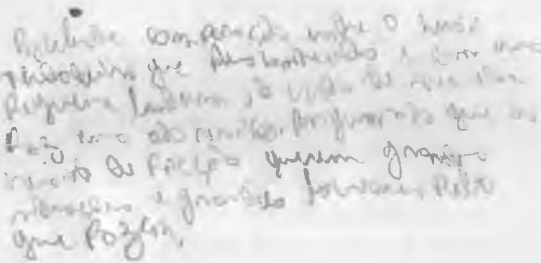
I

Quem terá sido o homem
que caiu e, assim, já morto,
conserva, na mão, ainda acesa,
uma noturna rosa ouro?
Virão os técnicos e, todos,
examinarão o seu rosto,
a posição em que caiu,
o sal, ou não, das suas lágrimas.
E verão que êle, o morto,
quis avisar alguém, talvez,
algum pilôto, ou maquinista,
com a rosa ouro, erguida
no ar, à hora do perigo.
Uma noturna rosa ouro,
com que evitou — quem sabe? —
caísse, aos nossos pés, o pássaro
de metal, bico em hélice,
escorrendo sangue, ou máquina
em combustão de estrêla.
Depois os técnicos dirão,
com mais clareza, ao vir do dia,
que já não é uma rosa,
como supunham, mas, apenas,
uma pobre chama ouro.

Por fim os técnicos verão,
(e lavrarão uma ata, exata)
que nem ouro era a chama; ouro,
como se viu no dicionário,
só era o vidro da lanterna.

II

Ao passo que os heróis requerem
clarins e tambores.



MISSA DO MEIO-DIA

I

Hora de ter e de não ter.
Hora de dois gumes
com o mesmo nome: precisão.
Oremus.

Única hora verdadeiramente certa
antes da outra, ou da grande Outra.
Porque nos cai do alto
como uma flecha
entre o arco azul e o chão.
Oremus.

Hora do desigual. Árvore
fincada sôbre a mesa,
estrêla, ôlho do cão,
entre o que sobra e falta.
Oremus.

II

Um garfo de ouro, uma
colher de prata, a toalha
alva, as frutas.
Mas a roda dentada do dia
conduz também a fome

(que é uma imagem cubista
da precisão)
no carro do triunfo e do fogo,
entre o arco azul e o chão.
Oremus.

E' preciso manter a morte viva?
Prolongar a agonia?
O coração oscila
entre o estômago e a rosa.
Oremus.

III

Hora acesa, concisa.
Hora que cai, precisa,
do arco azul sôbre o chão.
Hora de quem precisa.
Hora de dois gumes
com o mesmo nome: precisão.
O coração oscila
entre os dois gumes:
a precisão da hora
e a nossa precisão.
Oremus.

No universo, êsse lento suicida,
somos um grito só, sem eco,
um grito sêco, um grito em vão,
rodeado por mil e um minutos
indecifráveis.
Oremus.
Hora da fome, hora do pão.
O coração oscila
entre o estômago e a rosa.
Oremus.

O HOMEM DORMINDO

Sob a árvore em flor, no jardim público,
está um homem dormindo.

Dormindo, não obstante a manhã prodigiosa
que lhe grita aos ouvidos: acorda!

Dormindo, calmo, entre os dois hemisférios.
Dormindo, o que quer dizer criança.

Tôdas as coisas — dívidas e flôres —
lutas anônimas pelo pão de cada dia,
o desentendimento entre oriente e ocidente,
as disputas raciais, o câmbio-negro,
o azul, visto através dos altos ramos,
enfim, as numerosas coisas,
que os galos anunciam — mal a rosa de fogo
abre a corola —
e que amanhecem sempre, amanheceram.

A estrêla da manhã lhe traz o seu depoimento.
A fala humana inaugurou mais um dia seguinte.

Uma seriema breve fusa semifusa
faz enorme alarido
no jardim público, junto ao seu ouvido,
com uma clave de fá no bico rubro.
Mas o homem continua dormindo...

Dormindo, calmo, entre os dois hemisférios.
Dormindo, o que quer dizer inocente.

Foragido, poderia estar tentando alguma
viagem clandestina, num porão de navio.
Ladrão, assaltando o muro em flor
da tua propriedade, em Fonte da Saudade.
Legislador, votando um código marcial.
Nada disso, está apenas dormindo; pode ser definido
um dormilão a quem os deuses castigaram,
porque lhe raptaram a aurora, a dos lábios
de vinho,
e lhe deram Selene, a dos seios de prata.

Mas em que país estará êle, dormindo
neste instante de surrealismo e amnésia?
Nos U. S. A. ? na U. R. S. S. ?
Na fabulosa China ou, apenas, na mais ignorada
ilha da Polinésia?

Ah, a tranqüilidade
que representa, pra tôdas as coisas, um homem
[dormindo.
A certeza com que desabrocham as flôres,
com que as borboletas voam, livres.
O respeito com que os pássaros o cercam
deixando agora de cantar junto ao seu corpo,
que é o de um homem dormindo.

Dormindo, calmo, entre os dois hemisférios.

Dormindo, o que quer dizer nosso irmão.

M'ORFEU

I

O sonho, o único deus que habita
a nossa casa — a única memória
de que tivemos asa —
e ainda nos corrige
— enquanto estamos aparentemente mortos —
o que há de maldição em nosso corpo.

Sob a anestesia do sono, enquanto
somos horizontais,
como numa noturna
mesa de operação.
Êle afeiçoa, com o buril de pluma, a estátua
que está dormindo.

Para que continuemos a ver, não apenas
a vida, que é o real
(a noite é o cemitério das palavras)
mas algo além de nós,
e apesar de nós.

II

E porque o sonho é a imagem da poesia
e o dormir é da morte ser irmão.

Orfeu só se separa de Morfeu
por um M secreto.
Por um M que só o morto sabe
depois de ignorar tudo.
(Por ser labial, e mudo.)

POEMA APÓCRIFO

A Ribeiro Couto

I

Quero escrever um poema,
no muro
que dá para o amanhã.
No muro junto ao qual
caem os fuzilados
(no céu a estrêla-d'alva.)

E que o meu poema
seja cruelmente apócrifo.
Apócrifo como os livros
das Sibilas
e o Cântico dos Cânticos.
Apócrifo como os símbolos,
os desenhos rupestres,
os hieróglifos, que a ferrugem
e o musgo ilustram.

E que o simples transeunte,
o anônimo da rua,
pergunte:
mas que noturna mão
terá escrito êste poema
que a manhã já encontra
no muro?
Quem o terá escrito?
O morto? a sua irmã?

Lembro-me que, em menino,
foi aqui — neste muro —
que escrevi uma palavra
inconfessável, obscena.
Chamaram-me anarquista.
Aqui é que rabisquei
minha primeira
declaração de amor. No muro
das desigualdades sociais.
(Sou dos que ficaram
para fora do muro.)

Ah, os poemas escritos
no rosto das paredes.
Cheios de alusões
e de terríveis datas.
Não se sabe por quem, e a que hora.
Flôres de espanto que o silêncio
abafa.
Cujo autor se ignora.
E que só conseguem
vicejar entre pedras,
entre fomes e sêdes, entre
cactos e cacos azuis
de garrafa.
Mas quem terá escrito
o que apareceu, agora,
no muro desta rua?
Um bêbedo? um proscrito?

Serei, depois, levado
ao interrogatório;
e Ciclope — o que tem
um só ôlho na testa —

me indagará: o teu nome?
Então eu lhe direi,
como o herói da fábula:
"O meu nome é Ninguém."
Mas num esperanto
já difícil e trágico.
Ou numa outra língua.

Na língua em que a palavra
pessoa
(seja minha ou do Rei,
não importa de quem)
já quer dizer Ninguém.

Mas, quem foi que o escreveu?
A estrêla-d'alva? Eu?
Somos, todos, autores
do poema
que Ninguém escreveu.

II

(Flor enigmática
que apareceu aberta
na manhã de hoje.

Mas, que tem qualquer coisa
de amanhã na corola.
Por mais de hoje que seja,
por mais rosa
que a de ontem.)

O JUÍZO FINAL

A terra — flor de fogo. O homem decide
o seu destino. Os astros querem vê-la.
Mas vendo-nos só irmãos pelo suicídio
que não dirão de nós a fera e a estrêla?
As coisas, que nos conheceram nesta
passagem sublunar, e que hoje são
nossos convivas numa mesma festa,
vendo-nos, todos mortos, que dirão?
Amemo-nos, e a vida de áureos pomos,
que o amanhã sem manhã já nos espera.
Mas, que dirá de nós a primavera?
Que culta têm as flôres de quem somos?
E ao voar no abismo, e da hecatombe após,
que não dirão os pássaros de nós?

O SUSPEITO

Essa entrada foi feita só para você.
KAFKA,
A porta da Lei

I

Seu crime é haver um outro crime,
cometido por outro que, ó coincidência,
lhe tem o mesmo nome.
As hipóteses são irmãs do infinito.
Detido, não soube explicar-se de pronto.
Por mal saber a nossa língua, e mesmo
porque as palavras pouco explicam, à hora
dos equívocos.
A mais difícil prova é a da inocência.

O cadáver da môça, a encaixotada morta,
loura — tão loura quanto hermética —
foi encontrado no navio, e já em pleno leito
de safira?
E ei-lo detido, por suspeito.

Quem conseguiu, com a mão de pluma, sub-reptícia,
colocar um petardo — não se sabe ainda como —
sob a tribuna em flor das comemorações?
E justamente à hora do desfile?
Um alguém tão secreto que é Ninguém.

Êle é êsse Ninguém.
Êsse Ninguém que tanto pode ser o autor de tôdas as
[coisas criadas por Deus
como não ser autor de nada, inocente.
Que tanto pode ter um ôlho só, na testa,
à feição de ciclope (ou ser o rei de Ítaca)
como ter muitos olhos, e por todo o corpo, à maneira
[do sol,
pelo vão das fôlhas.
Ou ser, apenas, um dos quatro animais que rodeiam
[o trono
de Jeová, no Apocalipse.

II

Não é a êle, evidentemente, que se dirigem
os dez mandamentos.
(Não furtarás, não matarás, não cobiçarás
a mulher do teu próximo...)
Porque é êle a terceira pessoa.
Eu cometo os meus crimes, tu os teus.
mas, à hora da suspeita, à hora gramatical da culpa,
só existe a terceira pessoa.

O que, vítima de um primeiro equívoco policial,
jamais conseguirá ser inocente.

MOSTRADOR

O ponteiro grande
dá a volta ao mundo
de hora em hora;
já o pequeno, não.
Parece-nos parado.
Parado entre o futuro
e o tempo ido.
Irmãos do desencontro:
Um, o ponteiro
da esperança, o outro
o do olvido.

O ponteiro grande
gorjeia de hora em hora.
O pequeno é silente:
Tôdas as coisas
que caminham pra não
voltar, caminham
assim: Imòvelmente.

Horizonte. Atributo
do último minuto.

O BECO DAS CAMÉLIAS

Aqui mora
a mulher cujo corpo
é um ramo de sinônimos.
Aqui a jóia
que Eva usa ao pescoço
é uma cobra coral.
Aqui a santidade
das coisas mais secretas
se suicida
diante do espelho.
Aqui não há futuro.
Aqui os anjos
estão suprimidos.
Aqui, na parede
o que perdoou tudo
chora sangue;
mas um sangue mudo.
Aqui as rosas
se chamam camélias.

GUITARRA

Onde, em que país,
estão minhas raízes?

Onde terei deixado
um pouco de quem sou?

Onde — quando cismo —
me dói o estar longe?

Quando a dor que eu sinto
é de algo há muito extinto?

Dor, não em meu corpo,
mas no chão de onde vim?

Dor, não em meu ser,
mas em meu retrato?

E eis que a noite cai.
É uma solução.

O HERÓI TRISTE

Um enforcado lhe deixou os olhos,
como dois frutos para a sua árvore,
e êle viu, novamente, a manhã rosa
e o planêta com as suas quatro luas.

Rôto, deram-lhe a roupa colorida
mas já suja de terra, que outro usara;
mais remendada do que o mapa-múndi,
não obstante a alegria que há nas ruas.

Quase inane, injetaram-lhe nas veias
o sangue, em transfusão, de um prisioneiro.
E ei-lo, é o que dividiu a vida em duas,

(tanta vez o beijou a morte viva)
Só não lhe deram lágrimas, de empréstimo.
Se êle as chorasse haviam de ser suas.

O BIOMBO

Meu horizonte
de abrir e fechar. Móvel
como um leque.

Atrás dêste horizonte
chinês, made in Xangai,
entre crisantemos
e rabiscos celestes,
é que tiro a roupa
e o sapato.
Roupa azul de tão velha
com que nasci vestido.
Sapato já imundo
com que nasci calçado.
(Já imundo
de tanto dar a volta
ao mundo)

Atrás dêste horizonte
o dragão come a lua
e o pássaro do ópio
fecha as minhas pálpebras
como duas asas brancas.

Atrás dêste horizonte,
todo homem que dorme
é chinês.

O CÉU E O CHAPÉU

O Ninguém que mora
em cada um de nós.
A quem damos um nome
no registro civil.
O Ninguém que vestimos
de casimira inglêsa.
Sôbre cuja cabeça
lá um dia colocamos
o céu e o chapéu.

Céu e chapéu que o uso
e a sintaxe lírica
metamorfosearam...
Quantas vêzes, na vida,
precisamente o céu
se fêz meu inimigo
azul, número um.
E eu tive que esconder-me
num sub-hemisfério!

Quantas vêzes pedi
o a que tinha direito,
de chapéu na mão.
Quantas vêzes fui prêso,
porque, diante do rei,
não tirei o chapéu.

O chapéu com que um dia
desfeiteei o mundo.
O chapéu com que, hoje,

cumprimento as flôres
e caço borboletas.
Quantas vêzes, porém,
me descobri, na rua,
diante do mutilado,
do mendigo, do bêbedo,
da Rosa, a filha do êrro,
ou de Nossa Senhora,
na procissão do entêrro.

Mas, chega a hora exata.
A única hora exata.
A que estará escrita
num relógio antiaéreo.
Morre-se e o Ninguém
passa a ter o corpo
que foi nosso, aqui fora.
Somos a sua estatua
de última hora.

Miserável troféu:
Vai, agora, em decúbito
dorsal, de rua em rua.
Corpo que sai da vida,
não ido, mas levado.
Como um escorraçado
que — à hora da saída —
se esqueceu do céu
e perdeu o chapéu.

MUSA PARADISÍACA

(1951)

1 — Fêz-se a transfusão, para que nos tornássemos
irmãos, pois éramos homens de diversas côres
e origens, e de diversas épocas.
O sangue de uns, nas veias dos outros.
Sem Circe, sem helicóptero. Homens seduzidos
pelo ignorado.

2 — Mas ainda não chegáramos ao lugar onde se
[disse
estar o Sol da Terra, e já a tropa,
exausta, faminta, um povo inteiramente des-
[calço,
sem víveres, sem munições.

3 — Não havia água? então choramos para
que uns bebessem nos olhos dos outros. Não
[havia
bois para imolações, nem peixes? E os cães,
[e os cavalos
já os tínhamos comido?
As árvores nos negavam os seus frutos?

4 — Então os nativos nos ensinaram
as suas usanças imemoriais e simbólicas. E
[houve
banquetes, entre flôres silvestres.
Serviu-se carne humana e uma rubra bebida
[áspera.

Sangue meu que era dos outros, de tal modo
[que, todos,
bebemos o nosso próprio sangue. Esquecidos
da cerimônia da transfusão, fartamo-nos.

5 — Mas a carne do nosso próprio corpo não nos
[nutre.
Antes, multiplicou em nós a fome, que era fome
de muitos num só corpo.

6 — Por fim Apolo fêz o seu discurso, o quadra-
[gésimo.
Pã tocou a sua flauta, agora feita,
não de caniço, à margem do suspiroso rio,
mas de osso — uma tíbia canora
que sobrou do festim antropofágico, e aí a sua
[música
entre cívica e órfica, levantou-nos o ânimo.
Houve conspirações. Alguns — os que queriam
voltar, instigaram os outros.

7 — Mas um dêles foi morto, por enforcamento.
[Para
que os outros vissem. Todos os nossos corações
[ficaram
batendo de susto, até o século XX.
Até que o corpo do justiçado se imobilizasse
no ar, suspenso por um cipó em flor,
marcando o mais recente minuto de todos
os séculos.

8 — E eis-nos, de novo, em marcha com os cinco
[anjos
à frente tocando trombetas e destas trombetas
saindo pombas brancas.

9 — Onde o cavalo de asas que não dá uma patada
[mágica
no rochedo? O que havia era
sol, o que havia era a marcha penosa, as
[estrêlas malignas,
as formigas de fogo, as necessidades físicas.

10 — Êste trocando o filho por um peixe, aquêle
[caindo
ao chão, de fadiga. Foi
então que caiu a chuva de ouro, que muitos
[acreditaram
ter sido um ardil de Zeus. Chove ouro! A
mesma com que êle conseguiu entrar na tôrre
e amolecer o coração de Danae.

11 — Mas não. Era um castigo, apenas, sôbre a auri
sacra fames.

12 — Que fazer, se não podíamos comer ouro?
[Muitos
comeram mas, ei-los postos sob a fiscalização
miúda, implacável,
até que o metal fulvo,
não digerido, voltasse à luz do dia, ainda
que por via nefanda.

13 — Então Vulcano se ofereceu pra fundir o
[tesouro
que, de volta, todos, iríamos oferecer a El-Rey.
Que mais belo destino para o ouro
que os crisófagos não puderam esconder em
[seus corpos
por ser o mais dialético dos metais?

14 — E, na gruta, onde martelava os seus relâm-
[pagos,
fomos ter. E ei-lo a compor, de ouro, um
[fruto gigantesco.
Sob modêlo e inspiração de Caco, ou Tirésias.
Um fruto que faria inveja aos das hespérides,
[famosos
Ou melhor, um cacho, com centenas de frutos
fundidos predispostos geomètricamente
em tôrno de um eixo, a cuja extremidade se
[atou
um coração, também de ouro.

15 — "É o coração do povo", explicou. A muito
[custo,
cem negros, de cujos olhos e de cujas axilas
caíam pingos de ouro, levaram o enorme,
[coruscante tesouro
serra abaixo (difícil descer a montanha em
[sentido contrário
ao de Sísifo)
pra dentro do navio que Netuno preparara,
próprio pra navegar só em leito de esmeralda,
navio que nos conduziu durante longas luas,
entre piratas e espadartes, até chegarmos ao
[outro lado
do hemisfério.

16 — Aí então é que organizamos o cortejo, a cuja
frente iam os cinco anjos, *per omnia,* tocando
[cornetas
e destas saindo pombas brancas.
Um elefante enfeitado de custosíssimo chairel,
com o seu cornaca pintalgado a grande estilo,
conduz então, no dorso, o fruto inconcebível,

que iríamos ofertar a El-Rey, para amansar-lhe
[o coração.
Para que o seu coração se tornasse, também,
[de ouro.

17 — Bispos, deuses, príncipes, cavaleiros do paço,
seguem o elefante.
O povo se reúne em tôrno, ou nas calçadas,
[diante do fantasmagórico
cortejo. Uma banda de música se lhe adiciona,
já em alto-relêvo.

18 — E à frente vão os cinco anjos tocando as suas
cinco cornetas
e destas saindo pombas brancas.

19 — Logo atrás cento e onze cavalos vestidos de
[prata
com os seus cento e onze almocreves.
E mais a carruagem em que vai a deusa da
[Fortuna
com a sua cornucópia.
Então a tromba do elefante se ergue no ar e
[joga água de cheiro
na multidão.
Tromba que adrede fizemos pintar a sete
[côres,
para parecer celeste,
na passagem de um hemisfério para outro.

20 — Leopardos, faisões, tomaram parte no desfile,
[logo após,
em ordem decrescente.
E o burro índio, o burro branco de Ctésias,
anjos de um só chifre, símbolos da pureza,

deuses cornudos tocando flautas, ao natural,
[ainda insontes,
sem nunca imaginar na malícia
com que as crisálidas da semântica se trans-
[formam
em borboletas.

21 — E o rei d'armas, os embaixadores de Plutão,
[de Febo, de Osíris, de Vênus e de tôdas
as musas.
Os mutilados, as viúvas, os órfãos da última
[guerra.

22 — Misturados ou marchando aos pares, sau-
[davam,
todos, o elefante
que conduzia o fruto resplandecente, um sím-
[bolo terrível
e musiforme, que só El-Rey poderia com-
[preender
na sua faiscação equívoca e no seu cruel
sarcasmo.
Que El-Rey compreenderia, sim, tão sensível
à perversidade dos objetos e das conotações,
[ao ponto
de não poder ouvir um gorjeio de flauta
sem que duas rosas repentinas lhe subissem
[ao rosto.

23 — Compreenderia, sim, apenas
sem poder confessar que o havia compreendido.
Pois mais valia o ouro do que o seu terrível
[significado
oculto.
A maravilha era maior que o insulto.

24 — E eis chegado o cortejo, os litores agitam
as suas virgas, uns de tógula, outros trazendo
[ao vento,
o manto militar.
Com os cinco anjos à frente, as cabeças arcadas
[para o ar,
tocando cornetas
e destas saindo, sem parar, pombas brancas.

25 — E aí, em meio ao povo acotovelado no paço,
El-Rey,
fingindo ignorar o que aquêle fruto monstruoso
queria dizer, sorria.

26 — Sorria entre cornamusas e musas.

EU NO BARCO DE ULISSES

(RAPSÓDIA,
EM 10 FRAGMENTOS)

(1953)

A Péricles Eugênio da Silva Ramos

A nau pintada de prêto, a vela como a asa de um
[cisne,
no anilmarinho, lá fomos, agora, a buscar outra terra.

Tínhamos visto, em tal viagem, o branco país dos
[lotófagos
e o do Cavalo em Flor, vamos, agora, ao dos mortos,
[ao longo
da cimeriana região, onde os homens suplicam o sol.
Por aí só haver noite e ser, tudo, uma treva perene.

Os que morreram por nós, entre tantos que aí se
[reúnem,
são os que falam mais, por não terem dormido até
[hoje.

Quando, porém, escutaram a ária do cravo e da rosa,
por mim tocada, na flauta de osso que eu trazia
[comigo,
imaginando talvez que eu era um pássaro, e
[amanhecia,
se levantaram dos seus leitos duros. E um dêles me
[diz:
morremos lutando por uma manhã luminosa e feliz
e aqui estamos no escuro, e vocês continuam no escuro
aí fora. Onde a sonhada aurora?

E eis que o segundo interrompe a feroz falação do
[primeiro:
"Aqui ninguém dorme, não só por estarmos vivendo
[em chão duro
e no escuro, mas também porque os geógrafos, aí fora,
não nos permitem sossego. E o terceiro (um que me
[parecia
chorar, assim me falou: como dormir, se hoje os meus
[olhos
se transformaram em rosas? se as rosas são como as
[de Rilke:
não dormem; são rosas fátuas; são como os olhos
[das estátuas?

E o quarto: não só por estarmos no escuro
não só porque sejam rosas, hoje, os nossos olhos
[já ocos,
é que não dormimos, nem apenas porque os geógrafos
[falam alto,
mas porque os mortos dançam, em sinistra coréia.
Aqui se encontram sepultados
os que morreram nas ilhas do Pacífico; os que
[morreram
em Berlim; os que ficaram dançando no chão da
[Indochina;
os soterrados nas minas; os que, pra não serem
[comidos
pelos abutres, tiveram que ser enterrados na areia;
afinal, todos os mortos que nunca tiveram sossêgo.

Mas eis que o quinto morto interrompe o diálogo e
[assim fala:
Há uma mulher com cabelo de fogo, a "terribilis dea"
dançando como a princesa egípcia. Qual agora a
[cabeça

que ela pediu ao tetrarca? Não é Salomé, mas
[quem é a
mulher que dança, aí fora, e jamais nos permite
[dormir?
Enquanto houver, no azul falso do mapa, a fronteira
[que dança,
como terão os meus ossos um só minuto de sossêgo?
Terão também que dançar, como numa monstruosa
[coréia.
Digo coréia pra não aludir à fronteira que dança.
Aludo à dança dos mortos, falo coreogràficamente.
Como dormir se o meu túmulo é uma questão de
[geografia?

Enquanto houver, no azul falso do mapa, a fronteira
[que dança,
como terão os meus ossos um só minuto de sossêgo
na terra fria?

Chegada à ilha dos Cojubins

Ó grande Noite, onde estão os banidos do dia? Jamais
foi dado ao sol, com os seus raios de ponta dourada,
[dourá-los.
Nem ao subir, quando sai da garganta noturna dos
[galos,
nem quando baixa de novo, na volta do azul para a
[Terra.

E (a nau pintada de prêto, a vela como a asa de
[um cisne)
lá me fui eu, com os meus trinta egipãs, companheiros
[de viagem,

e no outro dia descemos no lado oriental da grande
[ilha.
A região onde, ao contrário, o que os homens suplicam
[é a noite.
Aí só existe o Sol. Ùnicamente os pássaros de fogo
aí gorjeiam sem pausa, pedindo que a Noite lhes venha
(não a dos dedos de rosa, porém a dos dedos de lã)
para que possam dormir como dormem os de outros
[países.

Os cojubins, ao nos ver, proclamaram a eterna manhã.

Vulcano fabrica o Sol da Terra

E aí encontramos, em sua tarefa, o sórdido ferreiro
que tem as mãos de ferrugem vermelha, os cabelos
[acesos.
E agora está fabricando um .sol, a que chamou Sol
[da Terra.
Um sol final, de cem pétalas. Um girassol que só
[em vê-lo
fiquei de súbito louro. E apenas porque ao longe
[o avistaram,
louros também se tornaram os meus companheiros
[de viagem,
não obstante índios e negros. E os objetos, e as
[armas
se lhes mudaram, também, em ouro; no mais rútilo
[ouro.

Seria essa a sonhada aurora, a grande luz por quem
[tantos,
guerra após guerra, pensando em obtê-la tombaram
[sem vida?

E — mais que tudo — tombaram sem vê-la?
[Ambicionada estrêla,
adiada sempre, ou apenas fogo? Qual a aurora que
[um dia
resolverá nossa angústia, desde que seja simplesmente
e, apenas, fogo? ou que não seja universal e que, por
[último,
não signifique, também, o amanhã — sendo apenas
[manhã?
E entre mil e um maquinismos, e muito mais surdo
[que absurdo,
o Sol da Terra já brilha, qual grande pássaro de
[fogo
dentro da jaula, esperando que os homens lhe digam:
[é a hora.

Encontro com os dois antropófagos

E eis justo que, na linha que divide um hemisfério
[do outro,
me apareceram, de pronto, os dois bruscos Gigantes
[que aí moram.

Não eram dois Corinqueãs. Também não eram Cila
[e Caríbdis.
Nem Pantagruel e Adamastor que houvessem mar-
[cado um encontro
na encruzilhada, lançando o terror por aquelas
[paragens.

Mas dois Gigantes modernos, dois monstros de igual
[estatura,
um mágico, outro mecânico, ambos filhos da Noite
[e do Sol.

E tão iguais que seria impossível distinguir, entre
[os dois,
qual o mecânico, qual o mágico. A hora é da confusão
maravilhosa, de tão perfeita... O mágico é irmão
[do trágico.

Eram tão gêmeos e iguais que, por serem assim tão
[iguais
é que espantavam, é que se tornavam brutais e
[afrontosos.
Por essencial semelhança, pois a confusão entre os
[dois,
primeiramente os fazia um só, irreconhecíveis depois.
Exatamente por serem irmãos, cara de um, cara do
[outro,
era impossível saber com qual dêles estava a razão.
Um se chamou Belfulgor, o outro se apelidou Fulgobel.

"Vinde, ó Tirésias, ó Circe, e todos os demais
[adivinhos".
Uns pelo lado esquerdo, outros pelo direito; chamei
[todos.

E perguntei-lhes, então, com palavras aladas, qual era
a solução que me davam. Como eu iria decidir,
entre duas formas de ser a mesma coisa. Entre duas
[faces
de uma esfinge partida em dois rostos iguais. "Se
[quisésseis
saber, de mim, qual o reino que, um dia, eu pretendo
[habitar,
se o país onde só existe a Noite, e o outro, onde o
[Sol é que existe
eu saberia, de pronto, dizer; se depois me indagásseis

a que prefiro enfrentar, entre as duas máquinas
[terríveis
(a máquina de fazer chorar e a outra, de fazer rir)
eu saberia, por certo, como decidir entre as duas.

Porque passei, já, por elas, tomado de chôro ou de
[riso.
A isso já me obrigou o nefasto desígnio dos deuses.

Já chorei pedras, em vez de lágrimas: também já
[me ri,
por decreto; acordei rindo, outra vez, entre rosas
[cirúrgicas.

E eu saberia dizer qual dessas máquinas me doeu
[mais.

Porém pergunto se o rio, metido entre margens
[opostas,
conseguirá decidir qual das margens é a que êle
[prefere?

Que diferença haverá entre dois canibais se um se
[chama
Belfulgor e outro, por simples retrolâmpago, Fulgobel?

Como, entre irmãos, tão iguais, haverá quem decida?
[quem possa,
vil criatura, dizer qual dos dois é o que quer para
[irmão?
E o coração, como irá — de tão frágil no peito dos
[homens
optar, um dia, entre dois lírios ou duas bombas
[atômicas?"

Outras perguntas me vieram à mente, imediatas e
[rubras,
como as que, sob o furor de algum vinho, alvoroçam
[a gente.

Onde uma noite mais densa? uma condenação mais
[vazia
que a do forçado a esta opção que o próprio Zeus
[não poderia
contornar? "De onde é que sois, ó monstros não
[terreais mas terrestres,
mas um sinistro outro destro? Afinal, que quereis
[do meu ser:
ser já de si tão inglório, já tão por si contraditório?

Dês que comi, certa vez, na árvore do bem e do mal,
o doce fruto da noite entre dois escorpiões colocado
perdi a inocência, bem sei, mas fiquei iniciado na
[arte
de distinguir, entre coisas opostas, um fruto do outro.

Mas como agora optar, entre vós ambos, se me
[suprimistes,
no coração (suprimindo-o) essa árvore de pomos
[dourados?

Se dividis a manhã, que é uma só, em duas; tal como
[a um corpo
de mulher nua, cortada em duas rosas sangrentas, na
[rua?

(Ah, a difícil aurora, a que os mortos, banidos do
[dia,

estão pedindo no escuro, como numa mesa de jôgo.
Não a dos dedos de rosa, não a do pássaro de fogo.)

Como quereis, finalmente, que eu me defenda se me
[sinto
um prisioneiro? Se sou obrigado a dançar tendo, à
[fronte,
um cocar rubro, que aí fareis pôr pelos vossos
[verdugos?
Feito de plumas tiradas ao gavião-rei e a outras
[aves?

Se me virão ver as gralhas, coroado de plumas
[vermelhas
que não são minhas mas postas em mim como
[símbolos?
Como palavras que eu não disse? E gostarão de
[ver a festa
que serei eu, obrigado a me olhar no fantástico
[espelho
que entortará o meu rosto e me fará dolorosa a
[cerviz?
(Triste, enfeitado com as plumas de uma confissão
[que não fiz)

Que serei eu, forçado a defender-me, a cabeça metida
sob as prismáticas penas de uma confissão que não
[fiz?
(Que adiantará defender-me se estou de antemão
[condenado?)

Que serei eu suicidando-me mas ressuscitado em
[seguida
e reposto, eu, mas com outro rosto, no tablado da
[vida,

para outra morte, que não será minha mas a que,
[por lei,
será morrida por mim, e morrida em feroz dicionário?

Eu enfeitado com as plumas de uma confissão que
[não fiz?

Circe em forma de borboleta

Os monstros de antigamente, gerados em noites de
[lua
e de magia, hoje estão no jardim, ou nos livros de
[côres
para crianças. Estão foragidos. Estão nos quiosques
e nos bazares. São feitos, agora, de sêda e algodão.
Uma asa em cada ombro, uma flor, mas de fêltro, na
[mão.

Ah, como são graciosos, agora, êsses monstros de
[outrora,
quando, na estrada onde cruzam os homens, dois
[monstros nos surgem
em carne e osso, os de agora, dois rostos iguais a
[um só tempo,
um pelo lado esquerdo, outro pelo direito, e assim
[nos forçam
a escolher entre dois lírios, ou entre duas bombas
[atômicas!

Lembrei-me, então, de tocar, na flauta que trazia
[comigo,
uma canção sonorosa, uma ária — a do cravo e da
[rosa —
pra despertar-lhes no peito um instante, talvez, de
[ternura.

Que os animais, como as pedras, atendem ao som de
[uma flauta
mais que a qualquer argumento (isto, desde o começo
[do mundo)
Pois quanto monstro já ouviu, em silêncio, o gorjeio
[dos pássaros!
E quanto tigre, na toca, não se pôs a sonhar, a sonhar,
só porque viu, pelo vão de uma árvore, a camélia
[do luar!
Mas, não toquei minha flauta! Ao contrário. A
[escondi com mão cauta,
num ramo em flor que colhi, por causa de uma azul
[borboleta
que começou a dançar, que era azul mas devia ser
[preta.
Não, não toquei minha flauta. Escondi-a, mas por
[simples cautela.
Se bem que, ouvindo-a, os dois tais (por não ser uma
[flauta qualquer
mas arrancada a uma perna formosíssima de mulher)
talvez quisessem saber seu segrêdo, e ficassem com
[mêdo.

Pequena oração aos brutos

Não; não toquei minha flauta; ao contrário, a escondi
[dos dois monstros.

E procurei ser sutil. E lhes disse as seguintes
[palavras:

"Já meu pai foi um gigante, um gentil caçador de
[onças pretas,
que submeteu muitos monstros e que — êle mesmo
[um antropófago —

não por maldade mas por gôsto, e apenas simbòlica-
[mente,
comeu a carne de tais monstros. E quem dirá se
[êsses tais
de cuja carne o meu pai comeu, não eram os vossos
[pais?

Se me comerdes vivo, ó monstros de horrorosa figura,
e só porque não consigo decidir entre os dois, de tão
iguais que sois, como dois lírios ou duas bombas
[atômicas,
nem poderei dividir o meu coração entre vós ambos,
e porque o sangue de meu pai é que circula em minhas
[veias,
comereis a vossa própria carne, carne de vossos pais.
"Vous y trouverez le goust de votre chair, chair
[rosicler."

Que bom se, no meu caminho, eu encontrasse agora
[um objeto
perdido, só pela graça de o ir restituir a seu dono.
Estou com vontade, até, de fazer um discurso dizendo
que minhas palavras são maripôsas no rosto das
[coisas.
Meu coração, hoje, está puro, está mais lírico do
[que nunca.
Não alimentará, portanto, aos que precisam ser
[ferozes.

Se o alimento é que faz as criaturas cordiais ou
[cruéis,
meu coração não será, com certeza, o alimento indicado
para manjar tão opíparo, porque é êle um coração
tão cheio de ternura humana e de cordial democracia,
que perderíeis a vossa riqueza, que é o serdes ferozes

e passaríeis, suponho, a chorar como choram os
[fracos.
Como choraram um dia as terríveis bacantes, já
[bêbedas,
de desespêro, e depois de já terem comido, raivosas,
o corpo a Orfeu, sem saber que o que haviam comido
[eram rosas...
Ó vós, que sois os heróis da selva, nunca ouvistes
[falar
na história do elefante, o estúpido, que comeu um
[rouxinol
e começou a gorjear como se fôsse um pássaro, ao
[sol?

O interrogatório

Assim a ambos falei e, verdade, os dois monstros
[me olharam,
apreensivos, ouvindo as palavras aladas que eu disse.
Receando me comer vivo, pra não desfolhar seu se-
[grêdo
que era o segrêdo de um reino. Ah, que seria de
[dois tigres
a quem as garras se abrissem em flor, como azuis
[açucenas?

E os dois Gigantes falaram, ao mesmo tempo: "de
[onde vieste?"
— Vim do país onde mora Iracema, a dos lábios de
[mel.

Êles se riram. "E a tua língua?" então eu lhes
[respondi,

em esperanto, que a minha língua era a única em
[que existe
uma palavra, saudade; e de novo êles riram e
[riram...

"Quem és tu?" me perguntaram. "Mostra-nos tua
[caderneta
de identidade, uma prova, qualquer, de que tu és tu
[mesmo.
Mostra-nos onde está escrito: "tem olhos azuis, côr
[morena".

Decisão entre o osso e a flauta

E enquanto os dois se dispunham a ler a palavra
[Iracema,
e a outra, a mais portuguêsa, a divina, a agridoce
[saudade,
e conferiam a côr dos meus olhos, olhando-os na
[ficha
de identidade "um índio? como os seus olhos
[poderão ser azuis?"
outro recurso me acode, inda mais eficaz pra entre-
[tê-los.

A minha flauta joguei-lhes — um ôsso, jogado a dois
[cães.
(A flauta que eu escondera, por uma questão de hora
[exata)
E enquanto os dois se atracavam por causa da flauta,
[dotados
de uma só fome, qual se possuíssem uma única bôca
(ou por quererem, ao certo, uma só coisa; ou por
[ignorarem

que ambos queriam a mesma coisa, sem razão pra
[tal fúria)
enquanto os dois se feriam de morte por causa de um
[osso,
que abandonaram no chão, de tão cegos na sua disputa,
pude salvar, ainda, a flauta; e eu, e os demais
[companheiros,
eu e os trinta egipãs, um atrás do outro, a tocar
[trinta flautas,
tomamos, todos, a nau pintalgada de branco e de
[prêto.

Bem me falara o adivinho: a multidão, cruel ou
[incauta,
verá em ti, não um simples pastor modulando uma
[flauta
pelos caminhos em flor mas um cão agarrado ao seu
[osso.

Bem me falara o adivinho: "se a tua flauta, por ser
[de osso,
não te salvar na hora extrema, te salvará o osso da
[flauta."

Continuação da viagem

Não era essa a manhã que procurávamos, argonautas,
mas uma outra, a difícil aurora, a que mora no
[espelho,
ou em nós mesmos, aquela que não se sabe onde
[mora.

Não a dos dedos de rosa. não a que mora no himeneu
dos pombos, não a que o céu nos envia ao começo do
[dia

nem a da ilha de fogo, onde tudo era sol e mais nada.
Mas uma outra, a difícil aurora, a que Deus anuncia
desde o começo do mundo, mas que não se sabe onde
[mora.
Enfim, aquela que os mortos estão reclamando no
[escuro,
e nós, os vivos, iremos de novo buscar aqui fora,
de céu em céu, por todo um oceano de safira e de
[iôdo,
mas como cegos, porque ninguém sabe, até hoje, onde
[mora.

E o dia inteiro, lá fomos rasgando um azul furtacor,
até alto mar, perseguidos, então, por um disco voador.

O ARRANHACÉU DE VIDRO

(1954)

G. 3 —

E chamou Deus de novo a Adão, e disse-lhe: onde estás?

E êle respondeu: ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.

Escondi-me neste arranhacéu de vidro.

A Lêdo Ivo

CANTO SUBVERSIVO

A flor automática

Aperto-lhe um botão
e o universo mecânico
põe-se ao meu dispor,
como uma flor.
Com a facilidade
de um peixe-voador.

Com a instantaneidade
de um obséquio,
simples, multicor.

Mesa redonda

Ao transpor a barra
o navio muge
tão dolorosamente
como um boi atlântico.

Tôdas as gentilezas
automáticas se reúnem
numa mesa redonda:
festa de andorinhas.

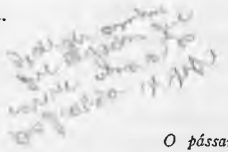
Sou todo rodas e asas.
Sinto-me universal
como o marinheiro.

Autobiografia

No buquê das presenças
não há mais saudade
das coisas ausentes.

Há uma outra saudade
muito mais dolorosa
e menos portuguêsa:
A saudade da ausência.

Estou monstruosamente
presente a mim mesmo.



O pássaro de fogo

E eis que a aeromoça,
a que mora defronte
ao meu apartamento,
Maria Stella Maris,
toca, repentina,
o "Pássaro de fogo"
que me entra pelo ouvido
e soluça, agora,
na árvore dos meus nervos.

(Sinto-me, agora, nu.
Não por estar na praia:
mas nu, por não poder
esconder-me de Deus
no arranhacéu de vidro).

EVA MATUTINA

No Paraíso — mundo sem dialética —
o amor é uma palavra ainda vã.
Ninguém percebe o que há de mulher nua
na que seria nossa triste irmã.

Por eu não existir, passeia implume
(orvalho ainda os olhos de avelã)
a que trazia, na manhã da carne,
como uma rosa, a invenção do amanhã.

Corpo cheio de lágrimas futuras,
em que o vermelho símbolo da maçã
não irrompeu ainda, Eva gorjeia.

Eva é o primeiro pássaro da manhã.
Pela graça de estar, e não de ser.
Olhos ainda azuis de olhar sem ver.

O ARRANHACÉU DE VIDRO

A água do Dilúvio

Impossível descrever a tormenta
sôbre a cidade, sôbre o arranhacéu de vidro.

A hora do pânico.

Uma cintilação crua e os fios da iluminação pública
[e do tráfego
síncope das palavras.

As ruas são rios, as casas dos pobres
nadam como peixes nos alagadiços, rosa d'água
que tombou do ar em pétalas de fogo.

(Os jornais naturalmente publicarão amanhã a foto-
[grafia do transeunte que a enxurrada
[engoliu pela bôca de um cano de esgôto)

Mas surge o arco-íris, grande flor celeste,
girassol fantástico sôbre o arranhacéu de vidro.

Arco-íris que fugiu da fábula e da Bíblia.

O arco de aliança, o sinal do armistício
assinado entre Deus e as suas criaturas.

Arco no céu, e íris em nossos olhos
pra nos lembrar que ainda somos náufragos.

No céu o arco-do-triunfo, em nossa íris
a água do Dilúvio
que nos escorre pelos olhos, até hoje.

Festa náutica

Ou porque a tempestade, hoje,
perdeu o prestígio da fúria.
Ou porque uma faísca elétrica,
inesperada, não é mais tétrica
que uma cadeira elétrica, à hora exata.
Ó bárbara que se tornou santa,
ó santo irmão do lôbo.

Ou porque as grandes fúrias
da natureza serão sempre pequenas
diante da tempestade
que os laboratórios de física anticeleste
fabricam em silêncio.

A tempestade sôbre o arranhacéu de vidro
é uma palavra só, esférica.

Que haverá de mais mil e uma noites
que o arranhacéu de vidro
cintilando — do que cada relâmpago
o transformar numa rosácea de ouro?
Parece que está havendo dentro dêle
uma festa náutica.

O QUE É VERDE É DE TODOS

Quando eu era menino:
— Que côr tem o cavalo branco
de Napoleão?
O meu avô me perguntava, entre
malicioso e sutil.
E me falava no alazão, no baio, no tordilho, no picaço,
[e no corcel, no palafrém, no da guarda da rainha
[montado por um herói de púrpura e pluma preta.

Mas o meu era verde, com pernas de pau.
Como o de Fernando Pessoa era azul
com um jóquei amarelo.

Qual dêles, afinal, o mais gentil?

Um dia hei de aparecer
no céu, montado no cavalo verde
que o jardim público me deu.

Um arcanjo:

— Que vens fazer, cavaleiro,
num cavalo que não é teu?

O cavaleiro:

— Êste é o cavalo verde
que o jardim público me deu.

Como verde é o cavalo
da esperança — Rocinante dos doudos.

E o que é verde é de todos.

O CACTO

This is cactus land.
Here the stone images
are raised...
T. S. Eliot

Vamos, todos, brincar de cacto
na areia da nossa tristeza.
Uma fôlha sôbre outra,
em caminho do céu intacto.

Uns nos ombros dos outros,
um braço a nascer de outro braço,
uma fôlha sôbre outra,
formaremos um grande cacto.

De cada braço, já no espaço,
nascerá mais um braço, e dêste
outros braços, qual ramalhete
de flôres para um só abraço.

Filhos da pedra e do pó,
fique aqui embaixo o nosso orgulho.
pisado sôbre o pedregulho.
Formaremos, num corpo só,

(uma fôlha sôbre outra
uma fôlha sôbre outra,
um braço a nascer de outro braço)
a nossa escada de Jacó.

Pra quê tôrre de Babel
ou o Empire State, compacto,
se, uns nos ombros dos outros,
chegaremos ao céu, num cacto?

Uma fôlha sôbre outra
e já uma árvore de feridas
por entre os anjos de azulejo
e as borboletas repetidas.

Que fique aqui embaixo a terra;
lá de cima nós tiraremos
uma grande fotografia
do seu rosto de ouro e prata.

Pra provar a Deus que a terra,
numa fotografia exata,
não é redonda, mas chata;
não é redonda, mas chata.

Pra provar, por B mais H,
que o homem, animal suicida,
já sabe fabricar estrêlas...
Se é que Deus disto duvida.

Que iríamos fabricar luas
(se não fôra, para Seu gáudio,
o espião nos ter furtado a fórmula)
mais bonitas do que as Suas.

Vamos, todos, brincar de cacto,
uns nos ombros dos outros,
um braço a nascer de outro braço,
uma fôlha sôbre outra.

Vamos subir, de fôlha em fôlha,
mais alto do que vai o avião.
Lá onde os anjos jogam pedras
no cão da constelação.

Que outros usem avião a jacto
pra uma viagem em linha reta:
nós, filhos da planície abjeta,
subiremos ao céu num cacto.

Uns nos ombros dos outros,
injustiças sôbre injustiças,
formaremos um verde pacto...
Vamos, todos, brincar de cacto.

Vamos, todos, brincar de cacto.

INDÔMITUS

A Murilo Mendes

O mar é uma esmeralda suja.
Recifes de coral repontam como flôres de sangue
[salpicado de espuma.
(Coisa que explica naturalmente o sangue róseo
dos náufragos.)

As espadas dos peixes aguerridos
(os espadartes) trançam cintilações de prata
em campo blau, como num escudo.
O escudo de Netuno contra o casco do Indômitus.
A arte de navegar entre espadas
não é tão fácil, senão a mais oscilante das artes.
Não consta da rosa-dos-ventos...
Se bem que uma rosa-dos-ventos é rosa
mas apenas no nome. Antes, a chamaremos malme-
[quer
até Dunquerque.

Indômitus está dançando agora entre duas espécies
[de estrêlas.
A hora não é pra considerações em tôrno do que possa
[acontecer.
E' a hora do sangue-frio. Porque os peixes,
como os capitães, são animais de sangue-frio.

A hora é do vento
pela proa, ou a maubordo (não bombordo).
Nasce uma flor no mastro, uma flama (não flâmula).
Indômitus então navega em plena rosa cega.

Uma fulguração súbita escreve no ar uma frase.
Thamuz, Thamuz, panmegas tethneke. Fulmotondro.

O comandante está dizendo à sua maruja que não
[há no dicionário uma palavra
[mais bonita do que arquipélago.

Trinta pombos azuis em formação geométrica
voltarão ao navio.

BERIMBAU

Três anjos desceram do teto
da igreja e vieram indagar
o que se passou entre nós
dois.

E como eu os repreendesse
me jogaram pedras depois.

Em vão duas borboletas, tímidas,
no meu ombro pousaram, brancas,
movendo duas douradas vírgulas:
por que não nos contas o que houve,
esta manhã, entre vocês
dois?

Porém, nada lhes contei eu;
antes, me escondi nas palavras.
Tive mêdo do meu segrêdo;
pois
há certas coisas tão bonitas
que mesmo as borboletas brancas
não deverão saber depois.

Nem as gentis damas-da-noite.
Nem os lírios nascidos entre
bois.

Ciganas que me procurais,
maliciosas, cantarolando,
é inútil! porque há certas graças,
tão puras, por serem secretas,
que perdem o encanto, depois.
E que dignas de saber não
sois.

Ah, nem Deus saberá, jamais,
o que se passou entre nós
dois.

ÍRIS, A AEROMOÇA

Estás nascendo em ti, a tôda hora
(água de fonte) porque a tôda hora
poderás morrer (pássaro no horizonte.)

Aeromoça que não choras
porque sòmente vives no alto
acima das coisas que se passam neste vale de lágrimas.
Môça da graça aérea,
aeromoça.

Único anjo que o mundo de hoje admite.
O único verdadeiro,
porque sem nenhum mêdo de estar longe da Terra
nem das estrêlas.

Quantas borboletas, já despetaladas no ar.

Quantas gaivotas
caídas sem ter podido ao menos abrir a asa
na queda.

E, no entanto, não pensas na morte,
quando ela gorjeia, no teu coração.
Borboleta do Atlântico, irmã das gaivotas.
Môça da graça aérea.
Aeromoça.

Ó loucos dos dois hemisférios,
por que a bomba atômica
se ninguém tem culpa, se há crianças no mundo?

Se há tantas coisas que não merecem morrer, amo-
[rosas,
agarradas ao chão
como as rosas?

Se há a aeromoça que merece viver e está sempre tão
[perto da morte?

Môça da graça aérea.
Aeromoça.

Eu te prefiro em terra,
caída do azul sôbre a plumagem
do meu coração.
Os braços sem plumas recordando uma ave, que
[foi ave.
A cabeleira
como uma nuvem grossa que quisesse voar,
mas prêsa.

Os seios núbeis, mas antinubívagos.
Os olhos contra o céu, o céu nos olhos.

Mais vale uma aeromoça em terra firme
que dois pássaros voando.

O BANQUETE

Em meu quarto, o silêncio
e a lâmpada que me divide em dois.
O meu quarto é mais pobre que o de Jó;
duas vêzes eu e uma lâmpada só.

No salão do vizinho,
que não me convidou, a mesa alva;
e os convivas bebendo um vinho triste.
Será sangue de Orfeu? lácrima-cristi?

Porém, se o vinho é triste,
há estrêlas líquidas em copos altos
que cintilam, qual geométricos lírios,
erguidos no ar à hora dos delírios.

Sinto-me bem, assim,
não convidado, pois não bebo estrêla
nem sangue; sou enteado da alegria.
A tristeza é o meu pão de cada dia.

Seria eu, na festa,
um insulto aos demais, algo de cômico.
Uma pedra aos que têm, no ombro, uma asa.
Um carvão quando tudo, ali, é brasa.

Sinto-me bem, porque
sou um cacto com fôlhas de silêncio.
Não troco por nenhum gole de vinho
êste meu ser noturno e submarinho.

Que só me cheguem, pois,
o terrincar das taças, o confuso
gorjeio das bacantes. Só me agrada
beber — rosa num copo — a madrugada.

Ah, se soubessem, todos,
o bem que me fizeram, excluindo-me
do banquete — o mais lógico dos olvidos —
ergueriam um brinde aos excluídos.

A JOVEM MORTA

O seu corpo tão alvo, o seu corpo presente
é a coisa mais ausente, é uma ilusão
pensar que a rosa ou o fruto já colhidos
ainda soluçam desprendidos da haste.

O seu corpo é já um fruto neutro e frio.
Não obstante jovem, tem a mesma idade
de todos os que morreram antes, ou mesmo
na mais remota origem babilônica.

Todos os mortos têm a mesma idade.
Que me adianta chorar sôbre a argila ainda tenra,
que esfriou não faz, senão, apenas um minuto?
Todo cadáver é uma coisa já longínqua.

Embora tenha esfriado apenas há um minuto
é algo que regressou súbita e automàticamente
à noite que existiu antes de Deus.
Todo cadáver é anterior ao sol e a Deus.

Mas por que sofro tanto? não será justamente
por estar sendo vista, ser um corpo presente
aquela que voltou ao nunca ter nascido
e me deixou ausente, eternamente?

Se eu fôsse Júpiter me converteria
em chuva de ouro sôbre a sua imagem.
Se eu fôsse Glauco me transformaria
num peixe azul do índico da imemória.

A HIDRA

Homem sêco, enxuto,
forçado a viver
com o suor do meu rosto.
Mas não posso suar
porque o suor é água
e morreu o rio.

O sol, deus bifronte,
me bebeu o suor
sob o fingimento
de enxugar-me a face.
Quero, em vão, chorar,
mas me falta a lágrima.

A lágrima é água
e eu, não sei por quê,
depois do dilúvio,
tenho o olhar implúvio.
E pergunto a Deus
por que houve dilúvio.

Como cumprir pena
e ganhar o pão
com o suor do meu rosto?
Ou chorar que seja
pra obter sal e água
se, há quarenta dias,

não suo, nem choro?
Tão áspera sêde
me fêz múmia, e herói.
Dentro dêste cacto
há um arco-íris morto.
E como o azul dói!

Ó MENINO, DORME

Piá não sofre? Sofre.
MÁRIO DE ANDRADE

Ó menino, dorme!
Olha que te levam para o mesmo lado
onde o sino não chora; antes, ficou bem quieto.
O silêncio é enorme.

O sino ficou quieto...
Mas o ficar quieto é mais que dizer tudo,
diante do teu corpo
de passarinho mudo.

Tão leve estás, agora,
tão pouco o que te resta
que quatro garotos levam tua imagem
como numa festa!

Ah, os que morrem, não de morte apenas
mas porque a fome os mata.
Nunca estão vestidos de vestido novo,
com debrum de prata.

Já o coveiro abre
uma cova enorme pra tão frágil coisa...
Mas pra quê tanta terra?
Ó menino, dorme.

À hora em que os outros, em seus velocípedes,
brincavam na rua
(ou, nos laranjais, de matar beija-flôres)
ias matar a fome.

Ias matar a fome,
que, afinal, te matou; ias comer terra
na terra que — tão bruta — hoje é quem te come.
Ó menino, dorme.

Mas dorme sossegado.
Virá depois a guerra, e já não terás mêdo
do pássaro de fogo,
nem do bicho Papão, sôlto no telhado.

Nem do Gigante Comedor de Crianças,
que inda hoje nos aterra.
Nem dos glutões que, em vez de comer terra,
comem é a Terra.

Conheceste, apenas, uma geografia,
a da fome, e uma terra,
a de que comeste, não a em que nasceste:
"Não verás, menino, outro país como êste!"

Eras a morte viva,
mostrando os ossos sob a blusa rôta.
Não obstante — quem sabe? —
flertavas a vida como a uma garôta.

Ó meu pobre menino,
"Pequeno Pai do Tempo",
que não conheceste a graça de uma rosa
na face azul-terrosa.

Vais ter a bôca cheia
de terra fresca, em flor.

E dormirás, ó pequenino sofredor,
    então, de bôca cheia...

Nenhum sino tange, só o coveiro lida
    com a pá, jogando terra
sôbre o teu frágil corpo já sem vida.
    Mas, pra quê tanta terra?

Pra quê tanta terra, numa terra já enorme,
feita de terras divididas em côres,
    ou em latifúndios,
    ou em ramos de flôres?

    Ó menino, dorme.

ZARAFA

Pronta a girafa, foi preciso pintá-la,
como a natural. E eis a ilusão perfeita
de uma girafa viva. Agora foi preciso,
pelo radar, fazê-la ir — a passo lento —

pela rua, entre as duas filas de crianças
que a esperavam em festa, à hora do anúncio.
E ei-la que se moveu, alta, com a fronte
de quem tinha a consciência do horizonte.

Alta como uma flor na haste, e bela
como alguma outra flor de olhos dourados
que deixasse o jardim para ir passear na rua.
(Falso perfeito que a tornou autêntica.)

Andando por si mesma, inequìvocamente,
tão convencida quanto convincente,
o que invejei nessa girafa não foi eu
ser criança pra estar metido entre os garotos;

e assim vê-la passar; não foi a maravilha
da sua aparição, no universo mecânico
que substituiu o mágico; o que me fêz
pensar foi a certeza, a absoluta certeza

da girafa se crer uma entidade viva;
o seu andar, que era o de uma mulher
bem môça; o que mais me encantou foi a cena
feliz, a de uma coisa não ter dúvida

sôbre o seu próprio mérito; a girafa
certa de ser girafa; andando entre as crianças;
como uma flor numa moldura azul-garrafa,
que era a manhã universal, na rua.

POEMA EXPLICATIVO

(De como Zarafa percorreu a cidade, na manhã de hoje)

1
Zarafa, gentil de se ver,
com seus cinco cornos dourados,
quatro maiúsculas na testa.
(No corpo, um mapa.)

Cabeça errante, no ar situada.
O pescoço descomedido
mais longo que o da Bem-Amada
no Cântico dos Cânticos.

Entre as árvores da avenida
ei-la com o povo a caminhar.
Tão comprida que a sua fronte
alcança um 20.º andar.

"Responde-me, dou-te uma rosa:
És mesmo uma girafa viva
ou, na cidade sem sossêgo,
um êrro de perspectiva?"

2
Não se sabe de onde ela veio.
Se da Bíblia, se da Fábula.
Se do Senegal, se da Núbia.
Se do arquipélago grego.

Se de um Ciclotron. se da Pérsia.
Se de algum outro planêta.
Só se sabe que era impossível
caçá-la como borboleta...

Muito menos submetê-la
como se submete uma estrêla
da Ursa Maior ao nosso ôlho,
quando a noite é azul-violeta.

"Responde-me, dou-te um jasmim:
O mapa que trazes no corpo,
salpicado de rosa dúbia,
é um mapa da Pérsia, ou da Núbia?"

3
Jogam-lhe então frutos vermelhos,
para desviá-la do seu rumo.
Não adianta, Zarafa tem
a cabeça e o pescoço a prumo.

Não os pode colhêr, no asfalto.
Conforme o que é estilo e uso.
A não ser que abra as duas patas
dianteiras, em ângulo obtuso.

Mas abrir-se tôda, tão fácil,
será elegante, porventura,
a uma girafa do seu tipo,
do seu sexo e compostura?

O Gabinete então se reúne
(florido como um ramalhete)
no salão nobre da República,
para manter a ordem pública.

"Que objetos escondidos levas,
Zarafa, em teu ventre mosqueado?
Um contrabando de jóias?
Um lírio? uma bomba? um soldado?"

4
Porém a girafa mecânica
achou graça no Gabinete.
E marcha, outra vez, pela rua,
como um animal sob a lua.

Nem lhe adiantam também os nomes
que lhe dão, camelo pardalis,
girafa peralta (ou pernalta)
como rótulos de garrafa.

Não lhe alteram a substância,
a graça lírica; e as crianças
a acharão linda, quer se chame
Zarafa, Zirafa ou Girafa...

Dizem que algo no céu ocorre
(talvez por secreta lei)
quando um Rei manda, de presente,
um elefante a outro Rei.

Que se dirá de uma girafa
que altera, de modo tão brusco,
a idéia azul do horizonte, a
réplica do encanto e do susto?

Até que — gentil monstro bíblico —
com pasmo do público, absorto,
se ergueu nas patas de trás
(parecia um arcanjo torto.)

E começou a tocar flauta
diante do povo, a tudo alheia.
Com a certeza, o ar tranqüilo de uma
fatalidade que gorjeia.

5
O Gabinete então se reúne
dentro de uma grande ode pânica
e interpela, com azedume,
Zarafa, a girafa mecânica.

Mas Zarafa, Girafa ou Zirafa
lhe responde: gente incauta!
Não sabeis, então, que o mundo
foi feito ao som de uma flauta?

GLOBE-TROTTER

I

Saí de uma fotografia há mais de meio século.
Viajei por meu próprio sangue e eis-me onde sou em
[mim.
É êste o meu perfil de habitante da Terra.

Visitei o país cimeriano, a Índia, a Babilônia,
assisti à pesca dos atuns numa enseada do Adriático.
Passei pelo Afeganistão, pelo mar de coral, pela China.

Conheci o rio Nilo, os arquipélagos do Pacífico.
Corri sem trégua por mil e uma florestas,
qual, na fábula, o cão de fila e de orelhas vermelhas
correndo atrás do gamo, alvo e de fronte lisa.

Qual o herói das maçãs de ouro, em sua aposta.
Qual o entomologista, correndo, ou esmagando flôres
no jardim, para alcançar a borboleta branca.

E eis que cheguei a mim como um dia cheguei a
[Pequim.
Com o meu rosto de mapa-múndi onde estão
[desenhados
todos os rios de cuja água bebi, mais por mágoa
do que por sêde.

É êste o meu perfil de habitante da Terra.

(Sinto-me Ulisses tôda vez que empreendo esta
[viagem
de verificação, entre a data
de uma fotografia e a porta mágica por onde
entrei na manhã de hoje.)

II

Que dolorosa a viagem de onde vim
só pra hoje chegar a mim, depois de haver deixado
braços, olhos e pés, doendo nas ilhas...

No entanto, nunca me senti tão longe
de quem eu sou, e de quem ser quisera.
Longe de quem eu sou, por não saber quem mora em
[mim,
se sou eu mesmo, ou algum outro amigo,
com o mesmo rosto de tão parecido comigo.
Longe de mim porque, por mais que inda eu caminhe
qual rei mago extraviado em viagem pra Belém,
se chego a mim, não chego a quem eu ser quisera.

Pra descobrir quem mora em mim, teria eu que
[regressar
à noite que existiu antes de Deus.
(Lá fora o azul é uma ferida imemorial.)
Pra caminhar a quem eu ser quisera,
teria eu que atravessar o abismo que há,
entre mim e uma árvore, e ainda esperar a primavera.
E quando os dedos dos meus pés se tornarão raízes?
E em que século as minhas mãos seriam flôres?

III

Ser é viajar no sangue.
Não é uma questão de geografia
mas de primavera.
Não se resume em dar a volta ao mundo,
ir de mim a Pequim.
Mas em viajar por entre as árvores, com as
[estrêlas...

E' êste meu perfil de habitante da Terra.

A DEGOLAÇÃO DOS INOCENTES

Um fio lucidíssimo que corta
e já o sangue quente, não se sabe de onde,
nos tinge a mão, sùbitamente.
Que corta, sem fazer sentir.
Um frio relâmpago e já a dor não consciente.
Já a ferida que não dói, a mais fina,
a que sorri no escuro chinêsmente.
Um gesto súbito e já todos os lírios
estão cortados,
não houve tempo de os recolher para um ramo
como o que enfeita o cajado dos santos
ou o cetro dos reis, nas gravuras.
Uma cintilação crua e já o corpo
em orvalho vermelho,
sem a flor da cabeça, já a lanterna caída,
e oferecida ao banquete dos cegos.
E já os anjos degolados, cujos rostos,
sôbre fundo azul,
cercam agora os pés da imagem.

O HIPOPÓTAMO

Não adianta o rio lhe ofertar um espelho,
se êle não sabe de quem é a imagem
que o espelho reflete. Se êle pensa que a sua
imagem n'água é a de um outro hipopótamo.

A paisagem por volta tem algo de bíblico
pois é a água da criação, ainda viva,
como no primeiro dia. As árvores folhudas
guardam segredos a ninguém, jamais, contados.

São árvores virgens fotogràficamente.
Milhões de borboletas voam em redor
da estrêla diurna, as flôres são douradas bôcas
de uma lúbrica, gigantesca primavera.

Um céu vestido de azul-rei (mal brilha a alva)
completa a inenarrável beleza das coisas.
E eis que, foto-potamo-gráfico, o hipopótamo
emerge d'água e vem, rombudo, estragar tudo.

Tudo parecia em ordem, o céu pernalta,
as aves egípcias, os troncos que simulam
primitivas colunas de algum templo, a lisa
epiderme do rio enrolado na cauda.

Sim, o rio e as demais serpentes que aí moram
dormiam tranqüilos, quando a enorme figura

do hipopótamo perturbou tudo e agitou
as côres, e inda fêz as borboletas voarem,

elétricas, e as garças gritarem no abismo.
Porém êle, na glória da sua inconsciência,
nem sabe que desfez a alegria das coisas.
Pensa que tudo é festa e a natureza o aplaude.

Até que volta a calma e se refaz o espelho
maravilhoso. Mas, que adianta o espelho
se o que êle quer é a lama? se êle pensa que a sua
imagem n'água é de um outro hipopótamo?

JOÃO TORTO

Na grande floresta mecânica sem folhagem
nem lua.
A manhã operária
passeia entre as chaminés, que são troncos hirsutos
e entre números brutos.
Onde agora estarei?

O que sei
é que um disco voador, enorme brasa
sem asa, me persegue
por ordem do rei.

A floresta dos homens é móvel, como
a de Shakespeare. Avança por tôdas as ruas
com pés que são raízes ou com as plantas
dos pés.
Dentro dela não sou mais do que um simples canário.
Mais que isso não sei.
Sei que um disco voador me fura os olhos,
a bicadas de fogo
por ordem do rei.

Quantos, agora, pensarão que estou louco,
que fiquei sujo de ouro,
quando na realidade estou é, simplesmente,
dourado.

Dourado de terror, porque fui perseguido
por um disco voador,
e por ordem do rei.

O' Circe, ó consolatrix afflictorum, onde
estás?
Onde a magia com que resolvias
as situações difíceis, insolúveis?
Estás perdida por acaso entre as borboletas
volúveis?
No ventre de uma naja côr de prata?
como o saberei!
Só sei que três monstros me cercaram na rua
na floresta mecânica sem folhagem nem lua
e que um disco voador me sujou de ouro
por ordem do rei.
Eis tudo quanto sei.

Quem sou agora, vil matéria onde as palavras
gorjeavam como pássaros, se o monstro
que me inquiriu deu às minhas palavras
o sentido que quis, o mais feroz?
Quem sou eu, se o segundo monstro, o que possui
a hedionda máquina de fazer chorar
já me arrancou a alma pelos olhos?
Quem fiquei eu, quando o ser ou não ser
me foi trocado pela dor de ser?
Se o monstro de um só ôlho, o que só vê um lado
das coisas, me faz ser o que não sou?
Ah, como o saberei!

Só sei que estou perdido na floresta mecânica
sem folhagem nem lua.
E que um disco voador me sujou de ouro
por ordem do rei.

A tôrre de Babel só confundiu as línguas.
A confusão de agora falsifica as palavras...
Ser ou não ser era uma dúvida, ou era apenas
uma dádiva.
Hoje é uma escolha (escolha que não salva)
entre o fuzilamento e a estrêla-d'alva.

Afinal, quem me acusa?
em nome de que lei?
Nunca o saberei.

O que sei
é que estou louro, que fiquei sujo de ouro
por ordem do rei.

MEU PAI FOI REI

Repousei porque abdiquei.
FERNANDO PESSOA

Todos gritarão
que não foi, que não foi.
E me jogarão pedras,
bem o sei;
que essa é a grande lei.

Mas meu pai foi rei.
Não porque tivesse
uma coroa de ouro
na cabeça insensata,
mas pela grande lei
da lua ser de prata.

Ah, o meu pai foi rei.
(Rei tu és, rei eu sou.)
Quem de nós não foi rei
só porque abdicou?

Ah, o meu pai foi rei.
Muito mais do que o rei
Salomão.
Porque o não foi por ter
rubins e esmeraldas
e um cetro na mão,
mas só porque assinou
sua abdicação.

Não o rei de espadas
numa mesa de jôgo,
mas o rei de não ter.
após ter tido tudo
senão um coração
e um pássaro na mão.

Ah, o meu pai foi rei.
Mas rei só porque pôde
dizer: ó onipotente,
tuas estrêlas são
o teu suor de viagem
mas eu suei estrêlas
carregando pedras
para a minha paisagem.

Rei, mas não do mar,
nem d. Sebastião,
mas de assim exclamar:
ó oceano,
tu não me intimidas
com a tua grandeza.
Maior que tu é a lágrima
que chorei hoje, à hora
da abdicação.

Rei de me haver dito:
olha, meu filho, arranca,
ao teu próprio corpo,
(como a um malmequer
uma pétala branca)
o teu único bem
em favor de alguém
a quem faças feliz,
sem que êsse alguém, sequer,

o saiba, e serás rei.
E dirás: fui rei,
só porque abdiquei.

Ah, o meu pai foi rei!
(Rei tu és, rei eu sou.)
Quem de nós não foi rei
só porque abdicou?
Quem de nós não foi rei
só porque renunciou
(anônimo suicida)
ao que mais quis na vida?

Todos gritarão
que não foi, que não foi.
E me jogarão pedras,
bem o sei;
que essa é a grande lei.
Não importa, não.
Muito maior que um reino
é uma abdicação.

SEREIA TOCANDO PIANO

Eu vi as ondas engolirem-no
ANÍBAL MACHADO

Por que a lua marítima está, hoje,
tão corada, tão flor e tão no ar?
Como um rosto escutando alguma coisa
que o oceano diz, e que ela — ela sòmente —
o ouvido em concha, consegue escutar?
Algum tritão lhe terá proferido
um dito obsceno que a fizesse corar?
É a sereia que está tocando piano,
tocando piano no fundo do mar.

Mas quem levou o múltiplo instrumento
ao salso abismo e o pôde aí jogar?
A história dêsse piano é longa e não
se conta sem se rir e sem chorar.
E por que as ondas, hoje, batem tanto,
a quatro mãos, no teclado da praia,
pois não é aí o teclado do mar?
Não. A sereia está tocando piano,
piano, piano, mas no fundo do mar.

Mísero piano, foi jogado às ondas
por três negros que aí o foram jogar,
por ser um piano velho, cujo dono
(tendo uma filha que ia se casar)
o não quis mais por falta de lugar.

E como, não obstante o anúncio feito,
ninguém, por velho, o quisesse comprar,
levaram-no de rua em rua, enorme
gaivota preta, até jogá-lo ao mar.

Vagas e ventos o arrastaram para
o mistério marinho, onde as medusas
e os polvos acenderam logo as suas
mais verdes lâmpadas para o admirar.
E êle, de luto, os dentes amarelos,
traste sonoro, alegre, semifuso,
se viu situado entre as coisas confusas
e profusas que há no fundo do mar.
Por isso, em noites de esplendor lunar,
se alguém ouve um barulho em si bemol,
que rebenta no cais, ou sobe ao ar,
é a sereia que está tocando piano,
tocando piano no fundo mar.

Os náufragos acordam do seu sono,
os lábios de hidro vidro, as mãos de esponja
dentro do abismo perpendicular.
E acercam-se do monstro, todo de ébano,
dentes à mostra e que, ao invés de rir-se,
chora pétalas d'água, a soluçar.
Os polvos, os delfins, os espadartes
ouvem-lhe as notas da "Sonata ao luar".
É a sereia que está tocando piano,
tocando piano no fundo do mar.

O céu, lá fora, está cheio de pianos
mudos e estrêlas fáceis de contar.
São pianos que se multiplicam pela
egipcíaca noite sublunar.
Pianos que atravessaram os oceanos

e caíram nas casas, como pássaros,
grandes pássaros súbitos, feridos
na asa das ondas curtas, ou no luar.
Mas não são êsses que Selene escuta,
quase corada, ela, que é tumular.
É o outro; que a sereia está tocando,
está tocando no fundo do mar.

E quanta gente a perguntar por êle
aqui por fora, estilo recordar,
no dia em que, grinalda ver espuma,
olhos azuis, aquela que os segredos
lhe esfolhava, com os pianíssimos dedos,
voltar da igreja onde se foi casar.
Onde não estará o piano, a esta hora?
Em alguma ilha? no fundo do mar?

E — coisa que ninguém sabe explicar —
na sala onde os convivas se reúnem,
há a falta de alguém, um lugar mudo,
onde o piano foi piano, o seu lugar.
E ao ouvido da noiva um rumor surdo,
por mais que o evento lhe pareça absurdo,
a todo instante chega. singular.
É o piano que a sereia está tocando
tocando tocando no fundo do mar!

DISCO VOADOR

I

Esta madrugada
Olha o céu, e verás
o meu disco voador.

Não o decifrarás.
Antes, hás de supor
que é um pequeno sol,
rápido. Um sol fugaz.

E perguntarás:
que discóbolo oculto
o terá jogado
com a mão de radar?
Ou será um girassol,
ou algum sol gira
de um jôgo malabar?

Gaia maripôsa
de algum outro planêta?
Borboleta redonda
na andrógina safira
do céu e da onda?

Depois hás de pensar,
já então tomada
de secreto terror

que é um ôlho dourado,
mas absurdo, vazado,
voando pra teu lado.
Visìvelmente prêso
a um fio invisível.
Sob a magia fria
da noite nuclear.

Ôlho que te espia
pra saber o que fazes
nesse lado da esfera.

E perguntarás:
de onde teria vindo
êste disco voador?
De Vênus? de Mercúrio?
da U.R.S.S.?
Como se me quisesse
propor algum enigma?
Alguma coisa breve
ou apenas maligna?
(Mas propor-te como há de
se êle não sabe a língua
em que se fala e escreve
a palavra saudade?)

"Que me queres dizer,
sol de grand-guignol,
dourado filho espúrio
da Noite e do Sol"?

E eis que, de madrugada,
era, apenas, um pássaro
(tu que fazes aqui?)

que havia pousado
plumagem amarela
na magnoleira em flor,
junto à tua janela.

E que, ao clarão do dia,
ao te reconhecer,
escondeu a cabeça
— cínico e simbólico —
sob a asa apagada
e espêssa...

Um pássaro que ria,
que ria, que ria...
sem te dizer nada.

II

E já o mesmo pássaro
é visto em outros céus,
no México, na Finlândia,
no gôlfo de Biscaia,
em Xangai, em Milão.

E perguntarás:
quem será que o envia
de um lado para outro,
pelo céu da noite
sem explicação?

Ah, merencória ausente,
serei eu, certamente,
que estarei jogando

o meu disco voador.
Como uma estrêla-d'alva,
bem rosa, bem vivaz,
pelo céu da noite,
ao lugar onde estás.

"Aí vai o meu barco
carregado de flor.
Aí vai o meu disco
voador,
carregado de amor"

GÁS LACRIMOGÊNEO

Aplaudi o orador do comício.
Mas aplaudi, apenas, sem nenhuma
intenção de chorar.
Pois, como diz a Bíblia: ao dia
de hoje já não bastarão os seus males?

Mas a polícia compareceu rutilante.
A sua máquina de fazer chorar
funcionou
maravilhosamente, rutilantemente.
E a multidão se dispersou chorando,
como se um monstro bíblico
desfizesse a alegria das ruas em pânico
com o seu chôro mecânico e coletivo.
E os meus olhos choraram lágrimas
inverídicas.

No entanto eu não pretendia chorar.

Pretendia, ao contrário, apartear o orador
pra lhe contar que há muito tenho os olhos
enxutos.

Que sou um habitante da caatinga.

Que sou antimarítimo, anticeleste.

. . . . . .

Porque um homem não chora.

Porque sou filho das manhãs sem orvalho.
Porque pertenço a uma família enxuta e magra
a quem a sêde fêz secar os olhos...
Porque moro num chão onde são muitas as razões
[pra chorar
mas onde não se chora.
Meu filho, choraste em presença da morte?
Meu filho não és.

Que nome terá o crime, a iniqüidade
de quem me fêz chorar na rua, no áspero país
onde não se chora:
Onde não se chora senão de saudade?

NARCISO E O ECO

O eco perguntou à montanha
por que canto assim.
Não é ninguém que me acompanha...
Sou eu quem canta por mim.

O mar perguntou à lua
por que te amo assim.
Mesmo que a falta seja tua,
sou eu quem te ama por mim.

Um sábio perguntou ao êrro
de onde sou, de onde vim.
Culpa da palavra destêrro...
Fui eu quem errou por mim.

Se na hora da ira me inflamo
qual vento no jardim,
quem arrancou a flor ao ramo?
Fui eu mas não foi por mim.

Ninguém contou a ninguém
por que sou assim.
Quando em mim morrer alguém,
quem foi que morreu por mim?

A CADEIRA ELÉTRICA

(Qualquer semelhança com fatos, pessoas e firmas, é por mera coincidência.)

Não adiantam confrontos metafísicos
entre a cadeira azul em que o rei de ouros
está sentado, e a tua. Entre a cadeira
em que me sento pra dar lustre ao sapato
que me fará ilustre, e a tua.

Pediste a revisão do teu processo,
mas um processo é algo, sempre, de kafkiano.
Tem a porta da entrada e não a da saída.

O pássaro cantou, anunciando que é hora
de estar chegando a dos dedos de rosa.
Há um frescor matinal, e uma estrêla ainda acesa.
A que se apagará por mera coincidência,
quando a tua se apagar, em teus olhos...

Tens um consôlo, é o de que tudo será breve
como um relâmpago. Como aquêle relâmpago
que taquigrafa no ar uma palavra repentina.
Palavra que ninguém já leu, em sânscrito.
Mas que, com certeza, há de significar qualquer coisa.

Tens um outro consôlo, é que o primeiro
a ostentar sôbre a fronte a coroa de prata,
não teve a tua *opportunity* e suou sangue.

Fagulhas da eletrocução lhe saltaram do corpo
como num halo sobrenatural.

Foi preciso ajustar-lhe os pés e os pulsos
à posição tétrica, como o exige a morte elétrica.
E coroá-lo de novo (a auréola
da majestade, como a cerimônia o exige.)
Com que direito não morrera êle, em três segundos,
com a maravilha da instantaneidade
prevista pela técnica? Ainda respirava
depois do óbito legal. Em estado de graça.
Ou de desgraça, para merecer a graça
não de fazer sorrir, nem a dos deuses,
mas de morrer mais uma vez. Sob um luxo de fôrça
que acenderia tôdas as lâmpadas de uma igreja.

(Como se fôsse sua a culpa de não haver morrido
[à hora certa.)

Hoje tudo é sintético... é geométrico.
Teu eletrocutor será gentil; mais que gentil, exato
e te fará morrer tão amistosamente
como quem — num jardim — colhe uma flor.

Que te importa o aparato, a cerimônia
do café matinal, da coroação?
A morte, acaso, não requer ornatos?
O ornato não é enfeite, mas aumenta o mistério.

Tens o aspecto, por fim, sentado no teu trono,
de uma figura de mitologia.
O que te falta é um cetro — o que os reis têm na mão.
Mas não importa. Vais dormir com a rainha.
No reino cujo escudo é o de uma rosa
em campo blau, e em ouro uma andorinha.

(E a estrêla se apagou, por mera coincidência.)

PANLIRISMO

A Carlos Pinto Alves

Sou noivo das coisas
que amo com os olhos.
Sou irmão dos lírios
tôda vez que a justiça
me declara inocente.

Sou primo da estrêla
e filho de Deus.
Neto de algum marujo
que veio do Atlântico
e que viaja, agora,
pelos riachos rubros
do meu coração.

Sou local, pelos pés.
Pássaro universal
pelo pensamento.
Há um espelho mútuo
entre mim e as coisas.
Um eco ferido
entre mim e o vento.

A ESPONJA

Mole esponja, apocalíptica,
com olhos por todo o corpo.
Olhos molhados, furados,
por onde o mar inda chora...

Esponja que bebeu tudo,
limão, vinagre ou absinto.
E que os verdugos levaram
aos lábios de Deus, com fel.

Em que o assassino limpou
as mãos escorrendo sangue.
Esponja com que Netuno
enxugou seu suor azul.

Onde estarão as palavras
que um dia apaguei, com ela,
na lousa negra da vida?
Onde o meu orvalho rútilo?

Foi ainda com esta esponja,
veste rôta, proletária,
que a grande cidade loura
limpou seu pó e seu vidro,

o seu óleo de ouro, às máquinas;
a sua graxa, a fuligem

das suas rodas dentadas.
Esponja que bebe pranto

e que ao mesmo tempo chora.
Dúvida entre dois reinos...
Corpo de um animal frio
que também parece flor.

Ah, se eu pudesse, algum dia,
na tarde em que estou pintado,
apagar minha figura
com esta esponja dolorosa...

Apertem-na contra a areia,
façam-na destilar tudo
os que pela praia vão.
Velho objeto do meu uso.

Suave esponja da imemória;
verão como a infeliz chora,
por todos os olhos, suas,
as minhas lágrimas de homem.

O AVIÃO E O GAVIÃO

O gavião obrigou o avião
a descer em furiosa algazarra,
pois viu nêle um outro gavião
só sem o g da sua garra.

O gavião sempre andou à procura
de outras aves em suas caçadas.
Mas por causa do avião as crianças
amanheciam acordadas.

Por causa do avião os homens
provindos de dois hemisférios
se faziam flôres de espanto
em seus abrigos antiaéreos.

O gavião matutino e cruel
era no ar um avião de penas,
não tinha estrêlas sob as asas,
era um cruel gavião, apenas.

E o grande pássaro de metal
armado de metralhadoras
jogava a morte sôbre a terra
sob a forma de estrêlas voadoras.

Mas agora ei-lo caído e imóvel,
ou porque já estava ferido

quando o gavião o fêz descer
ou porque caiu convencido.

E já trinta crianças grandes,
tatuadas e de nádegas nuas
dançaram durante três luas
em tôrno àquele gavião morto.

Por certo que a própria inocência
mudou de significação,
como muda um buquê de hortênsia
entre um avião e um gavião.

Nem há, apenas, qual na fábula,
anjos cruéis por inocentes,
os que se comem uns aos outros;
há inocentes diferentes:

O inocente em estado de flor,
o inocente por sua nudez,
o inocente por falta de culpa,
o culpado pelo que não fêz.

Anjos, afinal, todos nós somos,
nós, heróis da Ordem da Rosa,
que os fatos de hoje reduziram
à inocência mais dolorosa...

Mas ali, na floresta, o que havia
era aquêle avião ou, antes,
aquêle g'avião abatido
ainda com as ventas fumegantes.

Um avião a que 30 antropófagos,
filhos de nenhum alfabeto,

acrescentaram o "g" da garra
como num código secreto.

Trinta anjos que, durante três luas,
dançaram, rubros como brasas,
sem lhe ver o significado
nem o porquê das suas asas.

Ícaro estaria chorando
sôbre aquela ave fabulosa,
os pássaros cantavam, em bando,
na tarde de cristal e rosa.

Mas, os trinta anjos, sob um sol
ora geométrico, ora torto,
dançaram em redor do avião
como em redor de um gavião morto.

OS PÁRA-QUEDISTAS

Não pensemos na morte, se o espetáculo
nos deslumbra, se o encanto mata o espanto.
O céu tornou azuis os inimigos.
Que importa o assalto quando os nossos olhos
se contentam com a insólita beleza
do mundo mágico? ou se o absurdo é surdo?
Mais que um poema entre coisas nunca vistas
é a chuva branca dos pára-quedistas.

Como uma rosa ôca e repentina
que se abriu no ar, eis que o primeiro dêles
se joga em pleno espaço, eis que o segundo
também se joga, e um após outro, todos.
Todos parecem rosas sôltas no ar
e ainda flutuam no apogeu da queda.
No horizonte da tarde em que coincide
o seu ato com a imagem do suicídio.

Do grande dia azul saem os pássaros;
de cada pássaro uma rosa branca
que se abriu no ar, de cada rosa branca
desce suspensa uma metralhadora.
De cada uma destas, não a festa
do ser e do não ser, como na fábula,
mas o implacàvelmente ter que ser,
mas o ter que matar ou que morrer.

Que mais belo presente ao inimigo
do que esta chuva de prateadas rosas?
O cavalo de Tróia já perdeu
a sua enorme graça, o sal antigo.
O encanto é tal que substitui o mêdo.
Quando a gente percebe é sempre tarde:
nascidas no ar, rosas enganadoras,
no chão caídas, são metralhadoras.

Apelar para o céu? mas o castigo
nos vem do céu, é o céu quem no-lo envia,
não sob a forma de uma chuva de ouro,
como o fêz Júpiter, mas da maravilha
que é, para nós — homens sempre crianças
a chuva branca dos pára-quedistas...
A maravilha é tanta e de tal sorte
que apaga em nós o receio da morte.

Mas uma rosa não se abriu no ar,
e eis um botão de rosa que cai morto.
É algum herói que, ao certo mais afoito,
caiu do céu como um anjo sem asa.
"Pobre anjo sem asa que morreste,
porque morrer quiseste, mais celeste,
de morte bíblica perpendicular:
Por que tua rosa não se abriu no ar?"

Êsse caiu em linha reta como
uma ave que desceu de asa fechada,
à hora em que os nossos olhos se assustaram
bem mais com a maravilha que com a morte.
Talvez pra nos mostrar a diferença
que não vemos, entre o mágico e o trágico.
Êste mostrou, caindo de mais alto,
a diferença entre um salto e um assalto...

Tombado ao chão como um anjo sem asa,
êsse era bem a imagem do suicídio.
Nunca senti tanta necessidade
de um Deus anticeleste, ou antiaéreo
como sob esta chuva fabulosa
que hoje caiu sôbre as nossas cabeças.
Não somos mais, nesta planície rasa
do que anjos tristes que perderam a asa.

A morte imperceptível hoje mora
conosco, dorme em nossa cama, acorda
à hora em que acordamos, e ainda agora
está vendo, por nossos olhos, tácita,
a chuva branca dos pára-quedistas
e os pássaros geométricos que cruzam
o céu, — cujo rumor (embora diurno)
tem, sempre, qualquer coisa de noturno.

Ah, os anjos vindos do ar, dependurados
nas corolas de *nylon,* rosas côncavas,
me despertam o muito de criança
que ainda há em mim, o livro de figuras
que li em menino, o terrível brinquedo
que é o universo, hoje bíblico e mágico,
(azul dragão de ôlho fosforescente)
me mostra como sou ainda inocente.

Amanhã, num cinema, estarei vendo
o que hoje vi no céu, a chuva branca.
E estarei vendo mais a maravilha
do que o suicídio, e entre os heróis que irão
caçar o monstro da Desesperança
estarei eu, numa fotografia.
E a celebrar a manhã que nasceu
estarei eu, pára-quedista e Orfeu.

OS 3 LEOPARDOS

Acordei, sem querer,
os três jovens leopardos
que estavam dormindo
no chão do meu jardim.

Estavam sob as flôres
quando nêles toquei.
Pensando que eram mansos,
que faziam parte

dos azuis manipanços
e outros objetos de arte
que aí moram, num quadro
que é também de azulejo.

E de conchas trazidas
pelas pombas do ensejo.
Um jardim sem formigas,
sem, ao menos, o incesto

dos sátiros com as ninfas,
sem, enfim, nenhum gesto
que os acordasse, pardos,
os três jovens leopardos.

Que lhes crestasse o pêlo
e lhes ferisse a pata
(Que êles, por mimetismo,
tinham unhas de prata)

Como os ter visto claro
se tinham olhos verdes
como os têm as árvores
para quem é ignaro?

Se um pastor afoito
aí vindo da Holanda
tocava a sua flauta
do século XVIII?

DEUS ANTIAÉREO

A sereia

A sereia soou,
não como ao tempo azul
de Ulisses, mas terrível.
Sem cauda de peixe,
nem corpo de mulher.

Se o céu é que nos cospe
ao rosto e nos odeia,
se o castigo vem do ar,
quando zune a sereia,
só um deus antiaéreo
nos poderá salvar.

Lá fora a lua é um ôlho,
um grande ôlho sem íris,
que nos olha de frente
mas não olha por nós.

Como altear nossa voz
a um deus que fica acima
da nuvem e do mar?

Só um deus antiaéreo,
um deus com pés de barro,
que não tenha receio
de pisar em escarro,
nos poderá salvar.

Tohu-bohus

O homem primitivo
suplicava à andorinha
que levasse uma flor
— a do seu pensamento —
à doce amada ausente.
Os que iam morrer
pediam lhes pintássemos
no caixão, entre flôres,
a figura de um pássaro.
Os nossos braços, vítimas
de uma confusão bíblica,
deviam ter sido asas
em algum quadro antigo.
Mas, que pediremos
a êstes três mil aviões
que formam uma noite
súbita e geométrica
no azul que houve no ar?

O êrro original

Só um deus antiaéreo
nos poderá salvar.

Não o Deus celeste,
O que nos fêz quem somos.
O que nos jogou
neste fundo destêrro
como condenados
por mil e uma feridas
a corrigir Seu êrro.

Que culpa tem a flor
de ser flor, ou o urso
de ter garras, e a flor
e o urso de quem somos?

Que culpa tem a árvore
de sermos os seus pomos?

De mim, se nem eu sei
se os meus olhos são meus,
como irei corrigir
um êrro que é de Deus?

E como socorrer-nos,
mesmo que o quisesse,
e ouvir a nossa prece
um Deus que mora no ar
(ou talvez — quem o sabe,
entre os anjos de gêlo,
numa estrêla polar?)

A viagem imóvel

Subterrânea ilha
de um geo-cemitério.
Mal dá pra tantos náufragos
que, ao sinal da sereia,
aqui vieram corridos,
sob a chuva de fogo;
e agora, comprimidos,
os semblantes em série,
uns atrás dos outros,
dentro da geometria
branca que o mêdo cria,

lembram os do quadro
de Lazar Segall.
Todos esmagados
dentro da mesma espera
longitudinal,
viajam monstruosamente
sem ir para onde vão.
Sabem só onde estão.

A memória da água

Aqui se refugiou
o homem já inocente.
O que sofre a psicose
que lhe trouxe esta hora
de pânico e maravilha.

É o homem perseguido
por um disco voador.

Outro é o que procura,
entre os seus irmãos,
indo, de rosto em rosto,
entre os habitantes trágicos
desta ilha,
(ilha noturna subterrânea
onde cada minuto
demora mais que um fruto
ir de verde a dourado
no relógio da árvore)
achar o responsável
pelo seu sofrimento.
Sem ao menos supor,
cego de tanta mágoa,
que, se há um êrro, é de Deus

que nos fêz quem somos.
De Deus, que não cumpriu
o seu compromisso
selado a sete côres
na memória da água.

A ocasião faz o irmão

E a môça de óculos, abstrata,
lembrando-se de algo
(de um crime? de um pombo?
de um filme? enfim, de algo)
como se lhe nadasse um peixe
na cabeça de vidro.
E um velho, que se cala,
pensando onde jamais irá.
(Em que país êle estará?)

Mas a espera é uma só.
E, uns atrás dos outros,
nossos rostos
são gomos de um único fruto.
Ao menos assim somos
irmãos — pouco importa
que o sejamos por mêdo
e ainda que em segrêdo...

(Desde que um dia o fomos)
O relógio mudo
é um pássaro que fechou a asa
em ângulo agudo.

Tudo limpo no Olimpo

O que mais comove,
na ilha subterrânea,

insone, e sem nome,
é a mulher do povo
a um canto da parede,
agarrada a três anjos
maltrapilhos e sujos
como tres caramujos
pedindo que amanheça...
Que a sereia declare
tudo limpo, no Olimpo.

Ah, esta madrugada,
antes do teu jornal
e do café que tomas
— quando o céu se tingir
de vermelho — examina,
primeiro, os teus lírios.
Pra saber se ainda
estão presos ao caule.
Ou se a tua cabeça
é, ainda, uma flor de ouro
repetida no espelho.

Sob um céu inimigo
e uma manhã errada,
neste tremendo abismo
perpendicular,
entre o número e a rosa
da vida numerosa,
só um Deus antiaéreo
nos poderá salvar.

(O relógio, mudo,
é um pássaro que fechou a asa
em ângulo agudo.)

O HÓSPEDE

I

Tratei-o como a andorinha
que pousa no meu telhado.
Não lhe perguntei quem era,
nem o nome, ou donde vinha.

Nunca eu sentira, em ninguém,
um ar de tão obstinado
em não dizer o que tinha.
Em não ser interrogado.

A sua sêde tão mágoa
não me pareceu ser de água.
Porém só de ser ninguém.
Vinha de Jerusalém?

Gasto, até o último hausto.
das explicações que dera.
Cansado de ser quem era
e de explicar quem não era.

Em cada pôsto por onde
passara, o interrogatório
fôra o mesmo a quem responde,
hoje, um transeunte inglório.

Entre sol e pedregulho,
acareações e suspeitas
quantas ferozes perguntas
não lhe haviam sido feitas!

Não lhe fiz, então, nenhuma
pergunta, ah o bem que lhe fiz!
E como, ao nascer do dia.
êle pareceu feliz!

II

Tomou café, matutino,
e lá se foi, barba escura,
olhos anil primavera.
Mas, quem seria aquêle homem

tão fatigado, tão sujo
de pó e século XX?
Que tinha um pé no passado
e outro no dia seguinte?

Por que não o convidei
a contar-me de onde vinha?
Quem sabe se a sua mágoa,
mais do que dêle, era minha?

(Tenho raiva de mim mesmo.)

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS POEMAS PELOS TÍTULOS

ABREVIATURAS:

"Dentro da Noite". D N
"A Frauta de Pã", F P
"Vamos caçar papagaios", V C P
"Martim-Cererê", M C
"O Sangue das Horas", S H
"Um dia depois do outro", U D O
"A Face Perdida", A F P
"O elefante que fugiu do circo", E F C
"Poemas Murais", P M
"Musa Paradisíaca", M P
"Eu no barco de Ulisses", E B U
"O arranhacéu de vidro", A V

A

A banda esquizofrênica — PM 505
A cadeira elétrica — AV 633
A canção mais recente — AFP 436
A cegonha — DN 24
A cidade dos sapos — VCP 59
A Cobra Grande — MC 96
A dança do pingo d'água — VCP 50
A degolação dos inocentes — AV 614
A desenterrada — AFP 453
A dispersão — PM 487
A esperança mora a oeste — MC 172
A esponja — AV 636
A ex-sereia — UDO 310
A festa da máquina — PM 511
A filha do imigrante — MC 206
A flauta que me roubaram — UDO 280
A florada — VCP 52
A flor do gêlo — FP 40
A frauta de Pã — FP 32
A glória não está nas alturas — PM 502

A graça triste — UDO 306
A hidra — AV 600
A hora certa — AFP 383
A hora futura — MC 205
A ilha do fogo — AFP 415
A imagem da Terra — AFP 430
A imagem oposta — UDO 255
Ainda irei a Portugal — UDO 260
A jovem morta — AV 599
A lanterna mágica — MC 152
A lavadeira — UDO 271
A manhã que conquistamos ao inimigo — PM 485
A menina cega — DN 23
A mentirosa de olhos verdes — FP 38
A metamorfose — AFP 385
A môça bonita chamava-se Uiara — MC 83
Amor selvagem — MC 89
A morte de Alice — SH 235
A môsca azul (ou dourada?) — AFP 377
A mulher e a concha — AFP 422
A missa e o papagaio — MC 107
A noite branca — UDO 302
A noite que passou — DN 26
A noite verde — MC 131
A notícia de hoje — PM 481
A onça-preta — VCP 80
A onça-preta — MC 98
A Ordem da Rosa — PM 475
A orquídea — UDO 254
A pedra que chora — UDO 315
A primeira pergunta — MC 103
A raça nova — MC 136
Arco-íris — SH 227
A rua — UDO 265
A sétima queda — AFP 403
A sintaxe do adeus — UDO 278
As mãos e os naipes — AFP 388
As quatro irmãs e o amigo — UDO 241
As sempre-vivas — UDO 245
Assombração — VCP 70
As três irmãs — PM 497
Atribulação — AFP 364
A triste figura — AFP 372
A viagem obscura — AFP 402
A zanga d'El-Rey — MC 170

B

Balada a El Rey Sol — MC 191
Balada da sétima feira — AFP 381
Balada do desencontro — UDO 266
Balada pra minha mãe — SH 228
Bangalô — VCP 55

Berimbau — AV 593
Boi blau em campo de prata — PM 472
Brasil-menino — MC 217
Burro de presépio — UDO 275

C

Café expresso — MC 203
Canção do amor ingrato — AFP 406
Canção do mêdo — AFP 389
Canção dos óculos pretos — PM 477
Canção geográfica — MC 209
Cantiga sem regresso — UDO 295
Canto subversivo — AV 581
Casamento de rapôsa — VCP 67
Certo dia chegou um marinheiro e quis casar com a Uiara — MC 101
Chove silêncio sôbre nós — SH 230
Chuva — AFP 450
Ciente — AFP 398
Coema piranga — MC 85
Complexo de Iokanaã — AFP 420
Compromisso — SH 231
"Conjugo vobis" — MC 127
Coroa mural — PM 469
Cristo pintado no muro, — PM 499

D

Dança em volta do fogo — MC 124
Declaração de amor — MC 107
Deixa estar, jacaré — VCP 71
Desconversa — UDO 268
Desejo — AFP 449
Deus antiaéreo — AV 646
Diálogo na fronteira — AFP 434
Disco voador — AV 626
Discurso — UDO 297
Dizes tantas coisas — UDO 258

E

E agora? e a Serra do Mar? — MC 128
"É tarde, é muito tarde" — UDO 300
Écloga — AFP 419
Elegia — UDO 350
Elegia em fragmentos — AFP 361
Elegia rústica — FP 41
Em voz alta — UDO 309
Entêrro de pobre — PM 479
Estação de cura — AFP 431
Etc. — UDO 327
Eu no barco de Ulisses — EBU 563

Eva matutina — AV 583
Exortação — VCP 74

F

Ficam-me as penas — UDO 308
Fon-fin, culó! — MC 100

G

Gás lacrimogêneo — AV 630
Geografia amorosa — AFP 411
Geografia do sono — AFP 451
Geometria civil — UDO 288
Globe-trotter — AV 611
Gostosura — VCP 66
Guitarra — PM 546

I

Iara, a mulher verde — DN 25
Imemorial — UDO 292
Indômitus — AV 591
Informação sôbre esmeraldas e prata — MC 142
Interlúdio — AFP 366
Informação sôbre esmerldas e prata — MC 142
Inscrição — UDO 339
Íris, a aeromoça — AV 595

J

Jeremias — FP 34
João, o telegrafista — PM 517
João Torto — AV 617

L

Ladainha — MC 111
Lua cheia — MC 135

M

Mãe Preta — MC 122
Manhã de caça — VCP 45
Marcha fúnebre — DN 28
Matinal — VCP 78
Meio-dia — UDO 243
Metamorfose — MC 197
Meu pai foi rei — AV 620
Missa do meio-dia — PM 532
Môça tomando café — MC 207

Moderna lua — AFP 454
M'orfeu — PM 536
Mostrador — PM 544
Musa Paradisíaca — MP 553

N

Na manhã girassol — MC 141
Não sou o herói do dia — PM 515
Narciso e o Eco — AV 632
Nesta rua tem um anjo — UDO 282
Ninguém mais — SH 229
No circo — UDO 291
Noite de chuva — PM 530
Noturnidade — AFP 447
Noite na Terra — MC 121

O

Ópera bufa — VCP 55
O achamento — MC 104
O acusado — UDO 330
O amigo repentino — AFP 427
O anjo engraxate — UDO 332
O anjo rebelde — AFP 391
O arranhacéu de vidro — AV 584
O avião e o gavião — AV 638
O avião e o pedestre — UDO 319
O banquete — AV 597
O beco das camélias — PM 545
O beijo do meio-dia — AFP 374
O bem que menos custa — DN 21
O biombo — PM 548
O boi e o arco-íris — UDO 286
O cacto — AV 588
O canto da juriti — VCP 69
O carão — MC 93
O carro do triunfo — AFP 394
O céu e o chapéu — PM 549
Ode campestre — AFP 375
Ode mais ou menos anacreôntica — UDO 285
O desastre — UDO 311
O disco voador — AV 626
O elefante que fugiu do circo — EFC 459
O elevador — AFP 443
O escafandro — AFP 437
O êrro de cada dia — AFP 441
O espelho — UDO 334
O galo das cinco horas — AFP 452
O gato tranqüilo — FP 37
O Gigante n. 1 — MC 146
O Gigante n. 2 — MC 155
O Gigante n. 3 — MC 161

O Gigante n. 4 — MC 174
O Gigante n. 5 — MC 179
O Gigante n. 6 — MC 185
O Gigante n. 7 — MC 189
O guarda-noturno — PM 503
O herói triste — PM 547
O hipopótamo — AV 615
O homem dormindo — PM 534
O homem e a lanterna — SH 233
O homem repetido — UDO 337
O hóspede — AV 652
O irreconhecível — UDO 340
O juízo final — PM 541
O lavrador — UDO 313
O marujo e d. Sanja — AFP 363
Ó menino, dorme — AV 602
O morto e o passarinho — PM 526
O navio negreiro — MC 119
Onde está a Noite? — MC 94
O novo Dilúvio — AFP 367
O Pai do Sol — MC 177
Onde estaria a Noite? — MC 117
O piano, ao crepúsculo — AFP 396
O poema do arranhacéu — MC 201
O que é verde é de todos — AV 586
O realejo do cego — AFP 412
O remorso — PM 513
O sangue das horas — SH 223
O Sol da Terra — MC 115
O sósia — AFP 397
O suspeito — PM 542
O teu pranto, Aurora — UDO 274
O tocador de clarineta — PM 529
Os páraquedistas — AV 641
Os três leopardos — AV 644

P

Pã e Sirinx — EP 31
Paisagem submarina — FP 35
Panlirismo — AV 635
Papagaio gaio — VCP 48
Pedido a um oficial de gabinete — PM 493
Pigmalião — UDO 293
Plano inclinado — PM 498
Poderia ter sido eu — PM 519
Poema apócrifo — PM 538
Poema do amigo morto — AFP 416
Poema escrito na parede do Bar 15 — PM 482
Poema explicativo — AV 607
Poema implícito — AFP 446
"Pose" pra retrato — UDO 317
Pralapracá — MC 118

Preguiça — VCP 64
Presentemente — SH 237
Primeira balada do fuzileiro naval — AFP 386
Primeira balada ultravioleta — AFP 392
Primeira dança em frente do sol — AFP 369
Psico-autógrafo — AFP 455

Q

Quadro antigo — PM 492
Que mais será preciso? — MC 164

R

Reis magos — MC 143
Relâmpago — MC 92
Relógio — UDO 247
Renúncia — AFP 417
Ressentido — AFP 362
Retrolâmpago — MC 215
Riso e lágrima — DN 22
Rosas de espuma — SH 225
Rosto amanhecido — UDO 304

S

Sala de espera — UDO 263
Sangue africano — VCP 72
Segunda balada do fuzileiro naval — AFP 439
Segunda balada ultravioleta — AFP 405
Segunda dança em frente do sol — AFP 424
"Sem-fim" — MC 144
Sem noite, não — MC 90
Sereia tocando piano — AV 623
Serenata sintética — UDO 279
Sob um guarda-chuva — UDO 251
Só Deus por testemunha — MC 169
Soldados verdes — VCP 76
Sonata patética — UDO 343
Sonêto anônimo — AFP 409
Sonêto da ausente — UDO 250
Sorrirei como um inglês — AFP 376

T

Tarde no campo — FP 36
Testamento — AFP 432
"Tropa da gente de São Paulo" — MC 195
Tropel de gigantes — MC 138
Tudo o mais são penas — AFP 408

U

Uiara — MC 88
Um após outro — MC 153

V

Verônica — AFP 433
Viagem perdida — FP 33
Viagem sôbre o espelho — UDO 248
Visita à casa paterna — AFP 410

Z

Zarafa — AV 605
Zôo — UDO 324
Zozé, Columi e Ioiô — MC 194

★ ÊSTE LIVRO FOI CONFECCIONADO NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., À RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO, EM JANEIRO DE 1957.
PARA A
LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITÔRA,
RIO DE JANEIRO.